

**A DIFUSÃO DA ARQUITETURA MODERNA EM
MINAS.
O ARQUITETO JOÃO JORGE COURY EM
UBERLÂNDIA.**



Patricia Pimenta Azevedo Ribeiro



Dissertação apresentada à Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Tecnologia do Ambiente Construído

ORIENTADOR :
Prof. Dr. Carlos Alberto Ferreira Martins

São Carlos
1998

Class.	TESE-FESC
Cutt.	4759
Tombo	0012/99

311 00006821

S/S 1003807

**Ficha catalográfica preparada pela Seção de Tratamento
da Informação do Serviço de Biblioteca - EESC-USP**

R484d Ribeiro, Patricia Pimenta Azevedo
 A difusão da arquitetura moderna em Minas : o
 arquiteto João Jorge Coury em Uberlândia /
 Patricia Pimenta Azevedo Ribeiro. -- São Carlos,
 1998.

 Dissertação (Mestrado) -- Escola de Engenharia
 de São Carlos-Universidade de São Paulo, 1998.
 Área: Tecnologia do Ambiente Construído.
 Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Ferreira
 Martins.

 1. Arquitetura moderna. 2. Difusão da
 arquitetura moderna. 3. Escola de arquitetura.
 4. Coury, João Jorge. I. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Candidata: Arquiteta **PATRICIA PIMENTA AZEVEDO RIBEIRO**

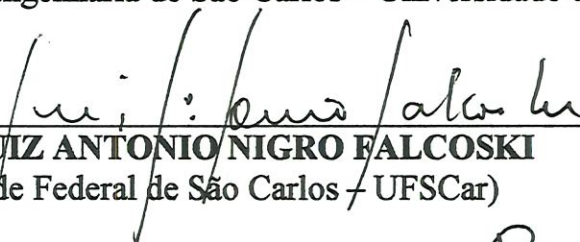
Dissertação defendida e aprovada em 14.07.98
pela Comissão Julgadora:



Prof. Dr. **CARLOS ALBERTO FERREIRA MARTINS (Orientador)**
(Escola de Engenharia de São Carlos – Universidade de São Paulo)



Prof. Dr. **RENATO LUIZ SOBRAL ANELLI**
(Escola de Engenharia de São Carlos – Universidade de São Paulo)



Prof. Dr. **LUIZ ANTONIO NIGRO FALCOSKI**
(Universidade Federal de São Carlos – UFSCar)



Prof. Dr. **ADMIR BASSO**
Coordenador da Área de Tecnologia do Ambiente Construído



JOSÉ CARLOS ANGELO CINTRA
Presidente da Comissão de Pós-Graduação da EESC

Aos meus pais.
Ao Jorge pelo apoio,
e as minhas filhas,
pela compreensão de tanto tempo ausente.

Agradecimentos

Ao prof. Carlos Alberto Ferreira Martins pela orientação.

À amiga Maria Eliza, companheira de discussões, análises e tantas viagens.

Aos colegas do Departamento de Artes Plásticas da UFU.

Aos funcionários do Arquivo Geral da Prefeitura Municipal de Uberlândia, que frequentei por meses, principalmente a D. Elza que muito me ajudou na busca dos projetos originais.

A Soraya, filha de João Jorge Coury, e a Irene Terra, pelas boas conversas.

A prof^a. Celina Borges Lemos, pelo auxílio na pesquisa em Belo Horizonte.

A estudante de arquitetura Karen Barroso.

Aos funcionários da Escola de Arquitetura na UFMG, Sr. Waltinho, e Sr. Mário Reis.

Aos bibliotecários e funcionários dos Arquivos, Bibliotecas, Centros de Documentação e outras instituições que pesquisei, listados ao final da bibliografia.

Este trabalho contou com o apoio da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, mediante concessão de Bolsa no Programa Institucional de Capacitação Docente e Técnicos - PICDT.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	i
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	v
RESUMO.....	vi
<i>ABSTRACT</i>	vii
INTRODUÇÃO.....	1
1 O AMBIENTE DE FORMAÇÃO - BELO HORIZONTE	5
1.1 A Escola de Arquitetura de Belo Horizonte	14
1.2 A Revista “Arquitetura”.....	36
1.3 “Salão Bar Brasil”.....	51
2 ATUAÇÃO DO ARQUITETO.....	
2.1 O Contexto Uberlandense.....	58
2.2 O Arquiteto João Jorge Coury.....	67
3 A PRODUÇÃO.....	
3.1 As obras de João Jorge Coury	76
3.2 A Produção na década de 40: O Ecletismo.....	83
3.3 A Produção após 1950: A Modernidade.....	85
4 CONCLUSÃO.....	158
ANEXOS.....	
Anexo A - Histórico Escolar do Arquiteto João Jorge Coury.....	160
Anexo B - Salão Bar Brasil - Lista dos Trabalhos Expostos	163
Anexo C - Listagem das Obras do Arquiteto.....	165
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	192
OBRAS CONSULTADAS.....	196

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 - Projeto residência - Escritório Luiz Signorelli.....	26
FIGURA 02 - Residência em Belo Horizonte – Arq. Raphael Hardy Filho.....	31
FIGURA 03 - Projeto Sede Escola de Arquitetura da Universidade de MG – BH....	32
FIGURA 04 - Projeto Sede Escola de Arquitetura da Universidade de MG – BH....	33
FIGURA 05 - Capas da Revista “ARQUITETURA”.....	37
FIGURA 06 - Estudo de uma residência - alunos 5º ano – EABH.....	39
FIGURA 07 - Estudo de um restaurante - aluno do 5º ano da EABH.....	39
FIGURA 08 - Interior Moderno - aluno 5º ano EABH.....	40
FIGURA 09 - Fachada Lateral - Instituto Ezequiel Dias/ Arq. - Bruno Graflinger.	41
FIGURA 10 - Arquitetura industrial - Arq. - Bruno Graflinger.....	42
FIGURA 11 - Palácio da Municipalidade - Luiz Signorelli.....	43
FIGURA 12 - Projeto de residência - publicação “Arquitetura”.....	44
FIGURA 13 - Casa Littoria - Grupo Universitário Fascista de Roma.....	45
FIGURA 14 - “Salão Bar Brasil” - 1936	54
FIGURA 15 - Parque Hospitalar Santa Casa – Arq. J.J.Coury – Fachada.....	59
FIGURA 16 - Sociedade Médica – Arq. Miguel Juliano.....	61
FIGURA 17 - Edifício Tubal Vilela - 1955-1957 – Arq. Ulpiano Muniz.....	62
FIGURA 18 - Residência Bolivar Carneiro - 1956 - Arq. Sylvio de Vasconcelos..	63
FIGURA 19 - Edifício Itaporã - 1960 - Arq. Paulo de Freitas.....	65
FIGURA 20 - Edifício Itacolomi - 1962 - Arq. Paulo de Freitas.....	65
FIGURA 21 - Foto do Arquiteto João Jorge Coury.....	68
FIGURA 22 - Foto do Arquiteto João Jorge Coury- Reunião SEQUAU.....	72
FIGURA 23 - Levantamento aerofotogramétrico de Uberlândia / Situação obras....	77
FIGURA 24 – Residência Ernestina Fernandes – 1949 – Fachada.....	84
FIGURA 25 – Residência José Amillard Menezes – 1949 – Fachada.....	84
FIGURA 26 – Estudo das implantações – obras residenciais.....	87

FIGURA 27 - Residência João Henrique Braga – Arq. Raphael Hardy Filho.....	89
FIGURA 28 - Residência Laerte Guimarães - 1965 – Planta.....	90
FIGURA 29 - Residência Dimazem Moraes - 1955 - Planta / Fachada.....	91
FIGURA 30 - Residência Nelson Cupertino – 1951- Foto fachada.....	92
FIGURA 31 - Residência Eugênio Arantes - 1951 – Planta.....	93
FIGURA 32 - Residência João Edson de Melo - 1951 – Planta.....	94
FIGURA 33 - Residência João Edson de Melo - 1951 - Corte e Fachada.....	95
FIGURA 34 - Residência João Edson de Melo - 1951 – Fachada.....	96
FIGURA 35 - Residência Waldemar Faria - 1952 – Planta.....	97
FIGURA 36 - Residência Francisco Carracêdo - 1954 – Planta.....	98
FIGURA 37 - Residência Clarinda Rezende - 1954 – Planta.....	99
FIGURA 38 - Residência Waldemar Silva - 1957 – Foto.....	100
FIGURA 39 - Residência Waldemar Silva - 1957 – Planta.....	101
FIGURA 40 - Residência Ailton Borges - 1960 – Planta.....	102
FIGURA 41 - Residência Ailton Borges - 1960 - Cortes e Fachadas.....	103
FIGURA 42 - Residência Nelson Cardoso - 1956 – Planta.....	104
FIGURA 43 - Residência Júlio Oliveira Custódio - 1956 – Planta.....	105
FIGURA 44- Residência Alfredo Fonsêca Marquez - 1956 – Planta.....	106
FIGURA 45 - Residência Alfredo Fonsêca Marquez - 1956 – Fachada.....	107
FIGURA 46 - Residência Alfredo Fonsêca Marquez – 1956 – Foto.....	107
FIGURA 47 - Residência Alexandre Fornari - 1959 - Planta Porão.....	108
FIGURA 48 - Residência Alexandre Fornari - 1959 - Planta Pav. Térreo.....	109
FIGURA 49 - Residência Alexandre Fornari - 1959 - Corte Longitudinal.....	110
FIGURA 50 - Residência Alexandre Fornari - 1959 - Corte Transversal.....	111
FIGURA 51 - Residência Alexandre Fornari - 1959 – Fachada.....	111
FIGURA 52 - Residência Carlos Saraiva - 1958 - Planta Térreo.....	112
FIGURA 53 - Residência Carlos Saraiva - 1958 - Planta Pav. Superior.....	113
FIGURA 54 - Residência Carlos Saraiva - 1958 – Fachadas.....	114
FIGURA 55 - Residência Baicker Bernardino - 1963 - Planta Térreo.....	115
FIGURA 56 - Residência Baicker Bernardino - 1963 - Planta Pav. Superior.....	115
FIGURA 57 - Residência Ismael José Oliveira - 1951 – Planta.....	116

FIGURA 58 - Residência Ítalo Bernardi - 1954 – Planta.....	117
FIGURA 59 - Residência Ítalo Bernardi - 1954 - Corte / Fachada.....	118
FIGURA 60 - Residência João Pinto de Souza - 1954 – Planta.....	119
FIGURA 61 - Residência Gilberto Cunha Machado -1960 – Planta.....	120
FIGURA 62 - Residência Gilberto Cunha Machado - 1960 – Corte.....	121
FIGURA 63 - Residência Sebastião Caparelli - 1959 – Fachada / Banco.....	122
FIGURA 64 - Residência Sebastião Caparelli - 1959 – Planta.....	123
FIGURA 65 - Residência Geraldo Motta Batista - 1963 – Planta.....	124
FIGURA 66 - Residência João Justino - 1966 – Planta.....	125
FIGURA 67 - Residência Aldo Ângelo Schiavinato - 1964 – Planta.....	126
FIGURA 68 - Residência Diogo Oliveira - 1964 - Planta Pav. Superior.....	127
FIGURA 69 - Residência Diogo Oliveira - 1964 - Planta Pav. Térreo.....	128
FIGURA 70 - Residência Duarte Ulhoa Portilho - 1968 – Foto.....	129
FIGURA 71 - Residência Duarte Ulhoa Portilho - 1968 - Planta Térreo.....	130
FIGURA 72 - Residência Duarte Ulhoa Portilho - 1968 - Planta Pav. superior....	131
FIGURA 73 - Residência Duarte Ulhoa Portilho - 1968 - Corte Longitudinal.....	131
FIGURA 74 - Residência Duarte Ulhoa Portilho - 1968 – Fachada.....	131
FIGURA 75 - Residência Ruy Cotta Pacheco - 1962 – Jardim.....	132
FIGURA 76 - Residência Ruy Cotta Pacheco - 1962 - Planta Térreo.....	133
FIGURA 77 - Residência Ruy Cotta Pacheco - 1962 - Planta Pav. Superior.....	134
FIGURA 78 - Residência Ruy Cotta Pacheco - 1962 – Corte.....	135
FIGURA 79 - Residência Ruy Cotta Pacheco - 1962 - Fachada Lateral.....	136
FIGURA 80 - Residência Benedito Modesto - 1954 – Planta / Foto.....	138
FIGURA 81 - Residência Sandoval Guimarães - 1954 – Foto.....	139
FIGURA 82 - Residência Messias Pedreiro – 1957 – Foto Fachada.....	140
FIGURA 83 - Residência Washington Albino- BH- Arq. Eduardo M. Guimarães	141
FIGURA 84 - Residência João Naves Filho - 1959 – Planta.....	142
FIGURA 85 - Residência João Naves Filho - 1959 – Fachada.....	143
FIGURA 86 - Residência José Naves - 1959 – Planta.....	144
FIGURA 87 - Residência José Naves - 1959 - Perspectiva.....	145
FIGURA 88 - Residência Waldemar Silva - 1957 – Pannel.....	146
FIGURA 89 - Residência João Naves Filho - 1959 - Detalhe do beiral.....	148

FIGURA 90 – Residência Laerte Guimarães-1965 – Det. janela.....	149
FIGURA 91 - Residência Noel Emmitt - 1962 - Corte / Det. Ventilação.....	150
FIGURA 92 - Residência Alcides Helou - 1955 – Planta.....	152
FIGURA 93 - Residência Alcides Helou - 1955 - Fachadas e Cortes.....	153
FIGURA 94 – Residência Alcides Helou – 1955 - Croqui.....	154
FIGURA 95 - Residência Alexandrino Garcia – Croqui.....	155
FIGURA 96 - Residência Oranides Borges do Nascimento – Perspectiva.....	166
FIGURA 97 - Residência não identificada – Perspectiva.....	167

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EABH	- Escola de Arquitetura de Belo Horizonte
ENBA	- Escola Nacional de Belas Artes
UMG	- Universidade de Minas Gerais
UFMG	- Universidade Federal de Minas Gerais
J. J. COURY	- João Jorge Coury
B H	- Belo Horizonte
CREA	- Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura

Resumo

RIBEIRO, Patricia Pimenta Azevedo (1998). *A Difusão da Arquitetura Moderna em Minas - O arquiteto João Jorge Coury em Uberlândia*. São Carlos, 1998. 200 pág. Dissertação (Mestrado) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo.

Esta dissertação estuda a difusão da Arquitetura Moderna no Brasil, tendo como caso específico, as obras do arquiteto João Jorge Coury na cidade de Uberlândia. Procura no desenvolvimento da dissertação traçar a trajetória do arquiteto desde a sua formação às últimas obras por ele projetadas e ou edificadas. Analisa o contexto histórico e de vanguardas em Belo Horizonte na década de 30, através da constatação da presença de literatos, artistas e intelectuais, e comenta sobre a Exposição Bar Brasil de 1936, também denominada de Semana de Arte Moderna Mineira. Reúne uma documentação sobre a criação da Escola de Arquitetura em Belo Horizonte, currículo, corpo docente e outras atividades dos estudantes como a fundação do Diretório Acadêmico e a publicação da revista "Arquitetura".

O objeto deste trabalho está centrado em João Jorge Coury, como vetor da difusão da Arquitetura Moderna na cidade de Uberlândia.

ABSTRACT

RIBEIRO, Patricia Pimenta Azevedo (1998). **A difusão da Arquitetura Moderna em Minas – O Arquiteto João Jorge Coury em Uberlândia.** Trans.: The Dissemination of Modern Architecture in Minas - the Architect João Jorge Coury in Uberlândia. São Carlos, 1998. 200 pp. Master's Dissertation - School of Engineering of São Carlos, University of São Paulo.

This dissertation studies the dissemination of Modern Architecture in Brazil, taking as specific case the works of the architect João Jorge Coury in the city of Uberlândia. Its development endeavors to trace the trajectory of the architect from his formation to his last works, both designed and edified. It analyzes the historical and vanguard contexts in Belo Horizonte in the 30's, by evidencing the presence of scholars, artists and intellectuals, and comments on the Bar Brazil Exhibition of 1936, also known as the Modern Art of Minas Week. It assembles documentation on the creation of the School of Architecture in Belo Horizonte, course program, faculty, and other activities of the students such as the foundation of the Student Association and the publication of the "Arquitetura" magazine.

The object of this work is centered on João Jorge Coury as vector of the dissemination of Modern Architecture in the city of Uberlândia.

*“Escrever é também uma das
formas de preservar,
de reconstruir os elos perdidos
das vidas que atuaram nas cidades
mutantes em que vivemos”*

Heliana Angotti Salgueiro

INTRODUÇÃO

O título desta dissertação parte da difusão da arquitetura Moderna em Minas, tendo como ponto de referência a cidade de Belo Horizonte, local onde é implantada a primeira escola de arquitetura do Estado, formando profissionais que atuam em várias cidades de Minas, e que possui um clima cultural importante na década de 30. A escola, criada em 1931, é a primeira no ensino do Estado e a primeira desvinculada das Politécnicas e das Belas Artes no Brasil. O objeto deste trabalho está centrado em João Jorge Coury, arquiteto da primeira turma da Escola de Arquitetura de Belo Horizonte, que vai fixar seu atelier na cidade de Uberlândia, Minas Gerais. Seus trabalhos são importantes para a cidade e suas obras ainda se destacam na paisagem urbana. Este é um trabalho de levantamento documental, que se propõe a analisar a obra do arquiteto João Jorge Coury como vetor da difusão da Arquitetura Moderna na cidade de Uberlândia.

Na historiografia da Arquitetura Moderna no Brasil, as análises normalmente são feitas num paralelo da produção Rio - São Paulo. Pouco se tem trabalhado na produção do interior, principalmente do interior de Minas Gerais.

Atualmente, novos caminhos são abertos para se questionar sobre a Arquitetura e o Urbanismo de cidades periféricas a esse grande eixo, determinado pelas capitais. Influencia nesse contexto, ainda, a criação de novas escolas de arquitetura no interior, induzindo a pesquisa de uma produção arquitetônica nessas regiões. Contribuir para preencher esta lacuna deixada é também intenção deste trabalho de pesquisa. Não se trata de uma revisão historiográfica, muito menos de uma discussão com a questão periférica, ou a regionalização, o interesse está centrado na difusão da Arquitetura Moderna.

Giedion, no prefácio do livro escrito por Mindlin, em 1956, “Modern architecture in Brazil”, faz a seguinte observação sobre a arquitetura moderna brasileira: *“Primeiro temos que reconhecer que no Brasil um certo padrão de qualidade é mantido em toda parte. Enquanto certas características podem aparecer, especialmente em trabalhos de projeção individual, é evidente um nível médio da produção arquitetural: uma situação que não existe em outros países.”* Essa qualidade também está presente no interior do país, nas cidades que intensificaram seu desenvolvimento a partir da década de 40. O que Giedion quer dizer é que o Brasil tem uma certa peculiaridade, existe alguma coisa de verdadeiramente irracional no desenvolvimento da arquitetura brasileira. O que verdadeiramente chama a atenção não é o fato de existirem essas obras dos grandes mestres, obras magníficas de dois ou três mestres existem em todo país. O que chama a atenção, no Brasil, é esse alto nível de qualidade média, na produção de tantos arquitetos.

O tema traz implícito um objeto centrado numa produção que está sintonizada com uma produção de vanguarda na década de 50. Não anuncia uma ruptura arquitetônica quanto ao Brasil, mas modifica a arquitetura de uma cidade e atua também em uma região. Não é uma obra regional, com características regionais, mas que difunde uma arquitetura nova na região.

João Jorge Coury, arquiteto formado pela EABH, Escola de Arquitetura de Belo Horizonte, Minas Gerais, será o introdutor da arquitetura moderna em Uberlândia, onde, em 1940, instala seu escritório de “Arquitetura - Urbanismo - Jardins”. Demonstrou uma extensa prática profissional, atuando em cidades dos estados de São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais e, depois de 1960, em Brasília. Uberlândia concentra um grande número de obras desse arquiteto, que permite analisar a difusão dos princípios modernos em uma cidade do interior.

A pesquisa foi iniciada em 1993, na tentativa de montar um panorama da arquitetura e do urbanismo do arquiteto João Jorge Coury na cidade de Uberlândia. A primeira parte da pesquisa contou com a participação da arquiteta Maria Eliza Guerra. Como desdobramento desse trabalho inicial, pela abrangência do assunto, a investigação foi dividida entre as duas pesquisadoras, que deram prosseguimento aos trabalhos. As interferências urbanísticas em praças coube à arquiteta Maria Eliza, que apresenta a

dissertação: “As Praças Modernas de João Jorge Coury no Triângulo Mineiro”, e a mim coube o debate da produção arquitetônica em Uberlândia.

A pesquisa partiu de referências e informações orais sobre o Arquiteto e sua obra. Num segundo momento, trouxe vários desafios, um deles foi o de pesquisar em arquivos que não haviam sido manuseados por pesquisadores, e as descobertas dos documentos e projetos se tornavam verdadeiros prazeres. Prazeres tive, também, ao percorrer o caminho da pesquisa, que nunca é uma linha retilínea, e descobrir informações nunca antes imaginadas, como documentos que, mesmo estando em bibliotecas, com livre acesso, ainda não haviam sido estudados e auxiliaram na resolução de meus questionamentos. Como é o caso das revistas publicadas pelo Diretório Acadêmico da Escola de Arquitetura de Belo Horizonte, em 1935. Um dos dados que, no início da pesquisa, não possuía refere-se à participação do Coury no Salão de 36, que estudaremos no capítulo 1 .

Uma das dificuldades foi fechar a pesquisa no seu conjunto de documentos, uma vez que a vida do Coury foi pulverizada e a família não possui basicamente nada.

Para levantamento dos projetos, foram utilizados os arquivos da Prefeitura Municipal de Uberlândia, o Arquivo particular de Rodolfo Ochoa (sócio do arquiteto) e o Arquivo particular de João Alves Pimenta.

No Arquivo Geral da Prefeitura de Uberlândia, toda a catalogação dos projetos foi feita pelo nome do proprietário, pela data em que o projeto foi aprovado pela Prefeitura e pelo endereço, mas em vários deles encontrei uma enorme dificuldade na situação dos lotes, pois os nomes das ruas haviam sido alterados, a identificação então se fez por meio de mapas do período em estudo. Nesse arquivo, foram observados aproximadamente 5000 cartões - janela, abrangendo o período da década de 40 à 1970, trinta anos de estudo.

A partir da conclusão do levantamento iconográfico das obras, pude traçar e entender melhor esse percurso arquitetônico do arquiteto Coury e foi possível identificar o conjunto de suas obras e definir uma sistematização para análise.

Este trabalho está dividido em três partes. A primeira trabalha a formação do arquiteto, a caracterização cultural de Belo Horizonte nos anos 30, a Escola de

Arquitetura de Belo Horizonte, e a atuação com um grupo de colegas na criação do Diretório Acadêmico, na publicação da revista “Arquitetura” e a participação na “Exposição Bar Brasil”. A segunda identifica o arquiteto e o contexto da cidade onde pode-se encontrar a maior quantidade de suas obras. E a terceira, detém-se na produção arquitetônica de João Jorge Coury em Uberlândia. O arquiteto João Jorge Coury, tem uma produção extremamente diversificada, tanto em tipologia quanto em locais, cidades, conforme se pode observar na listagem de sua obra colocada em anexo. A opção deste trabalho é fazer um recorte tipológico e geográfico, centrando a discussão na temática residencial em Uberlândia.

A difusão da arquitetura moderna foi uma consolidação e institucionalização ampla de uma linguagem da arquitetura. E em termos sociais, houve um mercado que absorveu essa produção, uma classe média das cidades médias que assumiu essa linguagem como uma imagem de modernidade.

A arquitetura moderna difundiu-se pelo Brasil, com uma produção dos não heróis, outros tantos “Courys” andaram pelo país, talvez com formação e conhecimento da linguagem arquitetônica assimilada por outros vieses, com outras histórias para contar...

Capítulo 1

1 - O ambiente de formação - Belo Horizonte

O ambiente cultural, o enfoque conceitual da Escola de formação, as atividades extra curriculares são pontos importantes na formação da visão da arquitetura, ou mesmo de qualquer profissão de um jovem. Faz-se necessário identificar o contexto histórico e social onde as idéias são geradas. Traçar uma malha histórica em que João Jorge Coury e seus colegas: Raphael Hardy Filho, Shakespeare Gomes, Virgílio de Castro, Nicola Santolia, ...desenvolveram um período de estudos, de ideais e de realizações estudantis. Para isso, é preciso fazer um percurso histórico da formação do Coury até abrir seu atelier na cidade de Uberlândia, onde fez inúmeros projetos.

Suas aspirações não seriam preenchidas somente na sala de aula, buscou outras atividades. Participou ativamente, ainda como estudante, da fundação do Diretório Acadêmico, da comissão que organizou o Salão Bar Brasil ou Salão de 36, também denominada de “Semana de Arte Moderna Mineira” e foi redator da primeira revista “Arquitetura”, órgão oficial dos alunos da Escola de Arquitetura de Belo Horizonte, em 1935.

Pretendo, neste momento, fazer um breve levantamento do contexto histórico da cidade de Belo Horizonte, contemporizando os seguimentos de literatura, artes e arquitetura na década de 30, para tentar entender o processo cultural vigente no período em que se dá a criação da Escola de Arquitetura.

Definida pela Constituinte Mineira de 1894, Belo Horizonte foi projetada pelo engenheiro Aarão Reis, formado pela Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, nomeado chefe da Comissão Construtora da Nova Capital em fevereiro de 1894, ficando no cargo até maio de 1895, quando pede demissão e assume o engenheiro Francisco Bicalho, que dirigiu os trabalhos até a dissolução da comissão em 1898.¹

O projeto elaborado por Aarão Reis nasce sob doutrinas e imagens do séc. XIX, onde Paris aparece como o grande modelo. *“Os engenheiros da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, à qual pertencem Aarão Reis e a maioria de seus auxiliares que irão conceber Belo Horizonte, são marcados pelas idéias francesas de racionalidade territorial e urbana que permeiam o século XIX. Os discursos desta geração em prol da modernização e mudança das capitais se baseiam, especialmente, nos princípios da centralidade administrativa, na importância das redes de comunicações, do sanitarismo e da transformação e embelezamento do espaço público.”*² A planta da nova capital é então concebida pela regularidade geométrica, que respondia aos preceitos da época. Conforme SALGUEIRO (1997), *“o caráter rígido do projeto de Reis justifica-se, então, por duas razões: (...) pelo peso dos códigos modernos defendidos pelos engenheiros brasileiros para a construção das cidades, códigos que passavam obrigatoriamente pela crítica das disposições das cidades antigas, (...) ‘pensar o sítio’ consiste, sobretudo, tentar ‘fazer desaparecer seus traços’.* E em segundo lugar *“por se tratar de uma cidade nova, resultante ‘de uma proposta deliberada’, cuja pretensão de racionalidade justificaria que se fizesse notar a diferença: a de ser ‘uma cidade construída com método’. Uma cidade fundada a partir do nada só pode ter uma planta regular; e essa planta, desenhada por um engenheiro geômetra, leva em conta sua prática profissional, respondendo ao ideal de regularização em vigor no meio dos politécnicos progressistas”.*

A organização da *“planta geral da futura cidade”* é dividida em três zonas : urbana, suburbana e sítios, *“destinados à pequena lavoura”*. Uma avenida de contorno, separa a área urbana da suburbana.

¹ Em março de 1895, Aarão Reis enviou um ofício, com as plantas da nova capital, ao Governo do Estado, para aprovação.

² SALGUEIRO, Heliana Angotti – in Guia da Exposição – Belo Horizonte: O nascimento de uma Capital, Masp, maio a junho de 1996.

Belo Horizonte, na zona urbana, traz em seu traçado uma concepção haussmanniana dos grandes bulevares, uma implantação geométrica, de duas malhas ortogonais sobrepostas com inclinação de 45° de uma em relação à outra e, com a “*construção de uma nova racional ordem*”, articula “*a sua idade moderna, o estado positivo, científico, definitivo*”³.

Aarão Reis determina na planta da nova cidade locais para os equipamentos urbanos, quarteirões para os edifícios públicos, parque, jardim zoológico, escolas, templos, polícia, teatro, bombeiros, demarca também “*os lotes destinados aos funcionários públicos estaduais, aos proprietários de casas em Ouro Preto, e aos ex-proprietários*”⁴ do antigo arraial.

A setorização dos edifícios públicos nos cruzamentos e praças se faz “*em relação à lógica de efeitos de hierarquia e visibilidade – panoramas, pontos de vista, perspectivas.*” *Preocupações estéticas e funcionais presidem então a arquitetura e a setorização dos edifícios,...* . *As construções oficiais deviam ser submetidas a ‘regras arquitetônicas’ para garantirem-se os ‘efeitos’ artísticos (...).* “*Já em relação às edificações particulares, Reis determina legalmente uma tipologia arquitetônica na qual se associam ‘condições higiênicas e sanitárias’*”.⁵

Na planta de Belo Horizonte nota-se a presença dos espaços verdes, um parque é proposto, no local mais acidentado, e seu desenho acompanha a topografia do terreno, no entanto as ruas que o cercam mantêm o traçado geométrico. Segundo SALGUEIRO (1997) “*Isso não constitui um ‘contraste’ como já se escreveu, mas um princípio clássico, o da combinação ordem / desordem, segundo Laugier, teórico de século XVIII que evoca a cidade como um projeto de jardim*”. A preocupação com a arborização das ruas aparece no texto do ofício encaminhado ao Governo do Estado por Aarão Reis: “*As ruas fiz dar a largura de 20 metros, necessária para a*

³ MAGALHÃES, Beatriz de A. / ANDRADE, Rodrigo F. (1989) - “*BELO HORIZONTE, um espaço para a República*”. UFMG.

⁴ SALGUEIRO, Heliana Angotti. (1997) – “Engenheiro Aarão Reis: O Progresso como Missão”, Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, Belo Horizonte.

⁵ SALGUEIRO, Heliana Angotti. (1997) – “Engenheiro Aarão Reis: O Progresso como Missão”, Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, Belo Horizonte, p 159.

*conveniente arborização, a livre circulação de vehiculos, o trafego dos carris e os trabalhos da colocação e reparações das canalizações subterraneas.”*⁶

*“Oh! a estranha cidade, tão vasta e tão vazia! Imensos bulevares, abertos para multidões, mas silenciosos e desertos! Árvores centenárias das avenidas, como que espantadas por verem elevar-se em torno delas, em um momento, casas e palácios adolescentes! Vasta catedral que os fiéis não chegam a encher! Há de povoar-se um dia a cidade da fé e da esperança.”*⁷ Esta é a cidade que Coury, recém chegado do interior de Goiás, na década de 30, encontra para fazer seus estudos de arquitetura. Qual terá sido a impressão deste jovem? Deslumbramento com uma cidade projetada, apresentando uma nova paisagem urbana? Com seus bulevares? Com uma volumetria monumental para as edificações do poder? Como disse (PONTUAL) (1979), *“(…) Belo Horizonte, a primeira das cidades de proveta, nascidas em gabinete, no Brasil, conferiria, por berço, um status especial de modernidade”*.

A nova cidade foi inaugurada com o nome de “Cidade de Minas”, em 1901, recebeu o nome de Belo Horizonte.

Segundo WERNECK (1992) *“Com seus vinte anos, que coincidiam com os vinte do século, a capital de Minas encarnava ao mesmo tempo a modernidade e a tradição. O atraso e a vanguarda. Emaranhava-se em contradições, em paradoxos.”*

Belo Horizonte, por várias vezes, foi vista como uma cidade moralista e conservadora, dependendo dos olhos de quem a visse, para DRUMMOND (1934), era um *“lugar de ler os clássicos e amar as artes novas”*.

Os bares e pontos de encontro da cidade, o centro da boêmia jornalística e literária, organizada em torno da rua da Bahia, no café Trianon, nas confeitaria Estrela e Elite, ou no Café Paris, o Bar do Ponto, eram os locais que *“os rapazes desatinados”* e, algumas vezes, chamados de “futuristas” e “Grupo do Estrela”, Carlos Drummond, Pedro Nava, Capanema, Emílio, Abgar Renault, freqüentavam. Foi então, na rua da

⁶ Ofício n. 26 de 23 de Março de 1895, in SALGUEIRO, Heliana Angotti. op. cit., p. 273.

⁷ HAZARD, Paul. Belo Horizonte visto pelo professor Paul Hazard. Minas Gerais, Belo Horizonte, ago., 1927, p.11. In *Belo Horizonte um espaço para a república* p. 196.

Bahia, “a mais intelectual das ruas Belo - Horizontinas”, que desembarcou o modernismo literário e também nas prateleiras da Livraria Alves.

O Grande Hotel, nome que pode ser encontrado em pelo menos um hotel em cada cidade no Brasil, situado também na rua da Bahia, foi o palco do encontro dos mineiros com Mário e Oswald de Andrade, quando visitam a capital mineira dois anos após a Semana de Arte Moderna em São Paulo.

O contexto de Belo Horizonte, em 1924, quando o grupo paulista ligado às letras e às artes plásticas, formado por Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, Dona Olívia Penteadó e o poeta europeu Blaise Cendrars visitam a cidade, vindo de Ouro Preto, é de uma cidade que dá os primeiros passos para deixar de ser apenas administrativa, busca as ligações rodoviárias com o interior, o que lhe permitiria o início de um processo de polarização na vida econômica e cultural do Estado. O grupo viajante mantém intercâmbio com os jovens escritores mineiros, os modernistas Carlos Drummond de Andrade, Martins de Almeida, Pedro Nava, João Alphonsus, Emílio Moura. Segundo DIAS (1984), *“Esse encontro foi decisivo como delineador das diretrizes da literatura e de arte em Minas, (...). Para além da troca de informações literárias, fundam-se sólidos vínculos afetivos entre os componentes dos dois grupos. Traziam os paulistas - notadamente Mário e Oswald, cada um a seu modo - considerável repertório de informação e de treino crítico no tocante à realidade estética. Possuíam os mineiros, a par da sede de conhecimento, sensibilidade apurada no convívio com a longa tradição intelectual de Minas : um convívio que se fora tornando tenso, inquieto e criativo no decorrer da década de 20.”*

A influência não se dá somente sobre os jovens escritores, DIAS (1984) *“(...) gostaria de frisar algumas revelações encontradas em leituras recentes. Estou hoje plenamente convicto da direta influência dos escritores paulistas sobre a administração Melo Viana, no sentido de que se tomassem medidas concretas de preservação do tesouro artístico de Minas.”* Pois, nesse momento, os modernistas de São Paulo têm plena consciência do valor da arte barroca mineira, e ficaram muito impressionados com o estado de conservação em que se encontrava o patrimônio.

Voltando então a Rua da Bahia, e ao grupo mineiro, que para Drummond não era “Grupo”, em 1925, publicaram o primeiro número de “A Revista”. Logo depois, em 1927, é a vez de Cataguases com a revista “Verde”.

A interação entre os dois grupos acontece por intermédio de textos enviados pela turma de BH e na bagagem dos estudantes que estudavam na capital do Estado e no Rio de Janeiro.

“A Revista” era um órgão do movimento literário renovador, saíram três números da mesma, os jovens que faziam parte da revista trabalhavam em jornais como o “Diário de Minas”. Nessa fase dos anos 30, a imprensa mineira tem seu momento rico. Muito se escreveu na capital do estado, mas muitos jornais não tiveram uma longa duração; em 1930, passava de 200 o número de jornais surgidos desde a inauguração da cidade.

Nossos escritores mineiros escreveram muito, DIAS observa que, por ser BH uma cidade planejada, refletiu-se no enfoque com que os romances urbanos se desenvolvem, criando, em seus moradores, um questionamento se o planejamento foi adequadamente executado e se a vida ali é melhor do que em seus locais de origem.

“O destino dos mineiros foi o Rio”, não só à procura do mar. Vários jornalistas e intelectuais de Belo Horizonte, por desentendimentos ou desgostos, ou mesmo por questões políticas, acabam mudando-se para a cidade do Rio de Janeiro, como é o caso de Drummond, que vai em 1934 como chefe de gabinete do ministro Gustavo Capanema.

Revolução de 30, Getúlio Vargas assume o Governo Provisório, construção do Estado Nacional, para evitar articulações na cidade, leva para próximo dele, para o Rio de Janeiro, três homens das idéias de Minas e perigosos na órbita estadual, Virgílio Mello Franco, Gustavo Capanema e Francisco Campos, este último assumirá o Ministério da Educação. Nesse período, dá-se a nomeação de Lúcio Costa para a Direção da Escola de Belas Artes no Rio de Janeiro com as transformações propostas por ele. Em agosto de 1931, Francisco Campos pede exoneração do cargo. Logo após, Lúcio Costa é também demitido da direção das Belas Artes no Rio. Francisco

Campos foi anteriormente responsável pela Secretaria do Interior em Minas, a qual era incumbida do setor de instrução. Nesse período, houve um complexo programa de reforma e de expansão do ensino, em que estava também incluída a criação da Universidade de Minas Gerais, em 1927, agregando as faculdades de Direito, Engenharia, Medicina, Odontologia e Farmácia. O Estado de Minas Gerais torna-se então pioneiro na criação de instituição universitária. Sobre isso, DIAS (1984) afirma *“A educação passa a ser vista como o instrumento mais eficaz de mudança social”* (...) *“Foram fundamentais a presença e a ação de Francisco Campos, numa etapa muito criadora e ainda não autoritária de sua carreira de homem público.”*

Benedito Valadares assume o posto de interventor federal no Estado em 1933.

Em 1936, Capanema, como Ministro da Educação, convida outro mineiro já seu conhecido, Rodrigo M F de Andrade, para assumir, como diretor, o Patrimônio Histórico e Artístico.

Sobre as artes plásticas em Belo Horizonte no final da década de 20, Fernando Dias escreve (DIAS) (1984) *“A vida urbana se intensifica em Minas, propiciando condições para a retomada das artes plásticas. Implanta-se o ensino universitário. No bojo da renovação pedagógica, encetada no final da década de 20, há lugar para as artes plásticas. O ensino de modelagem está presente na Escola de Aperfeiçoamento. Lembre-se ainda a criação da Escola de Arquitetura. Havia sinais e anseios de mudança sob o signo da criatividade.”* É interessante notar que após essa observação, Dias dá um salto no tempo e vários acontecimentos importantes em BH da década de 30 não são citados. O mesmo acontece com vários escritores e estudiosos, sejam eles artistas, arquitetos e literatos.

Em 1920, houve uma exposição da pintora Zina Aita, (VIEIRA)(1986) *“A sua exposição, em ordem cronológica, foi a primeira a mostrar em Minas os traços da modernidade artística do início do século”*. Zina Aita foi a única artista mineira a participar da Semana de Arte Moderna de 22 em São Paulo, quando voltava de viagem de estudo a Europa.

A Exposição de Arte Moderna de 1936, ou Exposição Bar Brasil, foi um evento sem vínculo institucional, organizada por jovens, artistas e estudantes de arquitetura,

interessados em divulgar uma estética moderna e questionar os artistas clássicos. Paralelamente a essa exposição, que acontecia no subsolo de um cinema, Cine Brasil, no Teatro Municipal acontecia outra exposição, acadêmica e tinha como curador Aníbal de Matos. Esse momento foi um marco importante para a arte mineira e será melhor avaliado ainda neste capítulo.

Em 1944, tendo como prefeito Juscelino Kubitschek, acontece em Belo Horizonte uma exposição de arte promovida pela prefeitura, e são convidados escritores e artistas do Rio e de São Paulo para participar de debates. Estiveram presentes, dentre outros, Oswald de Andrade, Caio Prado Júnior, Sérgio Milliet, Jorge Amado; a exposição mostrou trabalhos de: Portinari, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Goeldi, Pancetti, Di Cavalcanti, Segall, Volpi, Djanira, Iberê Camargo, Carlos Scliar, entre outros. A Exposição Coletiva de 44 criou uma celeuma, houve atritos entre os defensores da arte acadêmica e os partidários da arte moderna. RIBEIRO (1997) "*É importante salientar que o programa de ação cultural da Prefeitura de Juscelino Kubitschek, realizado no início dos anos 40, abrangia a construção do projeto arquitetônico e urbanístico da Pampulha, a fundação do Instituto de Belas Artes, dirigido por Guignard e a organização da Semana de Arte Moderna em 1944, com uma grande exposição de artistas brasileiros consagrados, além de uma série de debates sobre a questão do Modernismo. Juscelino objetivava modernizar a cidade e integrá-la ao contexto sócioeconômico e cultural do País, seguindo, na área cultural, a vertente política modernizadora do Ministro Gustavo Capanema durante o Estado Novo*". A arquitetura não está presente na exposição, mas já estava consolidada através da obra de Niemeyer para a Pampulha em 1942.

Podemos assim, afirmar que a Exposição de 36 foi uma precursora da discussão da linguagem plástica moderna em Belo Horizonte, mas sua consolidação só se dá em 44.

A professora Susy de Mello, em uma palestra, no II Seminário sobre a Cultura Mineira, cita a década de 20 com os modelos neoclássicos, ecléticos e os modismos, porém faz referência à década de 30 somente como um período das construções em

pó de pedra, sem citar os arquitetos que trabalharam nesse momento e a criação da escola de arquitetura, concentra-se na importância da Pampulha de Niemeyer e à geração que vem pós-Niemeyer, com Eduardo Guimarães e Sylvio de Vasconcelos. O que queremos deixar claro é que a obra de Niemeyer é importante sim, ele introduz um vocabulário plástico e conceitual muito forte e que influencia não só os mineiros, mas é uma questão nacional ou mesmo internacional. Contudo, antes de Niemeyer, houve um trabalho de introdução da modernidade na arquitetura em Belo Horizonte, pois, como acontecia em outros pontos do Brasil, os arquitetos estavam atentos, informados através de revistas, e o que produziam refletia um contexto de dúvidas, de busca próprio do período em estudo.

Percebe-se que os movimentos ou acontecimentos da década de 30 são muito pouco estudados. Vejamos a criação da Escola de Arquitetura em 1931, o único trabalho constituído encontrado foi um catálogo montado pela Universidade em 1970, que concentra dados como ata de fundação, alunos formados, mas não existe nenhum trabalho sistematizado para uma análise do que foi o Curso de Arquitetura em Belo Horizonte nesse período. Outro exemplo é o “Salão Bar Brasil”, em 1936, que, até 10 anos atrás, nem era citado, quando muito, bem rápido, foi pela pesquisa da professora Ivone Vieira, resultando também em uma mostra em 1986, que se pode rever sua importância para a arte mineira da passagem do academicismo para o moderno. A arquitetura dessa década, denominada “pó de pedra”, e os projetos de Signorelli e Berti, estão retratados no trabalho da professora Celina Borges Lemos (1988), no capítulo “Art-Nouveau e Art-Deco na Cena Urbana”. Esse momento esquecido dos anos trinta vai aos poucos, com trabalhos recentes, alguns a serem concluídos, sendo delineado, principalmente pelo interesse dos professores / pesquisadores da Escola de Arquitetura da UFMG.

1.1 - A Escola de Arquitetura de Belo Horizonte

Pretendo neste capítulo trabalhar com os dados referentes à criação do curso de Arquitetura em Belo Horizonte, a composição do quadro docente, e a formação da grade curricular, visto que o arquiteto João Jorge Coury pertenceu à primeira turma da Escola de Arquitetura de Belo Horizonte (EABH), hoje, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

A Escola de Arquitetura de Belo Horizonte foi criada em 05 de agosto de 1930, tendo o ingresso da primeira turma de alunos em 1931. Em seus estatutos, apresenta como finalidade “... a) *ministrar o ensino superior de Arquitetura; b) ministrar o ensino prático profissional de artes aplicadas à arquitetura, para artífices.*”.⁸ Ou seja, a Escola manteve os seguintes cursos: Arquitetura e Ensino Profissional, sendo que o curso de Arquitetura foi compreendido em 6 anos e o Ensino Profissional em 2 anos, habilitando em artífice.

A criação da Escola de Arquitetura em Belo Horizonte foi imbuída de um desejo que estava presente na população e nos intelectuais da cidade, valorizando o profissional arquiteto e a arquitetura como geradora de uma qualidade técnica e estética.

Surge como proposta de um grupo desvinculado da Universidade de Minas Gerais, que já estava configurada desde 1927 e englobava as Faculdades de Direito, Engenharia, Medicina, Odontologia e Farmácia.

Belo Horizonte, projetada e construída por uma Comissão Construtora formada por arquitetos e engenheiros, via-se nesse período, do final dos anos 20, envolta na execução repetitiva dos projetos de edificações, conforme os modelos inicialmente

⁸ Estatutos da Escola de Arquitetura de Belo Horizonte In - “*Escola de Arquitetura da UFMG: 1930 - 1970*”, Serviço Gráfico da Escola de Arquitetura - UFMG, Belo Horizonte, 1970, pág. 65.

propostos pela comissão, sem nenhum cuidado quanto a sua implantação, locação e orientação solar, pois, na cidade, os profissionais que atuavam como arquitetos eram poucos em relação ao volume de construções.

SALGUEIRO(1996) “A arquitetura residencial de Belo Horizonte foi inicialmente submetida a uma legislação estrita. (...) Artigos da legislação sugerem que certos elementos da tipologia não são uma questão de ‘gosto’ ou de ‘estilo’ simplesmente, mas dispositivos construtivos que respondem tanto aos códigos de higiene da habitação, quanto à difusão de uma tipologia básica: assim a obrigatoriedade do ático que esconde o telhado (vulgarmente chamado de platibanda), do porão com seteiras gradeadas e dos alpendres laterais.” Esta padronização da tipologia defendida pela Comissão Construtora, foi criticada pelos habitantes da cidade.

Alguns artigos em jornais do período nos mostram que parte da população de Belo Horizonte percebia que a cidade carecia de arquitetos para trabalhar em novas edificações, dando-lhe uma diferenciação arquitetônica. O artigo de Gustavo Penna, no jornal Minas Gerais, enfatiza e critica essa situação : “*Em menos de dois anos foram edificadas mais de quatrocentas casas nesta Capital, (...). Dessas quatrocentas e tantas casas, como as milhares que já existiam, não é grande o número daquelas que escapam por completo à desoladora uniformidade, que vai se tornando uma ameaça à beleza de Belo Horizonte. Quase sempre o tipo das edificações é este : na frente, o corpo da Casa, flaqueado de um pequeno alpendre, tendo duas ou três compoteiras faraônicas na platibanda, e aos fundos, a água furtada, numa depressão brusca de nível do telhado, encolhendo-se humilhada, desgraciosa, como se fora o rabo de uma perua ...*”⁹

Em 1930, o ambiente cultural efervescente de Belo Horizonte, contava com a presença de artistas e intelectuais, principalmente de literatos. Havia então um interesse e um reconhecimento em formar profissionais arquitetos que traduzissem essas tendências de vanguarda, assim como as conquistas tecnológicas, em forma de construções e ou organizações espaciais e no planejamento da cidade. “*As tendências intelectuais e artísticas do ambiente cultural de Minas Gerais, em 1930, bem como as conquistas materiais feitas até então, em todo o mundo, tornavam muito sensível a*

⁹ Penna, Gustavo. Leve Reparo. Minas Gerais, B.H, ago 1908, in *Belo Horizonte um espaço para a república*.p. 100.

*ausência, entre nós, de arquitetos que traduzissem e aproveitasse no planejamento e na construção de nossos edifícios e cidades. Cumpria formá-los, visto que, mesmo na Capital da República, eram em pequeno número esses profissionais.”*¹⁰

A necessidade de se criar o Curso de Arquitetura era, dessa forma, proveniente da necessidade do trabalho do arquiteto-urbanista em atender a uma sociedade preocupada com a qualidade das construções de uma cidade em crescimento.

Segundo KUBITSCHKEK (1946) *“Parece, portanto, ter havido, nos vinte anos que se seguiram à transferência da Capital do Estado para a então Cidade de Minas, um decréscimo cultural entre nós, manifestado na ausência de profissionais da arquitetura e de outras artes, dando lugar à atividade de simples copistas e imitadores. Não se criava, não se fazia, portanto, arquitetura. ‘A arquitetura surge com a cultura e desaparece quando a cultura deixa de existir’. ‘A arquitetura é a arte e a técnica de conceber, projetar e erigir edifícios e cidades com utilidade e beleza’ e não a tarefa de imitar simplesmente o que foi feito por outrem.”*¹¹

O interesse em criar uma escola de arquitetura como menciona João Kubitschek, vem influenciado também pelo resultado do 4º Congresso Pan-Americano de Arquitetura em 1930, no Rio de Janeiro, em cuja conclusão recomendava-se a criação de escolas especiais deste ramo. Com Nestor de Figueiredo presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil, o congresso se dividiu em 7 sessões, dentre elas uma dedicada ao urbanismo e outra às habitações de baixo custo. As conclusões desse congresso repetiram as reivindicações dos outros congressos, tais como a inclusão do ensinamento de urbanismo dentro das escolas de arquitetura e a adoção dos planos reguladores.¹²

¹⁰ Figueiredo, João Kubitschek de .- *A Escola de Arquitetura e sua história*, in *Arquitetura*, Belo Horizonte, ano 1, nº1 - set/out 1946. pág. 19.

¹¹ Figueiredo, João Kubitschek de .- *A Escola de Arquitetura e sua história*, in *Arquitetura*, Belo Horizonte, ano 1, nº1 - set/out 1946. pág. 19.

¹² Ver texto : Outtes, Joel – “Les urbanistes sudaméricains dans le congrés internationaux et les congrés internationaux pour la réforme urbaine en Amérique Latine (1909-1941). IPPUR – UFRJ / CSU- Centre de Sociologie Urbaine (IRESCO/CNRS)

Foi em torno do arquiteto Luiz Signorelli que se agruparam engenheiros, artistas, advogados, médicos, com o objetivo de se criar uma escola de arquitetura. Seus fundadores foram: **Luiz Signorelli** (arquiteto formado pela ENBA em 1925); **Martim Francisco Ribeiro de Andrada**; **Leon F. Clerot**; **Aníbal de Matos** (artista, escritor, historiador da arte, estudou no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro e na ENBA); **Alberto Pires Amarante**; **Laborne Tavares**; **João Kubitschek**; **Benedicto Quintino dos Santos**; **Paulo Kruger Mourão**; **Dario Renault**¹³ (arquiteto contratado juntamente com o fotógrafo J.M.Retes pelo governo de Minas para fazer um levantamento da arquitetura colonial de Ouro Preto, Congonhas e Mariana); **Saul Macedo e Simão Woodes Lacerda**.

*“Tiveram os fundadores da instituição a preocupação constante de formar arquitetos com uma cultura técnica, científica e artística ampla e arejada. Desde o início, adotou-se a organização didática da secção de arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes, como cumpria, para o seu reconhecimento pelo Govêrno da União, procurando-se, entretanto, estabelecer, na nova Escola, uma atmofesfera em que tôdas as correntes da arquitetura, tradicionalistas ou modernas tivessem livre curso e franco estímulo.”*¹⁴

O curso de Arquitetura de Belo Horizonte iniciou suas atividades justamente no momento em que Lúcio Costa, apoiado pelo Ministro da Educação do governo provisório Francisco Campos, reformulava o ensino da ENBA. O interessante é que, no excelente texto de 1946, sobre a criação da EABH, João Kubitschek cita o que escreveu Francisco Campos sobre a Arquitetura: *“Pode-se afirmar talvez, sem exagero, que a palavra arquitetura, não tinha no Brasil, até pouco tempo, significação prática. Raros eram, entre nós, os arquitetos e, desses mesmos, a utilidade não se fazia socialmente sentir. Entretanto, no passado como no presente, em todos os países, a sua importância foi sempre capital, representando cada*

¹³ Frieiro, Eduardo. “As artes em Minas”. In Silveira, Victor. Minas Gerais em 1925, Imprensa Oficial pág. 544 apud Machado, Reinaldo Guedes. “Da arquitetura eclética às experiências modernistas” In Projeto 81, São Paulo, 1985.

¹⁴ Figueiredo, João Kubitschek de. - A Escola de Arquitetura e sua história, in Arquitetura, Belo Horizonte, ano 1, n°1 - set/out 1946. pág. 20.

arquitetura a síntese de uma civilização, a soma das qualidades e defeitos de cada povo em cada época.”

João Kubitschek, um dos fundadores e organizadores da nova escola, historiou em 1946, o pensamento que norteou o grupo de fundadores, uma proposta que implanta o currículo da ENBA com o intuito, meramente burocrático, de um reconhecimento da instituição, mas que estava voltada para uma sistematização de uma nova orientação para o ensino de arquitetura.

Em fevereiro de 1944, quando Juscelino Kubitschek de Oliveira era prefeito de Belo Horizonte, a EABH foi incorporada à prefeitura, sendo criado o Instituto de Belas Artes, compreendido pelas Escola de Arquitetura, já existente, e a Escola de Belas Artes, didaticamente autônomas. No artigo 3º deste Decreto, a ênfase do contato com a ENBA pode ser sentida. *“A Escola de Arquitetura continuará a manter seu curso em permanente correspondência com o da Escola Nacional de Belas Artes, afim de ultimar a obtenção de seu reconhecimento pelo Govêrno Federal, com as consequentes regalias.”*

Em dezembro de 1944, *“alcançava, afinal, a Escola, a vitória desejada, isto é, validade de seus diplomas em todo o território nacional”*.¹⁵

Como já é conhecido, a Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) possuía o Curso de Arquitetura compreendido em 6 anos de estudos; nos 3 primeiros anos, os alunos entravam num “Curso Geral”, comum com os alunos de pintura, escultura e gravura. O curso possuía uma formação totalmente clássica, a disciplina de Composição de Arquitetura era vista dentro dos três primeiros anos com projetos de pórticos, pavilhões de caça, fontes, SOUZA (1978) *“(…) tudo dentro da mais completa inutilidade. A nossa opção era escolher o estilo; ou o colonial, ou o espanhol, ou o inglês, tudo ‘inspirado’ nas revistas; caso optássemos pelo clássico, era o Vignola que nos guiava. Continuávamos a não criar nada, uma vez que tudo já estava criado. Copiávamos.”*¹⁶

¹⁵ Figueiredo, João Kubitschek de - *A Escola de Arquitetura e sua história*, in *Arquitetura*, Belo Horizonte, ano 1, nº1 - set/out 1946, pág. 24.

¹⁶ Souza, Abelardo. - *Arquitetura no Brasil : Depoimentos*, São Paulo, Edusp, 1978, pág. 22

A proposta dos temas e os professores da cadeira de Composição do quarto ano ao sexto ano estavam desatualizados da realidade e do que acontecia no resto do mundo. *“Do quarto ao sexto ano, a cadeira de Composição de Arquitetura, vista hoje e mesmo para nós, alunos daquela época, era dada de uma maneira verdadeiramente lamentável, para não fazer ridícula”*.¹⁷ Havia um conflito no relacionamento entre alunos e professores nos anos de 1928 e 29.

Em 1930, ocorre a revolução e, com a posse de Getúlio Vargas, há uma reformulação na vida brasileira, no setor social, novas leis e, no setor educacional, a criação do Ministério da Educação.

Na ENBA, outra revolução, Lúcio Costa é indicado para Diretor. Há então a nomeação de novos professores, tanto na idade quanto na mentalidade; **Gregori Warchavchik**, arquiteto, teve como assistente **Affonso E. Reidy**; **Alexandre Budeus**, arquiteto, ambos professores das cadeiras de Composição; **Emílio Baumgarten**, inovador do cálculo estrutural no Brasil e formado pela Poli - Rio; **Felipe dos Santos Reis**, professor da cadeira de Resistência dos Materiais; **Mello e Souza**, Cálculo Integral; **Edson Passos**, Materiais de Construção. A grande modificação aconteceu nas disciplinas de Composição de Arquitetura. Os estudantes passaram da cópia para a criação. Os temas dos projetos tornaram-se mais práticos como: “casa mínima”, postos de gasolina, grupos escolares, equipamentos de cozinha e banheiro. Nesse momento, o sentido de função torna-se conhecido.

Lúcio Costa ficou 10 meses como Diretor da Escola.

Com um currículo distribuído em seis (6) anos, como a própria Escola Nacional de Belas-Artes (Rio), e desvinculado de um curso de artes plásticas, a EABH - Escola de Arquitetura de Belo Horizonte, foi a primeira a se organizar no Brasil desvinculada das Politécnicas, escolas de engenharia; bem como independente dos Cursos de Belas Artes, pintura e escultura. Somente no final da década de 40, ou seja, mais de uma década depois, é que os cursos de arquitetura, no Brasil, desmembram-se das Politécnicas e Belas Artes. As primeiras escolas voltadas apenas para a formação de arquitetos, depois da escola de Belo Horizonte foram : Faculdade de Arquitetura do

¹⁷ Souza, Abelardo. - *Arquitetura no Brasil : Depoimentos*, São Paulo, Edusp, 1978, pág. 23

Mackenzie, em 1947; Faculdade Nacional de Arquitetura do Rio de Janeiro em 1948, conforme indicação de Sylvia Ficher¹⁸, embora Bruand indique a data de 1936 para a separação do curso de arquitetura das Belas Artes; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, em 1948; Faculdade de Arquitetura de Porto Alegre, em 1949.

A data da criação da EABH é um erro que aparece em grande parte dos trabalhos dos historiadores, Ficher coloca o ano de 1944, ou seja, mais de uma década depois. Mas dezembro de 1944 é a data de reconhecimento da Escola pelo Governo Federal. Bruand também comete uma falha “*O primeiro projeto de criação de uma Faculdade de Arquitetura é de 1936, (...)*”¹⁹, no que se nota a necessidade de montar um trabalho só sobre a EABH. Fica a dica !

Na EABH, as diversas disciplinas foram distribuídas entre os fundadores da escola, segundo sua formação: aos engenheiros, as cadeiras de Matemática, Física, Resistência dos Materiais, Estabilidade das Construções, Estruturas em Madeira, Ferro e Concreto Armado, Urbanismo e Prática Profissional; aos arquitetos, as de Perspectiva, Teoria e Filosofia da Arquitetura, Pequenas e Grandes Composições Arquitetônicas, Arquitetura Analítica e Arte Decorativa; aos artistas as de Desenho e Modelagem; aos advogados as de Legislação e Economia Política e História da Arte; a um médico, a de Higiene das Habitações e Saneamento das Cidades.

*“Sentíamos a necessidade de formar elementos dotados de qualidades indispensáveis ao verdadeiro arquiteto, que deve ser, ao mesmo tempo, um homem da ciência, quando lança mão de seus conhecimentos de física aplicada e de higiene; sociólogo e historiador, quando examina as necessidades das populações e se utiliza do vasto patrimônio da arquitetura passada; economista e artista, afinal, quando procura soluções para o angustiante problema do proletariado e estuda as condições locais para os partidos de que resultem o conveniente, o confortável e o belo.”*²⁰

¹⁸ Ficher, Sylvia - **O Peso de uma Herança**, In *Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, ano 9, n° 48, jun/jul 93.

¹⁹ Bruand, Yves (1981) - **Arquitetura Contemporânea no Brasil**, São Paulo, Editora Perspectiva, p.23.

²⁰ Figueiredo, João Kubitschek de . - **A Escola de Arquitetura e sua história**, In *Arquitetura*, Belo Horizonte, ano 1, n°1 - set/out 1946. pág. 20.

O currículo aprovado para a então Escola de Arquitetura de Belo Horizonte, de acordo com a ata da reunião extraordinária de 05 de agosto de 1930, transcrita no artigo do professor João Kubitschek de Figueiredo na revista *Arquitetura*, ficou assim definido. **Primeiro ano** : História das Belas Artes e, em particular, a brasileira; Desenho Geométrico e Aguadas; Desenho Figurado (1ª série); Física e Química Aplicada às Artes; Modelagem; Cálculo Diferencial e Integral; Noções de Geometria Analítica. **Segundo ano** : Desenho Figurado (2ª série); Desenhos de Ornatos e Elementos de Arquitetura; Geometria Descritiva; Modelagem; Composição de Arquitetura. **Terceiro ano** : Desenho Figurado (3ª série); Materiais de Construção e Técnica das Profissões; Economia Política e Ciência das Finanças; Composição de Arquitetura (grau mínimo); Perspectiva e Sombras; Estereotomia dos Materiais; Topografia e Desenho Topográfico. **Quarto ano** : História e Teoria da Arquitetura; Direito Administrativo e Legislação das Construções; Construção e Higiene dos Edifícios; Composição de Arquitetura (grau médio); Resistência dos Materiais, Grafostática e Estabilidade das Construções. **Quinto ano** : Composição de Arquitetura (grau máximo); Estruturas Metálicas; Concreto Armado. **Sexto ano** : Artes Decorativas; Arquitetura Paisagista; Urbanismo.

Da aprovação para a implantação, houveram algumas modificações e o currículo da EABH, de acordo com o regimento interno, o histórico escolar do arquiteto J.J.Coury (ANEXO A) e uma publicação na revista “*Arquitetura*” do Diretório Acadêmico em junho de 1935, ficou assim definido:

1º ANO : Matemática Superior; Geometria Descritiva; Materiais de Construção - Terrenos e Fundações; Arquitetura Analítica (1ª parte); Desenho (1ª parte); Modelagem (1ª parte);

2º ANO: Resistência dos Materiais - Grafostática; Perspectiva - Sombras - Estereotomia; Elementos de Construção - Noções de Topografia; Arquitetura Analítica (2ª parte); Desenho (2ª parte); Modelagem (2ª parte);

3º ANO : Estabilidade das Construções; História da Arte (1ª parte); Estruturas em Madeira e Ferro; Arte Decorativa (1ª parte); Pequenas Composições de Arquitetura;

4º ANO : Teoria e Filosofia da Arquitetura (1ª parte); História da Arte (2ª parte);

Estrutura em Concreto Armado; Arte Decorativa (2ª parte); Composições de Arquitetura;

5º ANO: Teoria e Filosofia da Arquitetura (2ª parte); Física Aplicada; Higiene das Habitações - Saneamento das Cidades; Grandes Composições de Arquitetura (1ª parte);

6º ANO: Legislação - Noções de Economia Política; Prática Profissional e Organização do Trabalho; Urbanismo e Arquitetura Paisagista; Grandes Composições de Arquitetura (Grau máximo).

Algumas disciplinas, somente as voltadas para a área de Tecnologia – Materiais de Construção e Sistemas Construtivos, são mencionadas no currículo com uma relação direta com as da Escola Nacional de Belas Artes, são elas : - Resistência dos Materiais, precedida de noções de Mecânica e Grafostática (*1ª parte da Cadeira IV da ENBA*); - Estabilidade das Construções (*2ª parte da Cadeira IV da ENBA*); - Estruturas em Madeira e Ferro (*1ª parte da Cadeira VII da ENBA*); e - Estruturas em Concreto Armado (*2ª parte da Cadeira VII da ENBA*).

As cadeiras de Composição de Arquitetura começaram a ser ministradas a partir do 3º ano. Foram divididas em Pequenas Composições (3º ano), Composições de Arquitetura (4º ano), Grandes Composições de Arquitetura (5º ano) e Grandes Composições de Arquitetura - Grau Máximo (6º ano). Apesar da produção arquitetônica dos professores arquitetos não responderem ainda a uma arquitetura de vanguarda, os alunos não tiveram a obrigatoriedade de projetar utilizando cópias. Havia uma liberdade no desenvolvimento dos projetos, *“Nós jovens ficamos empolgados com Le Corbusier, e com outros arquitetos europeus, e os professores de projeto davam um tema e nós fazíamos modernista, eles ficavam com medo de discutir, porque eles não entendiam patavina”* .²¹ Assim, percebe-se que uma liberdade de criação pairava pelos ares da EABH. *“A escolha dos temas e dados para exercícios escolares far-se-à livremente, entretanto, os problemas de aplicação deverão apresentar resultados aceitáveis na prática, atribuindo-se máxima*

²¹ Raphael Hardy Filho em entrevista - 09/ 04 /96.

importância à discussão das soluções, que deverão ser interpretadas e confrontadas, justificando-se ao mesmo tempo as preferências".²²

No decorrer do curso, os alunos tiveram contato com os princípios de Le Corbusier, conforme Hardy observa "*(...) nós sofremos muito a influência dos arquitetos, principalmente europeus, e lógico nós tínhamos estudado o Art Nouveau, mas abandonamos o Art Nouveau justamente por causa dos slogans, principalmente por causa do Le Corbusier 'a casa é uma máquina de morar', nós estávamos querendo fazer eram máquinas*".

Sendo a maior parte dos professores composta por engenheiros, a formação do arquiteto da EABH possuía um enfoque marcante na área de ciências exatas, da tecnologia e da construção, "*eu me importava mais com o funcionamento, com o conteúdo, a racionalidade do projeto, do que propriamente com a parte plástica, de forma que isso seria uma consequência, se as pessoas dentro do prédio sentissem bem, confortáveis, sem dar goteiras, (...) por isso eu me tornei um mecanicista*".²³

Mas a formação dos alunos da EABH passou também por um básico no qual estavam os cânones da arquitetura "*nosso livro era obrigatoriamente Vignola, sobre as colunas romanas, gregas, foi bom porque aquilo dá um senso de proporção, porque é modulado, então você aprende, educa o olho e a mão, eu tive essa formação*".²⁴

O corpo docente da EABH era composto por profissionais da cidade e professores de outros cursos superiores. O quadro de professores era assim distribuído²⁵ :

Prof. João Kubitschek de Figueiredo - engenheiro, foi diretor da Escola em duas gestões, de Agosto de 1937 a Agosto de 1938 e de agosto de 1943 a agosto de 1946- lecionava Geometria Descritiva. Foi governador do Acre de 1952 a 1954. / **Prof. Martim Francisco Ribeiro de Andrada** - engenheiro - era professor da cadeira de Materiais de Construção / **Prof. João Boltshauser**, mineiro de Sabará, nasceu em 1902, desenhista, filósofo, professor e teatrólogo. Autor de projeto de casa para

²² Regimento Interno da Escola de Arquitetura de Belo Horizonte.

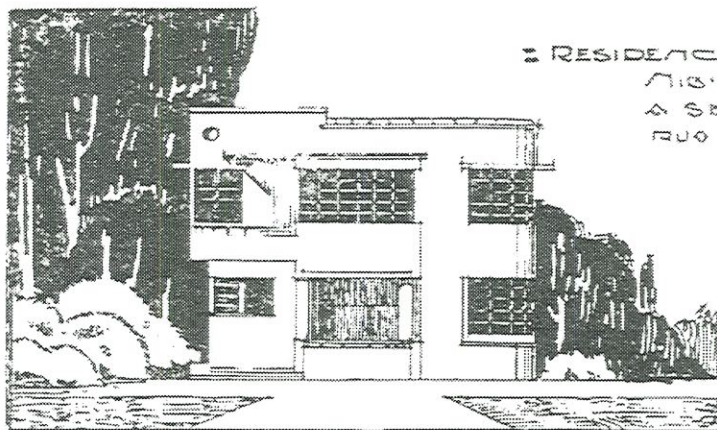
²³ Raphael Hardy Filho - depoimentos em 09/04/96.

²⁴ Raphael Hardy Filho - depoimentos em 09/04/96.

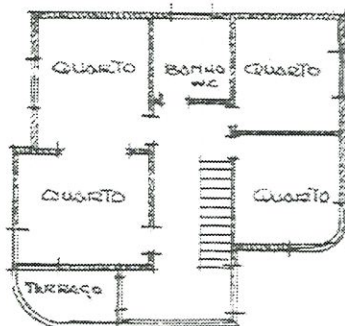
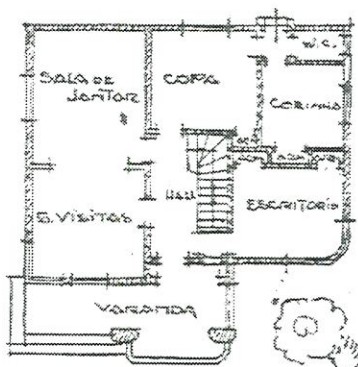
²⁵ Para compor este quadro, foi feito um cruzamento de informações obtidas na revista "Arquitetura" de 1935, na publicação "1930-1970-Escola de Arquitetura UFMG" e, no texto de João Kubitschek de Figueiredo.

operário, em 1927, foi responsável pela parte estrutural da proposta de reforma do Teatro Municipal elaborada com o artista Érico de Paula. Possui diversos trabalhos publicados pela EA/UFMG : Noções de Evolução Urbana nas Américas, em três partes (1959/1961); História da Arquitetura, em seis volumes (1963/ 1966); e Evolução Urbana nas Américas, em dois volumes (1968/ 1969). Publica também dois textos na Revista Arquitetura, pertencente aos estudantes da escola; no número 1 de maio de 1935- “Algumas notas a respeito de piscinas”; e, no número 2 de junho de 1935,- “O isolamento acústico nos edifícios”. Falece em Belo Horizonte em 1974 - prof. da cadeira de Arquitetura Analítica, em que analisa as formas arquitetônicas e sua evolução, depois foi professor das disciplinas de História da Arquitetura e Evolução Urbana no curso de Urbanismo. / **Prof. Luiz Porto Maia** - professor de Matemática Superior / **Prof. Aníbal Pinto de Matos**, nasceu em Vassouras/RJ em 1889 e faleceu em BH em 1969. Pintor, desenhista, escritor, jornalista, historiador de arte, paleontólogo e professor. Estudou no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, depois na Escola Nacional de Belas Artes, em 1917, a convite, muda-se para Belo Horizonte para ser professor da Escola Normal Modelo. Criou a Sociedade Mineira de Belas Artes, responsável pela organização das exposições de belas artes que deram origem aos salões de arte. Proferiu a aula inaugural da Escola de Arquitetura de Belo Horizonte no dia 02 de maio de 1931, falando sobre arquitetura e suas origens. Trabalhou por 27 anos na escola, onde foi diretor por quatro vezes. Publicou como historiador de arte os livros: “Mestre Valentim e Outros Estudos” (1934); “Monumentos Históricos, Artísticos e Religiosos de Minas Gerais”(1935); “Arte Colonial Brasileira”(1936) - lecionava Desenho / **Prof. Saul Macedo e Prof. Laborne Tavares** - ambos engenheiros, eram professores das disciplinas Resistência dos Materiais, Grafostática e Estabilidade das Construções. / **Prof. Otávio Goulart Pena** - mineiro de Juiz de Fora, engenheiro civil, formou pela Escola Livre de Engenharia de Belo Horizonte, em 1922. Realizou uma pesquisa histórica sobre a cidade de 1711 a 1930, publicada em 1950 como “Notas Cronológicas de Belo Horizonte”. - foi professor de Perspectiva e sombras e Estereotomia dos materiais. / **Prof. Rafaelo Berti** - arquiteto e pintor, italiano. Diplomou-se em arquitetura pela Real Academia de Belas-Artes de Carrara, Itália em 1921. Mudou para o Rio de

Janeiro em 1922, trabalhou no Escritório Técnico de Heitor de Melo, detalhando projetos como o Pavilhão para Exposição Internacional do Rio de Janeiro (1922), sede do Jôquei Clube e do Hospital Gaffré Guinle, com os arquitetos Arquimedes Memória e Francisque Cuchet. Em 1930, transfere-se para Belo Horizonte. Realiza diversos projetos na capital mineira, dentre eles a Casa di Italia - Società Italiana Operaia di Beneficenza e Mutuo Soccorso (1935); a Prefeitura Municipal (1935); Palácio Arquiepiscopal (1937). Como imigrante italiano não naturalizado, não pode assinar seus projetos no período de 1930 a 1938, os quais foram assinados pelo amigo e sócio Luiz Signorelli.- Foi professor das cadeiras de Composições Decorativas e Arquitetura Paisagística. / **Prof. Manoel Marques Fonseca** - engenheiro - lecionou a disciplina de Física Aplicada. / **Prof. Paulo de Andrade** - catedrático de Higiene das Habitações e Saneamento das Cidades. / **Prof. Luiz Signorelli** mineiro de Cristina, arquiteto e pintor. Formou-se pela Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro em 1925, participou do Salão Nacional de Belas Artes em 1923 e 1926. Foi fundador e organizador e primeiro diretor da Escola de Arquitetura de Belo Horizonte, hoje UFMG. Em 1928, fixa residência em BH e atua em inúmeros projetos na capital e no estado, dentre eles a sede do Automóvel Clube (1927/ 1929) e o prédio da Alfândega (1926/ 1929), atual Secretaria da Agricultura. Em Araxá, fez o Grande Hotel e Balneário (1937/ 1945) - foi professor de Grandes Composições de Arquitetura. (FIGURA 01). / **Prof. Benedito Quintino dos Santos** - professor de Prática Profissional e Organização do Trabalho. / **Prof. João Gusman Júnior** - lecionou Urbanismo e Arquitetura Paisagística, em 1946. **Prof. Lincoln Campos Continentino** - engenheiro sanitário, foi o responsável pela cátedra de Urbanismo. / **Prof. Bruno Graflinger** - é também um dos arquitetos do Departamento de Arquitetura do Estado, não foi encontrado nenhum dado a respeito de sua formação, a única referência verificada são 3 projetos publicados na revista "Arquitetura" do D.A - EABH : Pavilhão Central do Instituto Ezequiel Dias (BH); Interior de um aeroporto - Hall de Recepção; Arquitetura Industrial (fantasia). / **Prof. Angelo Murgel** - arquiteto, não foi possível a confirmação de sua atuação como professor, em função de informações contraditórias.



RESIDENCIA DO DR
MIGUEL FOLTRAMIS
A SER CONSTRUIDA A
RUA ENDOADAS (STANTONIO)



PROJETO DE ESCRITORIO
SIGNORELLI

DESENHADO POR E. PINO COELHO
E ABM 58410

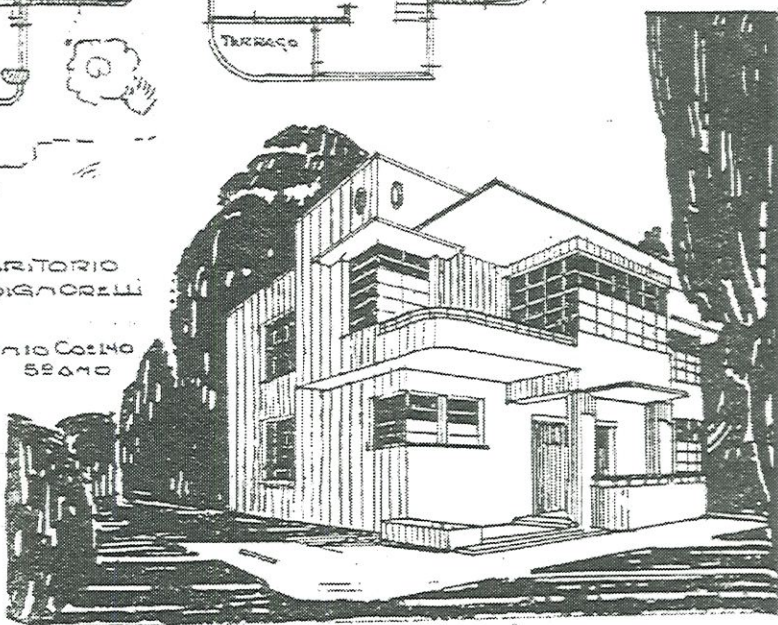


FIGURA 01 - Projeto Residência - Luiz Signorelli

Sobre os dois professores arquitetos da disciplina de Composições de Arquitetura, VASCONCELOS (1962) escreve: “... Signorelli, exímio aquarelista, diplomado pela Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, de onde trouxe o colonial, que difundiu em inúmeras obras públicas por todo o Estado, e seu companheiro de escritório, Rafaelo Berti diplomado na Itália, sob a influência do ‘Modernismo’ então lá vigente, informado pelas teorias de Marinetti, mas sujeito ainda, em parte, ao ‘art-nouveau’ manifestado nas decorações florais estilizadas geometricamente e, em parte, ao fundo classicista italiano, caracterizado pelo amor à simetria, ao monumental e à escultura. São os dois primeiros arquitetos de categoria que trabalharam em Belo Horizonte. Foram eles que começaram a criar ‘escola’ na nova capital, dignificando a profissão e formando uma série de desenhistas de arquitetura já não mais apenas fachadistas.”²⁶

Belo Horizonte passava pelo mesmo processo de indefinição da estruturação de um novo caminho para a arquitetura. Havia um descontentamento com a continuidade da arquitetura neoclássica deixada pela Comissão Construtora e implantada até aqueles dias. Essa procura e incerteza estavam presentes também nos caminhos dos arquitetos que ali foram na década de 20; a mesma dúvida sobre qual seria a arquitetura verdadeiramente brasileira, como aconteceu na Semana de 22. É bom lembrar que, naquele momento, havia indícios de que a expressão arquitetural seria o neocolonial. Para os arquitetos Signorelli e Berti, inseridos no espírito da época, essa arquitetura nova estava vislumbrada no Art Decô. Basicamente a esses dois arquitetos foram relacionadas as obras edificadas em Belo Horizonte e denominadas de “estilo cubista” ou “pó de pedra”, que é o nome dado à argamassa de cimento com lâminas de mica.

As excursões também faziam parte da proposta curricular da Escola de Arquitetura de Belo Horizonte, proporcionando “(...) visita à obras e instalações públicas ou particulares, no estudo das cadeiras técnicas como as de arte.”²⁷ Várias foram as excursões dos estudantes de arquitetura, conforme HARDY (1996) “(...)era uma

²⁶ Vasconcelos, Sylvio. - “Noções sobre arquitetura”, Belo Horizonte, Editora da Escola de Arquitetura da Universidade de Minas Gerais, 1962, pág. 29/30.

²⁷ Regimento Interno da Escola de Arquitetura de Belo Horizonte

viagem de estudos, arranjavam subvenção do governo, hospedagem.” Visitaram São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires, Porto Alegre. Numa dessas viagens os estudantes estiveram em Uberlândia como nos conta Lycídio Paes, em um artigo no jornal da cidade, logo após a morte de João Jorge Coury. “A Segunda turma a nos felicitar foi a dos alunos de arquitetura. O interventor recomendou com menos empenho, mas recomendou. As despesas foram reduzidas e não usaram carro senão na chegada e na saída. Desta falange João Jorge Coury fazia parte e, se não era o chefe – porque nenhum se apresentou com este título – parecia ter sobre os outros certa ascendência. Revelaram um propósito, ou melhor, uma finalidade que explicaria a excursão. Pediram a cessão de uma sala, o que obtivemos com facilidade e gratuitamente, e montaram uma bela exposição de plantas, desenhos e trabalhos relativos ao curso que realizavam. Convidamos a população a visitar a mostra e, se não houve grande comparecimento, registrou-se todavia a presença de uma parcela selecionada da sociedade. Não foi assim vazia de significado a recepção oferecida aos futuros arquitetos.”²⁸

Traçando um paralelo entre as modificações ocorridas na ENBA e estruturação do curso da EABH, podemos avaliar alguns pontos. O momento de implantação da EABH coincide justamente com o período em que Lúcio Costa passava pela Direção da ENBA.

Enquanto a ENBA possuía professores de projeto que já faziam uma arquitetura considerada de vanguarda, “Moderna”, na EABH, os professores de projeto conheciam essa nova arquitetura, e até podiam nela acreditar, mas, nos seus escritórios, ela não estava presente, traduzindo um momento de dúvidas que existia até em Lúcio Costa pouco antes de assumir a Direção da Escola.

A reforma da ENBA visou montar um ensino técnico - científico; a Escola de BH teve também essa preocupação com a técnica nova, percebida pela ênfase nas ciências exatas no currículo. Na ENBA, continuaram estudando os clássicos como orientação crítica e não para aplicação direta. Hardy, ex - aluno da EABH, cita Vignola pelo sentido de proporção e educação do olhar.

²⁸ Paes, Lycídio – “Perda Sensível” – in Jornal Correio de Uberlândia.

Todos esses pontos se convergem com a montagem do Salão de 31, que, segundo COSTA (1995), “foi o canto de cisne da tentativa de reforma e atualização do ensino das artes no país, e, no que se refere à arquitetura, da integração plástica - ou seja da arte - na nova tecnologia construtiva”; nos mesmos moldes, aconteceu em Belo Horizonte o Salão de 36, ou “Salão Bar Brasil”, com a participação dos alunos da EABH, que estudaremos ainda neste capítulo.

Pelo que tenho lido e analisado, acredito ser a formação da Escola de Arquitetura de Belo Horizonte uma proposta de modificação do ensino de Arquitetura. “A *variedade formal que caracterizou o ecletismo em Minas seria pouco a pouco abafada pelo alarde das teses da arquitetura racionalista defendida pelas primeiras turmas formadas na Escola de Arquitetura de Belo Horizonte, (...)*”²⁹

A formação dos arquitetos, além da escola, passava também pelo conhecimento das vanguardas difundidas pelas revistas especializadas em arquitetura. Em pesquisa na biblioteca da hoje Faculdade de Arquitetura da UFMG, encontrei várias revistas da década de 30, mas, infelizmente não obtive dados que confirmassem a presença das mesmas nas mãos dos estudantes do período. São elas:

-“**L’Architecte**” - Les Éditions Albert Lévy, Paris, França;

-“**A Casa**”, M. Segadas Vianna, Rio de Janeiro, RJ.,

-“**Acropole**” - Architectura, Urbanismo, Decoração;

-“**L’Architecture D’Aujourd’hui**”, França;

-“**L’Architettura Italiana**”, C. Crudo & C. - Società Italiana di Edizioni Artistiche , Torino;

-“**Casabella**”, Editoriale Domus , Milano;

-“**Record**”, Editora Record, São Paulo,S.P.;

-“**Revista de Arquitectura**”, órgão oficial da Sociedade Central de Arquitetos - Centro Estudantes de Arquitetura, Buenos Aires, Argentina;

²⁹ Machado, Reinaldo Guedes. “Da arquitetura eclética às experiências modernistas” In Projeto 81, São Paulo, 1985. Pág. 118

- “**Revista de Arquitetura**”, órgão oficial do Diretório da E.N.B.A. , Rio de Janeiro;
- “**La Technique des Travaux**”, Paris, França;
- “**Arquitetura e Urbanismo**” Instituto de Arquitetos do Brasil, Rio de Janeiro, Brasil.

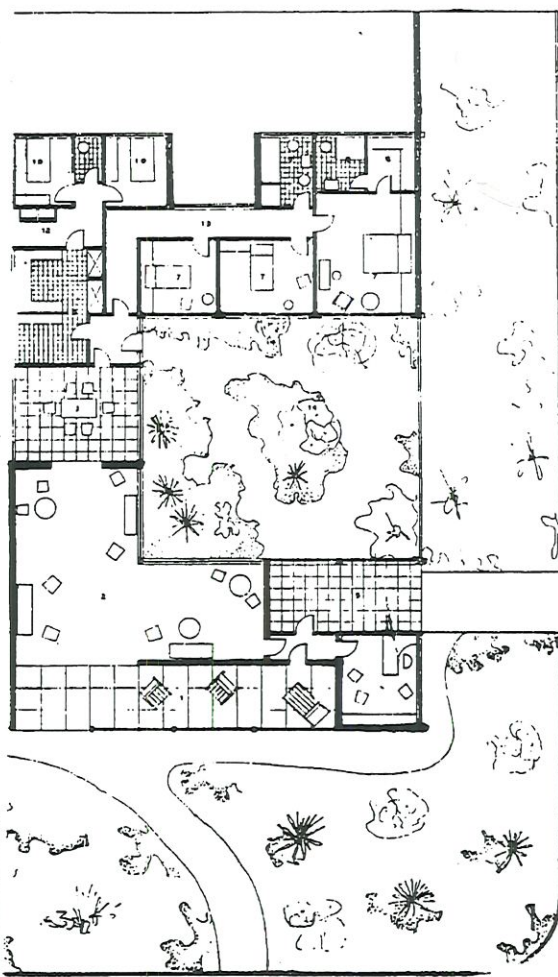
Dentre essas revistas, “L’Architecture D’Aujourd’hui” destaca-se como uma grande escola para todos os arquitetos da época. A revista “A Casa”, uma publicação nacional foi também importante para os estudantes em Belo Horizonte, pois dela retiraram projetos que publicaram na revista criada pelo Diretório Acadêmico.

Dentre os estudantes contemporâneos de João Jorge Coury na EABH, estão Luiz Pinto Coelho, Virgílio de Castro, Shakespeare Gomes, Francisco Salomé de Oliveira, Raphael Hardy Filho, Edmundo Bezerril Fontenelle, Nicola Santolia, Vicente Buffalo, Euclides Lisboa e Celso Werneck de Carvalho. De uma geração posterior, encontramos Sylvio de Vasconcelos e Eduardo Mendes Guimarães. Arquitetos que abraçaram a causa da arquitetura moderna e muitos encontraram uma projeção profissional, Hardy, Shakespeare, Virgílio de Castro, mais tarde foram professores na Escola.

Os trabalhos do prof. Hardy englobam textos teóricos, edificações e urbanismo. Quando estava no último ano do curso, foi estagiar com o professor Luis Signorelli no projeto do Hotel Balneário de Araxá, no interior de Minas. O estágio incluía o desenvolvimento diário com a obra, proporcionando o aprendizado e a preocupação com o canteiro de obras. O trabalho durou 4 anos, nesse período, desenvolveu para a cidade alguns projetos residenciais.

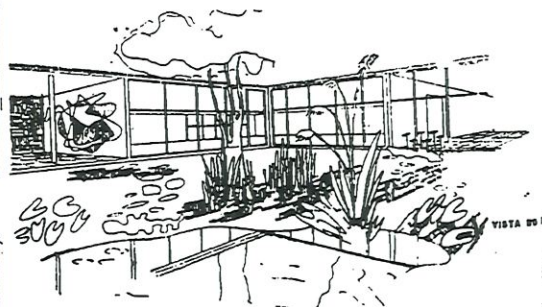
Em 1950, projeta uma residência na cidade de Uberlândia, residência José Zacharias Junqueira, mas, de acordo com o arquiteto, não teve contato com João Jorge Coury. Em aproximadamente 40 anos de profissão Hardy projetou muito, edificações residenciais, escolares, administrativas, bem como atuou em projetos urbanísticos como a Vila Operária de Antônio Dias e Ipatinga / Usiminas. (FIGURA 02)

FIGURA - Residência em Belo Horizonte
Arquiteto - Raphael Hardy Filho



RESIDÊNCIA EM BELO HORIZONTE

ARQUITETO
RAPHAEL HARDY FILHO



1 — Varanda; 2 — Living-Room; 3 Sala de almoço; 4 — Escritório; 5 — Abrigo; 6 — Cozinha; 7 — Quarto; 8 — Vestibulo; 9 — Banho; 10 — Grãda; 11 — Chuv.-W.C.; 12 — Serviço; 13 — Circulaçãõ; 14 — Pátio.

FIGURA 02 — Residência em Belo Horizonte — 1956
Arquiteto — Raphael Hardy Filho

Shakespeare Gomes, formado em 1937 pela EABH, posteriormente foi professor e diretor dessa mesma instituição, dentre seus projetos, destacamos a sede da atual Escola de Arquitetura, um trabalho da década de 40, que contou como co-autor Eduardo Guimarães.

Eduardo Mendes Guimarães Júnior, formado pela Escola de Arquitetura da Universidade de Minas Gerais em 1945, foi professor dessa mesma instituição e chefe do Escritório de Planejamento da Cidade Universitária. Entre as muitas residências e edifícios, que me deixaram perplexa frente à qualidade arquitetônica, ainda desconhecida fora de BH, Eduardo projetou o Estádio Magalhães Pinto (Mineirão). Foi editor da revista “Arquitetura e Engenharia”, em Belo Horizonte, e escreveu também uma tese para a cátedra “Forma e Conteúdo da Arquitetura Contemporânea”. Faleceu precocemente em 1968. (FIGURA 03 e 04)

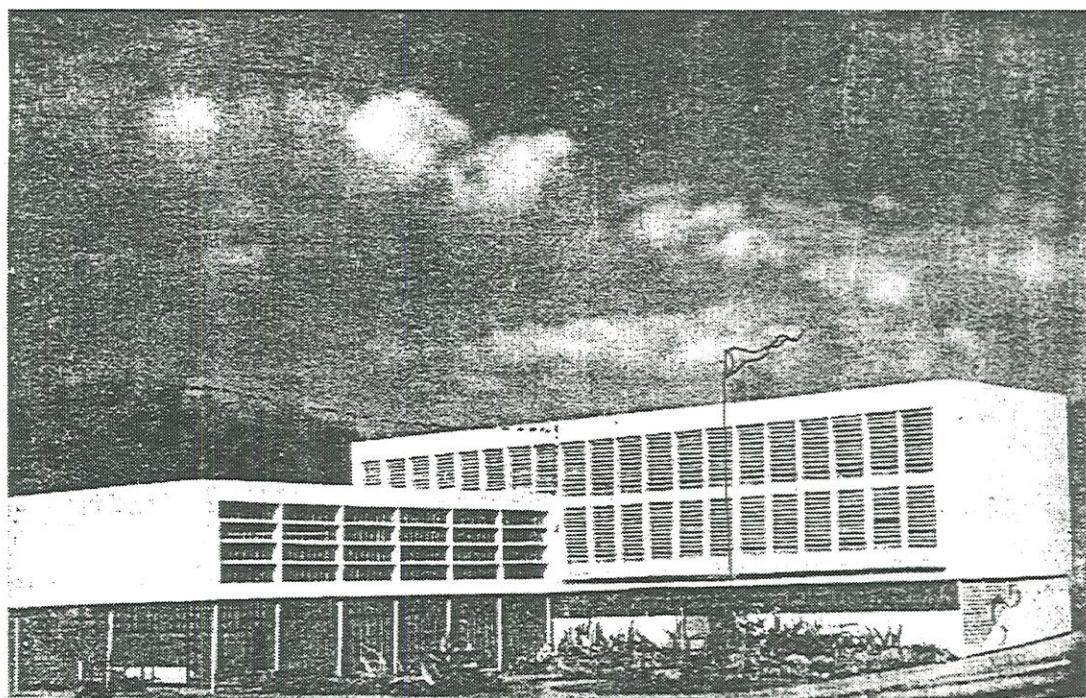


FIGURA 03 - Projeto Sede Escola de Arquitetura da Universidade de MG - BH
Arquitetos - Shakespeare Gomes / Eduardo Mendes Guimarães

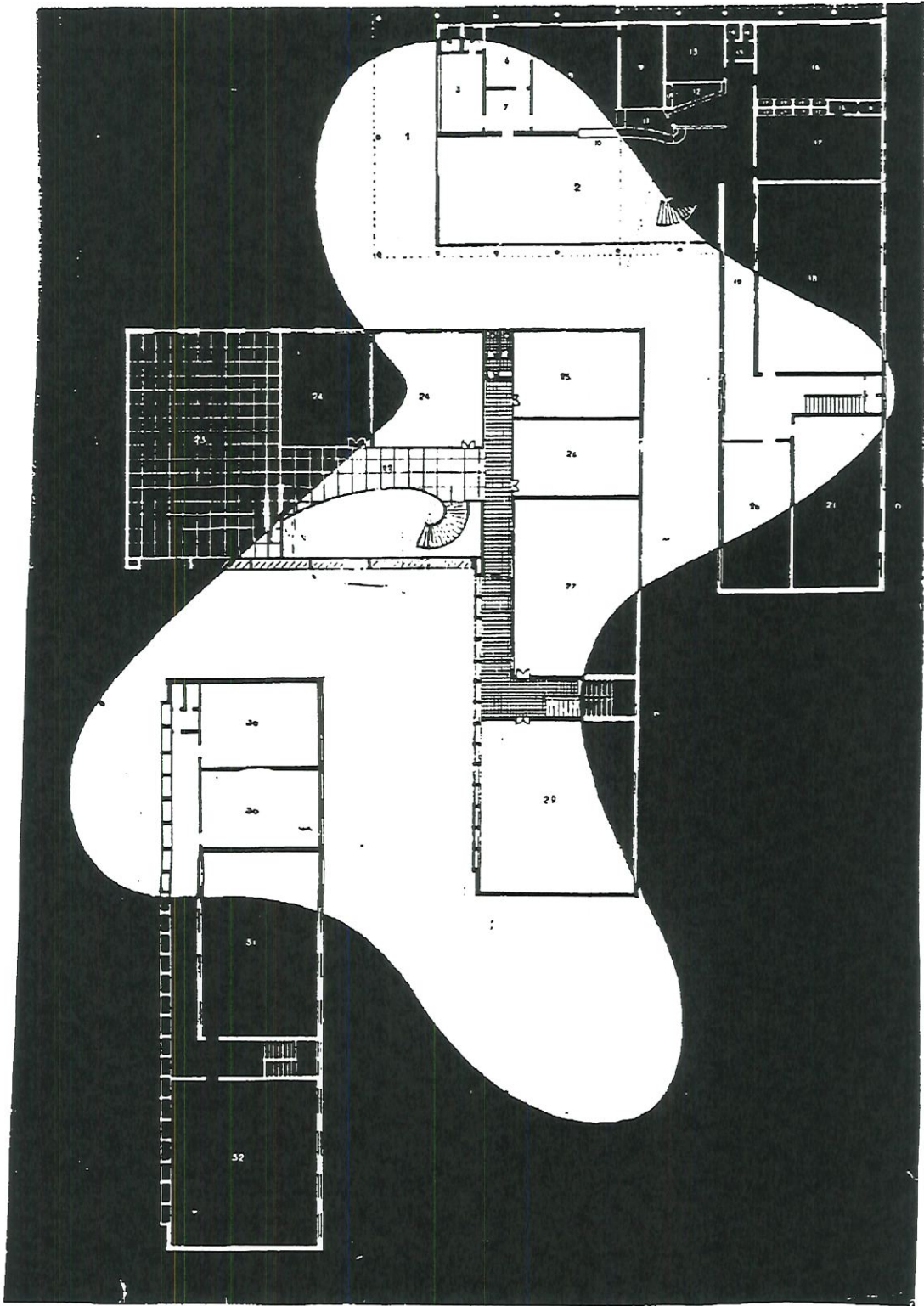


FIGURA 04 - Projeto Sede Escola de Arquitetura da Universidade de MG - BH - Plantas
Arquitetos - Shakespeare Gomes / Eduardo Mendes Guimarães

Sylvio Carvalho de Vasconcellos, diplomado pela Escola de Arquitetura da UMG em 1944, mais tarde foi professor dessa instituição. Foi o primeiro diretor do Patrimônio Histórico em Minas Gerais. Dedicou-se à preservação e ao estudo da nossa arquitetura colonial. Deixou-nos uma significativa obra arquitetônica, assim como uma importante obra literária ligada à arquitetura e às artes. Depois de 1964, foi lecionar em Brasília e Santiago do Chile. Faleceu em 1979.

Além da inovação de ser o primeiro curso criado desvinculado da Politécnica e Belas Artes, o curso da EABH apresenta, ainda, um enfoque inovador em relação à inclusão da disciplina de Urbanismo em seu currículo. Acredito ser um dos primeiros cursos de urbanismo fora de São Paulo, onde Anhaia Melo insere a disciplina nos anos 20 na Politécnica e Lúcio Costa chamou Atílio Correia Lima para a disciplina na ENBA. A disciplina de Urbanismo é inserida nos cursos de arquitetura, somente depois da nova proposta dos arquitetos modernos, que é trabalhar arquitetura e cidade, incorporando o que antes era, função dos engenheiros sanitaristas. Segundo ARGAN (1992): “...se o problema da arquitetura é colocado, como o é necessariamente, em escala urbanista (...) a figura profissional do arquiteto : antes de ser um construtor, deve ser um urbanista, projetar o espaço urbano.”

Esse interesse é evidenciado pela criação do curso de pós graduação como especialização, em Urbanismo, na Escola de Arquitetura de Belo Horizonte, que se dá em abril de 1950. Com duração de 2 anos, conferiu grau de Urbanista reconhecido pelo CONFEA/CREA, e esteve vigente até 1990. Da primeira turma que concluiu em final de 1951, fazia parte, dentre outros, Sylvio de Vasconcelos e Francisco Salomé de Oliveira, esse último contemporâneo do Coury.

(SAIA -1959) “Em 1955, o problema da formação de profissionais de arquitetura, em termos de enfrentar o campo do planejamento, é proposto aos estudantes reunidos em Congresso, em Belo Horizonte. A intenção que dormia no nome da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo é transformada num organismo, Centro de Estudos e Pesquisas de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, (...)está certamente destinado a cumprir uma tarefa importante neste setor da atividade profissional do arquiteto paulista: a organização da pesquisa e a

sistematização das informações disponíveis e indispensáveis. (...) Em 1956, os estudantes promovem um Curso Complementar de Urbanismo e Planejamento, organizado pelo autor deste apanhado, cuja procura vai além de 350 interessados, estudantes e profissionais formados.”³⁰

Os diplomas concedidos pela EABH de Engenheiro - Arquiteto, foram registrados pelo CREA – Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura, somente em 1940, recebendo os recém formados uma licença especial para atuarem no Estado de Minas Gerais. Em função de dificuldades financeiras, no ano de 1944, a Municipalidade de Belo Horizonte assumiu a Escola. Logo depois, no mesmo ano, ela foi reconhecida pelo Governo Federal de Getúlio Vargas, num decreto assinado pelo Ministro Gustavo Capanema. Em 1946, a escola foi incorporada à Universidade de Minas Gerais. Em 1949, é federalizada, atualmente é denominada Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais.

³⁰ SAIA, Luís.” - “Arquitetura paulista.” In Diário de São Paulo, São Paulo, 1959 apud XAVIER, Alberto, “Arquitetura Moderna Brasileira - Depoimento de uma geração” São Paulo, Editora Pini, 1987.

1.2 - A Revista “Arquitetura”

O Diretório Acadêmico da Escola de Arquitetura de Belo Horizonte foi criado em novembro de 1933³¹, com atuação efetiva dentro da escola.

O Diretório Acadêmico publica, em 1935, um “Mensário oficial dos alunos da Escola de Arquitetura de Belo Horizonte” intitulado “**Arquitetura**” com subtítulo “Engenharia, Decoração, Urbanismo”. A Direção da revista ficou a cargo do estudante Shakespeare Gomes, a redação com João Jorge Coury e a secretaria com Francisco Salomé, todos alunos da primeira turma da escola de B.H. Essa revista foi editada nas Oficinas da Imprensa Oficial.

Em pesquisa levantada no “Itinerário da Imprensa de Belo Horizonte 1895 -1954”³², referente à coleção Joaquim Nabuco Linhares, obtivemos a informação de que seis números circularam, sendo o primeiro publicado em maio de 1935. Não cita, porém, a data de publicação da última revista. Uma nova revista com o mesmo título e também órgão dos alunos da Escola de Arquitetura foi publicada em 1946, mas Maria Ceres Castro, que possui o estudo crítico e as notas biográficas desse inventário, conclui: sem “...*nada, porém, de comum entre as duas*”.

Desses 6 (seis) números indicados, somente 3 (três) nos foi possível encontrar, nos arquivos e bibliotecas de Belo Horizonte: n° 1 - maio de 1935 ; n° 2 - junho 1935 e n° 3 - julho/agosto de 35 (FIGURA 05). A leitura e análise desses três periódicos indica-nos o teor das discussões e informações que os alunos do curso de arquitetura de Belo Horizonte impuseram, dentre os quais participava, como redator o arquiteto em estudo. A importância dessa publicação aumenta, também, pelo fato de ser a primeira revista de arquitetura e urbanismo editada em Minas Gerais.

³¹ A criação do DA - Escola de Arquitetura teve a primeira chapa, eleita na data de sua fundação, composta por: Presidente: Shakespeare Gomes; Vice-presidente: Virgílio de Castro; 1° Secretário: João Jorge Coury; 2° Secretário: Fildo Scarpelli; Tesoureiro: Juscelino Ribeiro; Bibliotecário: Raphael Hardy Filho.

³² Possui o estudo crítico e nota biográfica de: Maria Ceres Pimenta S. Castro. Editora UFMG. BH. 1995.

De acordo com a direção, “Esta revista surge, para focalizar sob os mais variados aspectos o problema da arquitetura no Brasil seguindo outras modalidades que lhe estão ligadas intimamente, como o urbanismo, decoração etc. e também tornar conhecida a missão social do arquiteto, interpretar e defender com entusiasmo os interesses morais e materiais da profissão, criar em suma um ambiente favorável às manifestações de arte em geral”.



FIGURA 05 – Capas da Revista “ARQUITETURA”

Belo Horizonte, nesse período, possui um ambiente artístico e cultural calmo, sem a presença das grandes vanguardas: “*O nosso ambiente é deveras acanhado apesar dos esforços que aqui se fazem pela arte mineira*”.³³ Na leitura do programa publicado no primeiro número, não transparece o interesse da revista em direcionar o pensamento, ou criar um grupo de vanguarda, o que se pretende é publicar artigos que possam ir de encontro com idéias existentes “*...uma vez que teremos de lutar com fatores de ordem cultural e econômica*.”³⁴

Analisando os três números, podemos perceber que os artigos se fecham em três categorias: Projetos, Textos Técnicos, Textos relacionados ao Urbanismo.

Somente no 1º número, 2 textos, “*A função Social do Arquiteto*” e “*Arquitetura Clássica ou Funcional?*”, não estão enquadrados nessa divisão, são textos mais polêmicos. No primeiro, o engenheiro-arquiteto Aurélio Baptista Lopes transmite aos jovens o valor da arquitetura “*(...) o exato julgamento no futuro da atual civilização depende da cultura e da sensibilidade do Arquiteto, porque nas suas obras ele sintetizará as tendências intelectuais e as conquistas materiais da atualidade*”. Critica os executores da arquitetura, que a mutilam, e o ecletismo ainda reinante em nossas cidades, “*inexpressivo e desconcertante*”. Defende que a Arquitetura “*(...) pela simplicidade, modéstia e justa adaptação ao ambiente, mostre o grau de civilização que já atingimos*”.

No segundo texto, Paulo Costa, engenheiro civil, comenta a polêmica que ainda existe com relação ao tema “*Clássico ou Funcional?*”. Faz a defesa da teoria “*A forma segue a Função*”, “*(...) a forma vem a seu tempo, sem nenhuma preocupação (...), aponta para a importância da ligação do edifício ao solo e ao ambiente; pensa na globalização dos costumes e do ambiente, bem antes da massificação da televisão, (...), o cinema permite o conhecimento visual, o rádio transmite o pensamento. O nível médio de conforto sobe, e a vida tende a ser vivida do mesmo modo em toda parte*”. Cita a tendência de uniformidade dos materiais, questiona o concreto como material universal, pois então a arquitetura também o seria, ou seja, configurar-se-ia o “*Estilo Internacional*”.

³³ “Nosso Programa”- In *Arquitetura* n° 1, maio 1935, pág. 4

³⁴ opus cit.

Os Projetos arquitetônicos, basicamente de alunos do 5º ano do curso, são projetos residenciais (FIGURA 06), comerciais (projeto de um restaurante) (FIGURA 07), desenho de portões, projeto de interiores, provavelmente trabalhos executados na cadeira de Pequenas Composições de Architectura. (FIGURA 08)

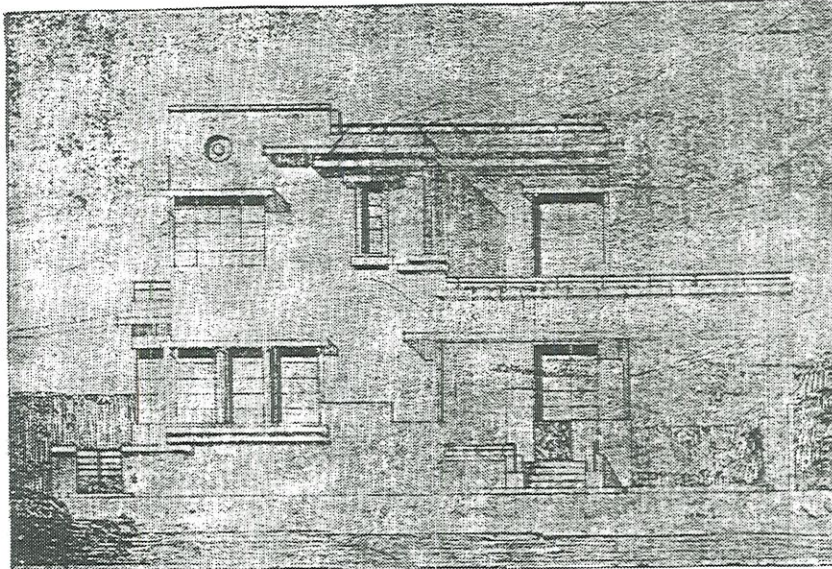


FIGURA 06 – Estudo de uma residência
Celso Wernwck e Luiz Pinto Coelho – alunos 5º ano - EABH

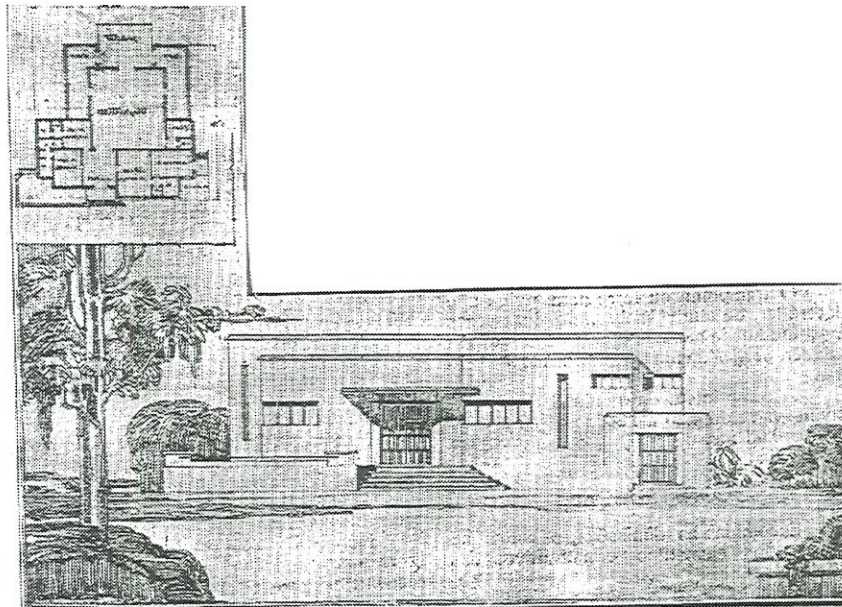


FIGURA 07 – Estudo de um restaurante – Vicente Buffalo – aluno do 5º ano da EABH

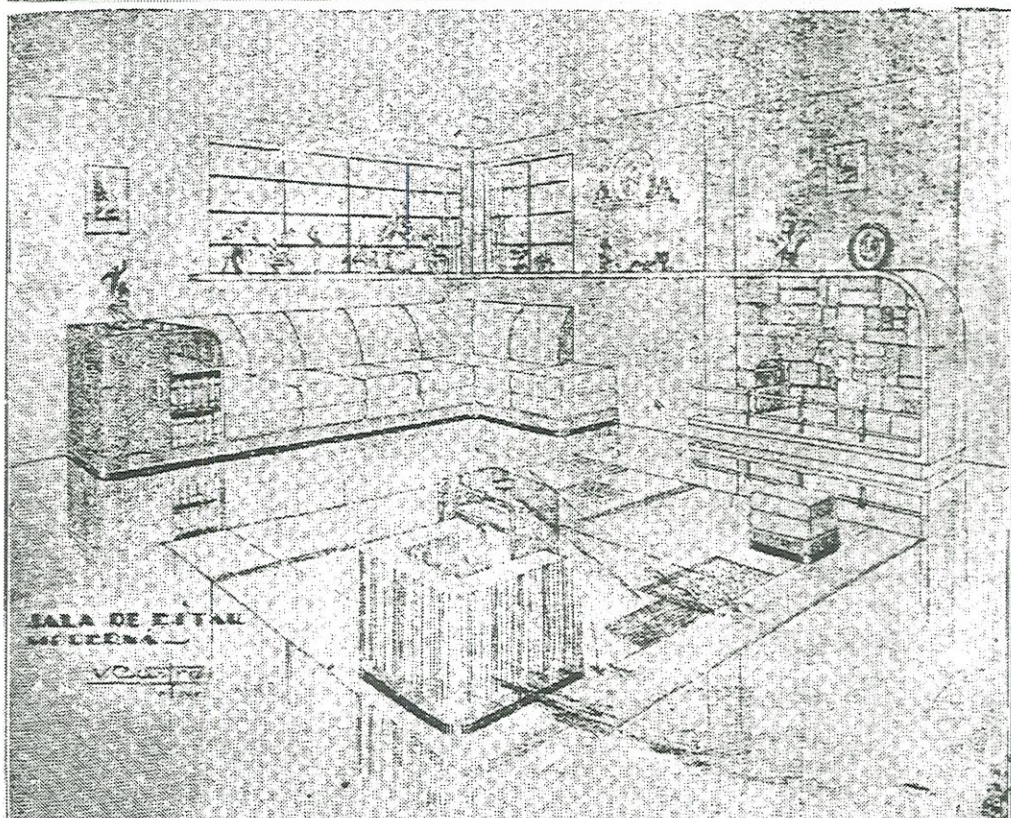
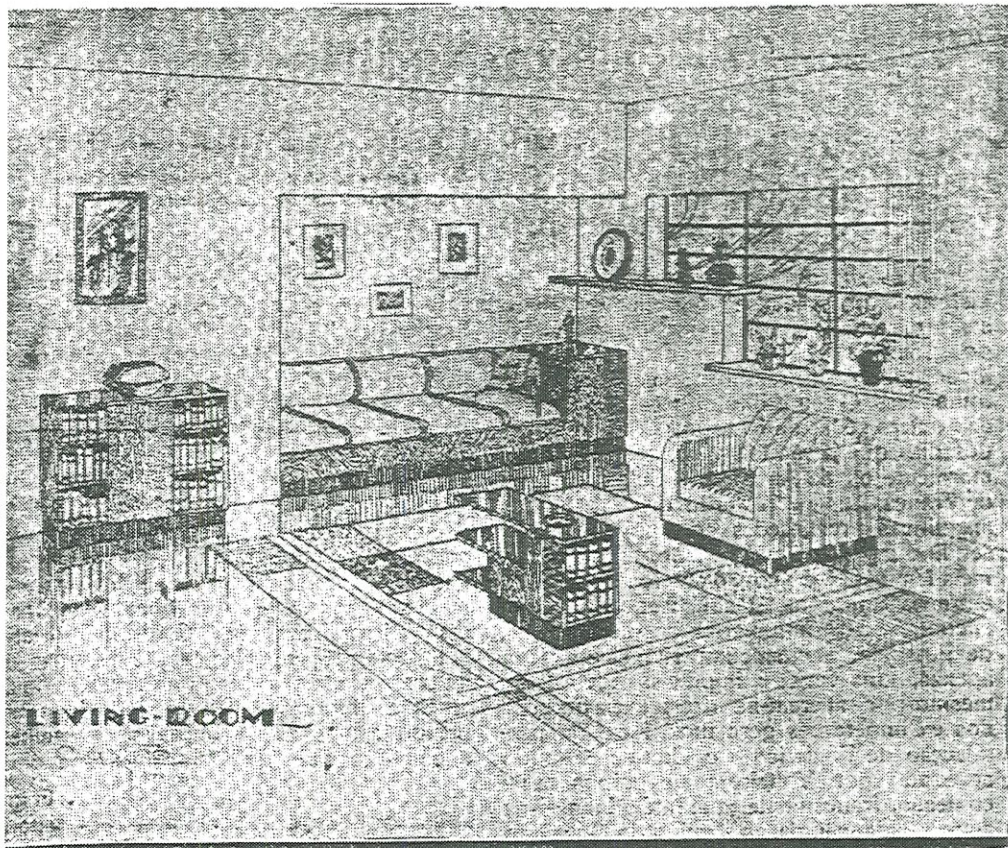


FIGURA 08 – Interior Moderno – Virgílio de Castro – 5º ano EABH

Em sua maioria, os projetos não são acompanhados de um texto explicativo. Pequenas observações com relação à fachada e à planta raramente acontecem, “*O carácter da habitação, revelado pela fachada que reproduz a ilustração, está, como se pode observar, em perfeita concordância com o seu destino, seguindo as normas da arquitetura moderna, bastante simples. ...A planta desta casa, estudada de acordo com o local, preenche as condições necessárias para este gênero de arquitetura, obedecendo a um traçado original, econômico e confortável.*”³⁵ Nesse caso, texto e projeto não se correspondem. O discurso “moderno” está mais presente no texto.

Em relação aos projetos publicados dos professores arquitetos, cabe ressaltar os dois projetos de Bruno Graflinger: - Projeto do Pavilhão Central do Instituto Ezequiel Dias (FIGURA 09), com plantas e perspectivas, uma composição que emprega uma perfeita simetria; um Hall de recepção no interior de um aeroporto; e o projeto de uma futurista “*Arquitetura Industrial*”³⁶ (FIGURA 10), que é, segundo Sant’Elia, a arquitetura do cálculo, da audácia temerária, da experiência científica e técnica, em que o arquiteto não é o homem da catedral, do palácio, mas do grande albergue, da estação ferroviária e, no caso, da indústria.

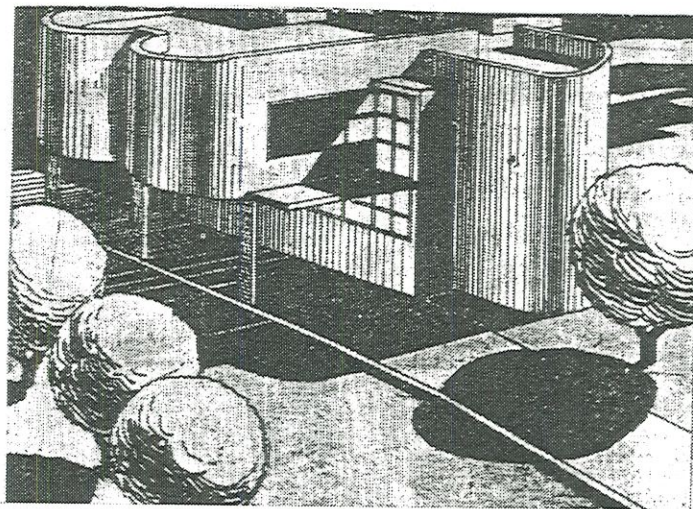


FIGURA 09 – Instituto Ezequiel Dias
Arquiteto – Bruno Graflinger

³⁵ “Casa de Campo” - In *Arquitetura* n° 1, maio 1935, pág.8

³⁶ *Arquitetura industrial - fantasia de Bruno Graflinger*, In *Arquitetura*, n° 1, pág. 32.

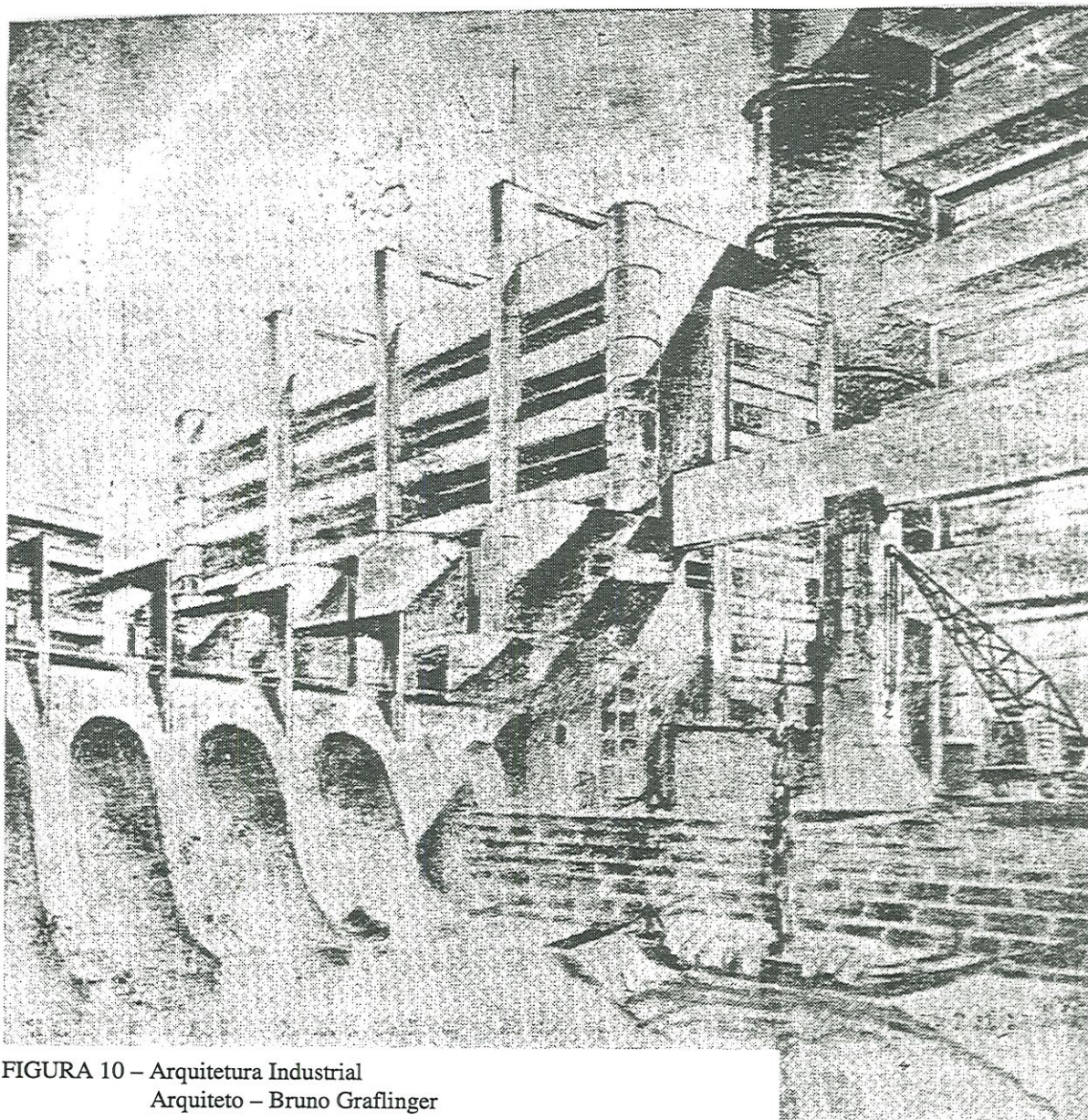


FIGURA 10 – Arquitetura Industrial
Arquiteto – Bruno Graflinger

Projetos de outros professores, Raphaelo Berti e Luis Signorelli, podem também ser vistos nas revistas: Casa d'Italia em Belo Horizonte, Residências Dr. Foltran, Antônio Mello, Dr. Catão Gomes, e o Palácio da Municipalidade (FIGURA 11), todos em Belo Horizonte; somente este último vem acompanhado de um memorial explicativo do projeto, no qual o autor dignifica a grandiosidade e monumentalidade da obra: *“A fachada principal, lançada em linhas modernas e obedecendo na sua estrutura e no seu conjunto aos moldes da architectura contemporânea, salienta-se pela imponência do seu torreão lateral esquerdo, vazado por grandes Vitraes de concreto armado. A sobriedade das linhas e a severidade de sua concepção, fazem com que o edifício apresente aquelle character todo especial, imposto pelas suas finalidades.”*³⁷

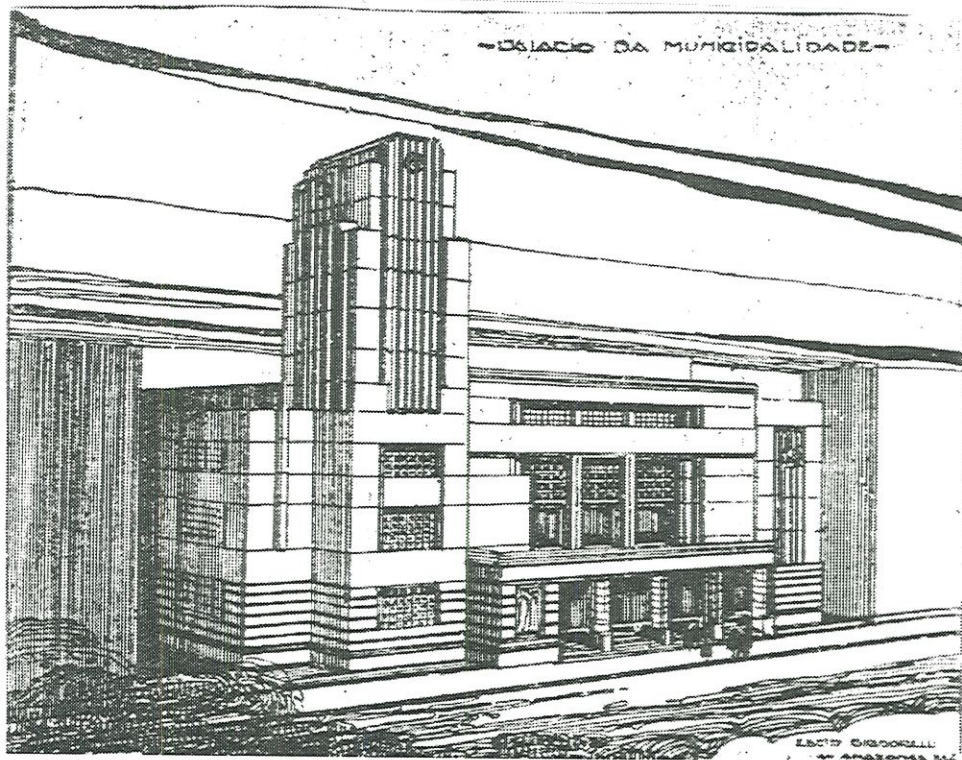
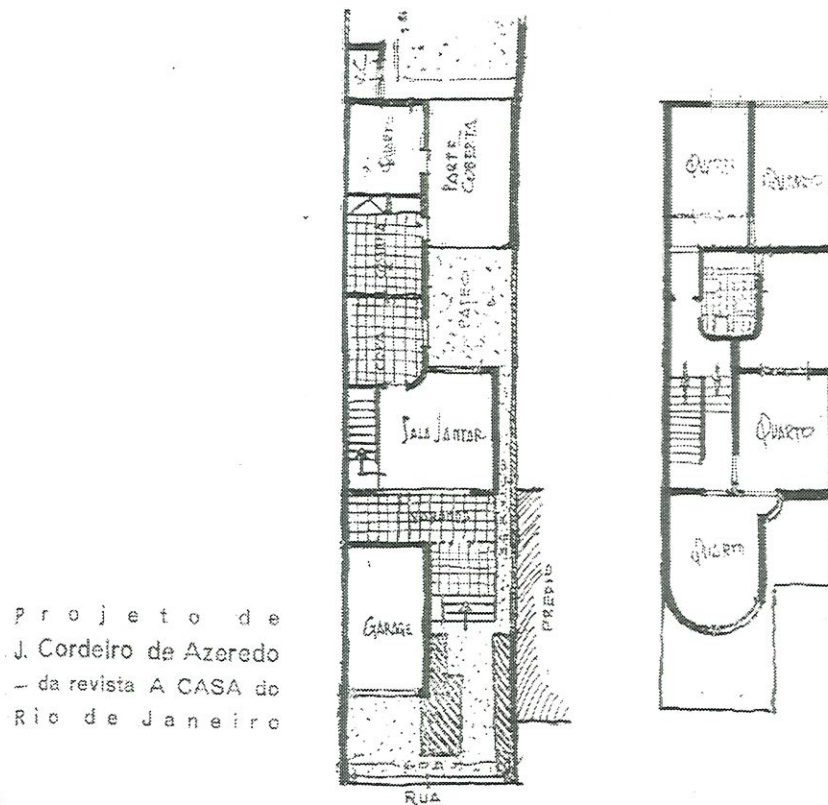
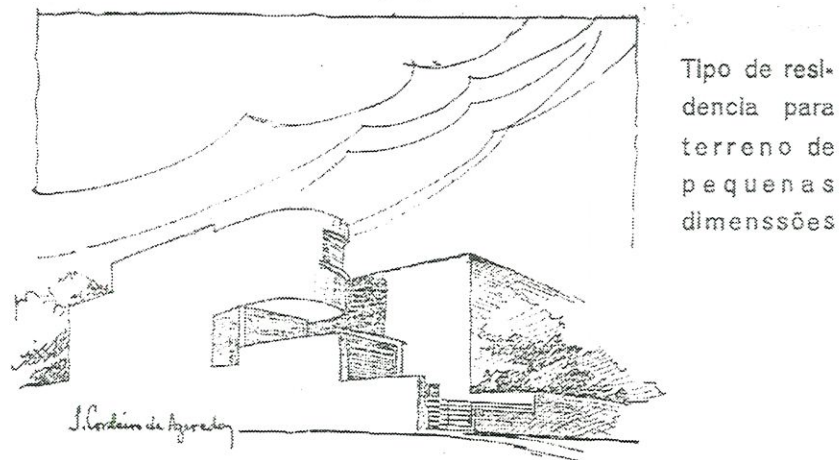


FIGURA 11 – Palácio da Municipalidade – perspectiva fachada principal
Projeto : Luiz Signorelli – professor da EABH

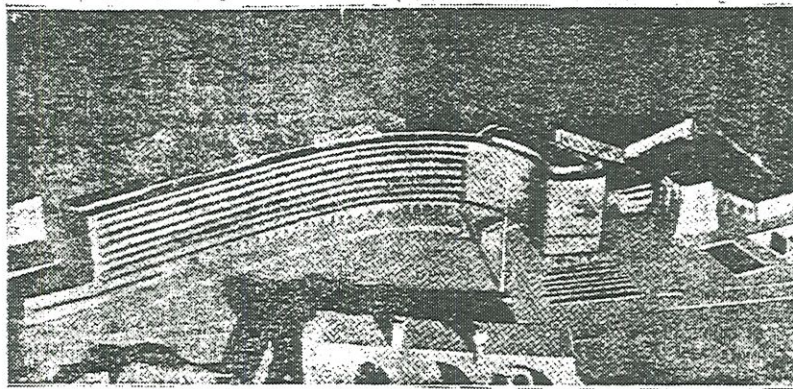
³⁷ Signorelli, Luiz - Palácio da Municipalidade, In Arquitetura n° 3, julho/ago. 1935, pág. 6

Retirados da revista “A Casa”, uma publicação carioca dessa década de 30, reproduziram dois projetos do arquiteto J. Cordeiro de Azevedo, ambos residenciais: tipo de residência para terreno de pequenas dimensões (FIGURA 12) e tipo de residência econômica. A revista “A Casa”, do Rio de Janeiro, era um dos periódicos que circulavam entre os alunos da Escola de Arquitetura de Belo Horizonte, segundo depoimento do arquiteto e colega de João Jorge Coury, Raphael Hardy Filho.

FIGURA 12 – Projeto de residência – publicação “Arquitetura”
Arquiteto – J. Cordeiro de Azevedo



Ainda nessa seção encontramos a publicação: - “A *architectura no estrangeiro*”, em que é apresentado um dos projetos do concurso para Casa Littoria na Itália (FIGURA 13) pelo grupo universitário fascista de Roma. Este projeto foi obtido por intermédio do Consulado Italiano. O texto, sem assinatura, que acompanha a foto da maquete, mostra algumas afirmações e observações feitas pela direção, ou redação da revista, “*Esse concurso forneceu, pela qualidade e número de concorrentes, a possibilidade de calcular-se a que grau de desenvolvimento chegou a architectura italiana, pelos estudos e tentativas que caracterizaram suas obras e produções nestes últimos tempos.*”³⁸ Pelo texto, fica claro que a redação ainda se coloca num período de polêmicas e indagações com relação à arquitetura moderna: “*É justo, porém, perguntar-se: Estamos ainda no período de preparações e polêmicas? Podemos afirmar que, na Itália, a architectura superou o período heróico das polêmicas e já alcançou a phase realizadora da maturidade. As diversas theorias - functionalismo, constructivismo, racionalismo, esthetismo - foram superadas. Estas últimas podem, realmente, ser consideradas como aspecto da phase analytica do movimento, pois que o problema da architectura é já sentido de modo totalitário, como synthese de todos esses movimentos em relação com a realidade humana que não é de hontem, nem de amanhã, mas de hoje.*” “*É a afirmação desse principio que nos interessa.*”³⁹ Concluem que esse projeto, como processo lógico da criação arquitetônica, é a síntese do processo técnico - científico em harmonia com o novo clima social.



CASA LITTORIA—Um dos projetos apresentados na Itália pelo Grupo Universitario Fascista de Roma

³⁸ Grupo Universitario Fascista de Roma- A Arquitetura no estrangeiro, In Arquitetura n° 2, junho 1935, pág. 18

³⁹ Grupo Universitario Fascista de Roma - A Arquitetura no estrangeiro, In Arquitetura n° 2, junho 1935, pág. 18

Podemos observar que, se dentre os projetos publicados pela revista “Arquitetura”, do D.A - Escola de Belo Horizonte, encontram-se projetos de vanguardas como a “Casa Littoria”, também fazem parte de seu repertório projetos Neocoloniais, tais como: Residência Dr. Octacillo Negrão de Lima.

A convivência dessas tendências, revela-nos esse período de transição da arquitetura e o ambiente cultural de debate do contexto arquitetônico.

Em relação aos textos técnicos, encontramos: “*Algumas notas a respeito de Piscinas*” e “*Isolamento acústico nos edifícios*”, ambos do professor de Concreto Armado da então E.A.B.H., **João Bolthausen**. O primeiro aborda questões de como se constrói uma piscina, suas dimensões para diversas modalidades, cálculo de concreto, quantitativo de sanitários, revestimentos, higiene e qualidade da água, novas tecnologias de iluminação e aparelhamentos. Esse artigo faz referência a duas revistas: “*Génie Civil*” e “*Construction Moderne*”. No segundo artigo, o professor aborda a proteção acústica no concreto armado e utiliza, como exemplo, o tratamento realizado no Sanatório Plaine- Joux (1929-30)na França.

“*O uso da abóbada na arte de construir*”, de **Benedicto José dos Santos**, professor da Escola de Engenharia da U.M.G., aborda historicamente o uso das abóbadas, exemplificando com as Igrejas de Ouro Preto e algumas Catedrais européias.

“*A Rhabdomancia moderna e científica nas mãos do architecto para a defesa da saúde dos seus clientes*” é a publicação de uma palestra - realizada no Rotary Clube de São Paulo, em 12-VII-1935, pelo engenheiro arquiteto **Alfredo Ernesto Becker**. O tema versa sobre uma pesquisa desenvolvida pelo Barão von Pohl, na Alemanha, e indica que o fenômeno do câncer está ligado à influência direta das correntezas subsólicas, e que as residências construídas sobre esses leitos subterrâneos interfere na saúde de seus habitantes. Coloca esta pesquisa como científica, e ele, como profissional arquiteto, orienta suas construções nesse sentido, e com um interesse profilático de “*saúde do povo e a bem de uma geração sadia, vigorosa e eficiente*”.

Vários textos com o tema Urbanismo são apresentados nos três números da revista. No primeiro número, no artigo “**Arquitetura Rural**”, o engenheiro agrônomo **Alarico Torres** fala da importância de se cuidar da arquitetura rural e das cidades do interior, “*É mister educar o nosso povo e pensar no problema da Architectura Rural*

no Brasil". Completa seu raciocínio com: "*O desconforto das nossas cidades do interior as torna despovoadas e indesejadas.*" Defende também a necessidade de se criarem regulamentações das construções nas cidades do interior, "*...prevendo-se nesses regulamentos, ao mesmo tempo que a estabilidade, a esthetica das construções*". Para a execução desses regulamentos, a Secretaria de Agricultura do Estado de Minas Gerais contava com técnicos disponíveis a ajudar.

Nos números 1 e 2 da revista foi publicado, devido aos inúmeros pedidos à direção, o Regulamento de Construções da Prefeitura de Belo Horizonte.

Em uma defesa de um Plano de Urbanismo como um plano de conjunto racional, em que "*...a coleta de lixo, a pavimentação, a edificação, o trafego, etc., sejam estudados ao mesmo tempo;*" é o que o Engenheiro Arquiteto e Urbanista, **Aurélio Baptista Lopes** expõe no seu texto: "*Urbanismo - O problema das vilas suburbanas de Belo Horizonte*", publicado na Revista Arquitetura nº 2. Critica a criação de vilas suburbanas, que "*... não satisfazem às exigências do Urbanismo Moderno*", e aponta como problemas: a manutenção de um traçado em desacordo com a topografia local, por não possuir áreas de recreação e parques com escolas ligadas a esse sistema. Defende a proposta de um zoneamento setorial, e, quanto ao tráfego, grandes artérias para tráfego intenso, deixando as ruas residenciais com menor largura.

Ainda nesse segundo número, publicam a conferência realizada no Rotary Club de Belo Horizonte em 1934, pelo engenheiro **Lincoln Continentino**, nos moldes que Anhaia Melo realizou em São Paulo, abordando a administração municipal e o urbanismo. Com o título "**Urbanismo**", é uma conferência muito bem estruturada, que começa com a definição de Urbanismo apresentada por vários autores, Thomas Adams, Anhaia Melo, George Mac Aneny, J. P. Hynes, W. Brunner, George b. Ford e Nelson Lewis, e colocando sua própria definição "*... o urbanismo como sendo a sistematização e coordenação de todas as funções municipais, aí abrangidos os serviços públicos e todas as atividades urbanas, orientadas no sentido do progresso material e social da comunidade e por conseguinte do bem estar dos indivíduos que nela vivem.*" Como outros artigos dessa revista, defende também a necessidade de se

conscientizar as administrações municipais da importância de criar planos urbanísticos para todas as cidades. *“É indispensável que se faça uma campanha prática, intensa, entre municípios, tendente a interessá-los na organização dos planos de urbanismo. As associações, tais como o Rotary Club, o Automóvel Club, o Touring Club, a Associação Comercial, as associações de agricultura e indústria, as sociedades de classes, devem promover um trabalho de propaganda neste sentido.”*

O artigo citado desenvolve-se dividido em alguns itens: - Plano Geral de Urbanismo. - Alguns Princípios Básicos de Urbanismo Que Devem Ser Observados na Execução dos Planos de Melhoramentos e Expansão das Cidades. - Zoneamento /Distribuição das Áreas. - Localização das Escolas. - Loteamento. - Beleza Natural. - Arruamento e Arborização. - Sistema Recreativo. - Centralização e Descentralização. - Influência do Plano de Urbanismo sobre os Serviços Públicos de Abastecimento d'água. - Financiamento dos Serviços Públicos Municipais.

Como último artigo relacionado com as questões urbanas está **“Urbanismo - Urbanização de Lagoa Santa - Idéias Gerais”** do professor da E.A.B.H.(Escola de Arquitetura de Belo Horizonte), **Benedicto Quintino dos Santos**. Mais uma vez, faz a eloqüente defesa da necessidade de planos de melhoramentos e expansão para as cidades do estado, e, nesse caso, a colocação da competência desse Estado de encarregar-se da orientação técnica para esses planos. Como justificativa, cita a melhoria e a solução do problema rural e o êxodo do campo, mesmo ponto abordado por Alarico Torres no artigo Arquitetura Rural. Mas o enfoque, na realidade, é a apresentação de um anteprojeto urbanístico em Lagoa Santa, cidade a 44 Km de Belo Horizonte, escolhida por uma comissão técnica federal, para a implantação da Fábrica Nacional de Aviões. Coube a Quintino dos Santos realizar os levantamentos topográficos gerais dos arredores de Lagoa Santa, o levantamento cadastral do entorno da lagoa e do arraial, os estudos geológicos, o estudo dos mananciais para abastecimento d'água, o estudo da linha de transmissão de energia elétrica, o reconhecimento do ramal de estrada de ferro, os estudos econômicos e estatísticos da zona e estudos climatéricos. A título de curiosidade e exercício para *“provocar sugestões dos estudiosos e especializados e muito particularmente dos architectos e urbanistas e dos estudantes”* da E.A.B.H, que terão uma série de temas para desenvolvimento de trabalhos na disciplina de Urbanismo e Arquitetura Paisagística,

como o próprio autor declara, foi feito um projeto preliminar, um anteprojeto, cabendo o traçado definitivo do plano à Secretaria de Viação e Interior.

Acredito que esses jovens estudantes de arquitetura e editores estavam preocupados em mostrar, nas revistas, as discussões sobre tecnologia, forma e função e a importância da atuação do profissional arquiteto. O interessante é que publicaram poucos projetos, ou mesmo textos, de âmbito nacional e ou internacional, o foco de interesse foi mesmo publicar questões locais, baseadas em textos e projetos dos professores e dos alunos.

Essa década de 30, período em que é acontece a publicação dessa revista do Diretório Acadêmico, coincide com a profusão de jornais e revistas que são publicados em BH, segundo Werneck(1992), "*Em 1930, passava de 200 o número de jornais surgidos desde a inauguração da capital, 33 anos antes*". Nos três números aos quais tive acesso, não encontrei nenhum artigo que tenha sido escrito por um dos nomes conhecidos da modernidade literária mineira. Ao mesmo tempo em que esse meio cultural intelectual da cidade não está sensibilizado com as novas propostas de arquitetura, os estudantes do Diretório Acadêmico da EABH estão se estruturando e criam uma revista que divulga essas novas idéias, novas propostas.

Estão preenchendo o vazio da literatura, ou seja, da distância da intelectualidade mineira com a Escola de Arquitetura. Pois, nas minhas andanças pelos textos sobre os literatos mineiros, em nenhum momento, vincula-se um contato com a Escola de Arquitetura de Belo Horizonte.

Eles estão editando, escolhendo os textos, convidando amigos para escreverem e atuando na divulgação de uma visão de arquitetura, utilizando um veículo que foi muito importante para o aprendizado deles, as revistas.

A revista "Arquitetura" teve os mesmos parâmetros da "Revista Polytechnica", uma publicação do órgão do Grêmio Poytechnico de São Paulo, que é contemporânea à primeira. Em ambas, houve uma característica de transição, típica do período, quando publicaram projetos acadêmicos juntamente com vanguardas, como é o caso dos trabalhos de Rino Levi apresentados na "Revista Polytechnica". Tinham o

interesse em mostrar trabalhos de alunos da referida escola, assim como diversos textos técnicos.

A Revista “Arquitetura” foi o início, posteriormente outras revistas foram publicadas em Belo Horizonte. Entre elas : “Arquitetura e Engenharia”, fundada por Geraldo Godoy em 1946, que teve uma importância no cenário arquitetônico mineiro, divulgando não só os projetos dos principais arquitetos da cidade como também do país, e compromissada por intermédio do Editor Eduardo Mendes Guimarães com os ideais das vanguardas brasileiras. Tivemos também, após um interstício, a publicação, em 1946, da revista “Arquitetura” do DA da então Escola de Arquitetura da UMG. Na década de 70, veio “Pampulha”, editada por um grupo de jovens arquitetos e, atualmente, “AP”, que tem como editores Sylvio Emrich de Podestá e Gaby de Aragão.



1.3 - “Salão Bar Brasil”

Em 1936, juntamente com um grupo de artistas plásticos, João Jorge Coury, quando ainda estudante, participou da “Exposição Bar Brasil”, em Belo Horizonte, também denominada “Semana de Arte Moderna Mineira”. Pretendo trabalhar neste capítulo o que foi essa exposição no contexto de B.H., e seu paralelo com o “Salão de Belas-Artes” no Rio de Janeiro em 1931.

A Revolução de 1930 é tida como um (VIEIRA - 1984) *“marco da intervenção do Estado no campo econômico - político - cultural propiciando clima de transformações”* . O Rio de Janeiro, depois da Revolução, amplia suas atitudes modernistas. Lúcio Costa assume a Direção da Escola Nacional de Belas Artes em 8 de dezembro de 1930 e propõe uma reformulação do ensino artístico e arquitetônico. A respeito do “Salon”, Lúcio, em entrevista, *“diz bem do que precisamos. De anno para anno, tem-se a impressão que as telas são sempre as mesmas, as mesmas estátuas, os mesmos modelos, apenas a colocação ligeiramente varia.”* O Salão era a principal atividade do poder central ligada às Artes Plásticas. Para sua realização, Lúcio Costa montou uma Comissão Organizadora com a presença de Anita Malfatti, Manuel Bandeira, Celso Antônio, Portinari e ele próprio. Não houve júri de seleção nem limite de apresentação de trabalho por autor, o que gerou um enorme número de obras. Sem intenção de premiação, o Salão de 1931 foi inaugurado em 1º de setembro, com duração até 29 do mesmo mês. No meio desse período, Lúcio Costa foi demitido da direção da ENBA.

O Salão apresentou obras díspares, salas acadêmicas e salas modernas. Gerou muitos comentários, muita repercussão nos jornais da época.

Na seção de arquitetura, estavam presentes, no Salão de 31, Flávio de Carvalho com “Projeto para o Farol de Colombo”; Lúcio Costa, que apresentou três projetos para

residências e um apartamento, hoje sem registro algum; Afonso Eduardo Reidy e Gerson Pompeu Pinheiro que apresentaram projetos para um "Albergue noturno", duas residências e o "Orfanato da Pequena Cruzada", e Marcelo Roberto Warchavchik, único arquiteto moderno com obras já construídas, apresentou várias fotos, casa do arquiteto na rua Santa Cruz, "Casa Modernista" na rua Itápolis, dentre outras, além de "Um clube de tênis" e um "Bar-restaurante".

O Salão de 31, segundo COSTA (1995), *"foi o canto de cisne da tentativa de reforma e atualização do ensino das artes no país, e, no que se refere à arquitetura, da integração plástica - ou seja da arte - na nova tecnologia construtiva"*.

Como nota SANTOS, *"Fora da escola, a reforma do Salão de Belas-Artes de 1931, na opinião do Dr. Rodrigo Melo Franco, teve importância e repercussão maiores do que a Semana de Arte de 1922 e foi ponto de partida para integração da Pintura no Movimento Moderno."*⁴⁰

E segundo VIEIRA (1984), *"Mais do que um evento artístico de destaque, assumiu um significado político cultural revelador da arte moderna em nível nacional".* (...) *Se a semana de 22 realizou o trabalho de choque, o salão de 31 sedimentou e irradiou o novo".*

"Foi no Bar Brasil, na avenida Amazonas com Carijós, onde hoje é o Cine Brasil. Era um salão enorme, um lugar de beber, aos sábados e domingos. Era um lugar alegre, próprio para uma pintura fora do comum." Assim Fernando Pieruccetti fala do local onde foi realizada a exposição.

Alberto Delpino, artista mineiro que vivia no meio cultural do Rio de Janeiro, participou da XXXVIII Exposição Geral de Belas Artes - Salão de 31, organizado por Lúcio Costa, e, depois seu filho Alberto Delpino Jr, em 1936, agita o meio artístico de Belo Horizonte com a organização da Exposição denominada "Bar Brasil", segundo depoimento de Alberto André Delpino de Mendonça, seu sobrinho. A comissão organizadora era composta por : Genesco Murta, Del Pino Jr, Renato Lima, Delio Delpino, J. Cantegalli, João Jorge Coury e Francisco Salomé de Oliveira.

⁴⁰ Santos, Paulo. A reforma da escola de Belas-Artes e do Salão. in Depoimento de Uma Geração, ABEA/FVA/PINI, pág. 53-56.

Em setembro de 1936, duas mostras aconteceram concomitantemente em Belo Horizonte. O XII Salão Mineiro, que era a exposição oficial dos acadêmicos, teve como organizador Aníbal de Matos, no Theatro Municipal, e O Salão Bar Brasil, onde os jovens expunham a modernidade, e de onde foi grande o número de pessoas que saíram entusiasmadas. Essas duas exposições foram também denominadas em um artigo de “exposição sem bebidas e exposição com bebidas”.

Os artistas participantes com pintura, desenhos e caricaturas foram (ver Anexo B): Delpino Jr, Genesco Murta, Érico de Paula, Monsã, Fernando Pierucetti, Délio Delpino, Francisco Fernandes, Kaukal, Renato Lima, entre outros. Jeanne Milde, artista plástica belga, apresentou várias esculturas. Milde veio para Minas em 1929 como integrante da “Missão Pedagógica Européia”, organizada com o objetivo de promover a reforma do ensino no Estado; já havia participado, em 1931, do Salão de Lúcio Costa, no Rio de Janeiro.

Participaram na seção de arquitetura jovens estudantes da EABH : João Jorge Coury com o projeto “Edifício para escola de música e dança populares”; Hermínio com “A casa do jornaleiro”; Virgílio de Castro com “Restaurante popular”; Salomé com “Templo”; Hardy Filho, que apresentou “Dispensário - Creche”; Remo de Paoli que mostrou um projeto de “Abrigo de bondes para a praça da Lagoinha”; Shakespeare Gomes expondo dois projetos “Piscina” e “Vila operária”; e Nicola Santolia um “Albergue noturno”.

Estes projetos, infelizmente não foram localizados, o que impediu uma melhor análise da proposta arquitetônica dos jovens estudantes, mas parcialmente podemos identificá-los através de uma foto da exposição, onde aparecem em segundo plano, atrás dos participantes (FIGURA 14). É com lupa encima desse fragmento que gostaria de tecer alguns comentários sobre a composição volumétrica. É visível que são trabalhos inseridos dentro do contexto nacional do período, buscando uma nova linguagem formal. Em um deles, o que está na parte superior á direita, um edifício de 3 pavimentos, possui um volume frontal em balanço, apoiado em um pilar de seção circular, nos faz lembrar as casas, projeto de 1933 de Flávio de Carvalho na Alameda Lorena em São Paulo. Podemos também notar, que esse projeto utiliza a perspectiva aérea isométrica na representação, um recurso não comum na época.



Salão Bar Brasil - 1936 Da esquerda para a direita. Renato de Lima, Erico de Paula, Délio Del Pino, Genesco Murta, Jeanne Milde, Fernando Pierucetti, JB Alvarenga e Del Pino.

FIGURA 14 – Salão Bar Brasil – 1936

Grupo de participantes tendo ao fundo os projetos de arquitetura.

*Os jovens estudantes de arquitetura não foram identificados na foto.

Os trabalhos premiados por um júri, do qual fazia parte o arquiteto Luiz Signorelli, foram: em arquitetura, Virgílio de Castro com o “restaurante popular” e Hermínio Gauzzi com o projeto “A casa do jornalista”, Shakespeare obteve menção honrosa com o projeto da “piscina”. Em desenho, o prêmio foi dado a Fernando Pierucetti, com uma série de desenhos em papel manilha, de temática social, registrando a aspreza da vida dos meninos pobres que se amontoavam nas oficinas dos jornais.

O depoimento de Fernando Pierucetti sobre João Jorge Coury à professora Ivone aponta: *“o Coury era meio comunista e um dos projetos mais modernos do período era dele.”*

Segundo o julgamento da imprensa local (VIEIRA - 1986), *“os trabalhos de vanguarda apresentados no Bar Brasil naquela mostra foram os de Fernando Pierucetti (...). Em seus trabalhos, aparece a dramaticidade social da revolução urbana. Érico de Paula e Salomé apresentaram (...)um projeto, no qual mostrava um traço novo - a inclusão de rampas, nos modernos edifícios - em substituição às antigas escadas.”*

Pelos registros da imprensa local, encontramos as notas: *“(..)uma referência especial merecem também os trabalhos de architectura. Aquele ‘templo para todos os cultos’, de Salomé, inspiraria só ele um tomo de extravagante philosophia. Valem enfim, todos elles, pelo seu esplendido sentido social.”* Estado de Minas. *“(...) dois ou três esboços architectonicos de Salomé, Coury e Virgílio de Castro. Alunos da Escola de Arquitetura.”* *“A exposição será uma brilhante mostra de arte mineira actual, onde aparecerão desde os mais velhos e celebrados pintores, até os desenhistas modernos, de lápis inquieto e idéias revolucionárias. Esse ecletismo aumenta o valor do que se vae fazer.”*

Essa exposição que aconteceu no Bar Brasil foi também um momento político, a data foi escolhida em função do “2º Congresso Eucarístico Nacional”, que reunia na cidade os mais significativos representantes da direita ideológica; (VIEIRA- 1986) *“desejando subverter a ordem - escolheram o “Salão do Bar Brasil”, situado no porão do então Cine Brasil, que havia sido inaugurado no início da década de 30, cuja construção mostra os traços ‘Art- Decô’, e em voga na época”,* e não foi por

coincidência que, no momento, acontecia a Exposição Anual de Belas Artes. (VIEIRA -1986) *“Esses encontros evidenciam a dimensão rebelde e corajosa desses artistas, em relação ao sistema.”*

Esse ponto de vista de esquerda do grupo pode ser notado no texto que David Jardim Jr, preso dois anos depois na onda repressiva do Estado Novo, escreve para o catálogo da exposição *“(...) Mas, consciente ou inconscientemente, nenhum artista desprezará esse meio formidável de propagar idéias. (...) A Arte Moderna só será, pois, concebível com a condição de ser revolucionária. Revolucionária não no sentido de afetar a técnica, mas no sentido de abrir novos horizontes para os homens. Aliás, para ser revolucionária há de ser realista. Não, copiando servilmente a vida, mas se inspirando na vida; sendo humana. Refletindo a vida com sinceridade a arte será forçosamente revolucionária. Haverá maior libelo contra o statu - quo que a Arte que pinta, sem apriorismo nem insinuações, as misérias e contradições de uma sociedade?”*

A Exposição de Arte Moderna de 1936 (Salão Bar Brasil) foi considerada um dos marcos históricos de importância na evolução da arte mineira, na transição do acadêmico para o moderno.

Diferentemente da Exposição de 31, o Salão Bar Brasil não estava vinculado à instituição ou a um evento oficial, era na realidade uma mostra paralela ao salão Oficial, e é tida mesmo como uma mostra que queria transgredir o academicismo vigente no salão oficial.

Pelo levantamento e defesa da professora Ivone Luzia Vieira, o Salão Bar Brasil foi importante para a arte moderna em Minas, desmistificando que a modernidade nas artes em Minas só havia chegado em 44 com Guignard. Qual terá sido a importância para a arquitetura esta exposição não oficial, em um bar no subsolo do Cine Brasil? Terá sido somente uma festa para jovens afoitos? Acredito não ser essa a intenção, mas a dificuldade em conseguir esses projetos, não me permite concluir.

Como já foi citado, em uma foto do evento, podemos perceber que os projetos estão colocados ao fundo, mas é impossível se fazer uma leitura mais apurada. Os jornais elogiam os trabalhos dos estudantes.

A arquitetura moderna de Belo Horizonte está presente nesse momento histórico de maior importância na evolução da arte mineira, na passagem do academicismo para o moderno, antes da Pampulha de Niemeyer.

Capítulo 2

2 - Atuação do Arquiteto

2.1 - O contexto Uberlandense

Uberlândia está situada no Triângulo Mineiro. Geograficamente, em uma posição estratégica na região, servida por uma malha rodoviária e ferroviária ligando-a aos importantes centros industriais do país, é ponto obrigatório de entrecruzamento do Sul, Norte e Nordeste com o Centro Oeste. Como entreposto comercial, sua economia básica caracteriza-se pelo pólo atacadista e distribuidor e pela agropecuária.

A cidade sempre manteve um discurso progressista de crescimento e modernização, ressaltando os melhoramentos da infra - estrutura urbana, como esgoto, iluminação e pavimentação de ruas e do desenvolvimento da modernidade, da ordem, e do progresso.

Na década de 1910, chegam a cidade muitos construtores, a maioria deles imigrantes. Durante o período de 1924 à 1964, verifica-se a definição econômica do município e o crescimento considerável da cidade, que atrairá uma quantidade razoável de mão de obra vinda do campo, de regiões vizinhas e até de outros estados. Presencia-se o incremento das funções administrativas bem como a expansão dos equipamentos de uso coletivo e dos serviços liberais. Desde 1920, além do comércio, a construção civil apresenta um crescimento relevante, que se colocará como fonte primeira de riquezas. É o período em que comerciantes da primeira área de assentamento urbano, denominado “Fundinho”, transferem-se para a parte nova da cidade, subentendida

pelas avenidas Afonso Pena e Av. Floriano Peixoto até a Estação da Estrada de Ferro “Mogiana”.

Esse deslocamento da cidade torna a Av. João Pinheiro uma área nobre, onde, preferencialmente nas décadas de 30 a 50, serão instaladas as residências da elite sócio - econômica.

Uberlândia cresce economicamente com o comércio; compra os produtos brutos de Goiás, o beneficia-os e envia-os para São Paulo, e afirma-se como posto de troca.

A década de 40 marcou, em Uberlândia, o início do período de industrialização, diversificação do comércio e do setor de serviços, transformações que se refletiram de maneira acentuada no crescimento do seu espaço urbano.

Por toda a década de 40, em Uberlândia, encontramos a predominância de uma linguagem arquitetônica Eclética e uma presença Neocolonial, como exemplo destacamos o Parque Hospitalar da Santa Casa, projeto do arquiteto J.J.Coury de 1948 (FIGURA 15). É desse período a Catedral (1941), eclética, com forte presença Art Decô, e a igreja N. Sra. Aparecida (1948).

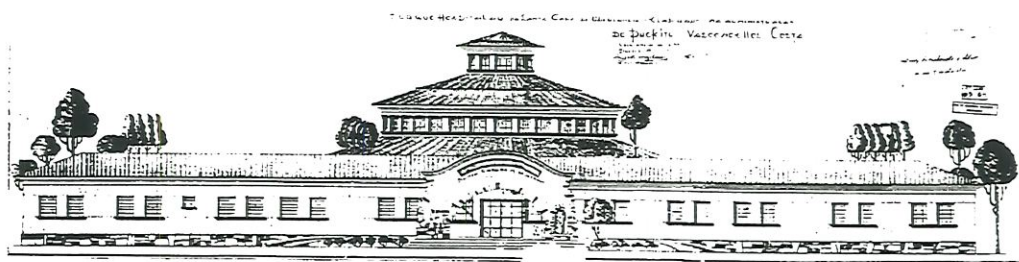


FIGURA 15 – Parque Hospitalar Santa Casa – 1948 - Fachada
Arquiteto – João Jorge Coury

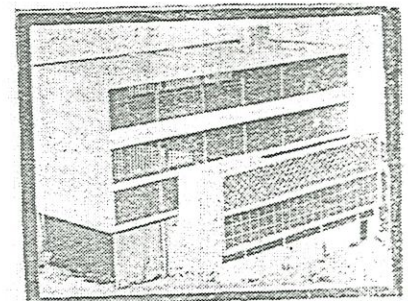
A cidade possui em seu contexto urbano poucas residências com novas propostas formais, caracterizadas pela ausência de ornamentos; uma delas, a casa Guiomar de Freitas (1941), segundo informações da neta do proprietário, é cópia de um projeto do Rio de Janeiro. Possui também dois Postos Texaco que seguem uma padronização de linguagem estabelecida e implantadas pelo Brasil, com uma imagem nova dos anos 30 e 40.

Nessa década, verifica-se a presença de profissionais com formação específica, sendo João Jorge Coury o único arquiteto que aqui vem fixar seu atelier, em 1940. É essa obra do arquiteto Coury, como divulgador da Arquitetura Moderna em Uberlândia, o objeto desta dissertação.

Dentre os profissionais que atuaram na cidade na década de 40, podemos destacar os seguintes engenheiros: Luiz Rocha e Silva, que projeta e constrói o maior número das edificações, Edésio Alves Carneiro e Vinícius de Vasconcelos; como construtores: Luciano do Amaral, Sylvio Rugani, Manoel Ascenço Baptista, e Ranulpho Bernarde. De acordo com RODRIGUES (1989), pesquisadora da história de Uberlândia, nesse período há uma ligação política da cidade com o Palácio do Catete, sede do Governo Federal, tendo sido cogitado, pelos empresários e políticos locais, que Uberlândia se tornaria a nova capital do Brasil, por encontrar-se localizada na região central do país, área definida para instalação da sede do governo.

A utopia de um Brasil Moderno da década de 50, é o conceito de desenvolvimento, que passa pela expressão de novas técnicas, pela funcionalidade e racionalidade dos espaços, por componentes que determinavam a forma e a organização espacial independentemente de valores estilísticos da arquitetura.

Em 1953, Miguel Juliano, arquiteto que havia trabalhado como desenhista para o Coury e foi para São Paulo para estudar arquitetura, projeta aqui o Edifício da Sociedade Médica, na av. Cesário Alvim. Uma obra segundo os postulados de Le Corbusier, via arquitetos cariocas, explorando a estrutura em concreto armado permitindo a planta e fachadas livres, uso de brises na fachada noroeste e pano de vidro na sudeste, pilotis. (FIGURA 16)

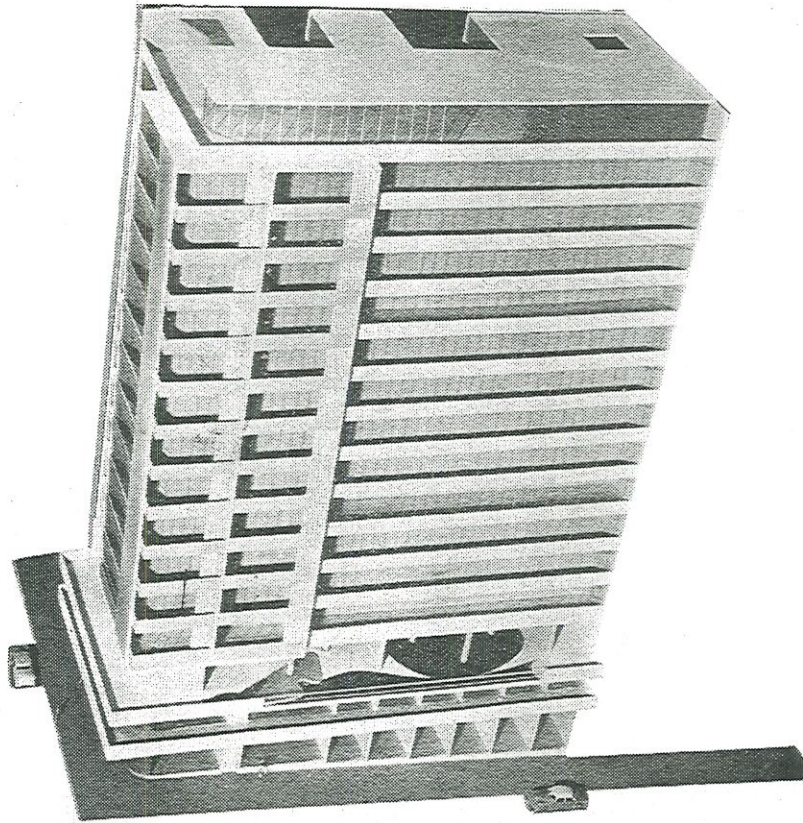


Projeto da magosa Edifício da Sociedade Médica de Uberlândia

O edifício sede do **Uberlândia Clube** (1956) projeto de Almor da Cunha, expressa um período modernista, década em que a cidade de Uberlândia passa por um processo de crescimento econômico e social, que reflete na construção de um clube com cuidados arquitetônicos e uma atenção especial à sua decoração de interior, de autoria de Sérgio de Freitas. Permanece praticamente inalterado desde a sua inauguração. Todo o mobiliário foi executado pela movelaria paulista Casa Tepermann.

A "Empresa Uberlandense de Imóveis", de propriedade do empresário Tubal Vilela da Silva, foi a primeira a instalar-se na cidade, em 1936; comercializava principalmente para a classe trabalhadora de baixa renda, promovendo a expansão da área urbana. Em 1950, esse empresário elege-se prefeito da cidade, incentivando, logicamente, o seu crescimento urbano. Em 1957, essa empresa constrói o primeiro arranha-céu –Edifício Tubal Vilela. - Um empreendimento privado, voltado para um investimento especulativo. Vinculado na imprensa como o maior arranha-céu do Triângulo Mineiro, um "monumento". O projeto de 1955 é do arquiteto de Belo Horizonte, Ulpiano N. Muniz e a sua maquete foi publicada na revista "Arquitetura e Engenharia - IAB/MG" nº37 em novembro de 1955. (FIGURA 17) A construção fica a cargo da construtora paulista Morse & Bierrenbach, cujo responsável técnico é Flávio Bierrenbach, atua expressivamente na qualificação de uma mão de obra, para o uso das novas técnicas construtivas. Responde ao conceito de "moderno" e "progressista" imposto pela cidade. Ou seja a demanda social desejava este conteúdo cultural, esta imagem de um desenvolvimento da sociedade que é a imagem da modernidade. Não faz parte de uma interferência macro a nível do urbano, e sim de uma interferência pontual no centro da cidade. Seu assentamento se dá no alinhamento da calçada, sem o uso de recuos, afastamentos ou pilotis. Com 16 pavimentos de uso misto (residencial e comercial) responde com proposta de edifício de grande altura e permite alto adensamento, com uma infra-estrutura urbana (água, energia, asfalto...) racional e econômica. O projeto propõe dois tipos de apartamentos : sala com 2 quartos, e sala com 1 quarto, ambos se identificam com o conceito de unidade mínima. Quanto ao processo construtivo, a proposta de estrutura

independente em concreto armado, é inovadora para a região. Os materiais de acabamentos utilizados, pastilhas, granitina, fazem parte do vocabulário "moderno". As esquadrias da fachada mostram uma continuidade, marcando fortemente a linha horizontal.



EDIFÍCIO
TUBAL VILLELA

Propriedade da
IMOBILIÁRIA TUBAL VILLELA

Diretores:
Presidente - TUBAL VILLELA
Vice-Presidente - FABIO VILLELA
Tesoureiro - ROMULO VILLELA
Diretor-Comercial - HUGO VILLELA

FIGURA 17 – Edifício Tubal Villela
Arquiteto – Ulpiano Muniz

Ainda nos anos 50, arquitetos que poderíamos chamar de “estrangeiros”, por não se integrarem à vida cotidiana da cidade, aqui também deixam seu trabalho. Raphael Hardy Filho, amigo e contemporâneo do Coury na escola de arquitetura, em Belo Horizonte, no início dos anos 50, projeta a residência José Zacharias Junqueira, que associa uma linguagem formal Neocolonial a uma distribuição espacial setorizada. Outro mineiro, Sylvio de Vasconcelos, engenheiro-arquiteto, formado em 1944 na mesma escola de Hardy e Coury, escreveu muito sobre suas *“inquietações e metodologias de abordagem dos problemas da arquitetura.(...) Juntar-se-iam nele, além dos preceitos modernos, o reflexo marcante de sua formação histórica, o gosto pelo nosso passado, pelas coisas de Minas, o conhecimento da nossa arquitetura colonial, que lhe é tão familiar”*.⁴¹ Em 1956, projeta a residência Bolivar Carneiro (FIGURA 18), onde utiliza um conceito e uma linguagem plástica moderna, um partido de planta funcional, com um volume frontal marcando toda a extensão lateral do terreno.



FIGURA 18 – Residência Bolivar Carneiro – 1956 – Foto Fachada
Arquiteto – Sylvio de Vasconcelos

⁴¹ Souza, Renato César José de, - “Sylvio de Vasconcelos”, in AP número 1, AP Cultural/DPI, Belo Horizonte, 1995, pág. 115.

Nessa década de 50, na cidade se verifica também a instalação de outros escritórios de arquitetura, como o de HÉlvio Felice, formado em 1954 e de Natalino David Thomaz, formado em 1960, ambos na UFMG.

1957 - Construção de Brasília, Uberlândia situa-se no eixo de ligação da nova capital com São Paulo e Rio de Janeiro. Intensifica-se a circulação de novos materiais. Os empresários da cidade investem muito e os comerciantes estruturam-se para abastecer Brasília de mercadorias e mão de obra. Como exemplos, o comerciante Oswaldo Oliveira, proprietário de casa de materiais de construção, e Alexandrino Garcia, vendendo combustível. Vários foram os que adquiriram caminhões para fazer esses transportes.

Na década de 60, incentiva-se a construção de arranha-céus, para fins comerciais e residenciais. Em um jornal local, encontramos artigos que enfatizam essa atitude “... *Banco de Minas, da Lavoura, Ed. Rosa Maria e outros, além da CEGEB, operam o milagre de fazer a cidade crescer no sentido vertical.*” - “*Arranha-céus: Floresta de concreto na cidade.*” Presenciamos, assim, a meta da visão da cidade norte americana, uma imagem da cidade metrópole.

Os projetos do arquiteto **Paulo de Freitas**, formado na Escola de Arquitetura Mackenzie, em São Paulo, em 1955, destacam-se na paisagem urbana. A partir de 1959, residente na cidade, contribui com sua arquitetura para reafirmar os princípios modernos. Projeta alguns edifícios verticais, os primeiros são os Edifícios Itaporã (1960) (FIGURA 19) e Itacolomi (1962) (FIGURA 20). É importante lembrar que o diretor do Mackenzie, Christiano das Neves, projetou o primeiro arranha céu de São Paulo e que a Escola Mackenzie via a modernização pelo modelo norte americano de ensino. LAURENTIZ (1993) “*Em sua temporada paulista, como recém - formado, Paulo de Freitas só fez arquitetura residencial unifamiliar. Quando estudante teve estreita ligação com o ideário e o repertório das primeiras gerações modernas nos três anos de estágio com o arquiteto tcheco Adolf Franz Heep. Era também freqüentador de papos e rodas com os estudantes da FAU/USP e os mestres*

Vilanova Artigas e Eduardo Corona.” Colaborou, ainda como estudante, na elaboração técnica da I Bienal de Arquitetura em São Paulo em 1951⁴².

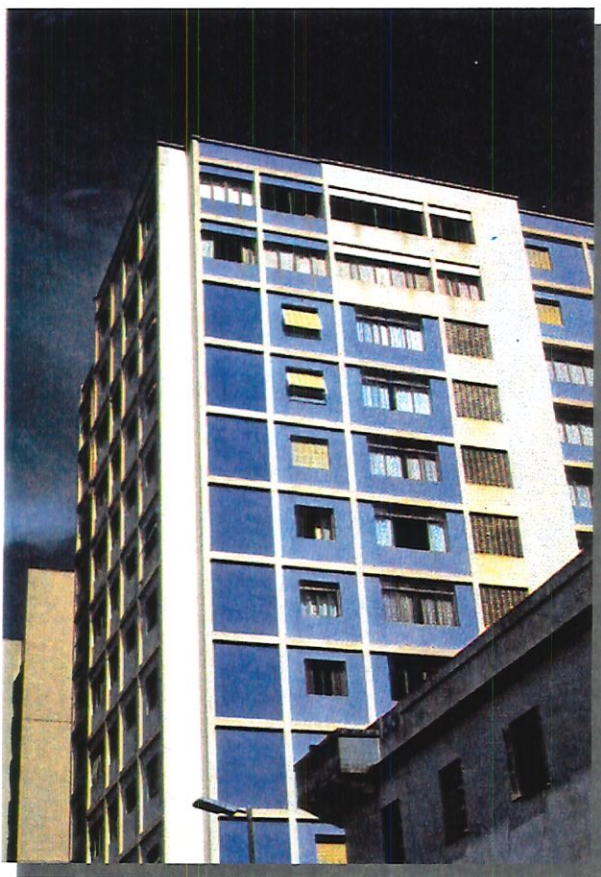


FIGURA 19 – Edifício Itaporã – 1960
Arquiteto – Paulo de Freitas



FIGURA 20 – Edifício Itacolomi – 1960
Arquiteto – Paulo de Freitas

⁴² Dante Paglia fez um agradecimento ao estudante de arquitetura Paulo de Freitas, na introdução do livro “Arquitetura na Bienal de São Paulo” de 1952.

Historiar o contexto uberlandense, através dos seus arquitetos, é fazer um conto da cidade de todos os cantos. Uma cidade que recebeu arquitetos formados em várias localidades do Centro-Sul do país. Como exemplo dos pioneiros temos, em Belo Horizonte: João Jorge Coury (EABH – 1940); Hélvio Felice (UFMG – 1954); Natalino David Thomaz (UFMG – 1960); Arlen José Simão (UFMG – 1964) e seu irmão César Augusto Simão (UFMG – 1968); Paulo Henrique Carrara Arantes (UFMG – 1972). Formado em São Paulo: Paulo de Freitas (Mackenzie – 1955); em Brasília: Elifas Lopes Martins (UNB – 1968).

No contexto uberlandense, observamos que, diferentemente dos centros políticos do país, as obras modernas não têm uma gerência do poder público, são, em sua maioria, iniciativa privada, patrocinada através da burguesia emergente. A participação do poder público, na consolidação do moderno, somente se faz sentir urbanisticamente, nas reformas de praças e no projeto da Cidade Industrial, ocorrido a partir do final da década de 50.

2.2 - O arquiteto João Jorge Coury

O arquiteto João Jorge Coury nasceu em Abadia dos Dourados, MG, em 25 de novembro de 1908, cursou a EABH - Escola de Arquitetura de Belo Horizonte, completando o curso em 1937, mas colando grau em 1940, ano em que vem residir e montar seu ateliê como primeiro arquiteto a fixar-se em Uberlândia, onde trabalha até sua morte, em janeiro de 1970.

Relaciono a vinda de Coury para Uberlândia a alguns fatores que podem ter influenciado na sua decisão. Logo depois de formado ele foi para Goiandira no Estado de Goiás. O cunhado e a irmã, que moravam em Uberlândia, o convenceram a mudar, por ser esta uma cidade promissora, que estava crescendo muito, e que não era desconhecida para o arquiteto, que quando ainda estudante, já a havia visitado, onde participou, junto com colegas, de uma exposição de projetos. Outro fator que pode ter sido determinante, se dá em função de seus pais morarem em Araguari, cidade vizinha e de menor porte em relação à Uberlândia, que já se destacava como cidade polo para a região.

Como estudante em Belo Horizonte, esteve presente, atuante, em várias atividades. Na fundação do Diretório Acadêmico da Escola de Arquitetura de Belo Horizonte; na criação e redação da revista "Arquitetura", mensário dos alunos da EABH; participou como expositor e organizador do "Salão Bar Brasil" e membro da juventude do Partido Comunista Brasileiro.



FIGURA 21 – Foto do arquiteto João Jorge Coury – 1926 – Praça em Araguari
Acervo – Irene Terra

Sua atuação profissional verifica-se na elaboração de projetos residenciais, comerciais, hospitalares, industriais, e urbanísticos. Mantém uma paixão pelo paisagismo, chegando a montar em sua própria chácara um horto. É um pioneiro, trazendo em si a própria imagem do homem moderno; um peregrino, militante do Partido Comunista, com idéias socialistas; um **mestre**, na definição de vários de seus “auxiliares - discípulos”, que mais tarde estudaram arquitetura e ainda hoje atuam em várias cidades do país: Milton Leite Ribeiro, em Uberlândia; Ivan Cupertino, em Belo Horizonte; João Alves Pimenta e Fernando Galvão em Goiânia; Miguel Juliano em São Paulo, dentre outros. Mestre tanto no sentido afetivo, quanto no de definir aquela pessoa que orienta e abre novas visões de mundo, que mostra ao mesmo tempo os problemas sociais e políticos e a vanguarda na arquitetura. Coury não deixou textos sobre a sua arquitetura, nem sobre a sua visão da arquitetura brasileira, mas em seu escritório exigia um mínimo de conhecimento teórico dos seus estagiários. O arquiteto Miguel Juliano recorda esses tempos quando, em 1944, se inicia como desenhista no atelier de Coury, “...*Vivia-se esse clima e esse clima era vivido naquele pequeno atelier, ponto de encontro de uns poucos intelectuais, onde eu também fui tomando contato com os livros e as idéias. Já na primeira semana foi-me dada uma lista de livros, na sua maioria, de estudos sociais, ‘que todo mundo devia ler, no mínimo’. Recordo-me que o primeiro da lista era o Max Beer. Nas estantes do escritório, livros de arte, de arquitetura, dos quais dois me atraíram de pronto: ‘La Ville Radieuse’ e ‘Brazil Builds’*”.⁴³ A atitude de Coury acompanhava a visão defendida por Lúcio Costa de que a arquitetura deva reparar a maior carência de um país novo: a necessidade de cultura.

Coury era um intelectual e mantinha um contato com intelectuais; seu escritório era ponto de encontro, de discussões acerca das questões políticas, sociais e culturais. De acordo com os depoimentos de amigos, a biblioteca de Coury deveria ser extensa.

No período de cassação ideológica imposto pelo Estado, em 64, grande parte de seus livros foram queimados, com receio e em função de uma repressão. Depois de sua morte, sua esposa desfez-se dos objetos e livros do escritório, doando-os para amigos e auxiliares. Foi nesse percurso que consegui levantar alguns títulos:

⁴³ Juliano, Miguel. “Arquiteto Miguel Juliano”. Cadernos Brasileiros de Arquitetura, n° 3, 1980, pág. 9,10.

- NEGRO, Carlos Del - **“Escultura ornamental Barroca do Brasil. Portadas de igrejas de Minas Gerais.”**- Edições Arquitetura, 1967 - UFMG. Volume 1 e 2.
- SERNA, Ramon Gomez de la - **“Ismos”** - Coleccion Aristarco - Editorial Poseidon - Buenos Aires - 1943.
- BLOSSFELD, Harry. -**“Jardinagem”**, Edições Melhoramentos,1965.
- ZIMBER, Germano. - **“Jardins de Hoje”**. - São Paulo 1946.
- BOESIGER, W. - **“Le Corbusier 1946-1952 Oeuvre complète”**- Editions Girsberger - Zurich -1953.
- NEUTRA, Richard - **“Arquitetura Social em países de clima quente”**- Gerth Todtmann - São Paulo - Brasil - 1948. (Esse livro está autografado por Neutra na página 5, junto com a foto do autor).
- ARTARIA, Paul. - **“Weekend - And country - Houses”**- Verlag Für Architektur Erlenbach, Zurich - 1947.
- H. MYLES WRIGHT ed.- **“Small Houses”**- The Architectural Press - London 1951.
- ALBUQUERQUE, Alexandre .**“Construções Civis”**.

Somam-se a esses os já citados por Miguel Juliano. Além desses livros, Coury assinava também algumas revistas, mas foi impossível identificá-las. O que se pode notar é, mesmo estando em uma cidade distante dos grandes centros, o arquiteto mantém-se informado das questões relativas ao que se está produzindo e discutindo. RIBEIRO & GUERRA (1993) *“...seu ateliê foi frequentado pela intelectualidade local – entre eles o professor Nelson Cupertino ...”*

O levantamento documental, demandou um trabalho de pesquisa que se constituiu de várias entrevistas com amigos e parentes; de busca em bibliotecas, arquivos, acervos pessoais, tentando traçar a trajetória do Homem, do Arquiteto e do Político João Jorge Coury. Para o Arquiteto, o trabalho visou primeiramente a identificação e sistematização do elenco de obras e projetos, na cidade de Uberlândia. Para fazer o levantamento de todas as obras e projetos, foi realizada, além dos depoimentos orais, uma vasta pesquisa no Arquivo Geral da Prefeitura Municipal de Uberlândia, referente às décadas de 40, 50 e 60, tendo sido verificados todos os projetos que

deram entrada na Secretaria de Obras do município, nesse período. Pela análise dos microfilmes nos cartões janela, que são montados por prancha de desenho, selecionou-se o elenco de obras do arquiteto, bem como outras obras de engenheiros e arquitetos que foram significativos no período em estudo. Esse foi um trabalho extremamente difícil, pois foi um levantamento pioneiro de documentação da produção arquitetônica da cidade de Uberlândia.

Outro arquivo de igual importância avaliado foi o arquivo pessoal do engenheiro Rodolfo Ochoa, com quem Coury dividiu o escritório, por, aproximadamente, 14 anos.

Ochoa nasceu em 23/11/1922, no Chile. Formou-se engenheiro civil pela Universidade do Chile em 1947. Trabalhou em Belo Horizonte, na Prefeitura Municipal, depois na Secretaria de Obras em Rio Branco, então Território do Acre. A convite de João Kubistchek, volta para Belo Horizonte, onde trabalha, a partir de 1952, na construtora ASSEL. Vem para Uberlândia em 1953, para construir a “Sotrec” (Sociedade Anônima de Tratores e Equipamentos) e a residência Fausto Savastano, ambos os projetos elaborados em B.H. Enquanto executava essas obras, conhece o arquiteto Coury. Em 1954, desliga-se da ASSEL e associa-se ao escritório J. J. Coury, em que permanece até 1968 ou 1969, segundo depoimento do engenheiro, mantendo, uma forte relação de amizade e afinidades com o arquiteto. Nessa sociedade, responsabiliza-se pela elaboração dos projetos estruturais, que, como verificado na pesquisa arquivista, sempre acompanhavam os projetos arquitetônicos. Sem se naturalizar, não teve a revalidação do diploma até 1966, quando presta os exames em Belo Horizonte .

Dentre outros já citados, vários foram os desenhistas que passaram pelo escritório, e detêm informações sobre o arquiteto Coury : Roldorico Araujo Silva, Gilson Maywald, Elson Almeida, Dante Rugani, Jeová Ferreira Pinto, Valdecy Pacheco, Edson Simão, Ralph Bernardes Vilela, Hermógenes Chaves, Braz Machado Moraes, Wellington Nascimento, Regis Murilo de Paiva, Carlos Antônio de Andrade, Edson de La Torre, Leocádio de Assis Gouveia, Arédio Fernandes, Valter Sales, Milton Leite.

Coury sempre demonstrou uma paixão pelos jardins. Vários são os projetos em que Coury especifica a vegetação. Em seu depoimento à Secretaria de Segurança Pública do Estado de Minas Gerais defende-se das acusações de ordem política e ideológica enfocando a terra com atitude de um lavrador “... *preocupava-se muito mais com a produtividade da terra do que com as propaladas reformas de base do extinto governo; que, por isto mesmo, e com a melhor das intenções, fundou nesta cidade uma Cooperativa de Fruticultores que entretanto não frutificou, por falta de mentalidade cooperativistas; (...)pelos conhecimentos que tem e pelo interesse que sempre manifestou no aumento da produtividade da terra, tornou-se assessor, na última exposição da Associação Rural de Uberlândia (...) fez uma viagem, de seu próprio bolso, até o Instituto Agrônomo de Campinas, para ali interar-se a respeito do cultivo da uva; que de lá trouxe uma monografia a respeito, ...*”⁴⁴

João Jorge Coury possuía um carisma muito grande. Politicamente, estava vinculado ao Partido Comunista Brasileiro, fez parte inclusive da juventude comunista em Belo Horizonte, entendendo ser essa uma convicção filosófica. Em Uberlândia, teve uma participação intensa no meio cultural. Possuía também uma “*percepção profunda com as relações e questões políticas, sociais e culturais*”. Participou da criação de Sindicatos, foi um dos fundadores da Associação de Engenheiros, Químicos e Agrônomos e da Cooperativa de Fruticultores, ajudou também na criação da UESU - União dos Estudantes Secundaristas de Uberlândia. (FIGURA 22)



FIGURA 22 – Foto J. J. Coury
Reunião SEQUAU – Sociedade
dos Engenheiros, Químicos e
Agrônomos de Uberlândia.

⁴⁴ João Jorge Coury – Depoimento à Secretaria de Segurança Pública do Estado de Minas Gerais em 15 de junho de 1964.

Propôs a criação de um Museu de Artes Populares em uma pequena cidade, na qual fez projetos, e defendeu sua idéia para o prefeito com a seguinte observação: *“Quando estive aqui pela primeira vez, observei e analisei alguns aspectos e características da região, e pude constatar que é uma região de chuvas periódicas, e ainda observei que o trabalhador rural, ara a terra, sulca a terra e planta sua roça; depois vem a chuva, ele fica em casa, e para matar a sua solidão, ele começa à amassar argila, a esculpir uma madeira, a esculpir uma pedra, a trançar uma palha de buriti. Isto tudo são peças de arte - é arte autêntica - é arte popular. Este Museu é cultura para o povo, meu caro prefeito, é riqueza para a cidade.”*⁴⁵

Parafrazeando quem o conheceu, Coury era um *“homem de muita leitura”*, constantemente 8 a 10 livros amanheciam ao lado de sua cama. Foi um grande contador de histórias e estórias, gostava de conversas e de discutir com os amigos pela cidade, *“...nas diminutas horas que lhe sobram, costuma bater papos com amigos nos bares da cidade, ocasiões em que expõe suas idéias e convicções filosóficas, ...”*⁴⁶ Quem com ele teve um maior convívio guarda sempre uma passagem curiosa e o lembra com o *“terno desbotado e os sapatos esquecidos debaixo da mesa de um bar”*.

Coury foi investigado por responsabilidade em crime militar contra o Estado e a Ordem Política e Social. Foi preso político em 1937, em Belo Horizonte e, em 1964, já morando em Uberlândia, foi preso e encaminhado para a Base da Aeronáutica em Lagoa Santa - MG, ficando preso inclusive com o arquiteto Sylvio de Vasconcelos, que depois do golpe militar se auto-exilou nos Estados Unidos até sua morte em 1979. A tristeza também tomou conta de Coury, os amigos dizem que depois de ser preso ele *“retornou a Uberlândia e deu prosseguimento a sua atividade profissional até 1969, com qualidade, mas sem a intensidade dos anos anteriores. Segundo relatos, sentia-se desiludido e preocupado com a ditadura e os destinos do país.”*⁴⁷ Ficou doente e faleceu em 3 de janeiro de 1970.

⁴⁵ Informações segundo depoimento de João Alves Pimenta – discípulo do “mestre” Coury.

⁴⁶ Depoimento de J.J. Coury em Uberlândia no dia 12 de abril 1964 – arquivo do extinto DOPS, hoje da Secretaria de Estado da Segurança Pública – MG.

⁴⁷ RIBEIRO, Patricia P. A. & GUERRA, M. Eliza (1993) – “João Jorge Coury, um moderno no Triângulo”, in Projeto nº 163, pág. 78.

Juntamente com o engenheiro –arquiteto João Jorge Coury também são indiciados e detidos durante a “Revolução de 64” em Uberlândia: Nelson Cupertino (professor), José de Souza Lelis (professor), Mauro Gomide Borges (estudante), Milton Vilela de Andrade (pecuarista), Oscar Virgílio Pereira (advogado), Roberto Margonary (dentista e comerciante).

O nome de João Jorge Coury, estava presente também nos manifestos que percorreram a cidade dirigidos “AO POVO DE UBERLÂNDIA”, sempre defendendo e denunciando arbitrariedades. Dentre eles, Um pacto de Paz entre as Cinco Grandes Potências “... *por reconhecerem que a Paz não poderá ser garantida pela procura do equilíbrio das forças que levam à corrida armamentista e sim, única e exclusivamente por um entendimento entre as grandes nações que permita a conquista do bem estar e a segurança de todos os povos do mundo.*” Assinou em março de 1949 o manifesto protestando “*com veemência contra o processo a que querem submeter o senador Luiz Carlos Prestes. (...) esse processo tem a finalidade de desmoralizar as instituições democráticas e é dirigido contra os mais elementares direitos do homem que nós patriotas e democratas sinceros jamais deixamos de defender. Ele é pois um precedente perigoso que poderá de repetir contra todo e qualquer cidadão que ouse enfrentar com coragem e desassombro a luta patriótica pelo respeito aos princípios democráticos que regem a nação brasileira. Além desse processo muitos outros atos de arbitrariedade e desrespeito à Constituição teem sido praticados fazendo-se necessário e urgente pois o protesto mais veemente e uma luta sem tréguas pelo respeito à Carta Magna que aos poucos está sendo transformada em farrapos de papel. Ao lançarmos este manifesto conclamamos todos os povos de Uberlândia a cerrar fileiras na defesa de nossas instituições democráticas, protestando não só contra esse desmoralizado processo como também protestando contra a tentativa, agora iminente de aprovação da monstruosa Lei de Segurança que agora se acha em discussão na Câmara. Sabemos quantos males nos trará essa Lei reacionária que a todo custo nos querem impingir. Mas também conhecemos e confiamos sobejamente no espirito democrático do nosso povo, que saberá se lançar numa luta sem tréguas contra o processo a Prestes, contra a Lei de Segurança e contra qualquer outra tentativa de rasgar a Constituição Brasileira e de implantar*

*regimesno Brasil. O último manifesto assinado por Coury, encontrado no arquivo, se dirige “AO POVO DO TRIÂNGULO MINEIRO” e está imbuído “...no objetivo comum de lutar pela emancipação econômica e o progresso de nossa Pátria...” e dar apoio “...a realização da Convenção Pela Emancipação Nacional onde serão discutidos importantes problemas de interesse do povo brasileiro...”*⁴⁸

Na conclusão do laudo constante no arquivo do extinto DOPS/MG, em poder da Secretaria de Estado da Segurança Pública de MG, encontramos: “*João Jorge Coury - integrante, desde 1945, das hostes do Partido Comunista. Engenheiro capaz e inteligente. Profundo conhecedor da doutrina e elemento de destaque do comunismo desta cidade, já havendo sido preso por várias vezes, conforme sua própria confissão, quando interrogado. Doutrinador incansável de massas e ardoroso defensor das idéias marxistas.*”

É bom lembrar que, nos anos 50, a cidade de Uberlândia, foi considerada Moscou Brasileira, pelo grande número e pela atuação dos integrantes do Partido Comunista Brasileiro. A importância do Coury no Partido faz-se pela divulgação das idéias de seus princípios filosóficos.

⁴⁸ Certidão expedida em 24 de setembro de 1964. Pertence ao arquivo do extinto DOPS, hoje da Secretaria de Estado da Segurança Pública – MG.

Capítulo 3

A Produção






3.1 - As obras de João Jorge Coury

O arquiteto João Jorge Coury, tem uma produção extremamente diversificada, tanto em tipologia quanto em locais, cidades, conforme se pode observar na listagem de sua obra colocada em anexo. (ANEXO C)

Após todo o levantamento e de posse de uma extensa documentação iconográfica, organizada cronologicamente dos projetos do arquiteto João Jorge Coury, na cidade de Uberlândia, iniciou-se o processo de análise. Identificando ser, a temática residencial, a de maior quantidade e a que abrange todo o caráter de projeto do arquiteto, optou-se por fazer um recorte tipológico e geográfico, em sua obra, centrando a discussão na temática residencial em Uberlândia. ACAYABA (1986) *“Na prática, a casa é muitas vezes a única, a melhor ocasião para o profissional experimentar. Esse projeto, como outro qualquer, o leva a pensar na cidade, na expressão dos espaços e na dinâmica da vida. A casa, já dizia Le Corbusier, é o palácio do século XX.”*

As obras de Coury, espalham-se por toda a cidade, sobrepondo-se à malha em forma de xadrez, acompanhando o crescimento do espaço físico urbano. A caracterização desse espaço urbano define-se por lotes estreitos, com largura próxima a doze metros. Podemos perceber a localização das obras residenciais do arquiteto João Jorge Coury na cidade de Uberlândia, de acordo com o esquema apresentado no mapa. (FIGURA 23).



- | | | |
|--|--|--|
|  Período de 1940 - 1949 |  Período de 1955 - 1959 |  Período de 1965 - 1969 |
|  Período de 1950 - 1954 |  Período de 1960 - 1964 | |

As obras residenciais, foram distribuídas nesse mapa, segundo um critério cronológico e delimitado na área urbana. A escolha da cronologia, como parâmetro de identificação, nos permite também perceber como e quando se deram as ocupações da cidade, uma vez que as obras do arquiteto eram em número expressivo dentro do contexto urbano. Distribuindo-as cronologicamente estamos mapeando o crescimento e as interferências urbanas.

Utilizou-se o levantamento aerofotogramétrico da região central da cidade para sobrepor as identificações. O esquema de cores, baseado numa periodização, definida por cinco anos, ficou assim distribuído: Período de 1940 - 1949, amarelo; período de 1950 -1954, azul; período de 1955 - 1959, laranja; período de 1960 - 1964, rosa; período de 1965 - 1969, azul escuro. Podemos então perceber que, na década de 40, poucas residências distribuem-se pontilhadas no tecido urbano. No primeiro período de 50 concentra-se nas áreas sudeste, (bairro Lídice) e no entorno da Av. João Pinheiro; no segundo período de 50 continua próximo à essa avenida e espalha na região do “Fundinho⁴⁹” e bairro Martins. Início da década de 60, período de maior quantidade de obras, basicamente estão distribuídas formando um anel entorno do centro; já no último período o maior número das residências estão situadas fora da região central, no bairro Martins (região noroeste) e poucas no “Fundinho”.

Quais seriam as referências teóricas do Coury? De acordo com seu depoimento quando esteve preso em 64, ele afirma ser militante do Partido Comunista, “...entendendo ser esta uma convicção filosófica...” e “...que, em arquitetura, segue a teoria de Le Corbusier, de aspecto mais funcional, misturada com idéias de Lúcio Costa, que se bate pela nacionalização do modernismo arquitetônico”. “...que o interrogado, apesar de ser tachado de comunista, tem sido procurado, constantemente pela elite desta cidade, para confecção de projetos de suas residências;”⁵⁰. Como cita Coury, sua clientela foi bastante diversa, fez projetos residenciais para uma elite, para os companheiros do Partido e para uma camada da população de baixa renda com pequenas casas, constituídas de área restrita.

⁴⁹ Fundinho é a denominação da área mais antiga da cidade. No mapa compreende a região sudoeste.

⁵⁰ João Jorge Coury – Depoimento à Secretaria de Segurança Pública do Estado de Minas Gerais em 15 de junho de 1964.

Na medida que esse depoimento tão sintético é a única frase conhecida do arquiteto sobre sua concepção da arquitetura e, é uma declaração sincera e segura dos conceitos nos quais acreditava; merece pois um exame atento, pois pode esclarecer o pensamento do arquiteto e o modo como o refletiu na atividade de projeto.

Para BRUAND (1981) a nova arquitetura brasileira foi marcada pelo aspecto da *“tentativa de conciliação entre os princípios da arquitetura ‘moderna’ e os da tradição local, implantada pelos colonizadores portugueses e seus descendentes nos séculos XVI e XVII”*, e que essa síntese foi liderada por Lúcio Costa. Coury era então consciente desse caminho que delineava a arquitetura brasileira, conhecia o conceito teórico e, possuía uma proposta de atuação.

Para refletir melhor essa afirmação da *“nacionalização do modernismo arquitetônico”* com a qual Coury identifica como sendo seu fundamento da arquitetura, temos que comentar sobre a visão de Lúcio Costa. TELLES (1989) entrevistê na arquitetura brasileira *“o partido que Lúcio delineou há muitos anos , e que é menos um repertório de formas ou uma determinação construtiva do que uma certa atitude diante da modernidade, que nele sempre esteve demarcada por um olhar retrospectivo sobre nosso passado colonial”*. Essa atitude de Lúcio Costa se faz frente aos valores da tradição construtiva da colônia – *“a simplicidade, a harmonia e a austeridade – deveriam reger o sentido e a intenção do projeto moderno”*⁵¹. BRUAND (1981) completa ... *“o que Lúcio Costa efetivamente aprecia na arquitetura civil luso-brasileira é sua simplicidade e sua pureza. (...) o caráter perfeitamente funcional e lógico dessa arte antiga prestava-se, aliás, a uma aproximação com o movimento moderno.”* Para escapar dos modismos estilísticos a arquitetura deverá ter um fio de ligação com o passado colonial.

Lúcio Costa estudou e admirava a nossa arquitetura colonial, conforme escreveu MARTINS (1987), *“pelo seu rigor construtivo e pela sua sábia adaptação ao clima, à paisagem, e às disponibilidades técnico - construtivas. Esse olhar capaz de distinguir as qualidades naturais ‘...do verdadeiro espírito de nossa arquitetura (...)robusta, forte e maciça, (...) de linhas calmas e tranquilas’ não é um olhar meramente contemplativo ou saudosista. Preocupado em verdadeiramente aprender,*

⁵¹ Telles, Sophia S.(1989)- *“Lúcio Costa : Monumentalidade e Intimismo”*. in Novos Estudos – CEBRAP, São Paulo, pág. 75.

*não deixa de apontar com ênfase que, além da arquitetura religiosa e oficial, há uma arquitetura civil, de particular interesse ‘... porque nela se encontram os elementos para a solução inteligente de um projeto de aparência muito simples, porém, bastante complexo e difícil: o projeto e a construção das pequenas casas, (...) que a todo momento e em todos os cantos se constróem’.*⁵² Costa aprecia especialmente a tradicional casa do colono.

Lúcio Costa assumiu o que havia sido proposto pelos “*pioneiros do racionalismo*”, mas adaptando às condições locais e corrigindo o que podia ter de excessivo rigor. BRUAND (1981) “*Portanto, sua contribuição teórica situou-se em dois planos distintos: de um lado, a divulgação do pensamento europeu e do sistema que o originou e, do outro, a reflexão pessoal*”.

Le Corbusier é dos “modernos” o que está mais próximo da essência de nossa própria arquitetura tradicional, buscou na “tradição mediterrânea o seu paradigma”, bebeu na mesma fonte onde a arquitetura tradicional brasileira se originou. Era pois a absorção ideal, para os nossos arquitetos com olhares sintonizados com o ‘espírito nacional’. Conforme MARTINS (1987) “*Incorporar-se à produção internacional, através da vertente corbusiana, é a maneira de atualizar a cultura nacional, assumindo a modernidade, sem renegar – ao contrário, resgatando-as com ‘renovado vigor’ - as mais puras origens da tradição nacional*”.

A primeira vez que Le Corbusier veio para o Brasil foi em 1929 e representou um “*um impulso para a arquitetura no Brasil, e em 1936 havia já uma escolha pelo arquiteto*”⁵³ quando o convidaram para o projeto do Ministério da Educação e Saúde. Segundo Lúcio os fundamentos doutrinários de Le Corbusier integravam “*os três problemas distintos que interessam e constituem o problema único: o problema técnico da construção funcional e seu equipamento; o problema social da organização urbana e rural na sua complexidade utilitária e lírica; o problema*

⁵² Martins, Carlos ^aF.(1987) – “Arquitetura e Estado no Brasil – Elementos para uma investigação sobre a constituição do discurso Moderno no Brasil; a obra de Lúcio Costa 1924/1952”. USP, São Paulo, pa’g 139.

⁵³ Telles, Sophia S.(1989)- “Lúcio Costa : Monumentalidade e Intimismo”. in Novos Estudos – CEBRAP, São Paulo, pág. 76.

plástico da expressão arquitetônica na sua acepção mais ampla e nas suas relações com a pintura e a escultura”.

Lúcio Costa alia então os conceitos de Le Corbusier à tradição local da arquitetura brasileira. Coury retoma diretamente de Lúcio Costa as referências do projeto moderno.

Retornemos pois à reflexão sobre a produção do arquiteto João Jorge Coury, fazendo o recorte **geográfico** – obras na cidade de Uberlândia e; **tipológico** – as residências, objeto que abrange todo o caráter de projeto. ACAYABA (1986) *“O desenho da casa, embora determinado pelas diferenças de cada família, revela os aspectos mais genéricos de qualquer moradia”.*

Lúcio, como já vimos, defende a síntese entre a arquitetura moderna e a arquitetura colonial e, percebe a facilidade dessa síntese nos projetos de residências, onde existia *“uma clientela (...) capaz de aceitar mais facilmente uma arquitetura (...) moderna, que não rompesse totalmente com a tradição formal...”*⁵⁴

Este estudo aborda a obra do arquiteto João Jorge Coury em dois momentos distintos: o primeiro situa-se na década de 1940, onde os projetos identificados apresentam uma forte característica eclética e um segundo momento, denominado “a modernidade”, que é a parte mais significativa e o foco de meu maior interesse.

Como método de análise das obras modernas, elegemos alguns aspectos que nos permite observar os procedimentos e os princípios projetuais de Coury, em relação as referências de Le Corbusier e a busca da tradição de Lúcio Costa. Fazer a leitura das obras, tendo como base a exploração desses elementos de linguagem é o procedimento adotado.

Para as análises foram utilizados os documentos constantes do Arquivo Municipal de Uberlândia, ou seja, os projetos denominados “legais”, que são utilizados para aprovação da Prefeitura.

O estudo então, tenta identificar, na leitura dos projetos, as questões básicas e analisá-las em função das edificações que as ilustram. Suas características essenciais

⁵⁴ Bruand, Yves. (1981) – “Arquitetura Contemporânea no Brasil” , Ed. Perspectiva, São Paulo, pág. 124.

e elementos que fazem parte da linguagem moderna brasileira foram assim relacionados:

- a) a análise das relações espaciais, tanto a nível de implantação da edificação no lote quanto à organização e distribuição dos espaços internos, englobando a caracterização da área social e íntima e o uso das edículas; e a caracterização dos corredores / rampas;
- b) relação varanda / pátios e jardins; e a relação jardim / casa / rua / cidade;
- c) a volumetria plástica e formal;
- d) a tecnologia quanto aos materiais utilizados e sua técnica construtiva.
- e) interação arte / arquitetura;

Além de uma produção voltada para residências, J.J.Coury, projeta hospitais, clínicas médicas, espaços comerciais, indústrias, clubes, enfim, uma tipologia variada, atua também em outras cidades do Triângulo Mineiro – Uberaba, Araguari, Ituiutaba, Tupaciguara, Monte Alegre, como também do Estado de Goiás - Anápolis, Goiânia, Itumbiara bem como em Brasília. Para o estudo em questão foi feito um levantamento documental – Inventário tentando a totalidade da obra de Coury.

A proposta dos arquitetos modernos é trabalhar a arquitetura e a cidade. Assim, a nova atribuição do arquiteto conforme cita ARGAN (1992) é : *“...se o problema da arquitetura é colocado, como o é necessariamente, em escala urbanista e, portanto, de construção civil em série,... (...) a figura profissional do arquiteto : antes de ser um construtor, deve ser um urbanista, projetar o espaço urbano.”*

Coury tem também, uma grande atuação no espaço urbano, projeta diversas praças para a cidade de Uberlândia e região. Sobre essas propostas é interessante pesquisar a dissertação *“As Praças Modernas’ de João Jorge Coury no Triângulo Mineiro”*, defendida pela professora Maria Eliza Alves Guerra, onde ela aborda o arquiteto, o político e suas ligações com a esquerda brasileira. Nas atuações urbanísticas, além das praças, Coury projeta em 1960, o Clube Caça e Pesca (clube campestre e loteamento) e em 1961 a Cidade Industrial de Uberlândia, englobando área destinada a instalações das indústrias, parque, área residencial e comércio.

3.2 - A produção na década de 40: o Ecletismo

Coury nesse período, recém chegado a Uberlândia, atua principalmente em aumentos e reformas de fachadas; realiza alguns projetos residenciais, um hospital e um ginásio. Apresenta em suas obras uma linguagem eclética, com influências marajoaras.

É interessante observarmos que essa linguagem dos primeiros projetos do arquiteto é comum inclusive na literatura especializada da época e está presente em alguns projetos publicados na revista do D.A. da Escola de Arquitetura de Belo Horizonte, de 1935, citada no 1º capítulo. Podemos observar ainda pelos três números dessa revista, que Coury já possuía, quando veio para Uberlândia, um conhecimento da linguagem da nova arquitetura moderna. Vários foram os projetos publicados que abordam essa linguagem, o Projeto da “Casa Littoria” do Grupo Universitário Fascista de Roma, até as casas de J. Cordeiro de Azeredo reproduzidas da revista “A Casa” e ainda alguns trabalhos de alunos. Acredito também que, o arquiteto quando vem para a cidade não encontra um ambiente propício para uma produção mais ousada, e ainda uma dificuldade para a utilização de novas tecnologias em função da ausência de materiais e mão de obra. Sua particularidade reside justamente em suas posturas avançadas num ambiente pouco afeito a inovações.

Como referência para esse período, foram selecionadas duas obras residenciais:

Residência Ernestina Fernandes (1949). Proposta de modificação de fachada, onde o arquiteto acrescenta à fachada original ornamentos que enfatizam a linha superior da janela. Cria elementos laterais na empena e aplica textura na parede. Não temos informações de que a proposta tenha sido executada. (FIGURA 24)

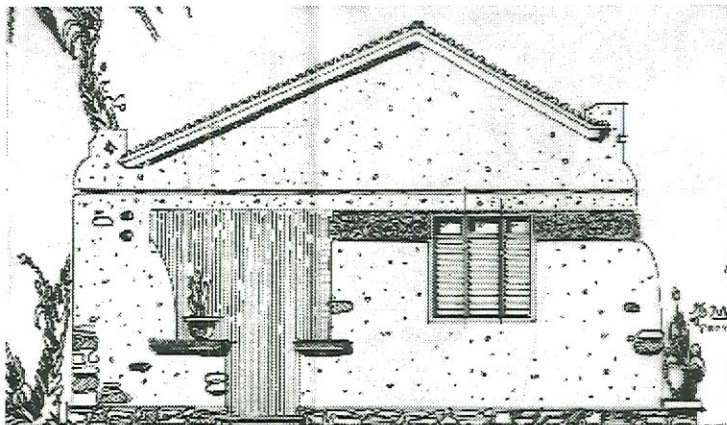


FIGURA 24
**Residência
 Ernestina
 Fernandes**
 1949 - reforma
 Rua Santos Dumont

Essa mesma linguagem é empregada na residência **José Amillard de Menezes**, projeto de 1949, construção 1950, onde porém, verifica-se a utilização de ornamentação de influência marajoara. Pequenas modificações na execução da obra foram observadas, a utilização da janela tipo “Ideal” com sistema de contra peso, em madeira, como elemento de construção. A presença dessa janela foi muito utilizada na arquitetura moderna brasileira.

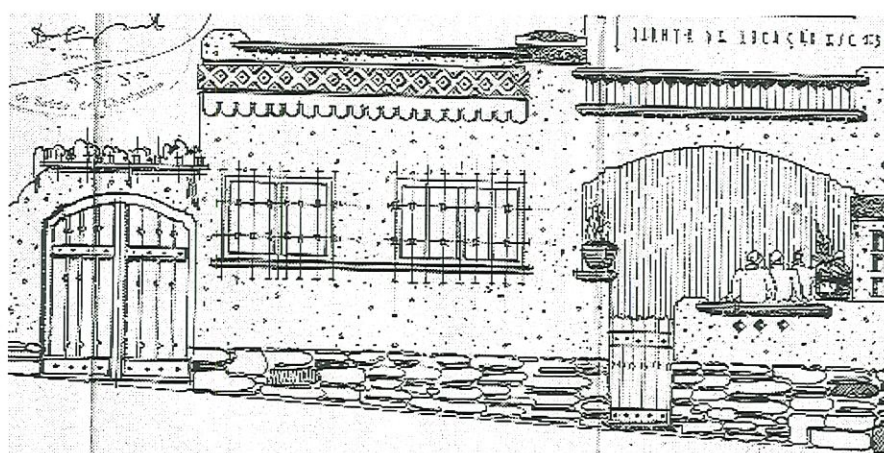


FIGURA 25
**Resid. José
 Amillard Menezes**
 1949 - reforma e aumento
 Av. Cipriano del Fávoro
 Área = 122,18m²

3.3 – A Produção após 1950: A Modernidade

Em 1950 / 1951, algo acontece na vida do arquiteto João Jorge Coury. Há um momento em 1950/ 1951 no qual Coury assume que, a linguagem da arquitetura moderna, não é o que ele vinha executando. Nesse momento seus projetos estruturam-se de forma diferenciada. Essa ceulema configurou-se em especulações e hipóteses que tentei relacionar com os fatos relativos à pessoa do arquiteto e a outros acontecimentos nacionais. Conforme depoimentos, Coury foi um viajante, um peregrino. Mantinha vínculos com Belo Horizonte, em função da política e de amigos. Ivan Cupertino, seu amigo e que trabalhou como desenhista com Coury, confirma essa hipótese, que no período da década de 50, Coury ia muito a BH. Ivan Cupertino foi estudar arquitetura na capital mineira em 1952, formou-se em 1959, quando retorna e trabalha por um ano em Uberlândia. Lembremos que a Pampulha de Oscar Niemeyer, é um projeto de 1942, que só termina sua construção em 46. Ao mesmo tempo, Coury tem laços com São Paulo, conforme depoimento de Miguel Juliano, que também havia sido estagiário no escritório do Coury e que depois foi para São Paulo, também a fim de estudar arquitetura. Em 1951, acontece a I Bienal de Arquitetura em São Paulo. Nesse momento a arquitetura brasileira está sendo divulgada internacionalmente.

Outro ponto que cabe ressaltar baseia-se no fato de Coury possuir em sua biblioteca livros como “Brazil Builds (1943), “Le Corbusier - Oeuvre compléte” (1953) e um exemplar do livro de Neutra “Arquitetura Social em países de clima quente”(1948). Este último contém o autógrafo do autor na página cinco e a introdução é feita pelo arquiteto Gregory Warchavchik.

A casa unifamiliar de Le Corbusier: “*Uma Máquina de Morar*”, teve suas idéias ensaiadas entre 1920/1930, baseado em 5 postulados por ele definido: o uso de

“pilotis”, a “planta livre”, “*resultado da estrutura de concreto armado, só a funcionalidade e a composição desejada regiam a organização das paredes*”⁵⁵, “as janelas contínuas”, “as fachadas livres” e o “teto / jardim”. Coury não adota integralmente os postulados de Corbusier, não utiliza de “pilotis”, mas trabalha a funcionalidade da planta livre, bem como as janelas contínuas e as lajes planas na cobertura, que por vezes foram trocadas pelos telhados em telha cerâmica, como adotava Lúcio Costa.

Há que lembrar também, que com o término da 2ª Guerra Mundial, a sociedade torna-se mais aberta às novas mudanças, é um momento de reformulação política e econômica. O Brasil se abre para as importações. Em Uberlândia, no final da década de 40, estrutura-se um comércio forte em todas as áreas inclusive na de materiais de construção.

Nesse momento, ano de 49 reaparece a discussão da mudança da capital federal, o que envolve todo o Triângulo Mineiro. A sociedade começa a absorver essas novas linguagens arquitetônicas ligadas à proposta de um governo desenvolvimentista. Há uma classe média que está assumindo uma imagem de modernidade.

NEUTRA (1948) conclui: “*Na verdade, a arquitetura moderna, em qualquer país, teve início em cidades que ofereciam facilidades técnicas e uma clientela dotada de recursos financeiros.*”

Todas essas hipóteses tentarei relacioná-las dentro das questões de análise.

O desenvolvimento dos projetos residenciais unifamiliares do arquiteto João Jorge Coury, podem ser nitidamente percebidos por uma modificação que ele faz da relação casa e o lote, ou seja, da forma de ocupação do lote e pela organização dos volumes na implantação do projeto no terreno. Esse percurso sintetiza a trajetória do raciocínio arquitetônico de João Jorge Coury, como veremos a seguir. (FIGURA 26)

⁵⁵ Acayaba, Marlene M. (1986) – “Residências em São Paulo 1947 – 1975”, Projeto Editores, São Paulo, pág. 16

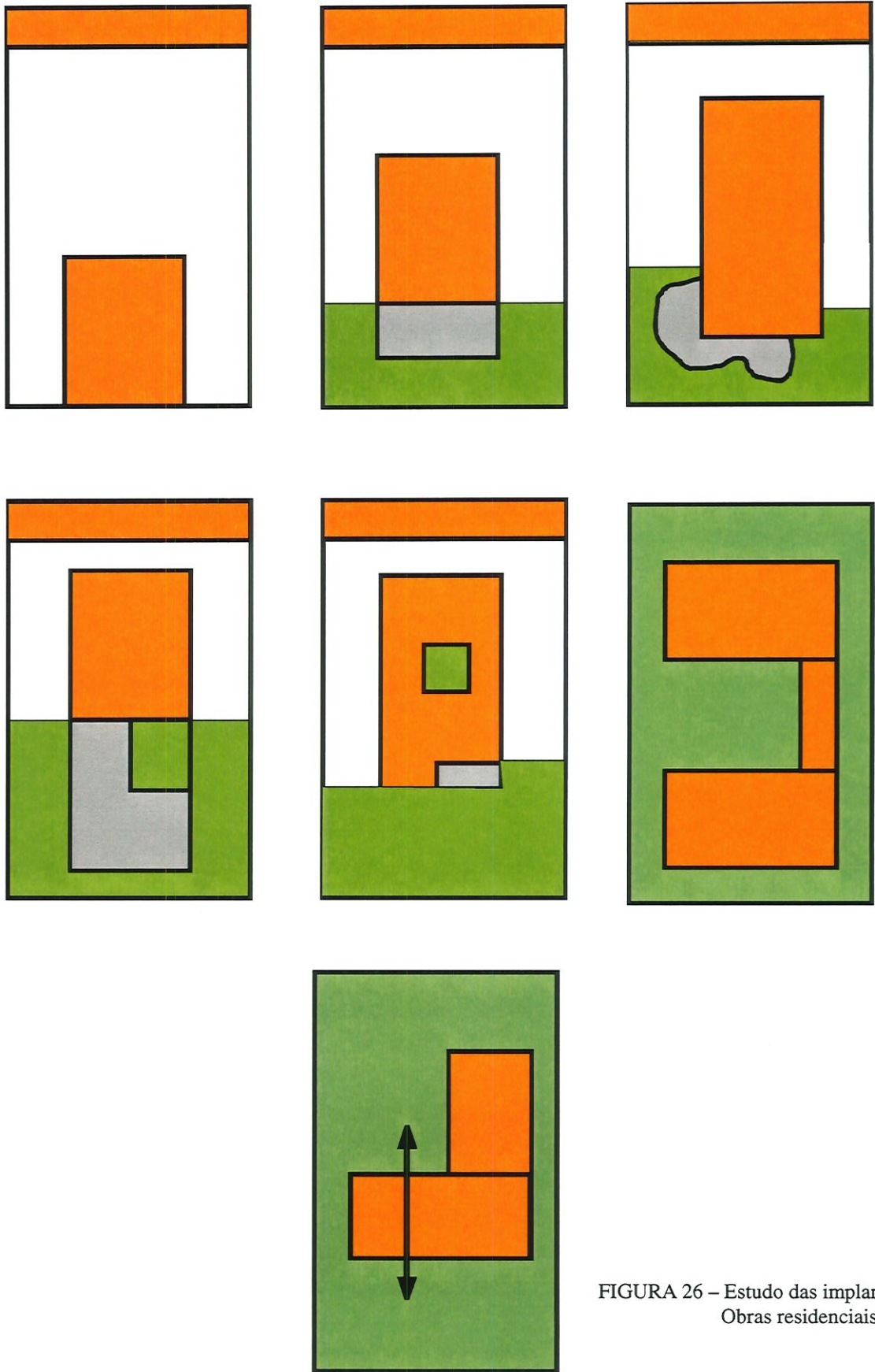


FIGURA 26 – Estudo das implantações – Obras residenciais

Na década de 40, a casa em bloco único, está na divisa frontal do lote, caracterizando frente e fundo do terreno. A partir da década de 50, as relações espaciais englobando a implantação da edificação no lote, a organização e distribuição dos espaços internos e a volumetria dos blocos, acontecem na obra de João Jorge Coury com momentos bem delimitados.

Primeiro se configuram como um bloco bem definido com pequenas aberturas para o exterior; depois se abre para uma varanda com jardim no recuo frontal.

A configuração onde frente e fundo do lote são vistos como dois elementos distintos, persistirá até a penúltima fase dos projetos residenciais unifamiliares do arquiteto Coury.

Num segundo momento, a casa continua formada por um único bloco, com varanda frontal, mas essa varanda, em laje plana, se curva e movimenta numa forma amebóide, demonstrando uma preocupação com a pesquisa formal e a expressão plástica.

Esse movimento da varanda, se configura no terceiro momento, abraçando o jardim e criando a relação - rua / jardim/ varanda/ jardim/ casa - ou seja a varanda é entremeada pelo jardim.

Na sequência, no quarto momento, a casa continua formada por um único bloco, mas agora voltada para um jardim interno, persiste a varanda frontal incorporada ao volume. Essa proposta foi também identificada no projeto de **residência do arquiteto Raphael Hardy**, colega do Coury em Belo Horizonte. (FIGURA 27).

Nos projetos de Coury em Uberlândia em meados dos anos 50, percebemos uma composição volumétrica caracterizada por dois corpos, sendo um deles com dois pavimentos, interligados por uma rampa – corredor, que ajuda a resolver o problema da distribuição funcional.

Dois blocos superpostos formando um “L”, caracterizados por uma integração entre frente e fundo do lote, definem o último momento do desenvolvimento espacial visualizado como síntese da trajetória projetual de Coury para a tipologia residencial.

PROJETO E ADMINISTRAÇÃO DE RAPHAEL HARDY FILHO, Arquiteto

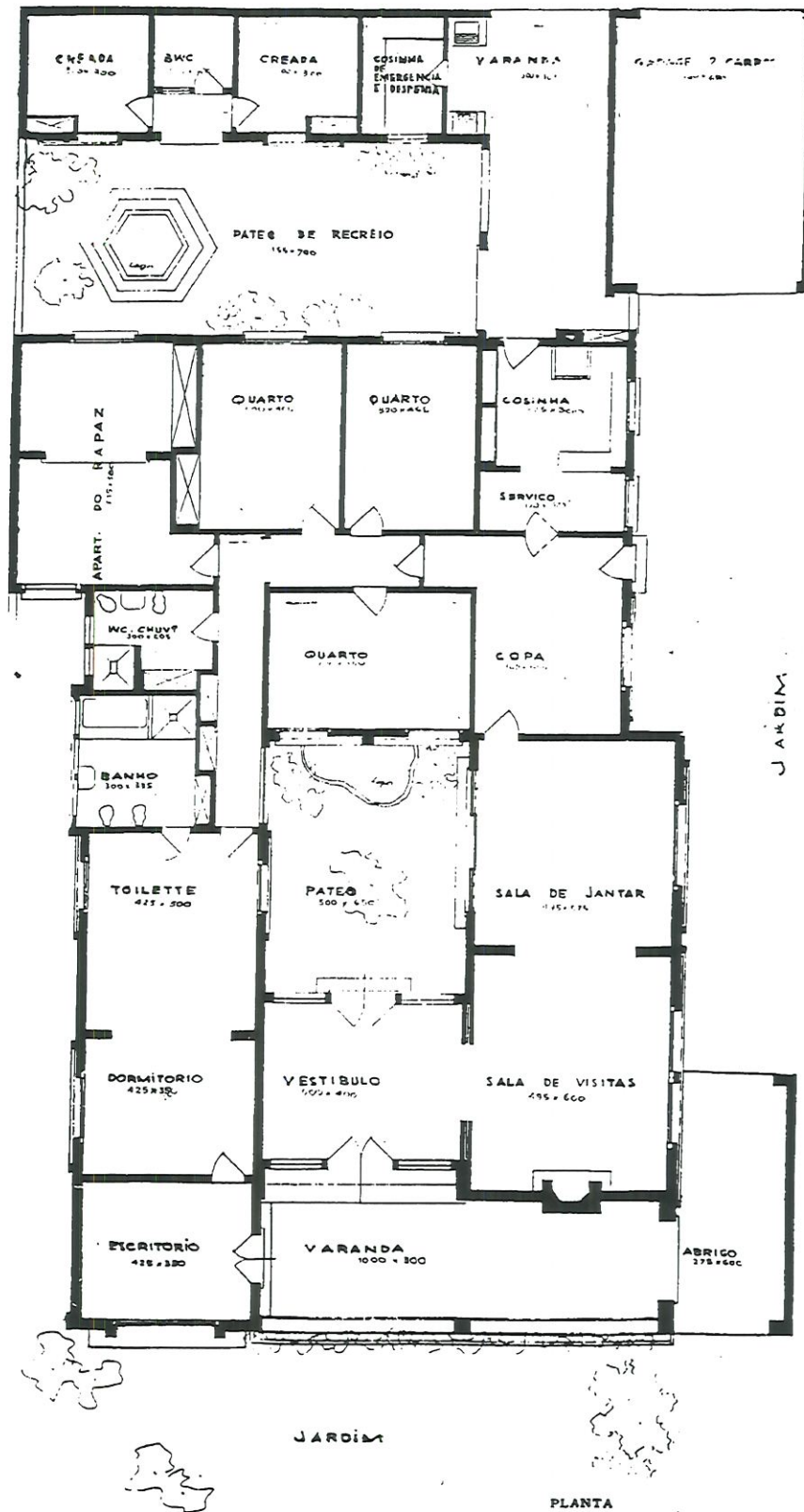


FIGURA 27 – Residência João Henrique Braga
Arquiteto – Raphael Hardy Filho

Na medida que exemplificarmos esse percurso, através de um exame atento das obras edificadas e/ou projetadas, poderemos constatar nossa afirmação, sintetizada pelos croquis apresentados anteriormente.

A edícula no fundo do lote perpassa por todos os momentos do desenvolvimento arquitetônico e, quando modifica passa para a lateral e não vem para frente do terreno como normalmente acontece na arquitetura moderna brasileira.

Em terrenos estreitos e compridos, Coury trabalha um eixo longitudinal, definindo áreas sociais e íntimas. Como exemplo encontramos a **residência Laerte Guimarães** (1965) (FIGURA 28) e **Dimazem Moraes** (1955) (FIGURA 29).

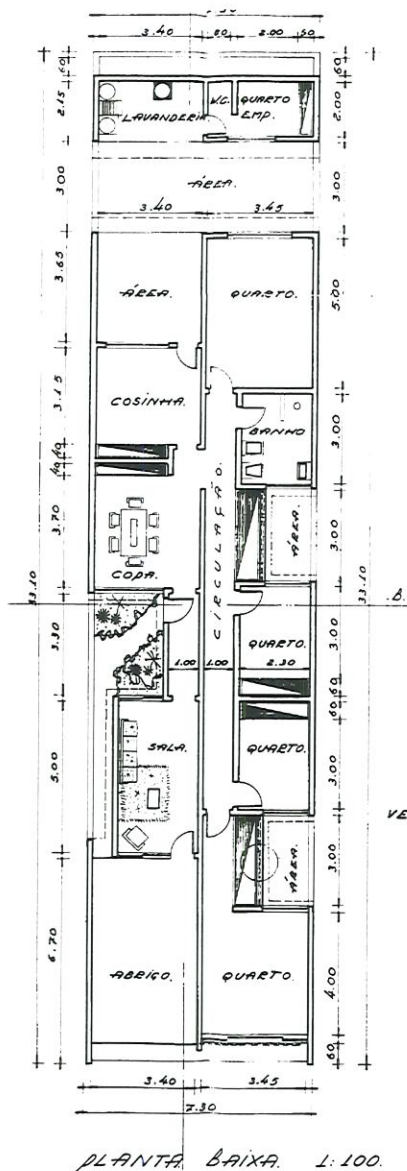


FIGURA 28 –
Residência Laerte
Guimarães – 1965 -
Planta

FIGURA - Residência Laerte Guimarães - 1965 - Planta

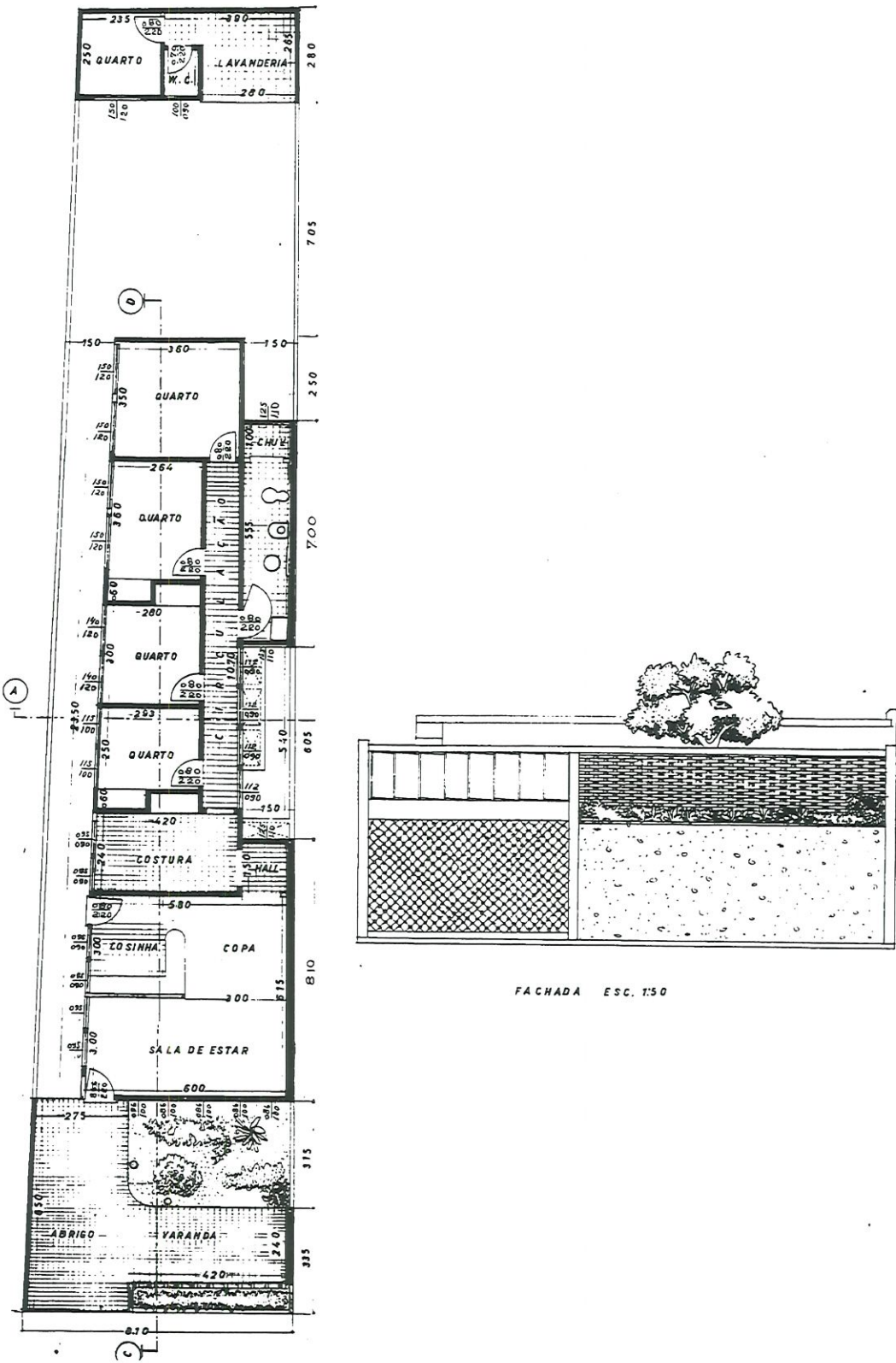


FIGURA 29 – Residência Dimazem Moraes – 1955 – Planta / Fachada

Notemos como acontecem essas modificações nas obras de J.J.Coury.

No início dos anos 50, a distribuição espacial das residências de Coury, está bem definida entre frente e fundo do lote. A edificação já recebe um pequeno recuo em relação a rua, criando-se um jardim frontal. Não há preocupação com setorizações na distribuição da planta. As casas não estão ainda configuradas com zoneamentos, os ambientes dos quartos ainda saem para a copa. E na sua organização espacial, a proposta de integração da cozinha com a copa, irá permanecer em vários trabalhos. As residências possuem uma volumetria compacta e persiste a importância da fachada principal.

A residência **Nelson Cupertino** (1951)(FIGURA 30), amigo de Coury e militante do Partido Comunista, apresenta um recuo frontal maior e pérgulas na cobertura do abrigo, ligado a uma varanda. A área construída é de aproximadamente 80,00m². A composição da fachada, como nas outras casas indicadas nesse momento, possui uma parede cega com uma única porta de acesso a sala; ou seja mesmo com a varanda frontal a casa não se abre para frente, hoje com várias modificações essa configuração não é mais percebida. Seu volume plástico é marcado pela presença da laje inclinada e pelo elemento de proteção da varanda, em concreto, transformado em pérgula.



FIGURA 30 – Residência Nelson Cupertino – 1951 - modificada

Na residência **Eugênio Arantes** (1951) (FIGURA 31), a distribuição espacial interna ainda não obedece a um zoneamento, persiste o dormitório ligado direto à sala. A presença de armários embutidos na alvenaria externa, além de funcionais é também utilizado para compor as fachadas juntamente com jardineiras curvas. A varanda frontal aparece protegida por elementos em concreto, construídos na própria obra e que acompanham a curvatura do desenho da varanda, que juntamente com o abrigo não mantém contato com a sala. A casa se fecha.

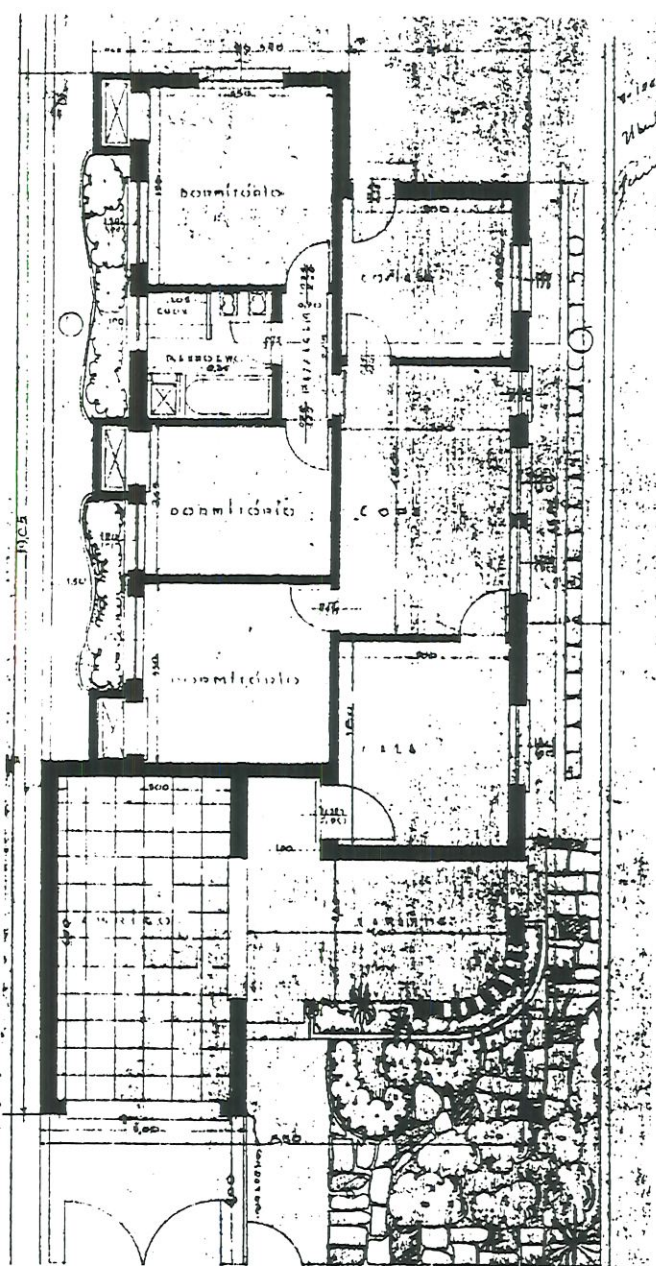


FIGURA 31 – Residência Eugênio Arantes – 1951 – Planta - demolida

A exploração da volumetria plástica e formal é identificada primeiramente pelos desenhos curvos das varandas e marquises, pela composição das fachadas, pelo tratamento dos elementos construtivos, janelas, brises, cobogós e treliça. Esta fase inicia-se com a **residência João Edson de Melo** (FIGURA 32, 33, 34), situada em uma esquina, em que explora os brises verticais, buscando uma sinuosidade. A composição das fachadas segue um interstício entre armários e vãos. Nesta residência, a planta mantém uma organização setorial, e a área livre está localizada no centro da edificação, para onde todos os ambientes convergem. Como contraste, a presença do fogão a lenha, talvez uma exigência do proprietário.

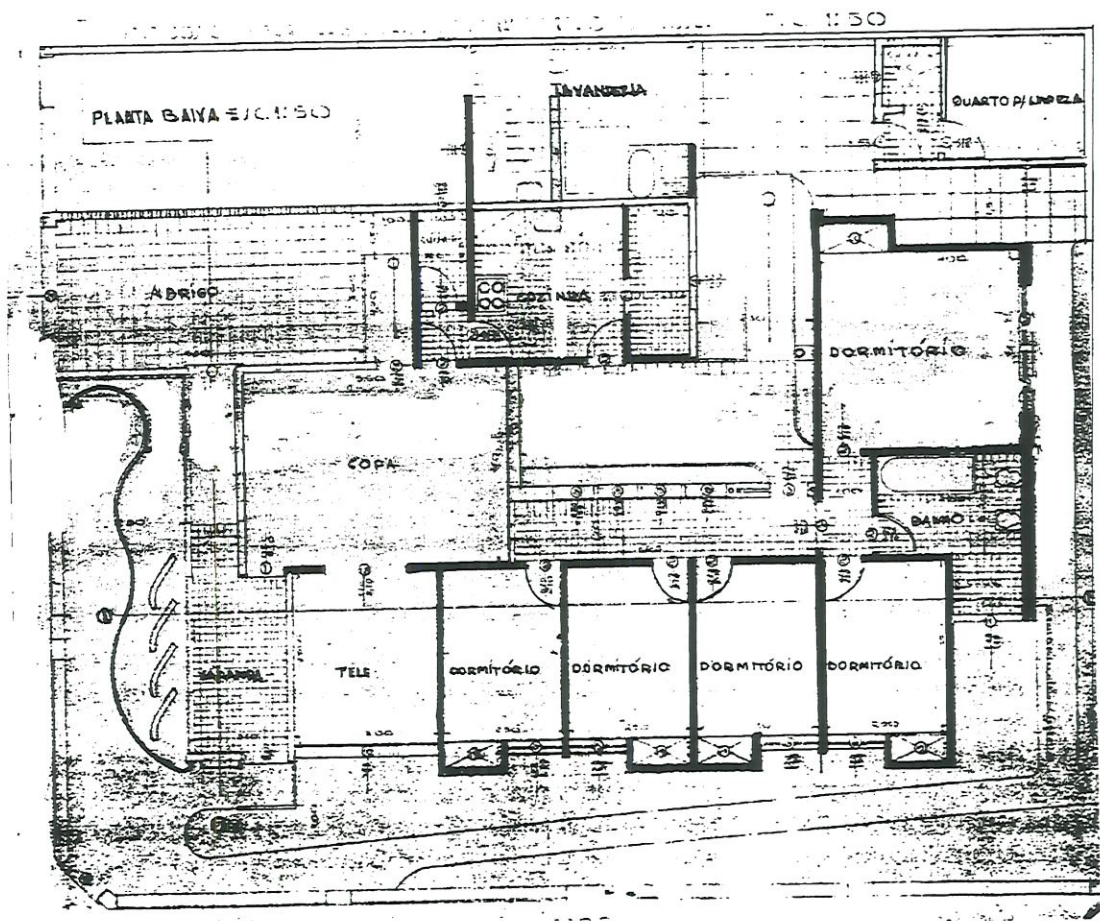


FIGURA 32 – Residência João Edson de Melo – 1951 - Planta

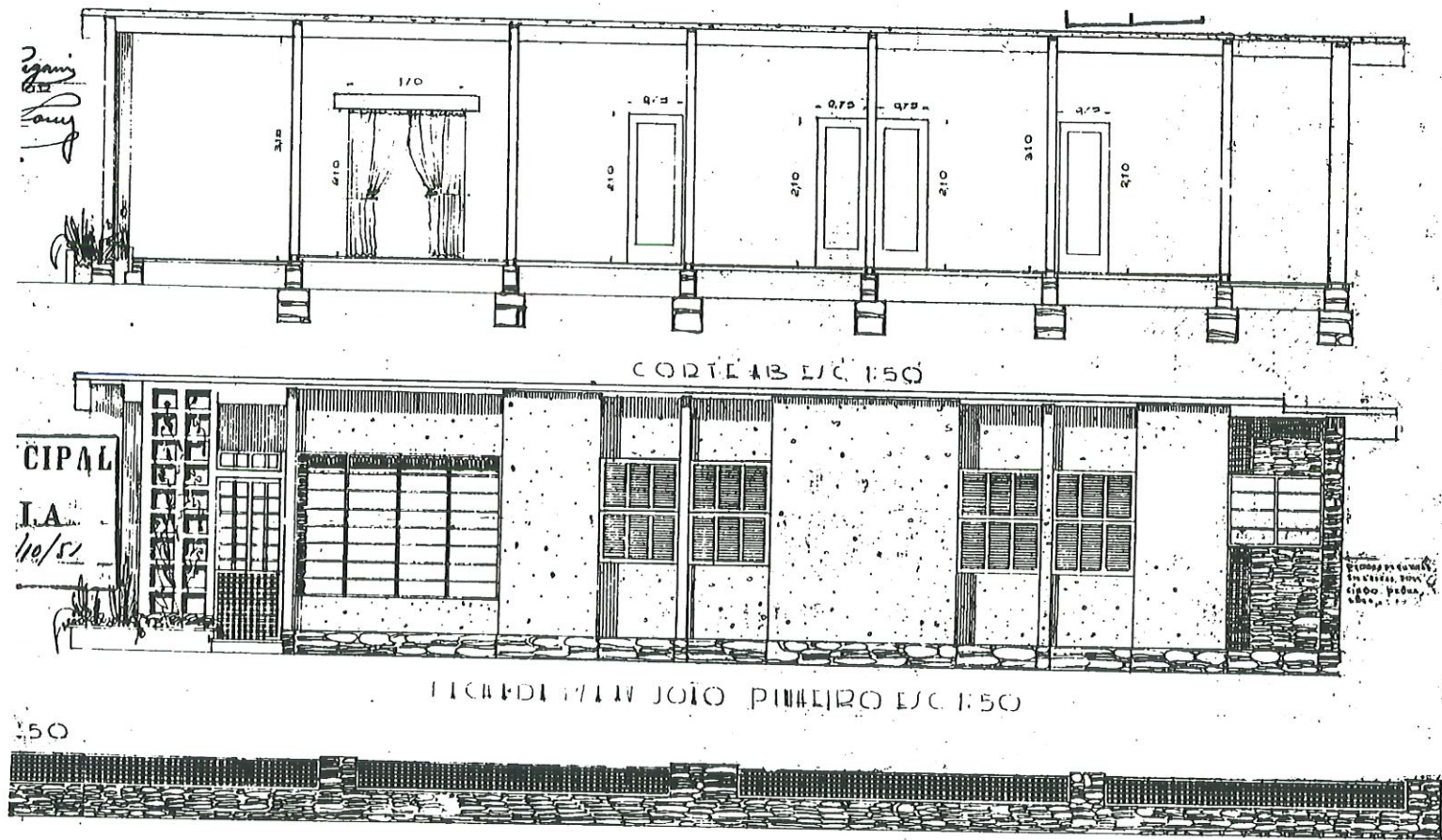


FIGURA 33 - Residência João Edson de Melo - 1951 - Corte e Fachada

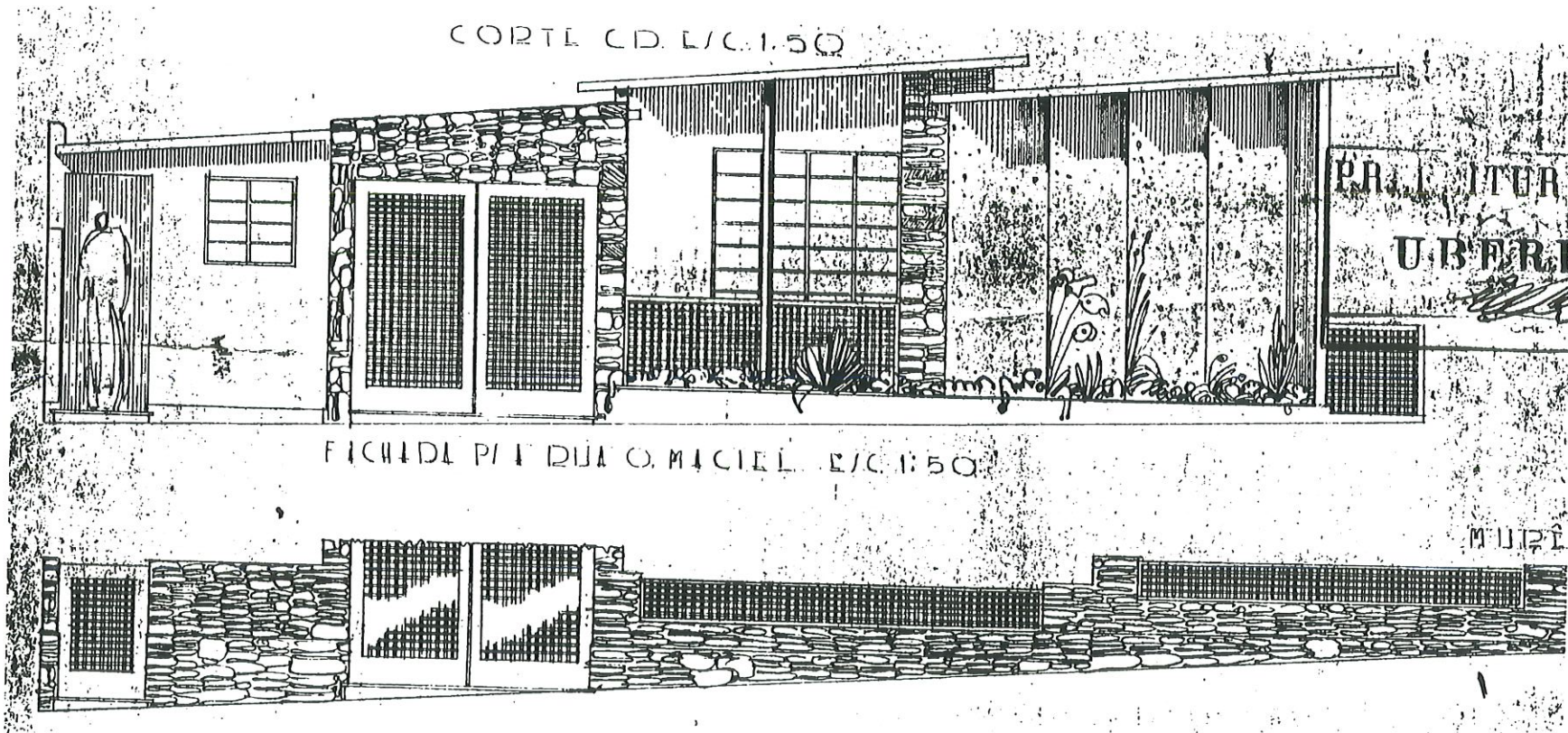


FIGURA 34 - Residência João Edson de Melo - 1951 - Fachada

A exploração formal, onde o corpo da edificação compacto ganha curvas na cobertura em laje das varandas, essa exploração plástica em que as lajes planas das varandas frontais se desprendem do corpo da edificação criando zonas de jardins e proporcionando uma riqueza formal, acrescidas pelo emprego de brises verticais e marquises e passarelas curvas; é uma característica que podemos perceber na residência Waldemar Faria (FIGURA 35).

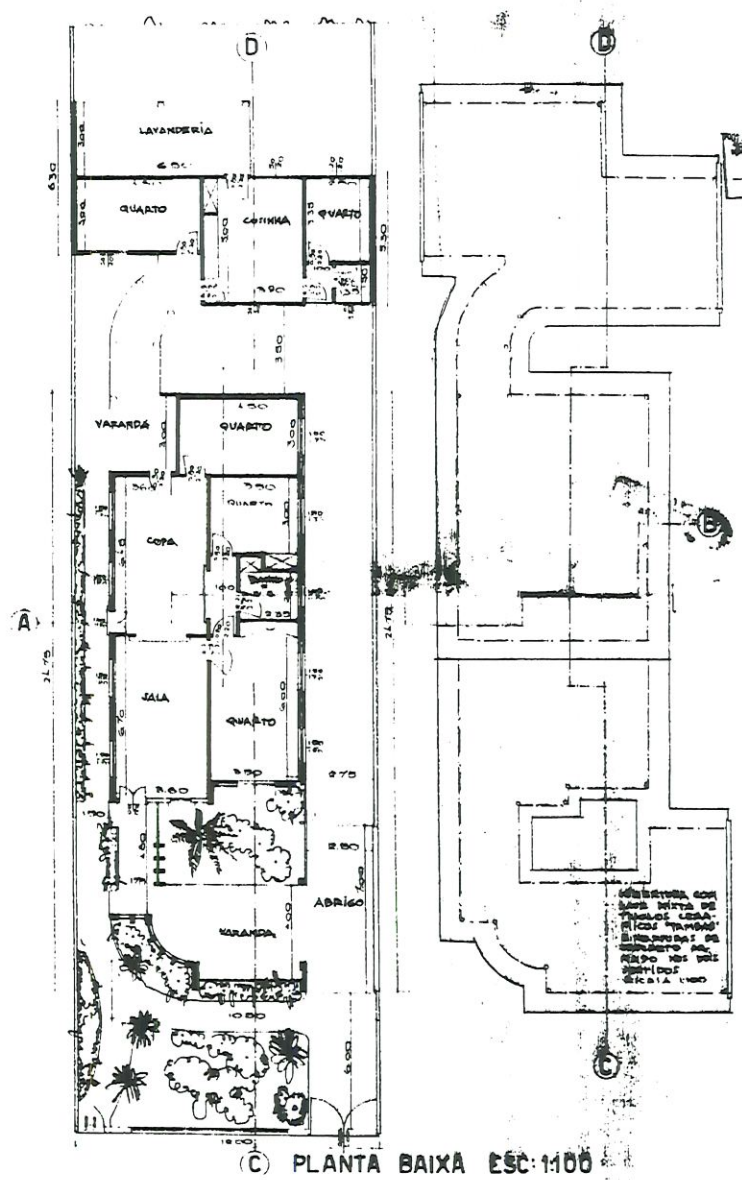


FIGURA 35 – Residência Waldemar Faria – 1952 - Planta

A sinuosidade das curvas aparecem também em marquises, nos desenhos dos jardins, como nas residências **Francisco Carracêdo** (FIGURA 36), **Clarinda Resende** (FIGURA 37). Nessa última o abrigo une-se a varanda que lateralmente estende-se pelo lote integrando à copa, na sala uma janela faz a união desses espaços. A varanda é então o elemento externo e interno, pois se torna a circulação entre sala e copa. A exploração da forma agora adquire novos elementos.

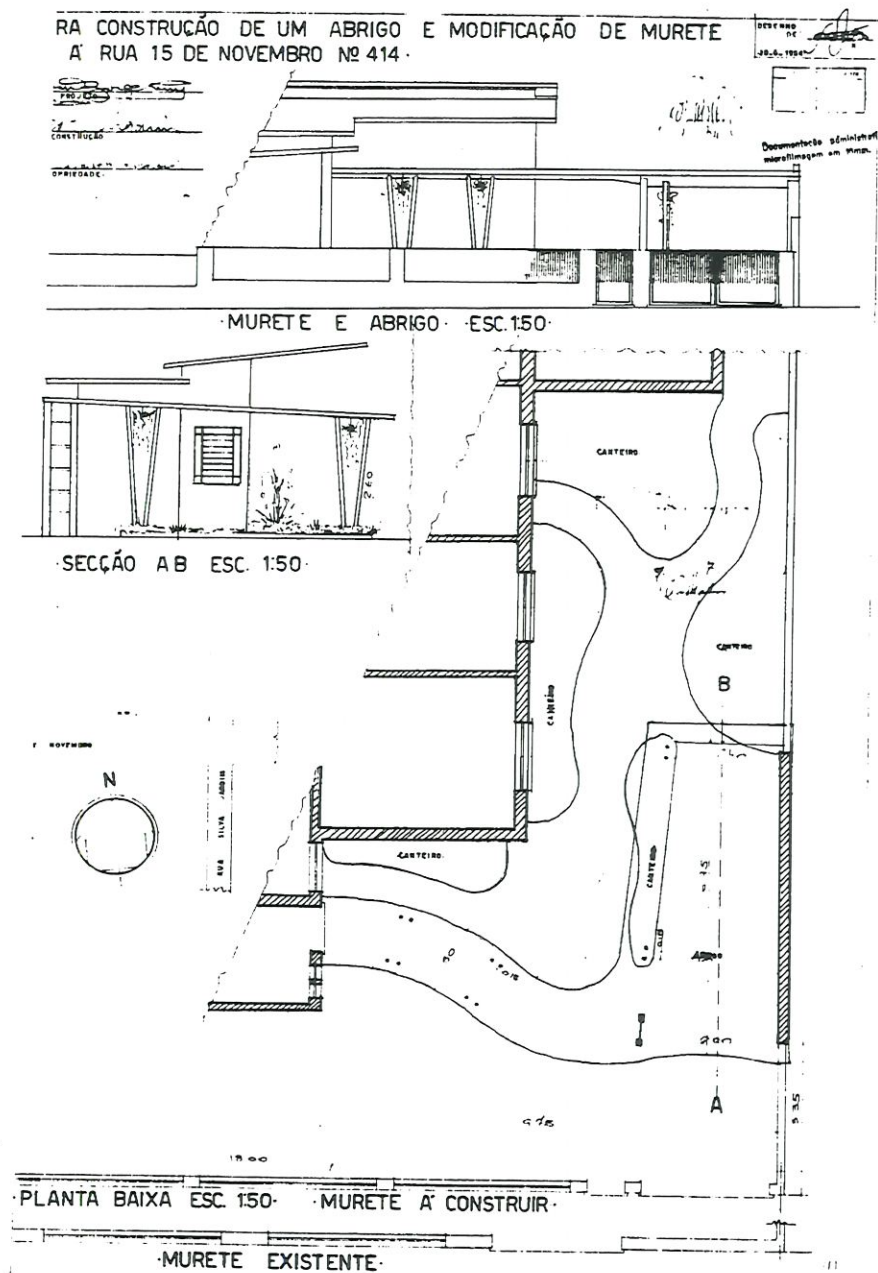


FIGURA 36 – Residência Francisco Carracêdo – 1954 - Planta

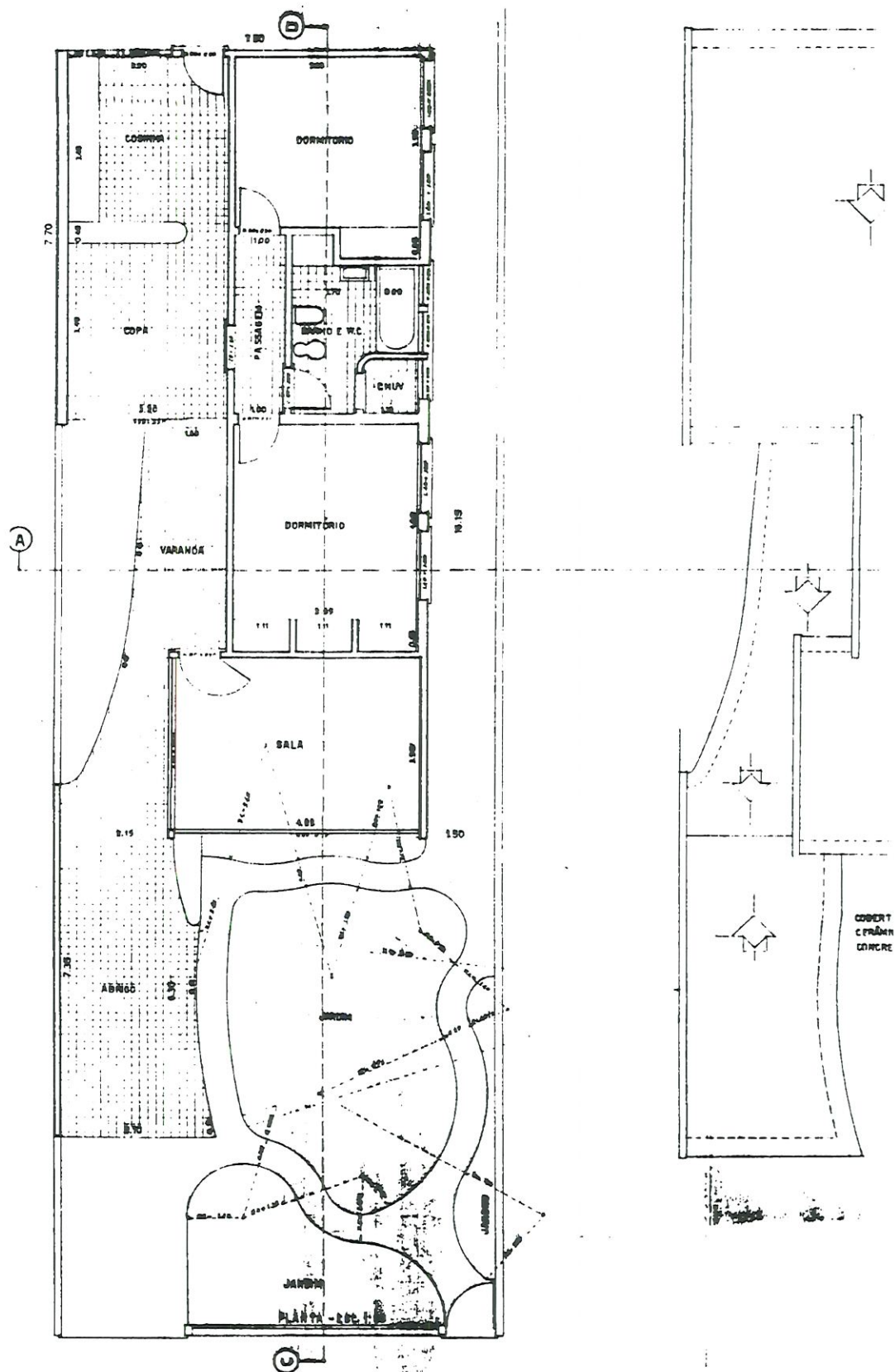


FIGURA 37 – Residência Clarinda Rezende – 1954 - Planta

Com o projeto da **residência Waldemar Silva** (FIGURA 38, 39). Um volume que se desenvolve entorno de um jardim interno, possibilitando uma integração entre os ambientes. A varanda frontal protegida visualmente por elementos vazados, tem função atenuadora da incidência solar e se incorpora à casa. Os fechamentos verticais em alvenaria não tocam o solo, e a casa é elevada por uma base em pedra. A distribuição da planta segue a funcionalidade, com distribuição setorizada dos espaços, em zonas de estar, serviço e íntima. Persiste a edícula no fundo do lote.



FIGURA 38 – Residência Waldemar Silva – 1957 – Foto Fachada



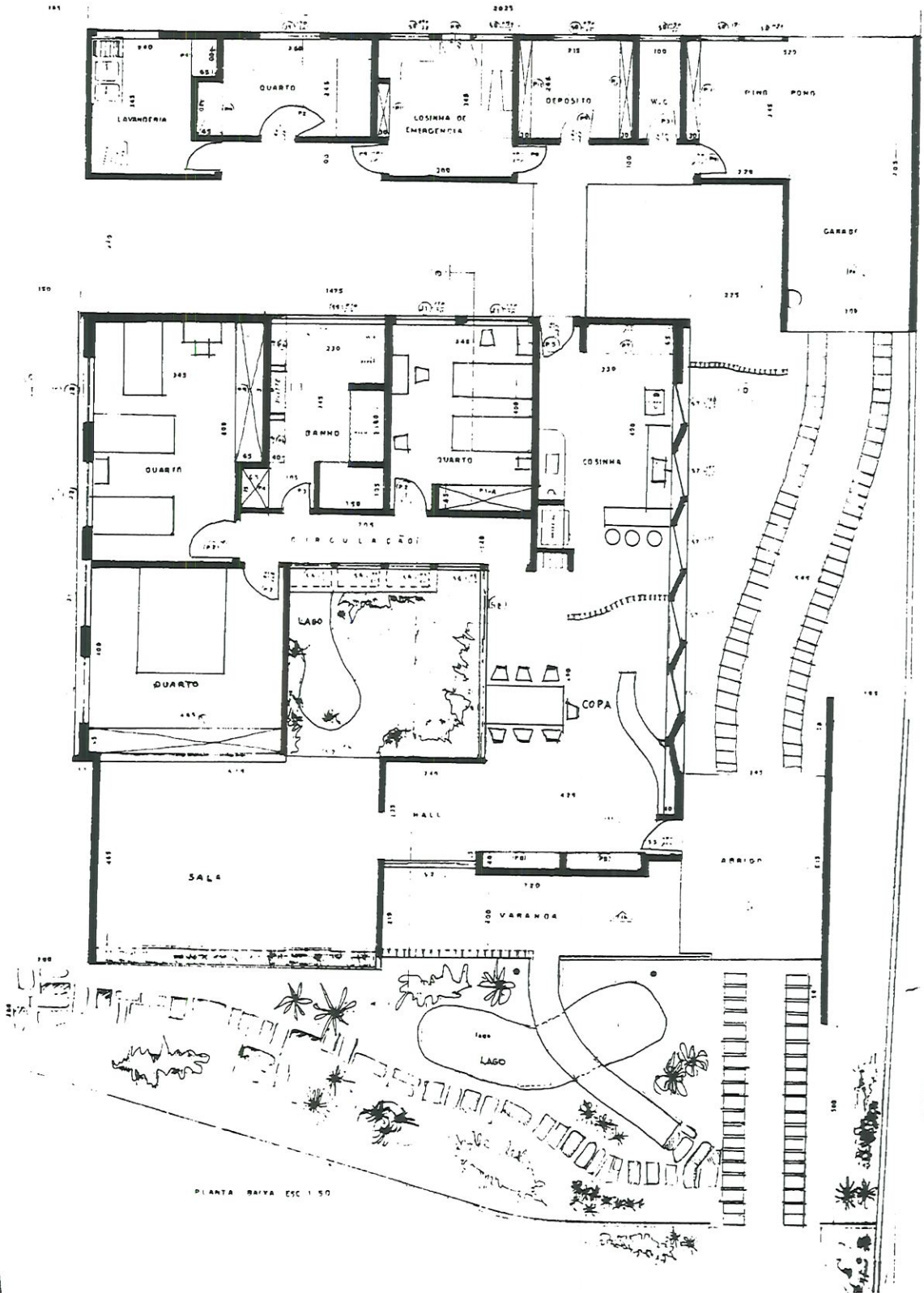


FIGURA 39 – Residência Waldemar Silva – 1957 – Planta

Com essa proposta espacial encontramos a **residência Ailton Borges** (FIGURA 40, 41), voltada para o jardim interno com um espelho d'água. Os planos verticais são enfatizados pela parede em pedra que avança no jardim frontal e, pela base recuada, formando quadros onde estão inseridas as aberturas.

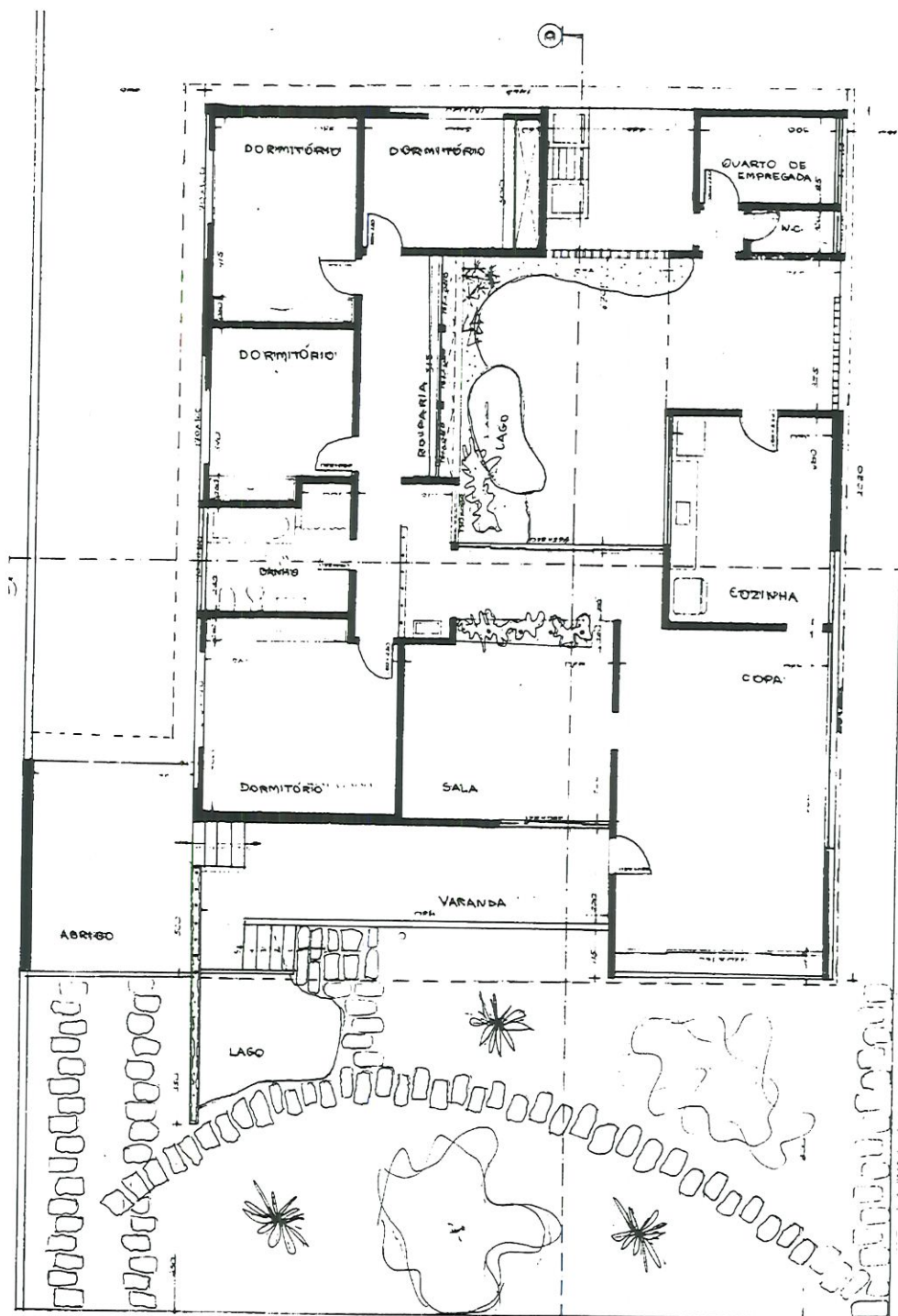
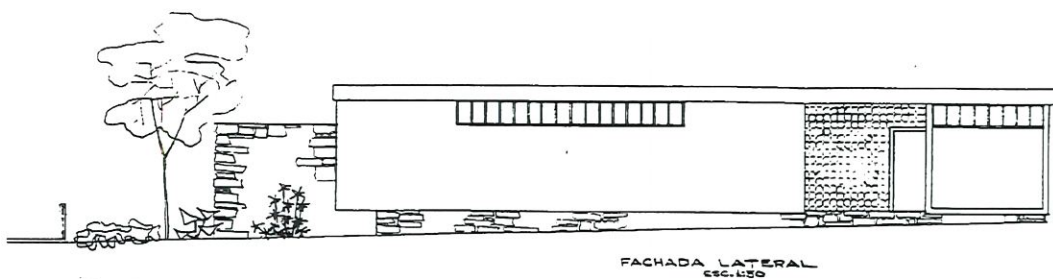
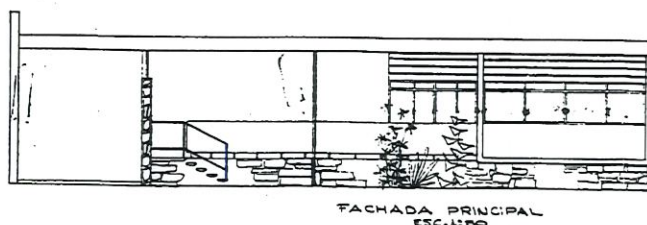


FIGURA 40 – Residência Ailton Borges – 1960 - Planta



Proj. arquiteta: *[Signature]* Construtor: *[Signature]* Proprietário: *[Signature]*



PROJ. D/A CONSTRUÇÃO DE UMA
RESIDÊNCIA - NESTA

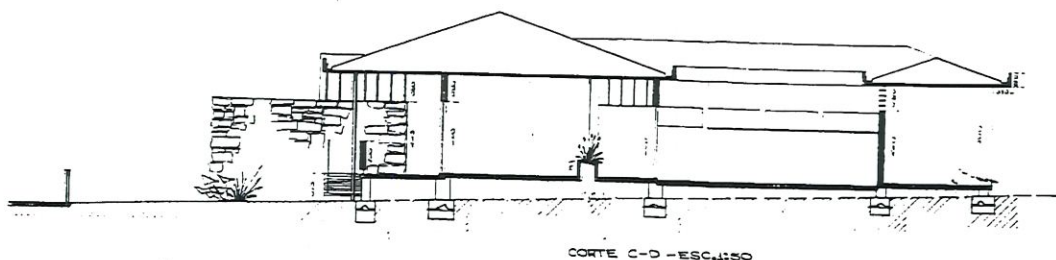
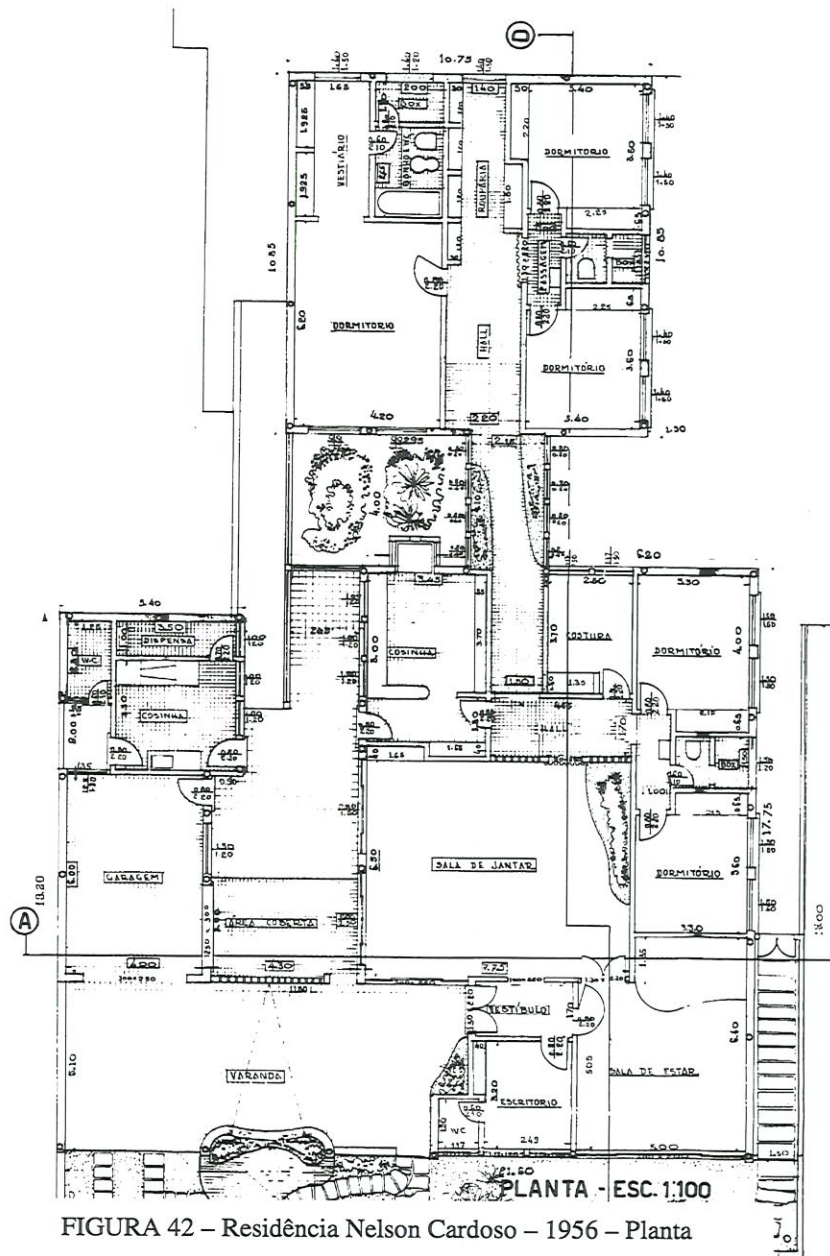


FIGURA 41 – Residência Ailton Borges –1960 – Foto / Fachadas / Corte

A configuração da obra em dois volumes interligados por rampa ou passarela, sendo um deles com dois pavimentos, se verifica mais tímida na **residência Nelson Cardoso** (FIGURA 42), que é uma reforma; nas **residências Júlio Custódio** (FIGURA 43) e **Alfredo Fonseca** (FIGURA 44,45,46), se tornam mais enfáticas em função dos desníveis dos terrenos. Essas circulações possuem aberturas definidas por brises ou elementos que indicam movimento. O uso de dois blocos, determina a distribuição espacial por função. Zonas de estar, parte íntima e a zona de serviço que é dividida ficando copa/cozinha junto com o estar, a lavanderia fica em outro nível de piso.



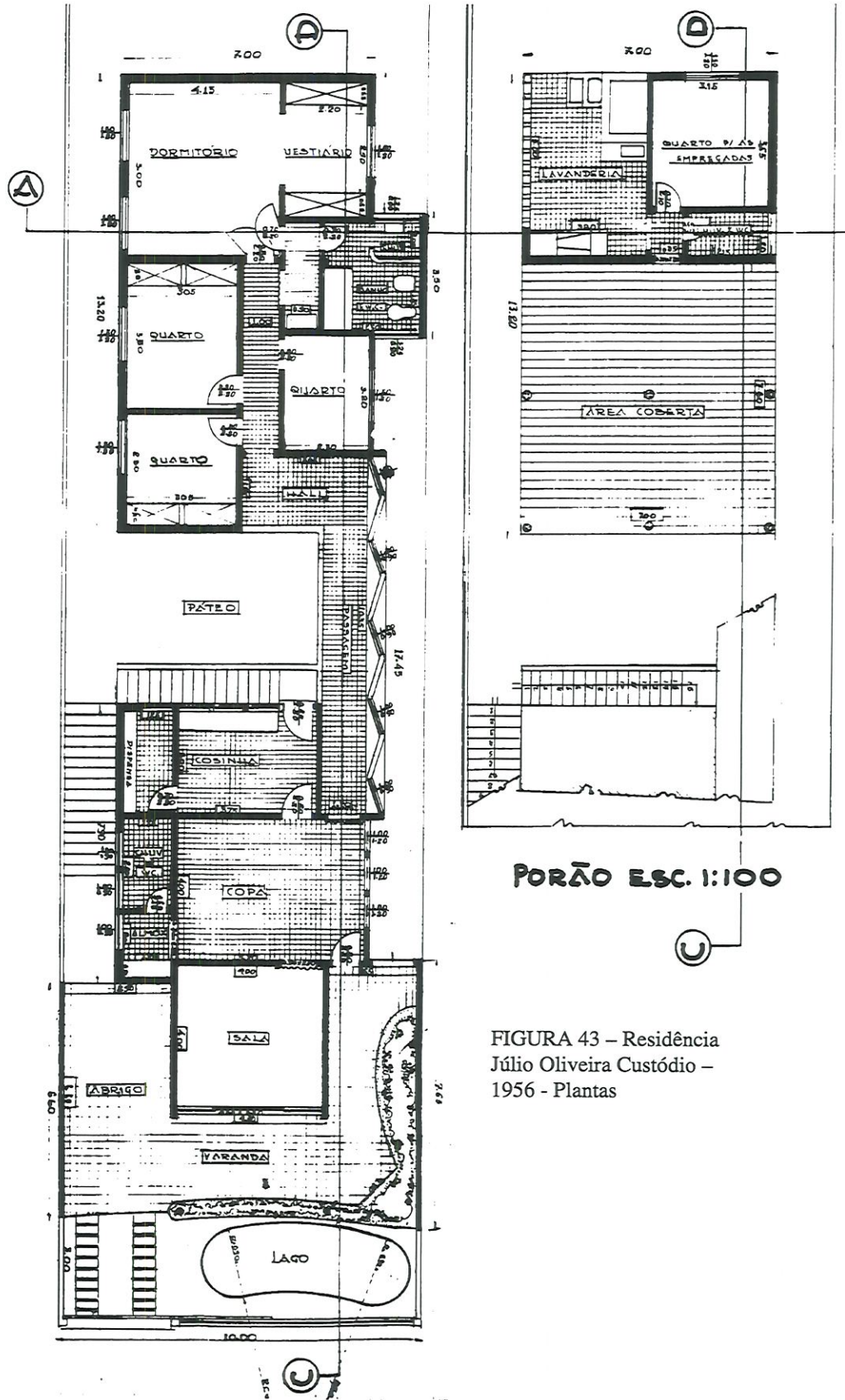


FIGURA 43 – Residência Júlio Oliveira Custódio – 1956 - Plantas

FIGURA - Residência Júlio Oliveira Custódio - 1956 - Planta

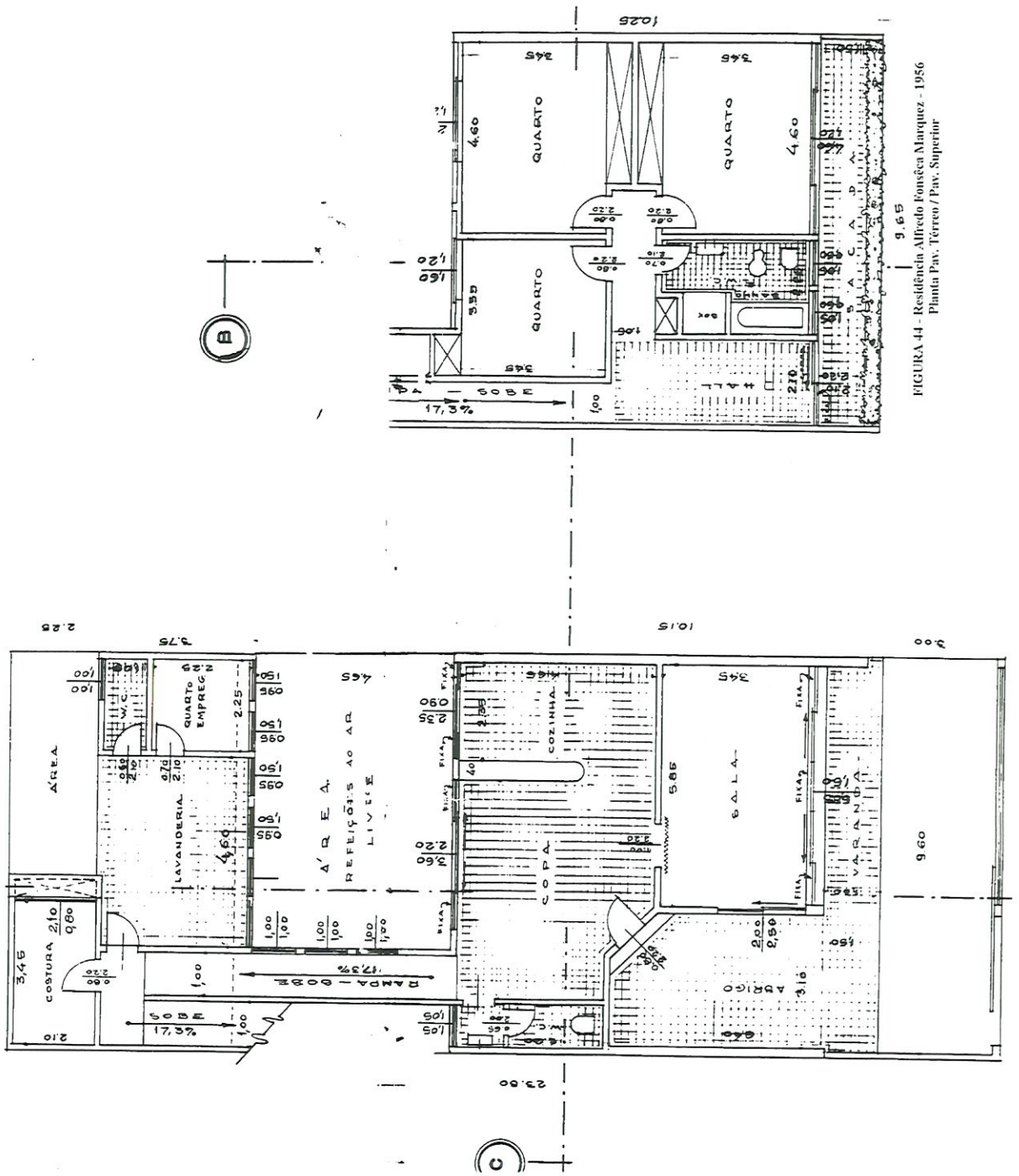


FIGURA 44 - Residência Alfredo Fonseca Marquez - 1956
Planta Pav. Térreo / Pav. Superior

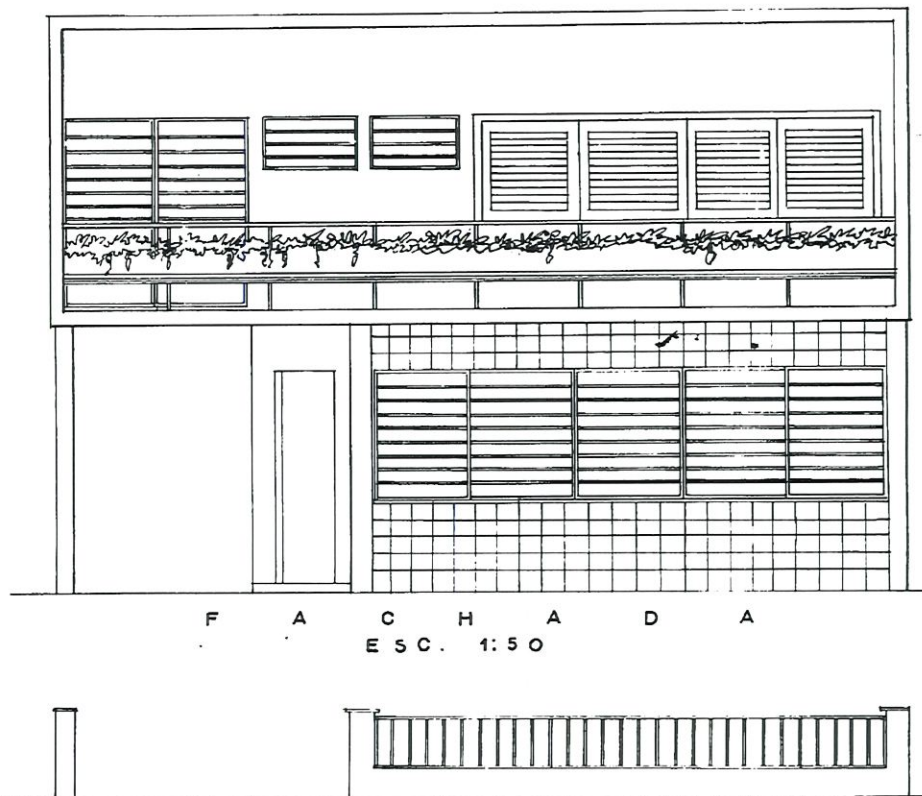


FIGURA 45 – Residência Alfredo Fonsêca
Marquez – 1956 - Fachada

G R A D I L
E S C A L A 1 : 5 0



FIGURA 46 – Residência Alfredo Fonsêca Marquez – 1956 – Foto Fachada

Na residência Alexandre Fornari (FIGURA 47,48,49,50,51), em um terreno com pequenas dimensões, Coury utiliza as divisas laterais do lote, assenta a edificação no alinhamento do passeio e trabalha os dois volumes interligados por rampa. Permanece com a integração da sala com a copa / cozinha num único espaço, dividido somente por armários. É inovador a divisória em “eucatex”. Compõe a fachada frontal com panos bem definidos, utilizando as aberturas como moldura.

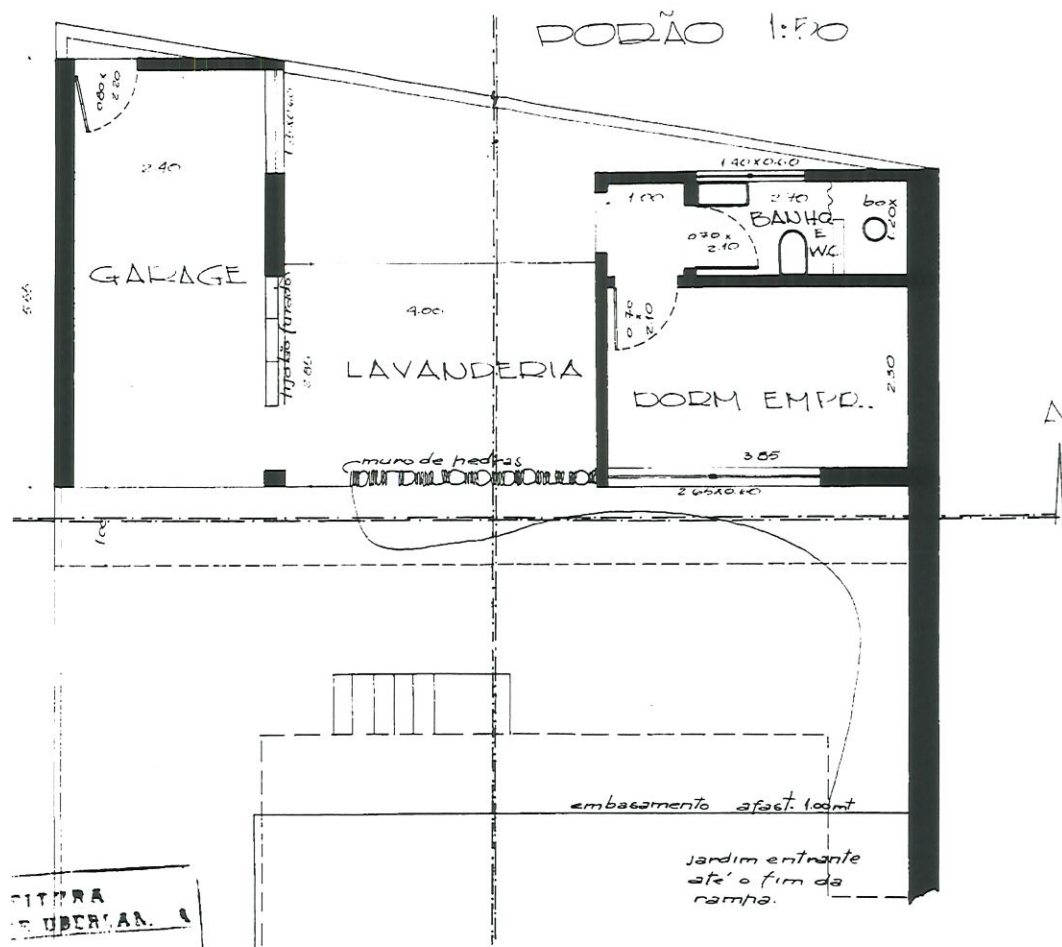


FIGURA 47 – Residência Alexandre Fornari - 1959 – Planta Porão

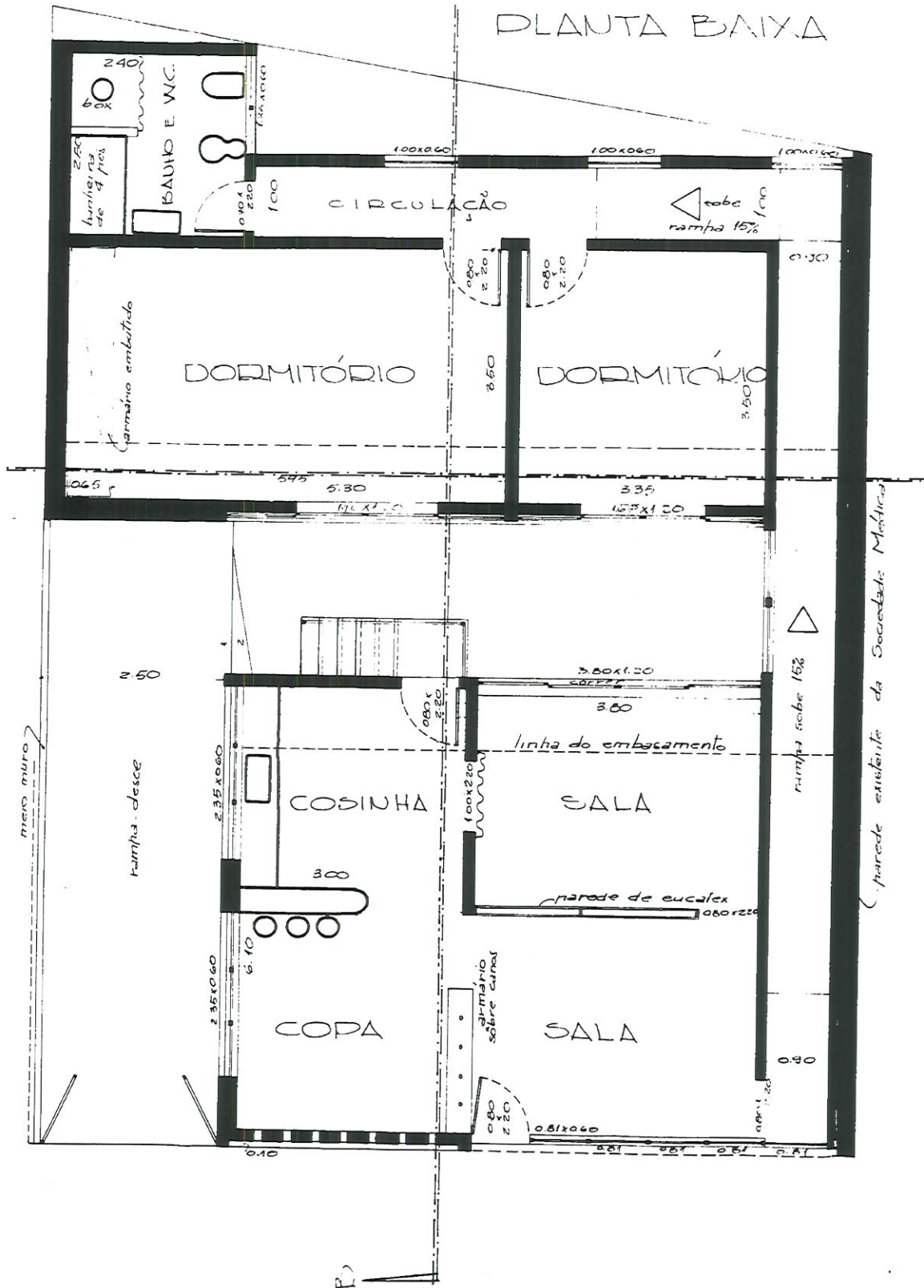


FIGURA 48 – Residência Alexandre Fornari – 1959 – Planta Pav. Térreo

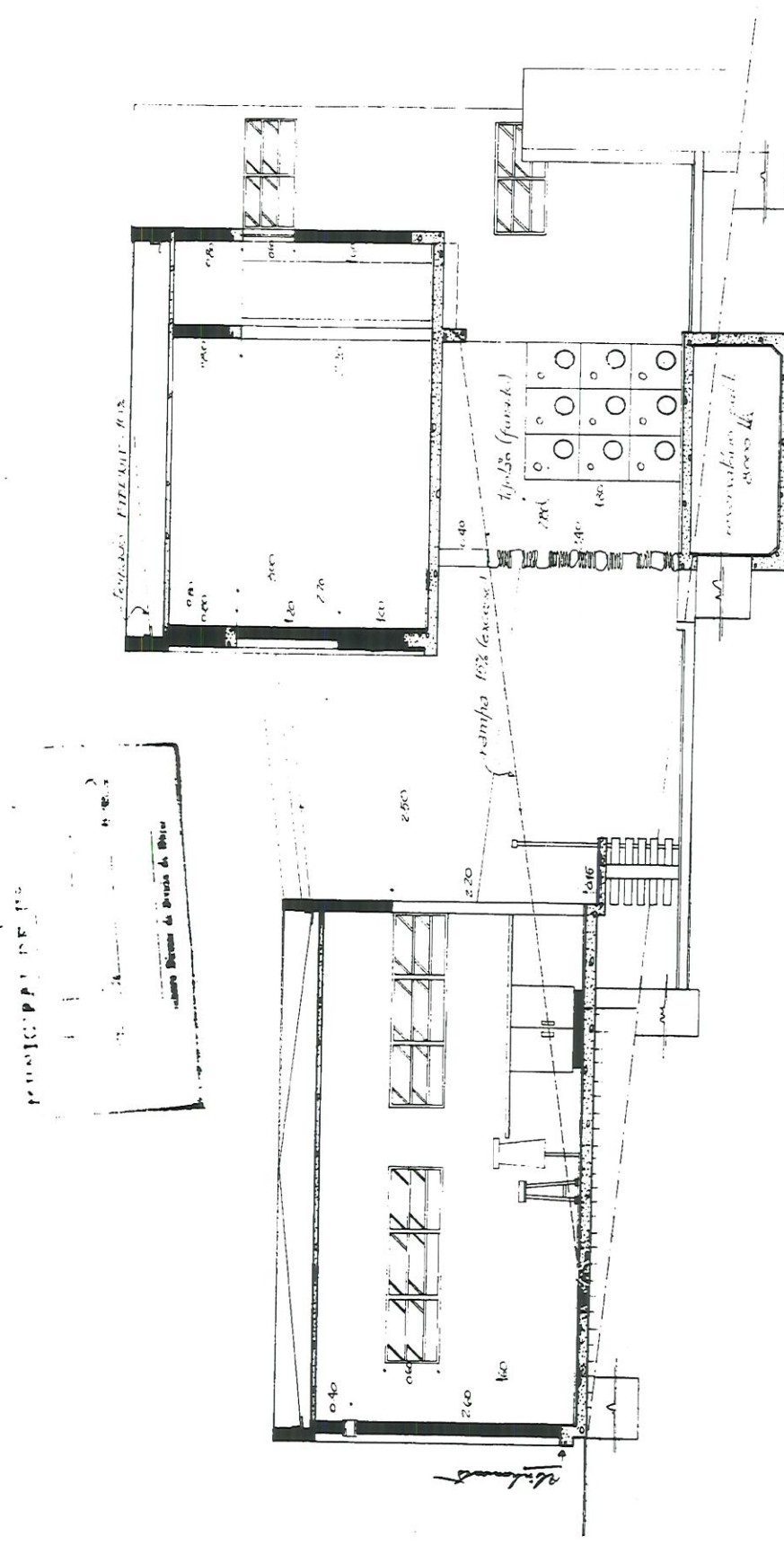


FIGURA 49 - Residência Alexandre Formari - 1959 - Corte Longitudinal

CORTE B-B 1:50

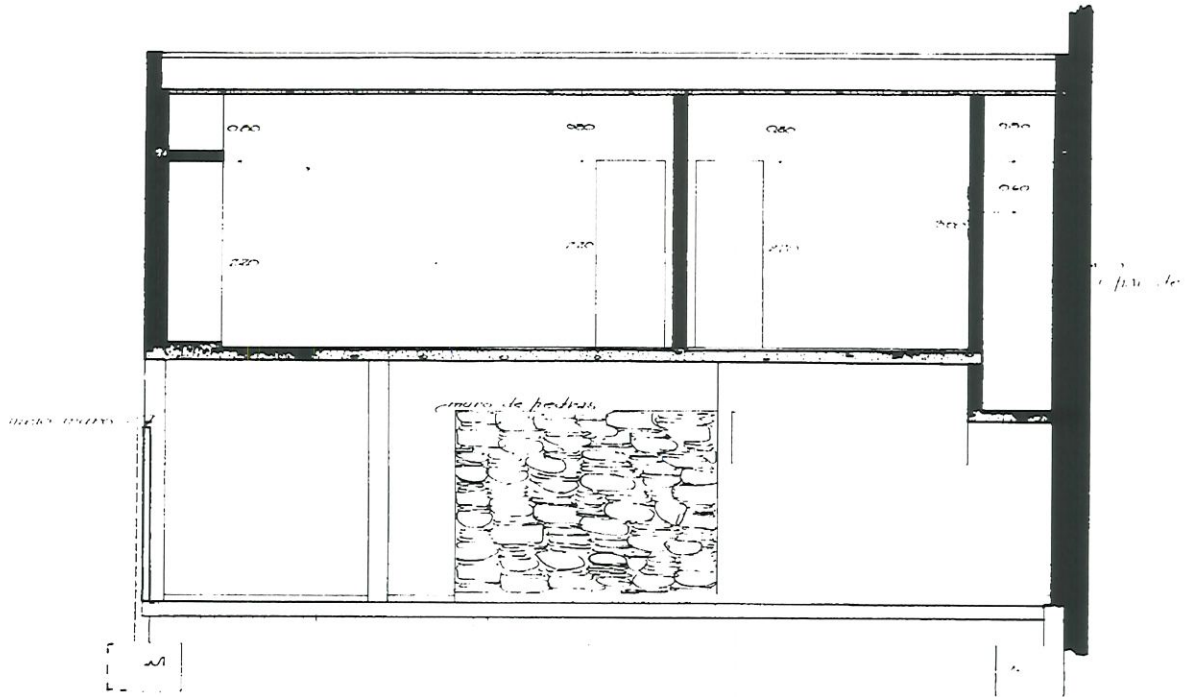


FIGURA 50 – Residência Alexandre Fornari – 1959 – Corte Transversal

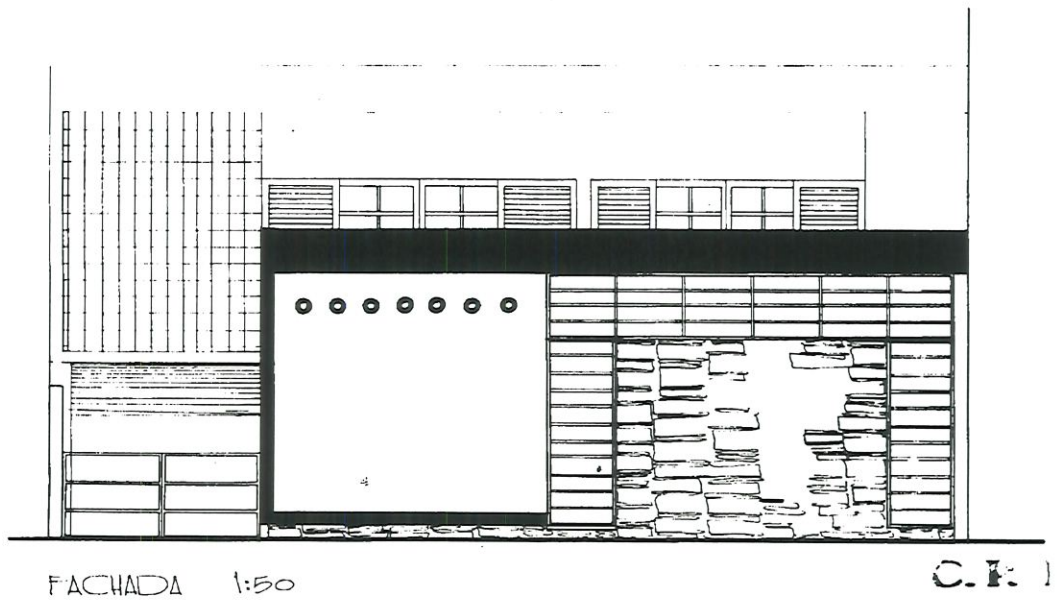


FIGURA 51 – Residência Alexandre Fornari – 1959 - Fachada

Na residência Carlos Saraiva (FIGURA 52,53,54), o lote não é mais dividido entre frente e fundos, pois a sala se abre para um espaço externo nos fundos, antes deixado somente para o serviço, que agora se desenvolve linearmente no sentido do comprimento do terreno. As áreas de estar, serviço, dormitórios e de lazer são definidas por setores.

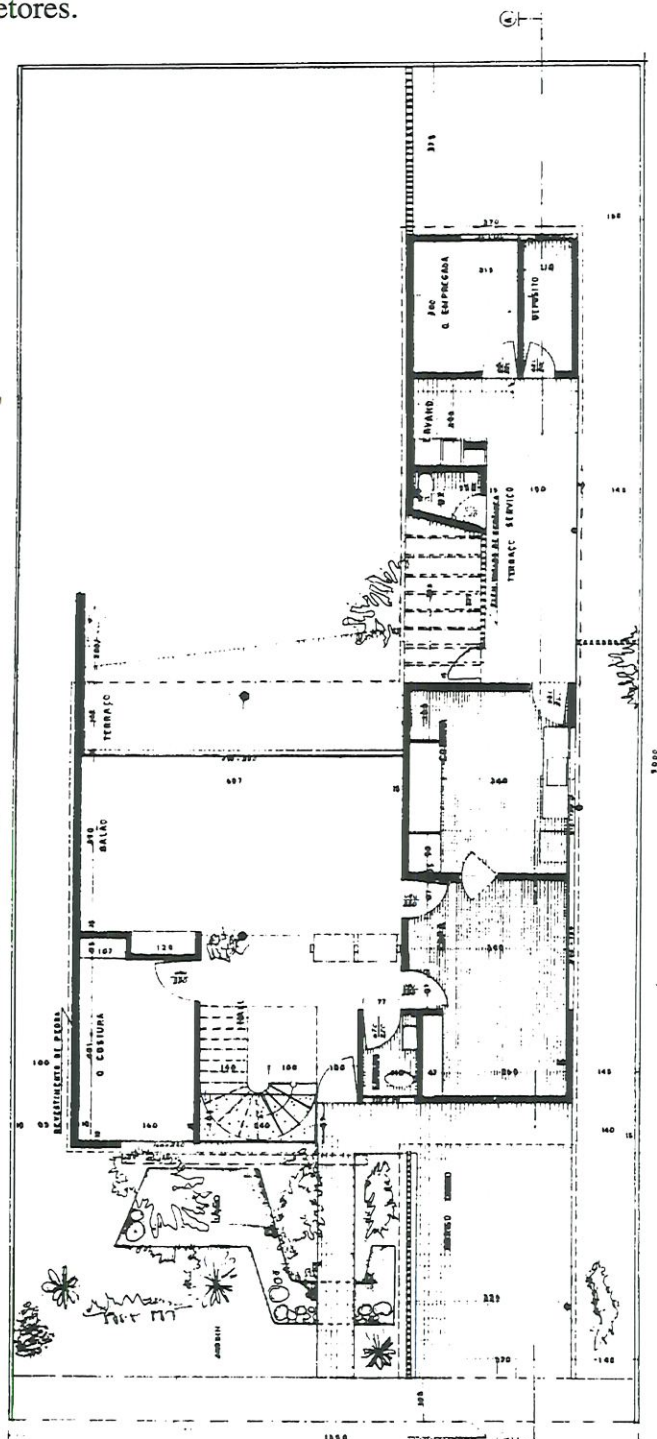


FIGURA 52 – Residência Carlos Saraiva – 1958 – Planta Têrreo

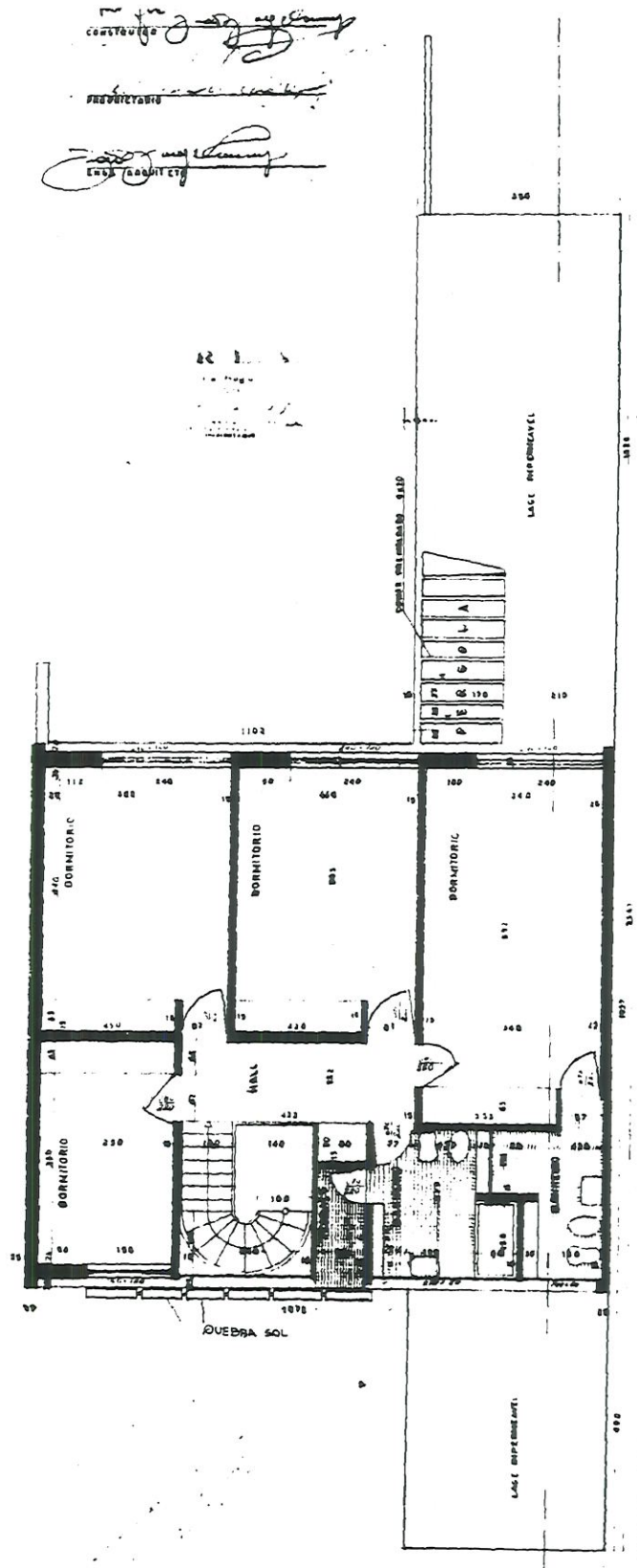


FIGURA 53 – Residência Carlos Saraiva – 1958 – Planta Pav. Superior

Na **residência Carlos Saraiva**, os elementos utilizados na arquitetura moderna no Brasil, janelas contínuas, grandes panos de vidro, lajes planas, elementos vazados, que antes já eram utilizados persistem. Os quebra - sóis, nessa obra são horizontais na fachada frontal em função da insolação; na fachada leste não existem. O volume do pavimento superior se diferencia do inferior pelo pequeno balanço e pela textura da parede.

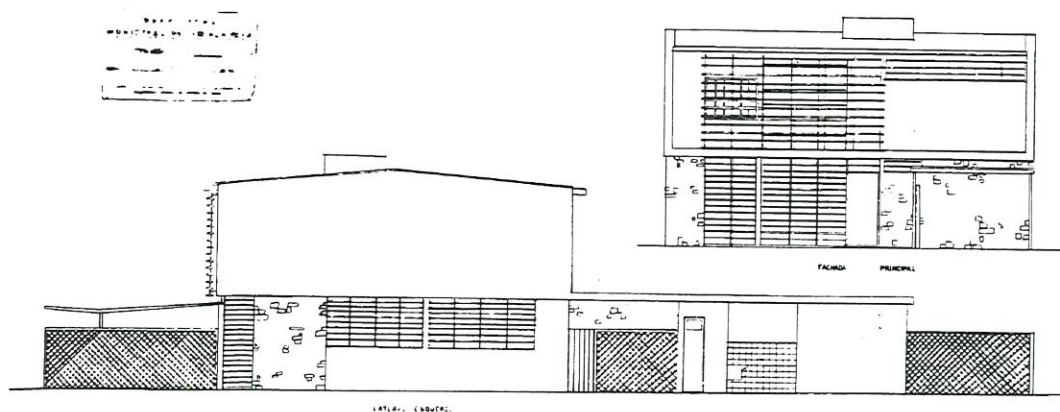


FIGURA 54 – Residência Carlos Saraiva – 1958 - Fachadas

A residência Baicker Bernardino (FIGURA 55,56), em dois pavimentos, possui um recuo frontal mínimo, no pavimento térreo; o pavimento superior, em balanço, projeta-se até o alinhamento do passeio, apoiado nas duas divisas laterais. A implantação da obra no lote acompanha a divisa lateral direita, onde se situa a sala que faz a interação frente/fundo . Uma escada com degraus em balanço interliga os dois pavimentos. A área de serviço permanece como uma edícula nos fundos do terreno. A cobertura utiliza telha em fibrocimento, com platibanda.

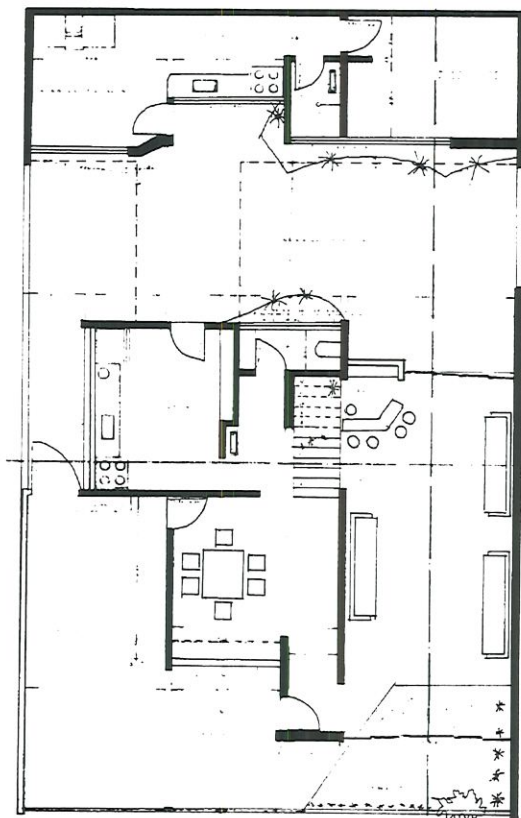


FIGURA 55- Residência Baicker Bernardino – 1963 – Planta Térreo

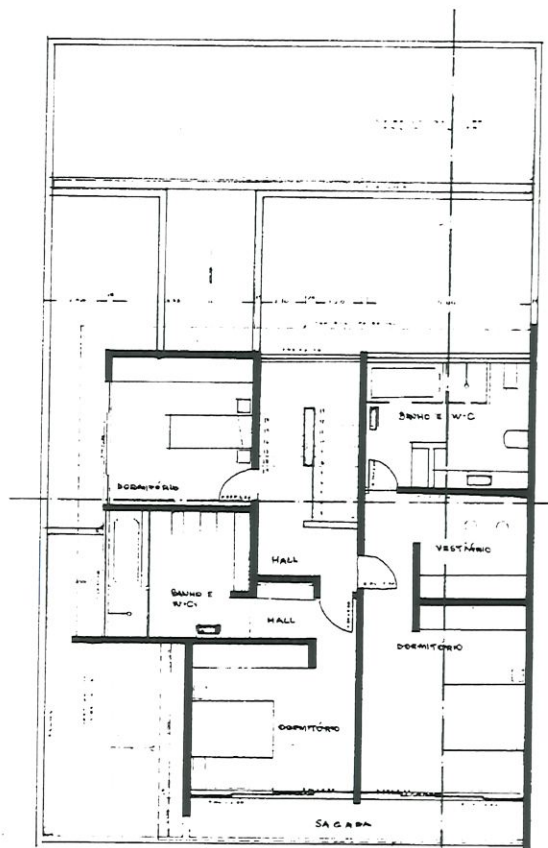


FIGURA 56 – Residência Baicker Bernardino-1963
Planta Pav. Superior

O tema “jardim” constitui-se como elemento definidor do projeto arquitetônico de Coury. Sua fascinação pelo paisagismo reflete uma preocupação com o jardim residencial. No início de suas obras esse jardim é tímido, composto somente pelo recuo frontal, **residência Ismael Oliveira** (FIGURA 57), depois vai se integrar no meio da casa e passar para a área do fundo do lote, não mais caracterizado como serviço.

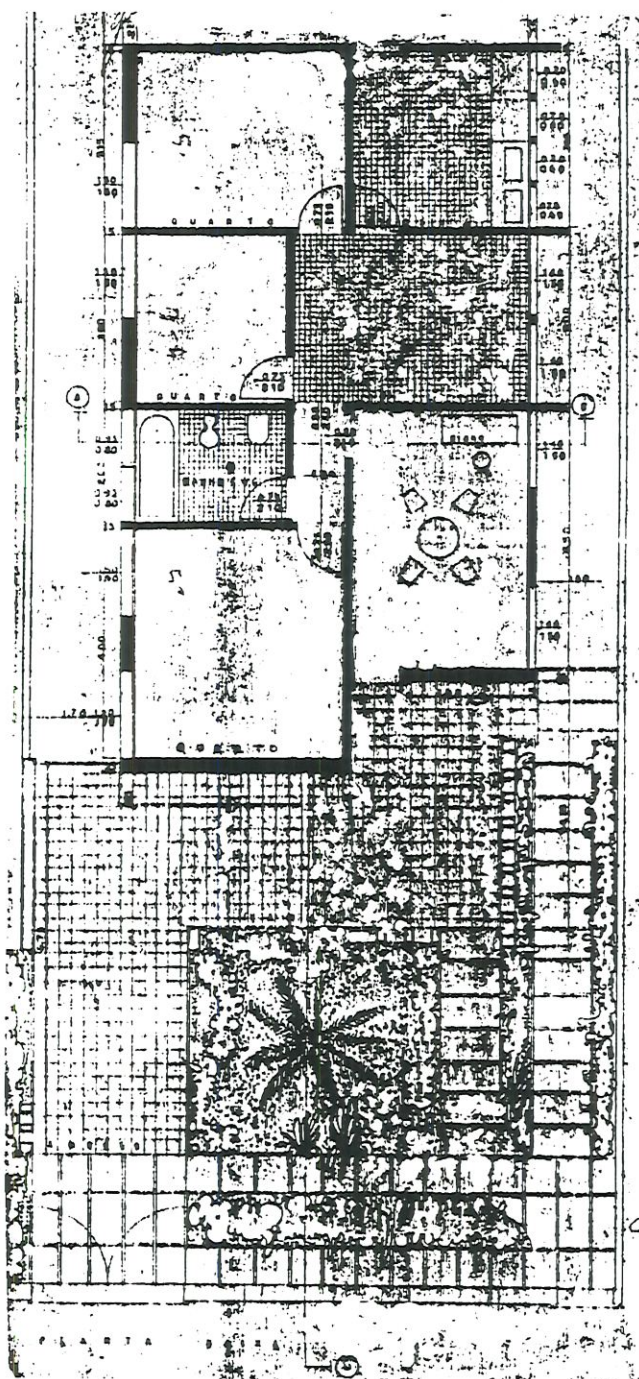


FIGURA 57 – Residência Ismael José Oliveira – 1951 - Planta

Na casa Ítalo Bernardi (FIGURA 58, 59) e João Pinto de Souza (FIGURA 60), surge o jardim intermediário entre a varanda frontal ao corpo da edificação, onde todos os ambientes situados a frente da edificação possuem aberturas para o jardim intermediário.

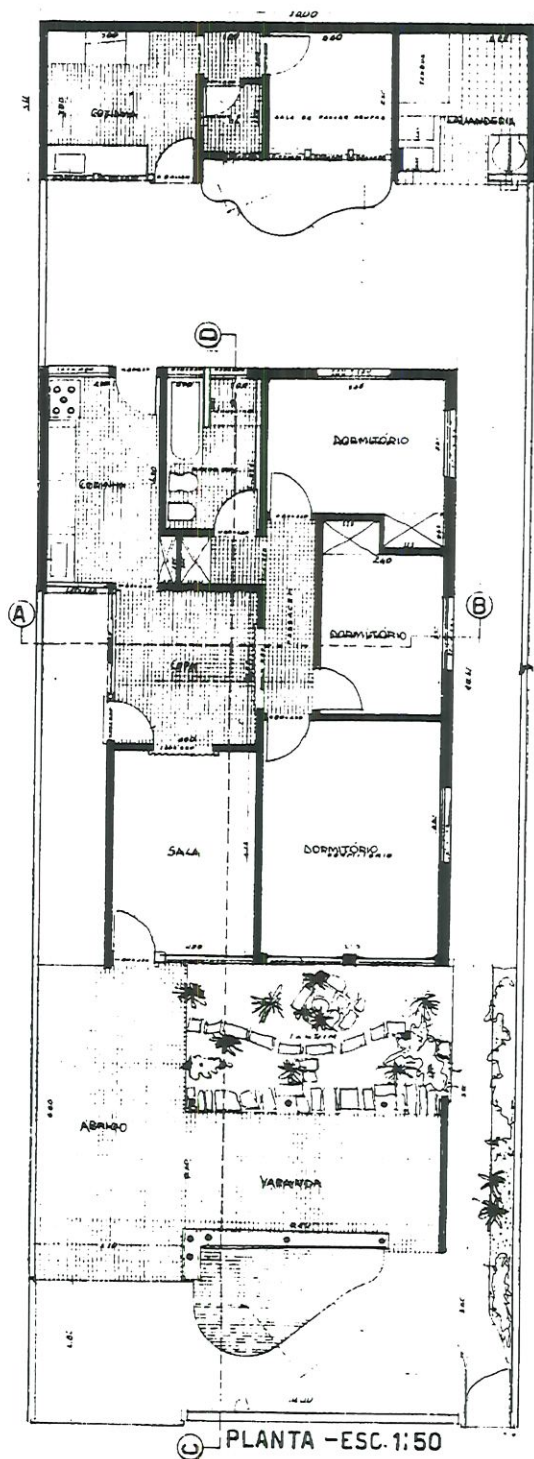


FIGURA 58 - Residência Ítalo Bernardi - 1954 - Planta

A paixão de Coury pela natureza se traduz também na introdução de jardins internos, como podemos perceber na **residência Gilberto Cunha Machado**. (FIGURA 61,62) Nos jardins Coury também deixa aparente sua busca da arquitetura moderna com características brasileiras como Burle Marx, “*assinalando-lhe o espírito de brasilidade, nota-se-lhe, na ornamentação dos jardins, o intuito de aproveitamento de espécimens da flora nacional*”⁵⁶

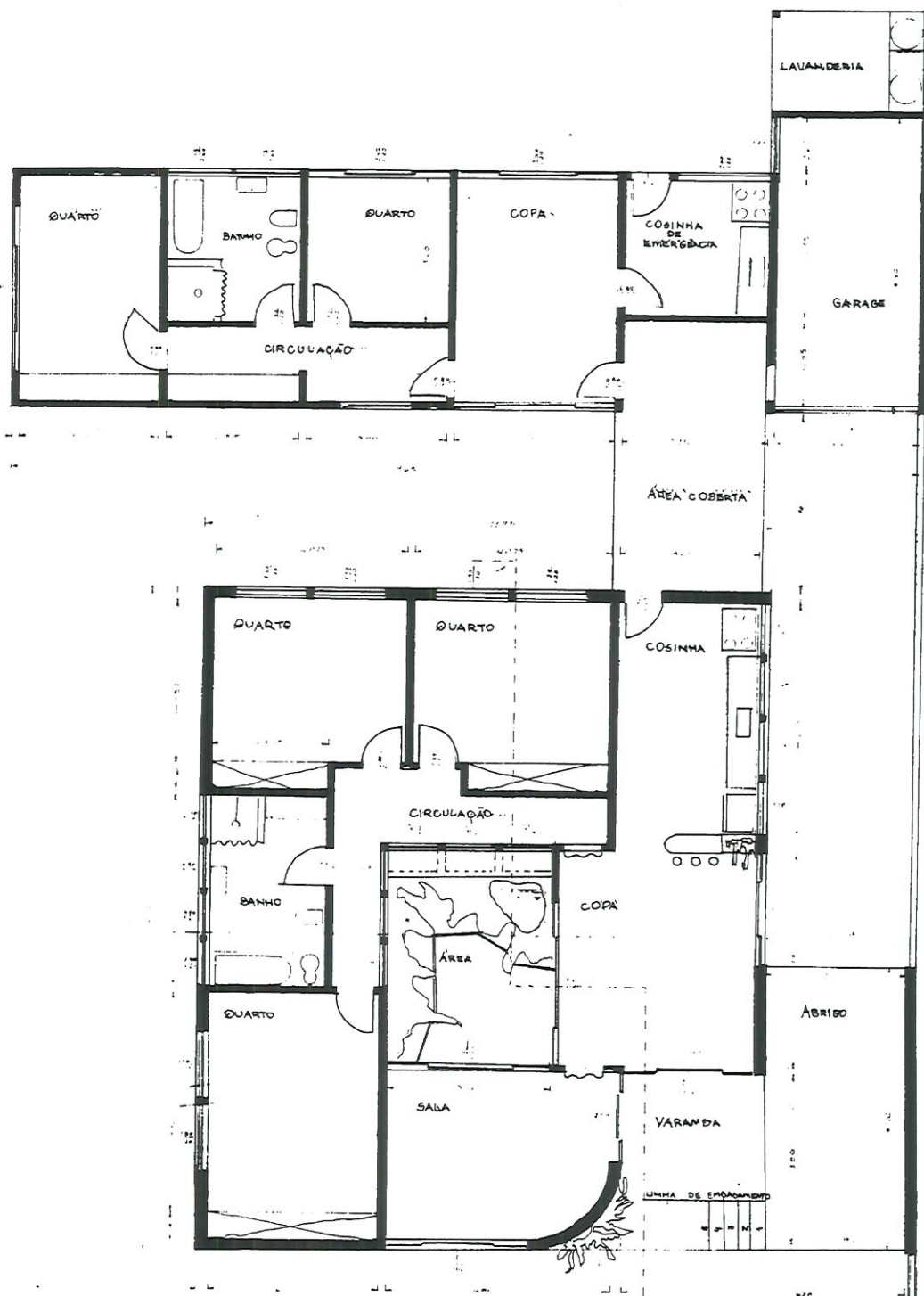
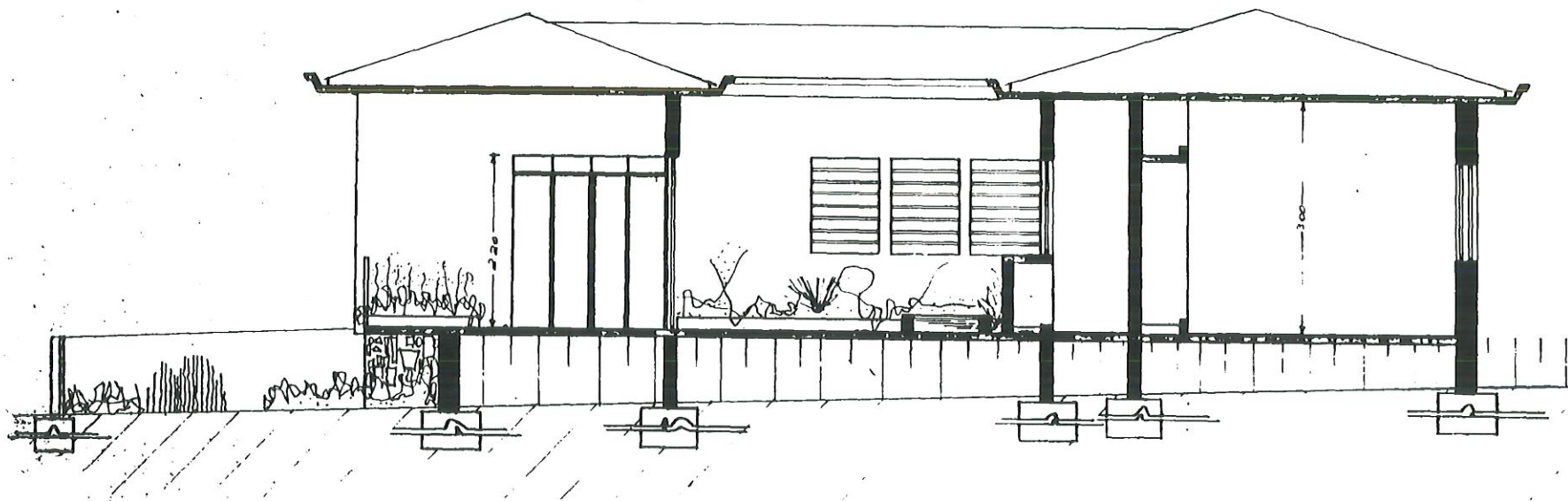


FIGURA 61 – Residência Gilberto Cunha Machado – 1960 - Planta



CORTE B-B Esc. 1:50

FIGURA 62 - Residência Gilberto Cunha Machado - 1960 - Corte

Com a experiência nos projetos de praças, Coury as transfere para as casas. Na relação espaço da cidade com o espaço da casa, Coury utiliza a pavimentação do piso em pedra portuguesa, em faixas brancas e pretas, que desde o passeio penetram no recuo frontal e continuam no pátio posterior das residências, onde os bancos contínuos, utilizados nas praças, são presenças marcantes.

Na **residência Sebastião Caparelli** (FIGURA 63,64), essa inserção do elemento urbano, acontece concomitante com o projeto de modificação da Praça Tubal Vilela. A sala se abre para duas varandas uma frontal e uma voltada para o jardim no piso inferior, onde está localizado o banco sinuoso e contínuo tendo atrás um painel de ladrilho hidráulico. O corpo da edificação se desenvolve no sentido longitudinal ao terreno, um corredor de circulação faz a distribuição para os quartos e através de armários que projetam para o exterior tem a função de rouparia.

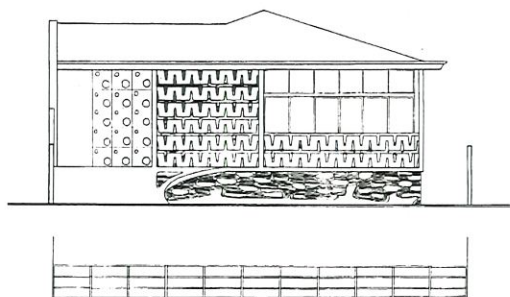
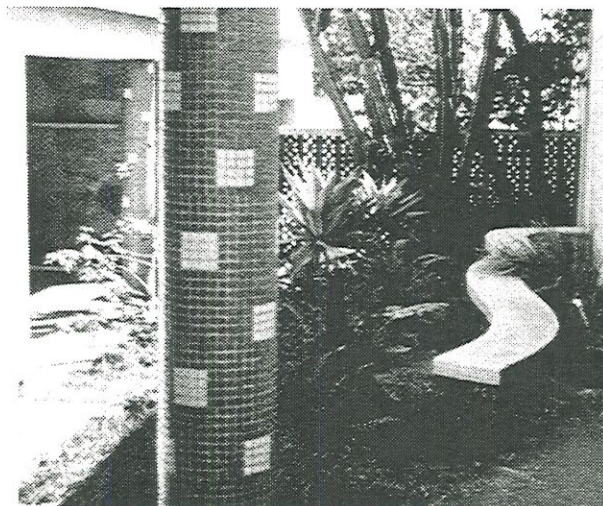


FIGURA 63 – Residência Sebastião Caparelli –
Fachada (acima) / Foto banco (abaixo)



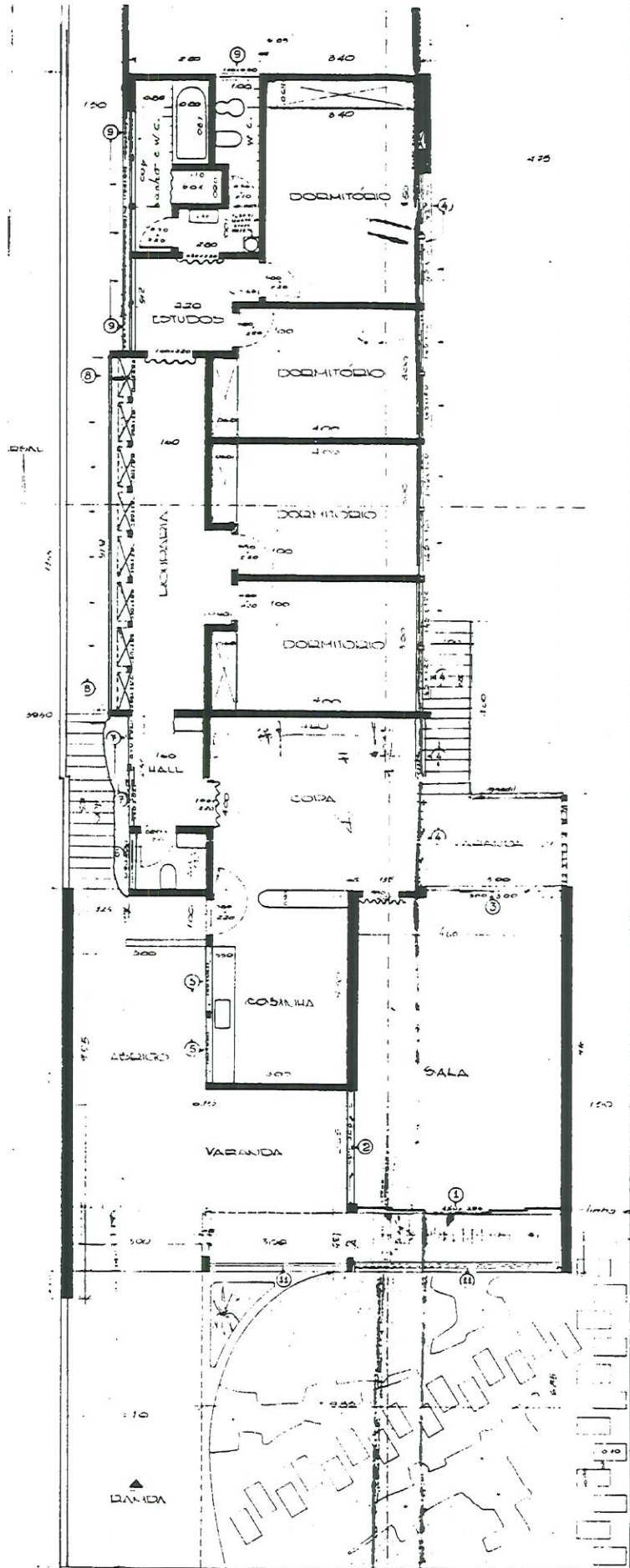


FIGURA 64 – Residência Sebastião Caparelli – 1959 - Planta

Na residência **Geraldo Baptista** (FIGURA 65) encontramos o banco implantado no jardim lateral interligando o escritório, a sala e a copa, torna-se um espaço de estar.

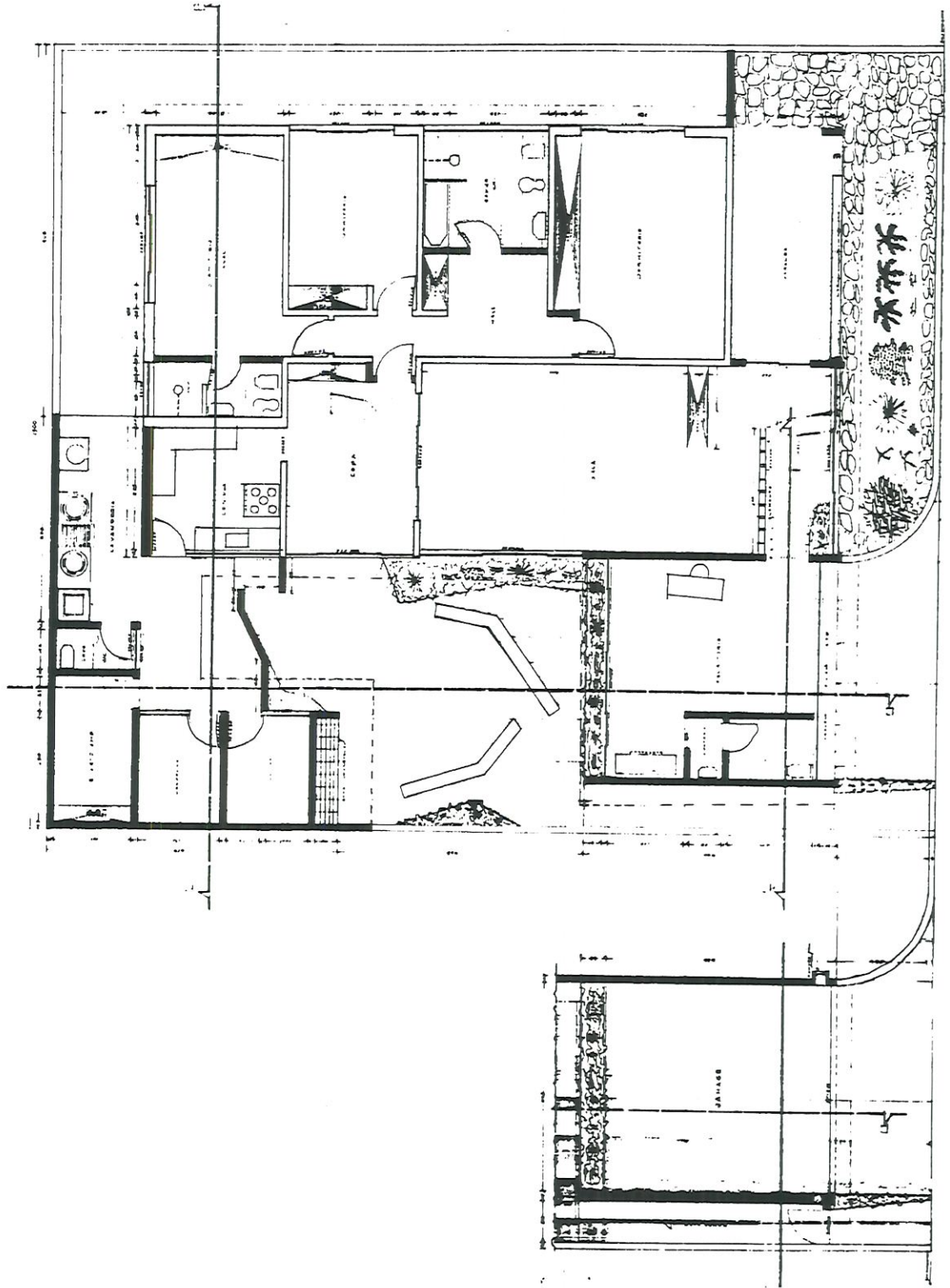


FIGURA 65 - Residência Geraldo Motta Batista - 1963 - Planta

FIGURA 65 – Residência Geraldo Motta Batista – 1963 - Planta

Na **residência João Justino** (FIGURA 66), o banco entra no jardim frontal, como não possui varanda, somente o abrigo, torna-se local de contato com a rua, mas sua escala não é adequada à dimensão do recuo. E na **residência Aldo Schiavinato** (FIGURA 67), está lateralmente inserido e mantém somente uma ligação visual com os ambientes da casa.

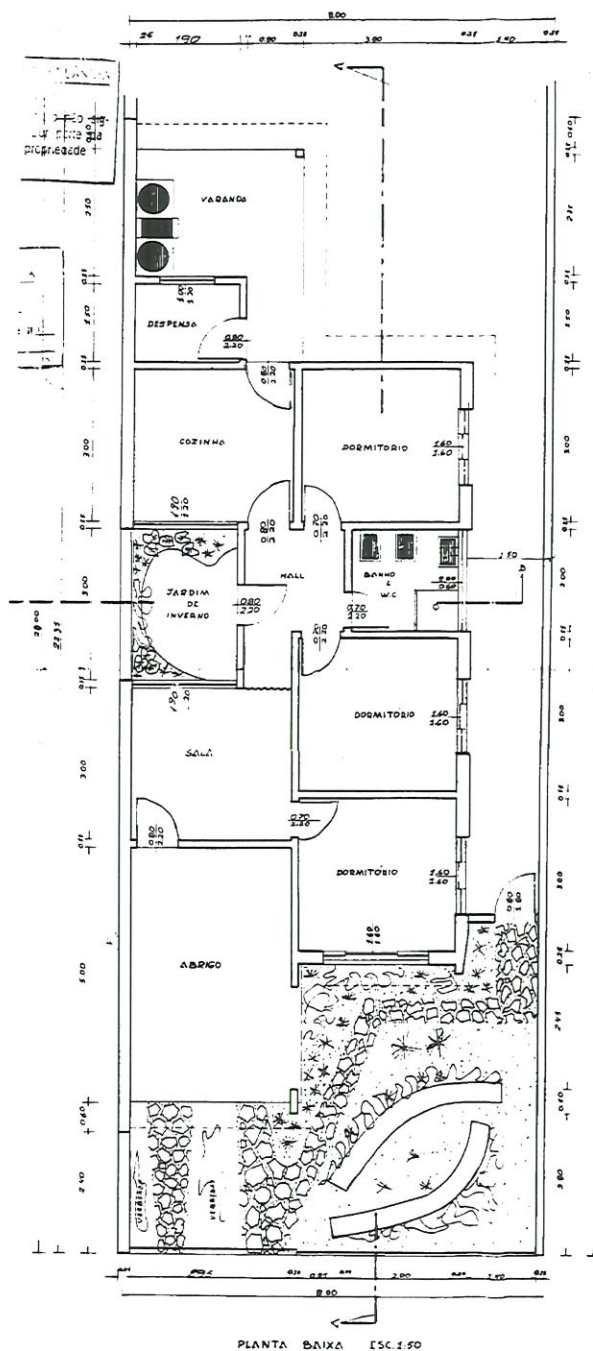


FIGURA 66 – Residência João Justino Batista – 1966 - Planta

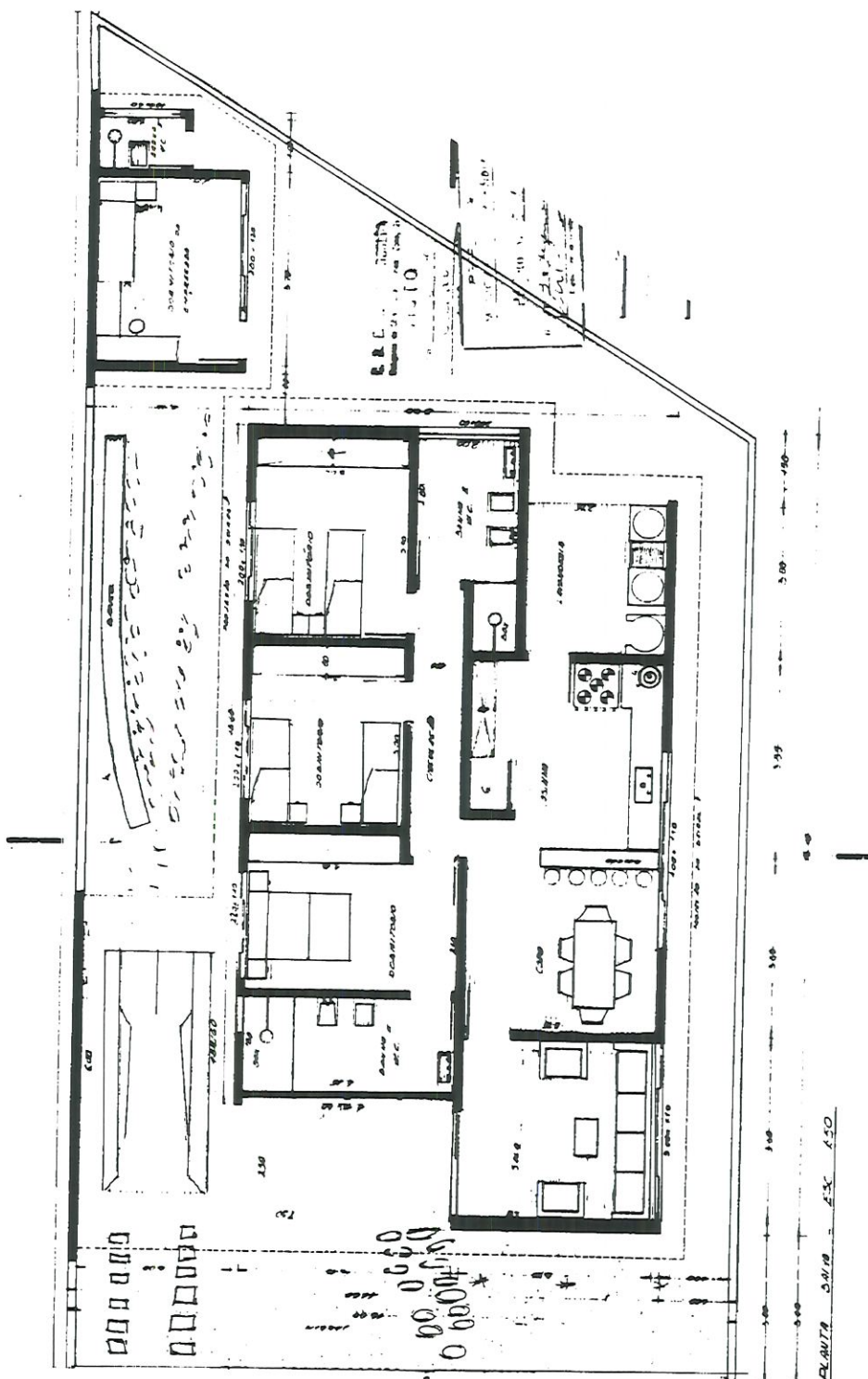


FIGURA 67 – Residência Aldo Ângelo Schiavinato – 1964 - Planta

Residência Diogo de Oliveira (FIGURA 68,69), nota-se com bastante ênfase essa proposta de interação cidade / casa. A residência é tratada mesmo como uma praça. Os jardins que envolvem a edificação desenham curvas no piso, a pavimentação em pedras portuguesas brancas e pretas, com o mesmo desenho gráfico da Praça Tubal Vilela, forra a maior extensão da área não edificada. Formada por um bloco em “L” e tendo o volume transversal ocupando toda a extensão do terreno em dois pavimentos, a casa através de um grande pano de vidro descortina a parte posterior do lote, que deixa de ser fundo, para se tornar área de lazer e de estar. A edícula integra lateralmente o corpo da casa.

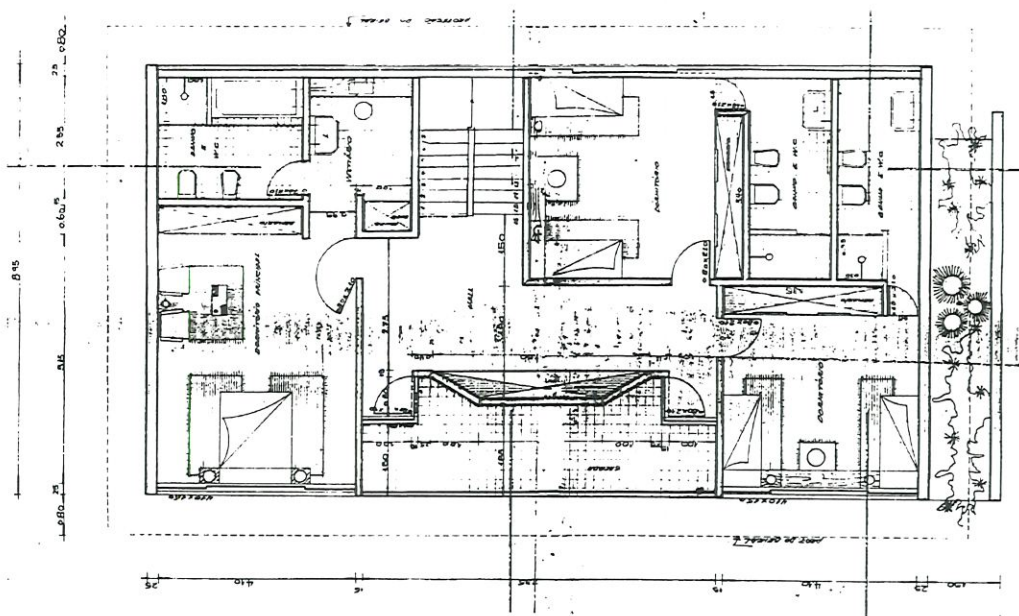


FIGURA 68 – Residência Diogo Oliveira –1964 – Planta Pav. Superior

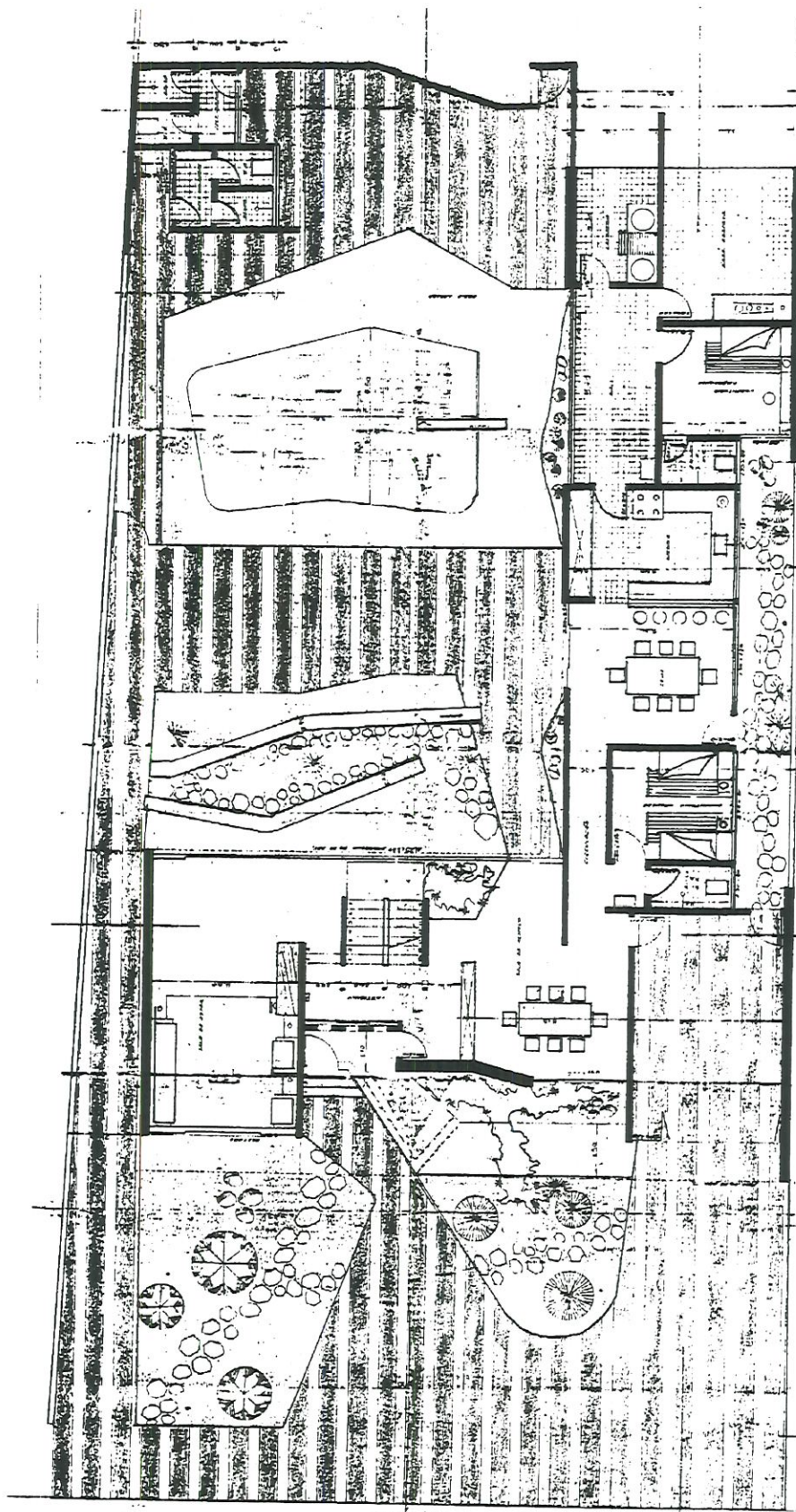


FIGURA 69 – Residência Diogo Oliveira – 1964 – Planta Térreo

Residência Dr. Duarte (FIGURA 70,71,72,73,74), última obra do arquiteto na cidade de Uberlândia, utiliza do jardim interno, que além de proporcionar um conforto térmico, microclima, é o centro da edificação, a casa toda se volta para essa área, inclusive os dormitórios do pavimento superior. Os planos verticais são bem definidos, inclusive pela textura do material de revestimento.

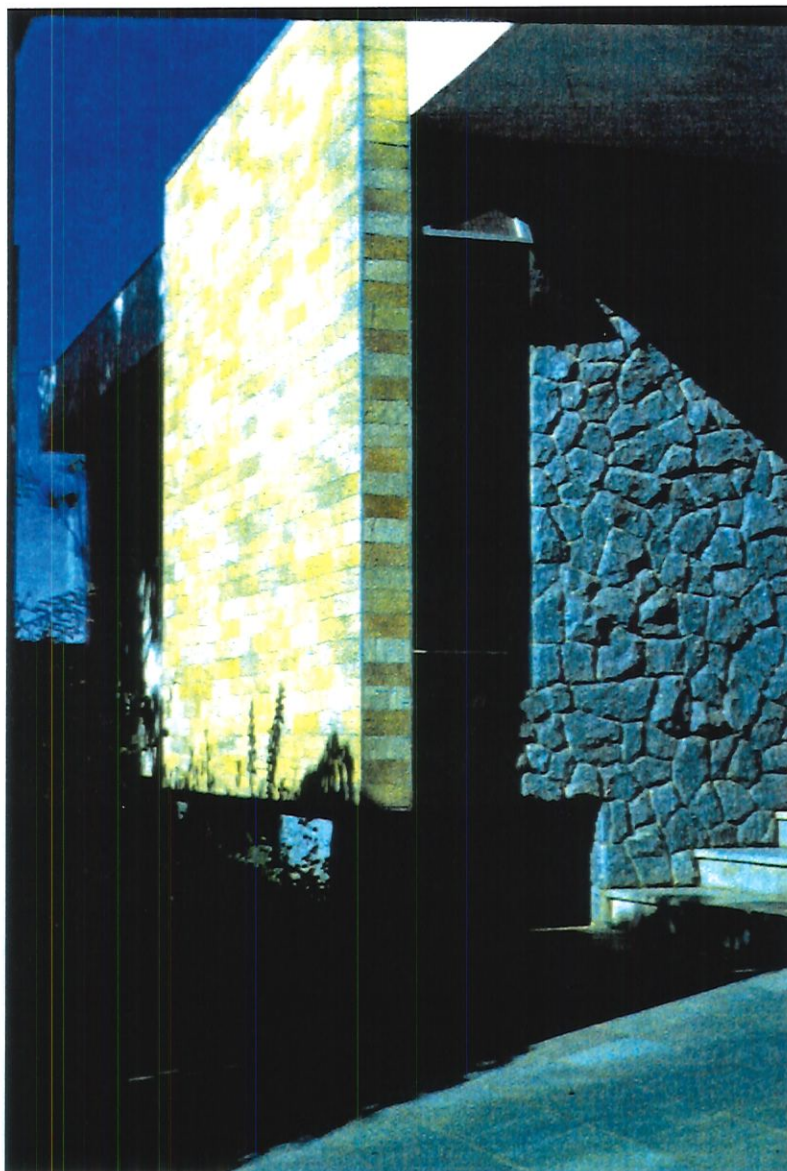


FIGURA 70 – Residência Duarte Ulhoa Portilho – 1968 - Foto

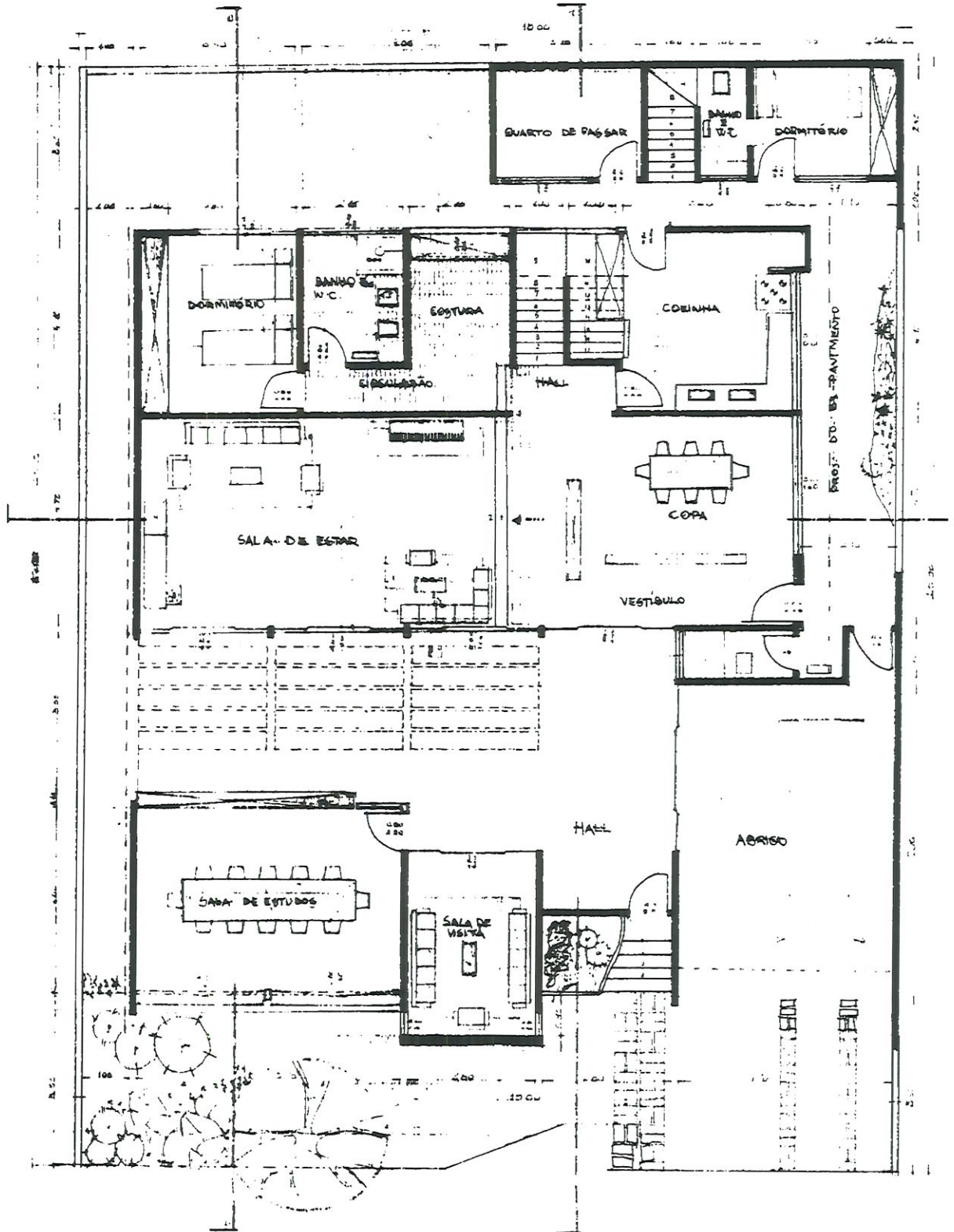


FIGURA 71 – Residência Duarte Ulhoa Portilho – 1968 – Planta Térreo

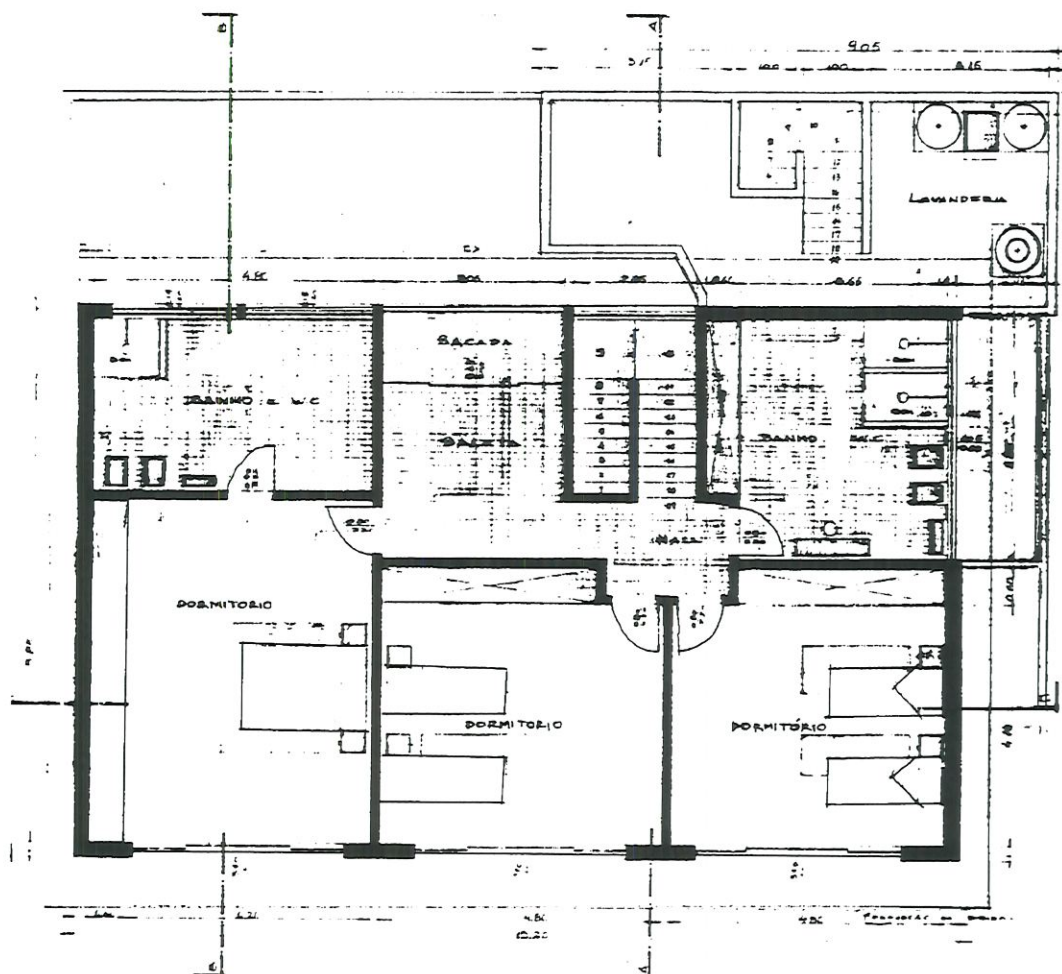


FIGURA 72 – Residência Duarte Ulhoa Portilho – 1968 – Planta Pav. Superior

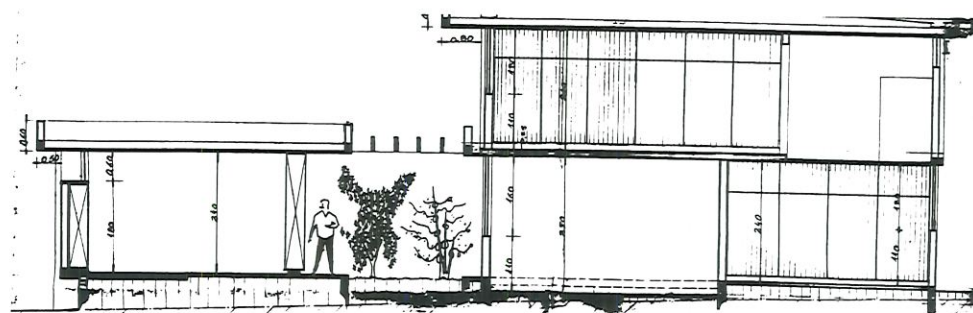


FIGURA - Residência Duarte Ulhoa Portilho - 1968 - Corte Longitudinal

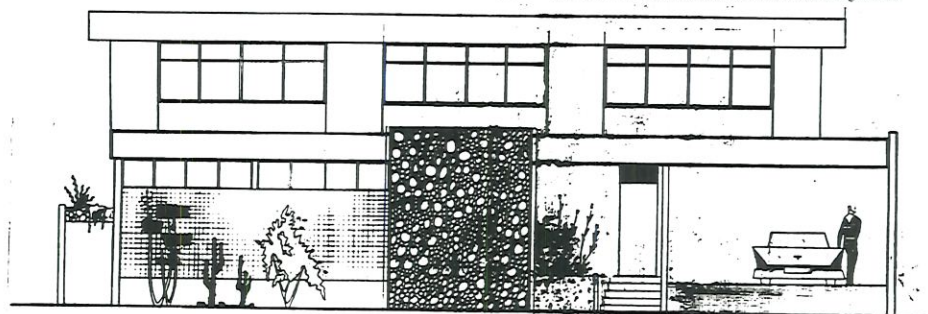


FIGURA 73 / 74 – Residência Duarte Ulhoa Portilho – 1968 – Corte Longitudinal / Fachada

Na **residência Ruy Cotta Pacheco** (FIGURA 75,76,77,78,79), o jardim situado no hall de entrada, atua como um elemento de boas vindas, coberto por um pergolado, recebe a luz solar que cria um fecho de luz sobre a vegetação. Esse jogo de luz é enfatizado com uma área de penumbra no espaço anterior.



FIGURA 75 – Residência Ruy Cotta Pacheco – 1962 – Jardim Interno

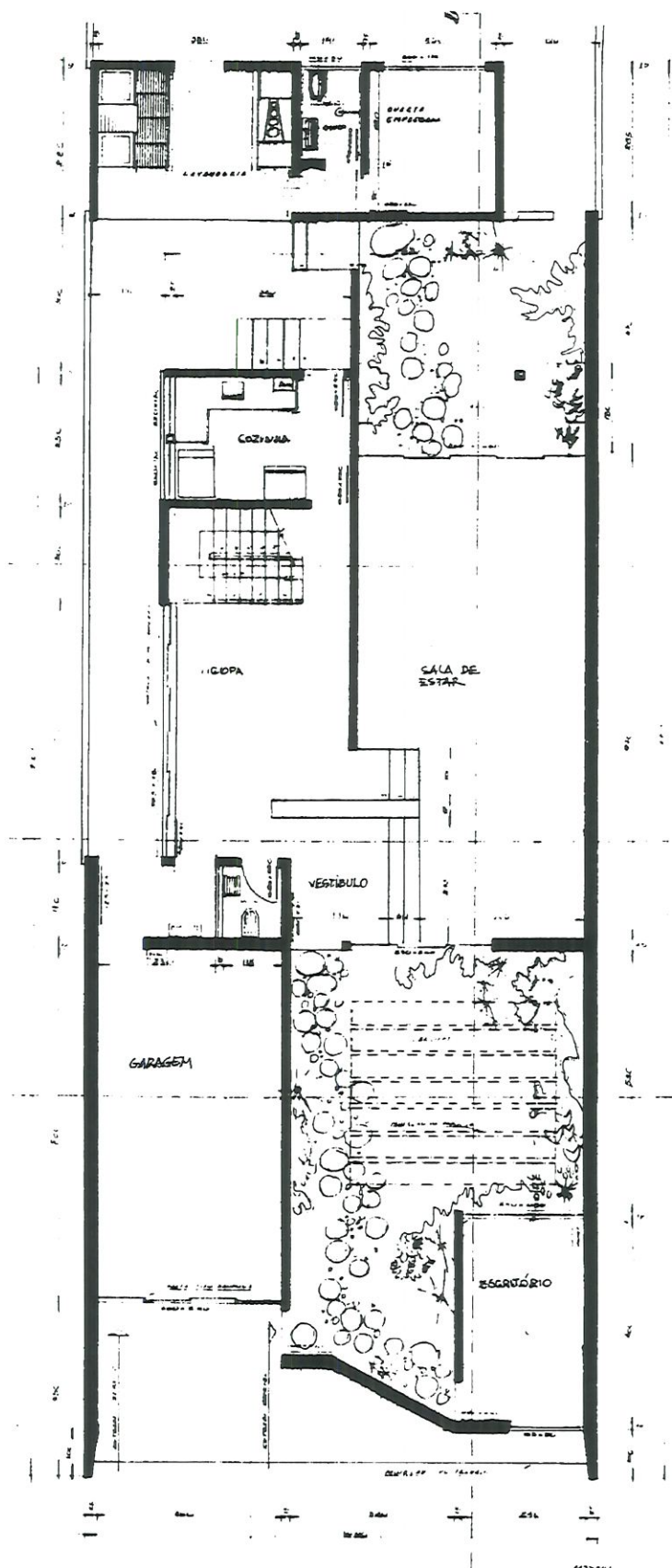


FIGURA 76 – Residência Ruy Cotta Pacheco – 1962 – Planta Térreo

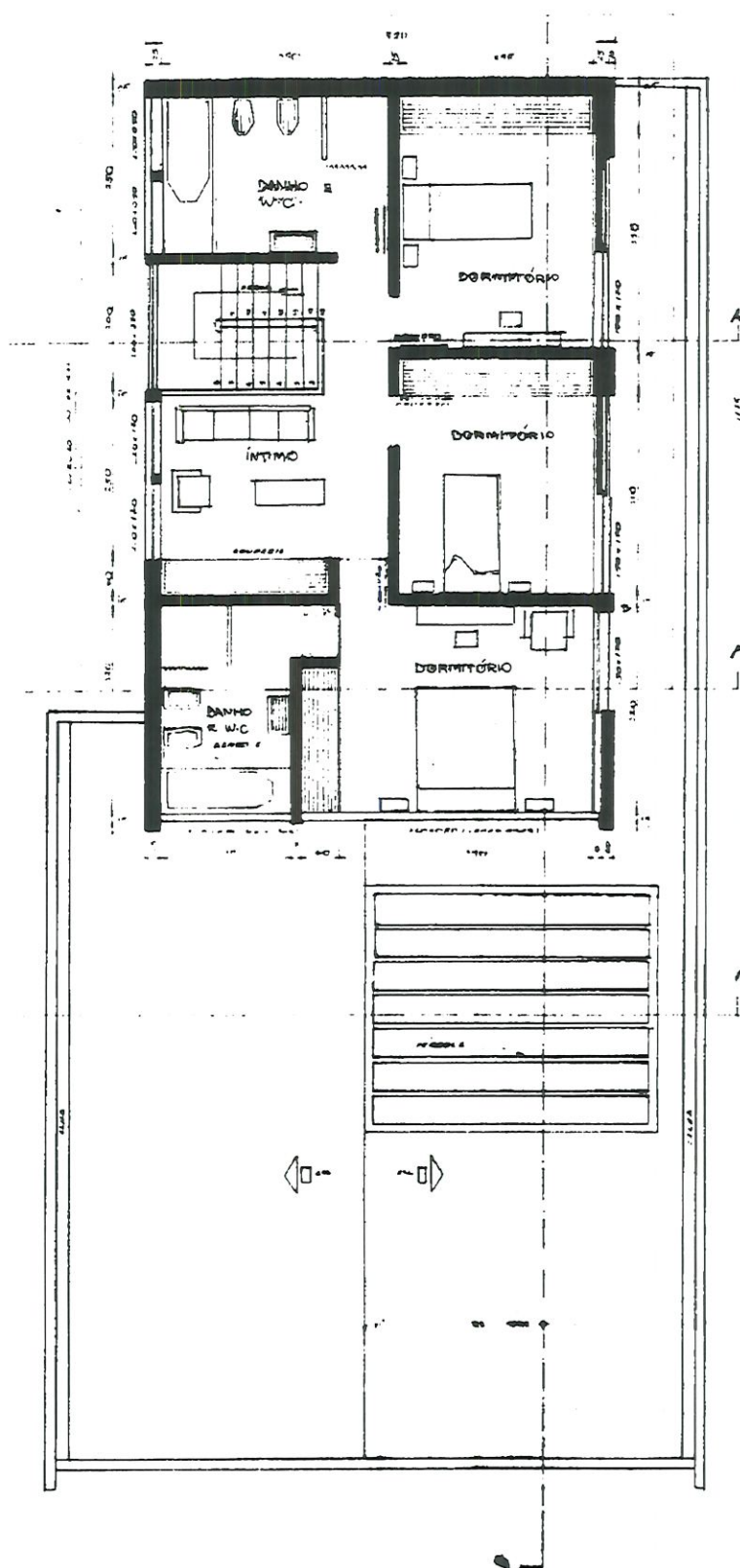


Figura 77 – Residência Ruy Cotta Pacheco – 1962 – Planta Pav. Superior

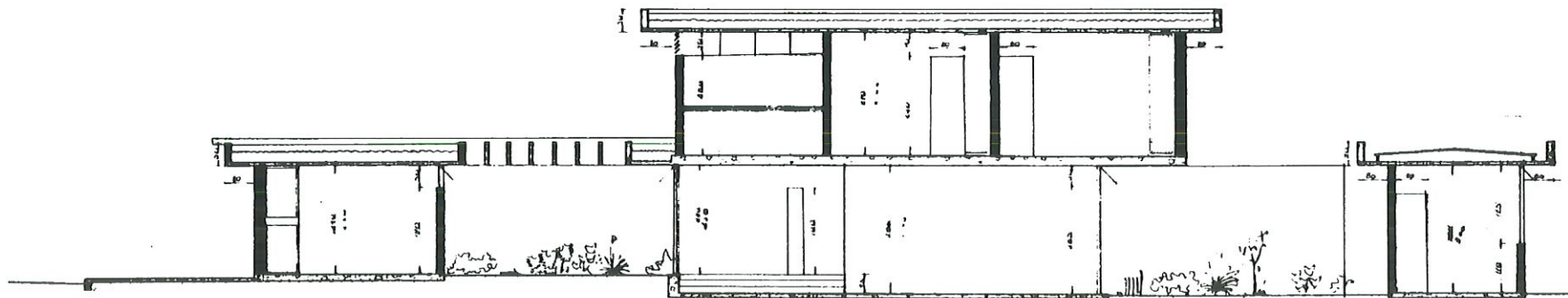
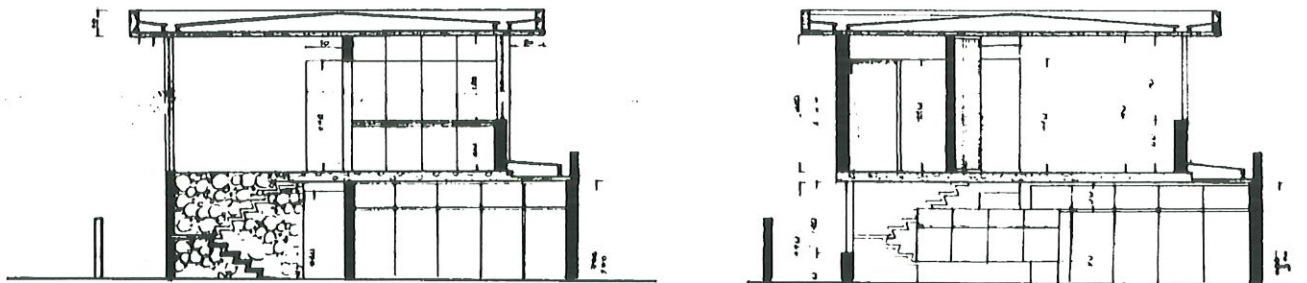


FIGURA 78 - Residência Ruy Cotta Pacheco - 1962 - Cortes



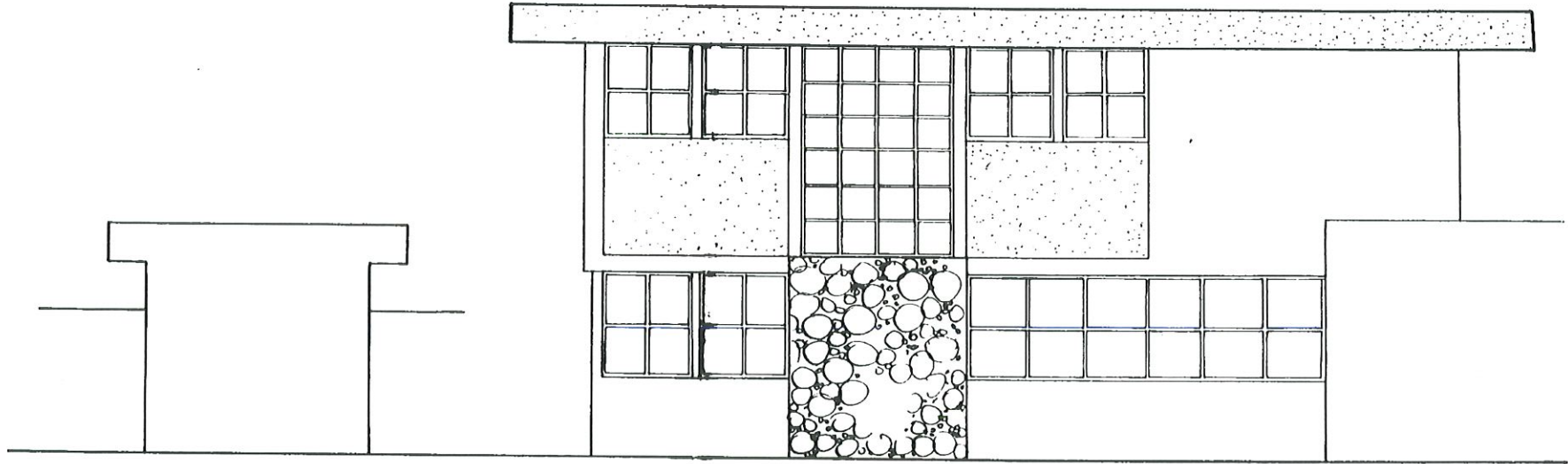


FIGURA 79 - Residência Ruy Cotta Pacheco - 1962 - Fachada Lateral

A varanda, elemento de transição entre a casa e a rua, desenvolverá primeiramente como um aplique superficial da fachada, depois vai soltando, cria uma espacialidade, até se configurar como uma sala em espaço aberto. Antes restrita ao espaço frontal, a varanda assume uma sensação de intimidade, quando protege-se com elementos rendilhados dos cobogós, e brises verticais de forma variada.

Os primeiros projetos são definidos pela presença de varanda frontal, engastada no corpo da edificação, com cobertura em laje plana, impermeabilizada, mais baixa que o corpo principal e ligada ao interior da casa por uma única e estreita porta. Aparece com elementos em alvenaria, baixos, mas que atuam como delimitador do espaço da varanda. Como sustentação da laje estão os pilares circulares.

É interessante observar que nesses primeiros projetos, a única abertura frontal é a porta de acesso principal, de pequena largura, ou seja mesmo com a varanda frontal, a edificação se fecha para a frente do lote.

Na seqüência dos projetos, a varanda frontal começa a ganhar uma maior dimensão, mas permanece presa ao corpo da edificação, é integrada ao abrigo de carros e possui elementos de vedação, de formato quadrado, o que é empregado em muitas outras residências.

Depois, essas coberturas em laje plana das varandas frontais se desprendem do corpo da edificação, criando desenhos livres e explorando as curvas. São apoiadas por uma série de colunas. Na **residência Benedito Modesto** (1954) (FIGURA 80), podemos perceber como esse processo se inicia. A investigação da curva nitidamente definida pelas lajes da varanda, aparece também no contorno do espaço destinado ao almoço ao ar livre.

Quando Coury abre a casa, a sala para a frente, a varanda recebe uma proteção em elementos vazados, brises, ou mesmo treliça de madeira, artifícios utilizados para criar uma certa privacidade ao ambiente exposto; ou esses elementos aparecem como proteção à insolação. Coury vai utilizar esses elementos pesquisados cuidadosamente por Lúcio, nas residências que constroe. Ele não busca na arquitetura tradicional, retoma diretamente de Lúcio Costa. *“Uma das questões mais interessantes para a arquitetura desse período, a possibilidade de conciliar a exterioridade da planta*

moderna com a referência colonial, exatamente oposta, de fechar e defender a intimidade da construção.”⁵⁷

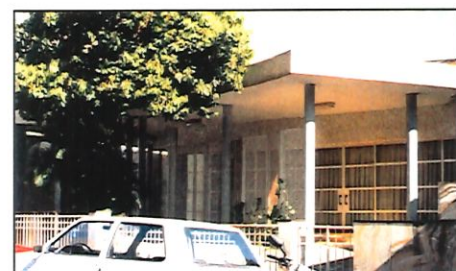
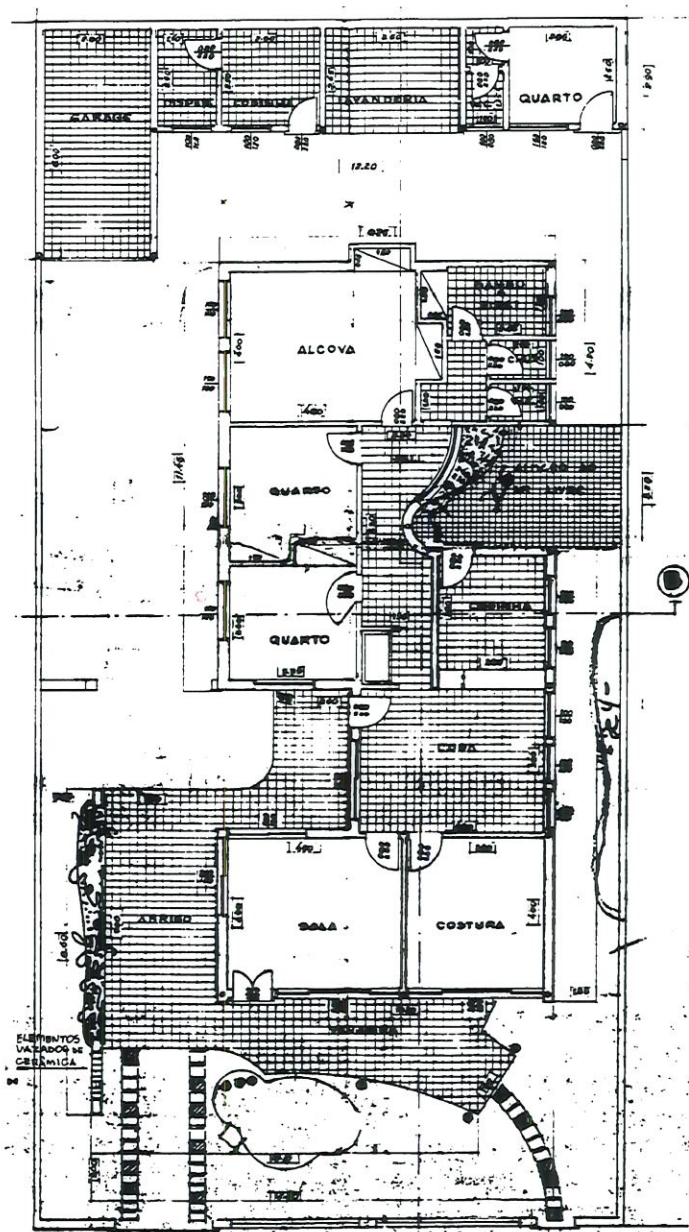


FIGURA 80 – Residência Benedito Modesto – 1954 – Planta / Foto

⁵⁷ Telles, Sophia S.(1989)- “Lúcio Costa : Monumentalidade e Intimismo”. in Novos Estudos – CEBRAP, São Paulo, pág. 76. Referindo aos projetos de Lúcio Costa.

Na **residência João Pinto de Souza**, elementos verticais e horizontais servem de suporte para a vegetação; na **casa Sandoval Guimarães** (FIGURA 81), essa proteção se dá em forma de brise que acompanha a curva da varanda da mesma forma que ocorre na casa de **João Edson de Melo**.



FIGURA 81 – Residência sandoval Guimarães – 1954 - Foto



O uso do cobogó é diferente do significado do brise-soleil. O cobogó tem um caráter de elemento de justaposição, escala artesanal, variante das treliças, protegem o interior das casas coloniais e proporcionam um efeito rendilhado, valor de uma superfície, de vedação. Do interior produz uma luz baixa e íntima. Treliça e cobogó tem função de fechamento do edifício, permite ventilação e luminosidade onde não quer uma relação com o exterior.

Brise-soleil – invenção de Corbusier, mantém a noção de exterioridade, de abertura para fora, sem prejuízo da proteção contra o sol. Produz um efeito gráfico na fachada, movimenta, “...destruindo a percepção de uma superfície estável. Em favor de um plano ativo.”

Com o intuito de obter privacidade, como uma proteção aos olhares de curiosos, dar ao espaço da varanda uma característica intimista, Coury tira partido da treliça, na casa **Benedito Modesto**, permitindo este olhar filtrado para dentro da casa.

A varanda voltada para frente do lote, mesmo sendo esta a pior insolação, recebe o elemento moderno “brise-soleil”. Mas porque voltar a varanda para esta posição? Talvez uma relação interior / exterior, uma integração com a cidade. Na residência **Messias Pedreiro**, com a fachada direcionada para o oeste, presenciamos este recurso contra a incidência solar. (FIGURA 82)

Coury portanto utiliza dos dois elementos, conforme o caso, para solucionar os problemas de conforto contra o sol e privacidade da casa.



FIGURA 82 – Residência Messias Pedreiro – 1957 - Foto

A utilização de brises verticais assentados seguindo uma suave curva, como vimos nos projetos do Coury, aparecem também no trabalho do arquiteto mineiro Eduardo Mendes Guimarães. A casa **Washington Albino** (FIGURA 83), possui uma semelhança com a **residência Sandoval Guimarães**.

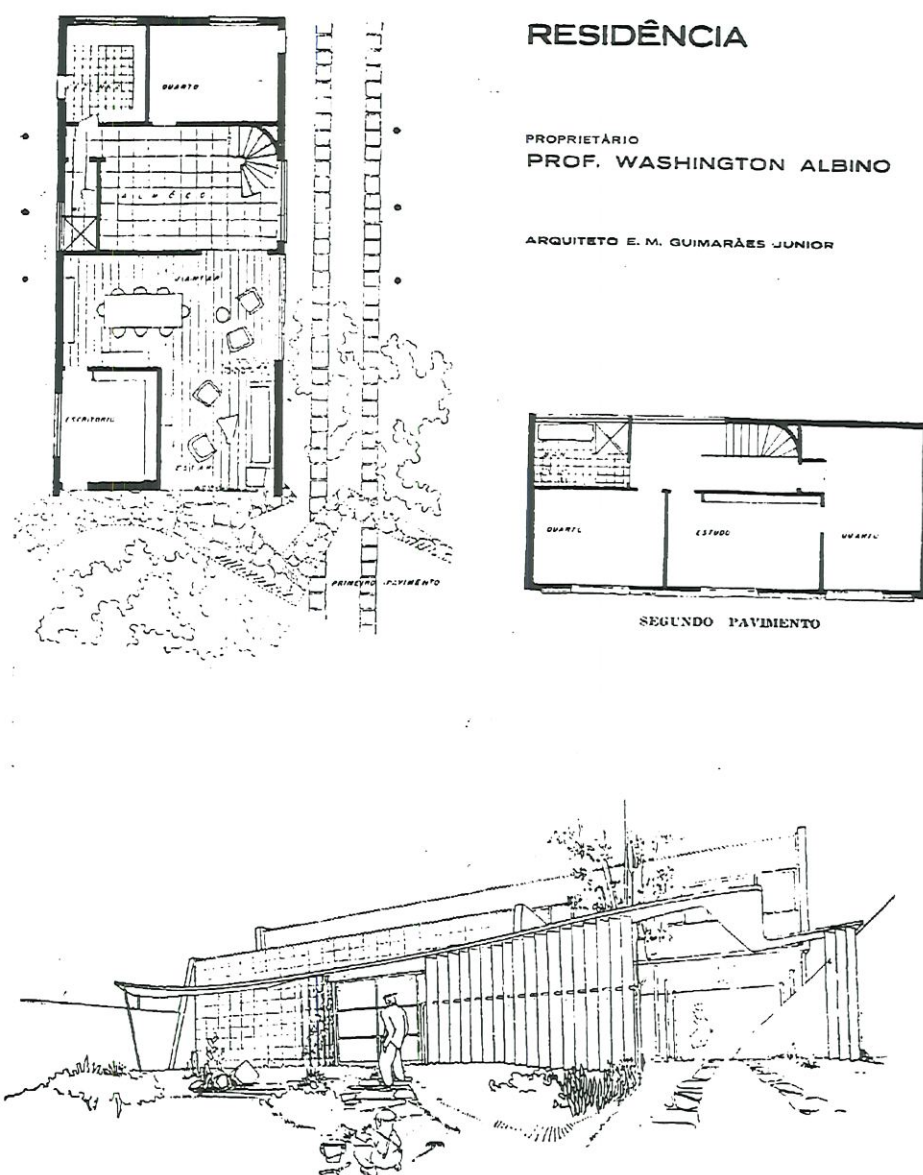
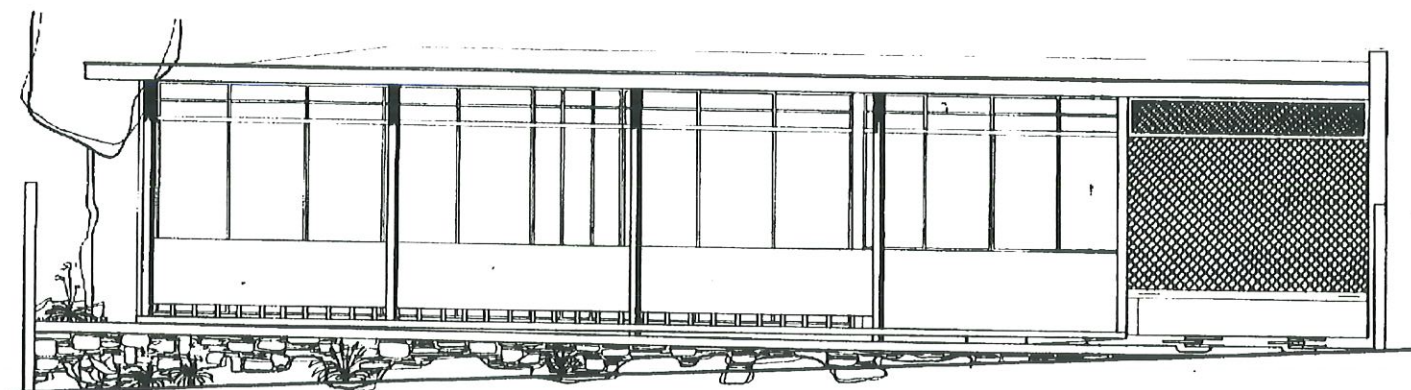


FIGURA 83 – Residência Prof. Washington Albino – BH
Arquiteto – Eduardo Mendes Guimarães



FACHADA E GRADIL
escala 1:50



FIGURA 85 - Residência João Naves Filho - 1959 - Fachada

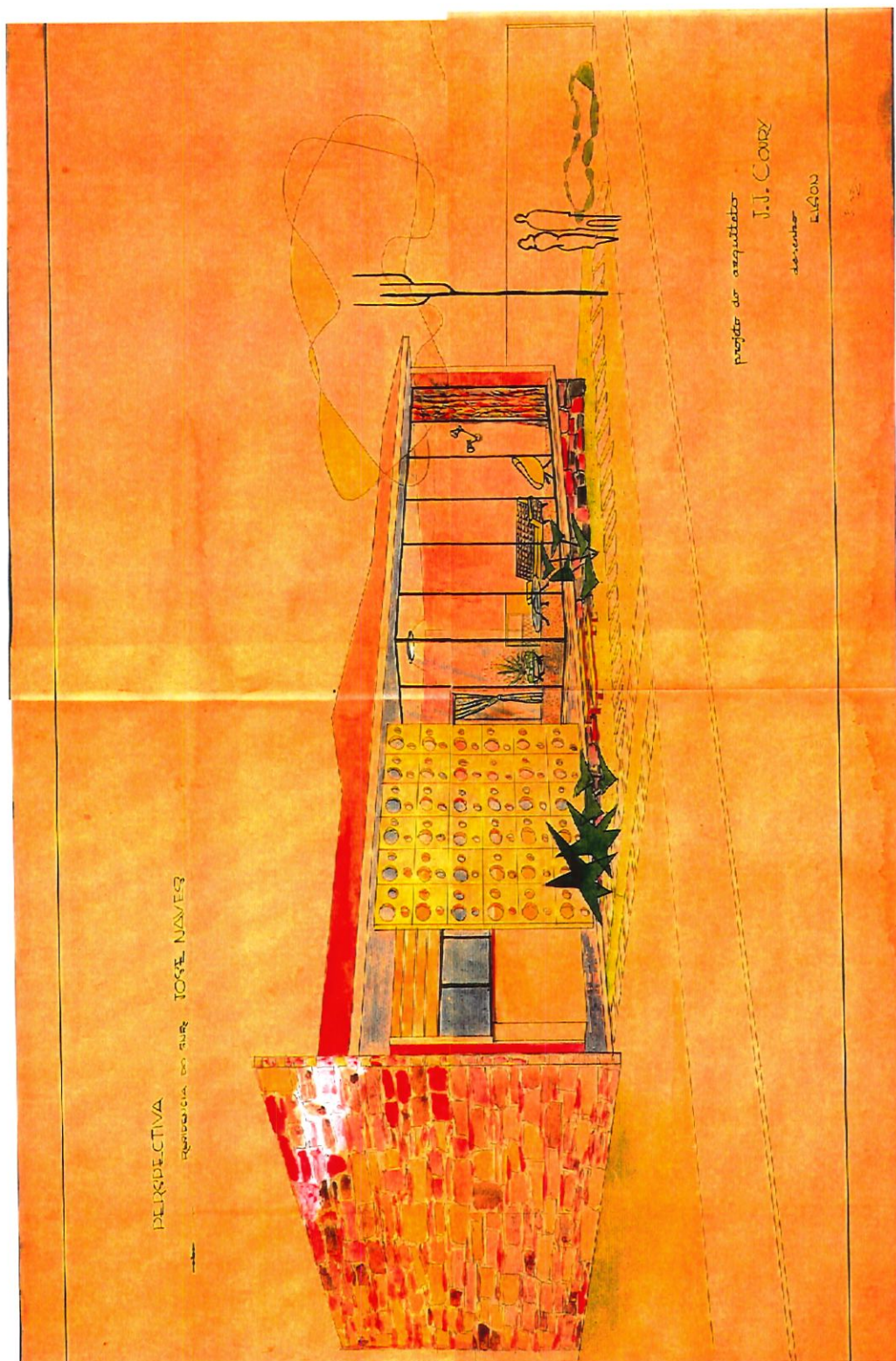


FIGURA 87 - Residência José Naves - 1959 - Perspectiva

A arte está incorporada nos painéis dos projetos de arquitetura. Foi muito empregado nos projetos “modernos”, principalmente dos arquitetos cariocas, como grandes afrescos confiados a artistas de renome. Quando aplicado nas paredes privilegiadas externas da edificação, é concebida como uma arte que está voltada para o transeunte. A interação arte / arquitetura é notada nas obras de J.J.Coury pela presença dos painéis em mosaico vitroso - “Vidrotil”, aparecendo por vezes no jardim interno ou nas paredes cegas da fachada frontal da casa, formando panos animados de cores. Eram elaborados por dois artistas plásticos atuantes na cidade: Geraldo de Queiroz e J. Moraes. Os temas normalmente estavam relacionados com a vida histórica, afetiva do cliente ou eram abstratos, como é o caso do painel encontrado na **residência Waldemar Silva**. (FIGURA 88)



FIGURA 88 – Residência Waldemar Silva – 1957 - Painel

Com marcante formação em ciências exatas, tecnologia da construção, conforme visto no capítulo 1, e lembrado por Raphael Hardy como um mecânico, Coury preocupa-se com a utilização da nova técnica. Mas o ambiente que aqui encontra não estava preparado para essa utilização. Paulo de Freitas em seu depoimento, aponta as dificuldades de mão de obra para trabalhar com os novos materiais de construção e novas técnicas construtivas, encontradas quando do seu retorno em 1959. Cita também o pioneirismo de Coury e da importância da firma paulista Morse Bierrenbach, que construiu o Edifício Tubal Vilela, na formação dessa mão de obra especializada para a cidade.

A técnica para o arquiteto Lúcio Costa é o suporte de um novo lirismo.

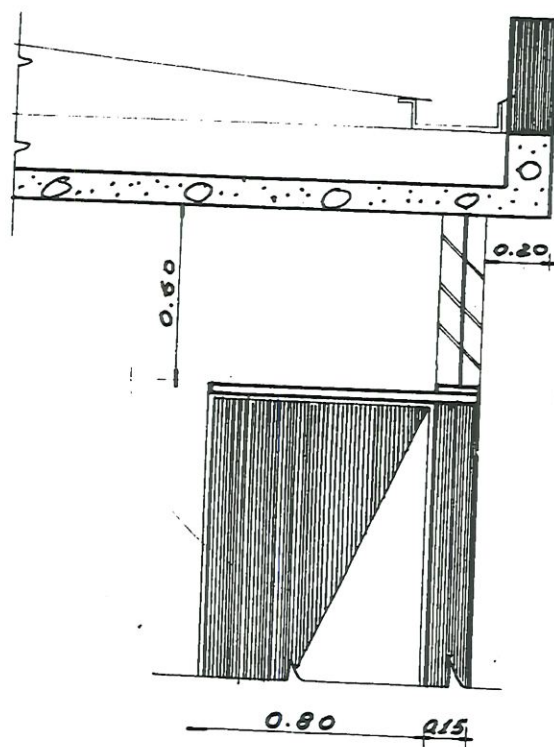
Nas obras do arquiteto verifica-se o uso de uma tecnologia construtiva, que emprega concreto armado principalmente nas lajes planas. Em um primeiro momento tímidas ainda, quanto ao seu aspecto plástico.

Coury nessa investida passou pela cobertura de lajes planas, e pelos telhados com telha cerâmica, e pelo uso da telha de fibrocimento embutida, encoberta pelas platibandas. Provavelmente foram pesquisas e soluções que se pautaram pela dificuldade de ordem técnica construtiva.

“Decididamente modernas em sua concepção geral, as casas de Lúcio Costa também estavam estreitamente ligadas à tradição luso-brasileira, graças à retomada de certos elementos do vocabulário corrente da arquitetura colonial. O mais importante e típico desses elementos foi o emprego sistemático da cobertura de telhas – canal, em lugar do terraço, em concreto, transformando em peça-mestra da doutrina dos mestres racionalistas europeus. Era uma atitude audaciosa, capaz de parecer sacrílega aos espíritos dogmáticos, porém perfeitamente justificada do ponto de vista funcional : de fato, era evidente que, num clima tropical, onde se alternam calor intenso e chuvas diluvianas num curto espaço de tempo, as lajes de concreto tinham tendência a rachar, tornando difícil a impermeabilização e mais ainda a conservação; assim o telhado clássico,(...)revelava-se como uma solução mais judiciosa e econômica”. A escolha de Lúcio passou também por motivos de

Confirmando um cuidado com relação ao detalhamento, observou-se que alguns projetos continham detalhes construtivos e de esquadrias. Na residência **Laerte Guimarães**, o detalhe da janela encostada na laje, atua como definidor dos planos horizontais – laje - e verticais – paredes. Cria também um sistema de ventilação eficiente, por estar próxima do teto e facilitar a circulação do ar. (FIGURA 90)

■



DETALHE 1. 1:20.

FIGURA 90 – Residência Laerte Guimarães – 1965 – Detalhe Janela

Na residência Noel Emmitt percebemos o **detalhe da ventilação da laje**. (FIGURA 91) A cobertura em argiloto com inclinação de 5% está apoiada em uma laje em concreto armado. O ventilador nas extremidades vem com um intuito de criar um colchão de ar para impedir que o calor passe para dentro do ambiente. A proposta demonstra uma preocupação do arquiteto J.J.Coury, com o uso da nova técnica aliado ao conforto interno da residência.

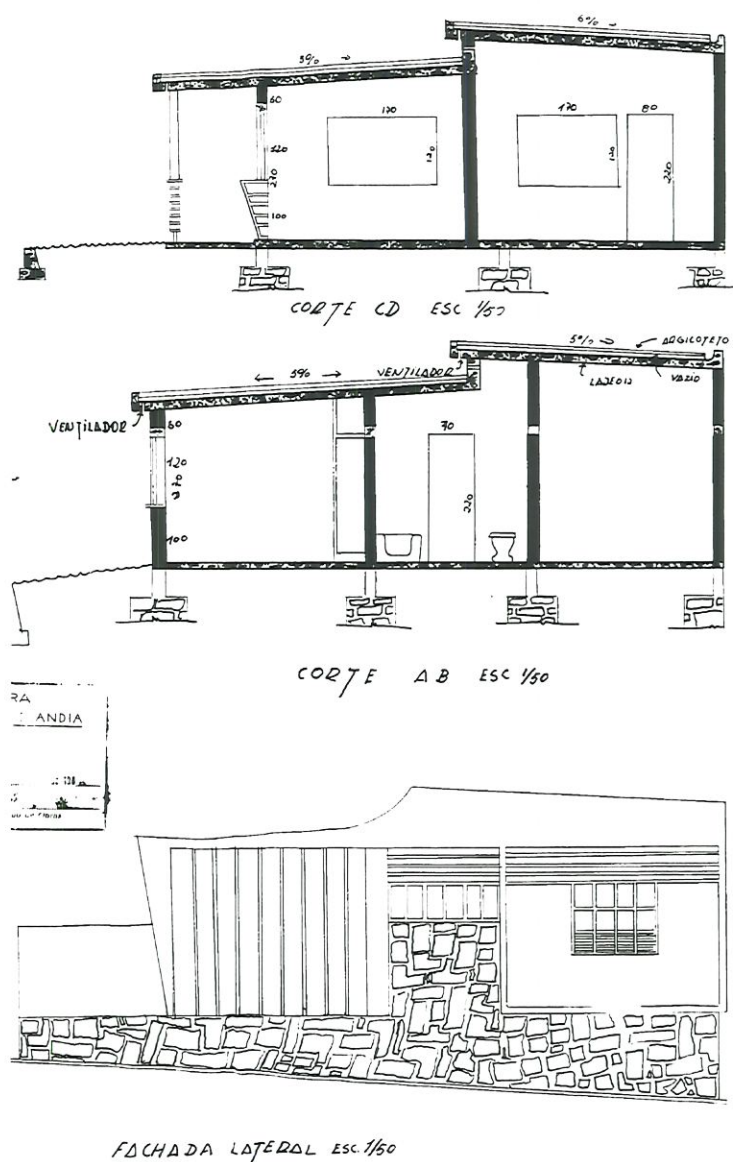


FIGURA - Residência Noel Emmitt - 1962 - Corte / Det. ventilação

FIGURA 91 – Residência Noel Emmitt – 1962 – Corte / det. ventilação



Na **residência João Edson de Melo**, sua técnica construtiva apresenta cobertura em laje tipo “Delfa”, com nervuras em concreto armado e impermeabilizada com “Sika” e tinta betuminosa.. O projeto apresenta detalhamento de esquadrias em ferro e vidro, e os gradis assim como também o portão, em treliça de madeira (pinho).

A estrutura escultórica é encontrada no projeto **Alcides Simão Helou** (1955- não construída) (FIGURA 92, 93, 94). Onde a exploração formal é percebida pelo desenho das fachadas laterais, pelo apoio estrutural em curva que eleva a edificação do solo.

A estrutura quando assumida como escultura, nas obras residenciais de Coury, nos remete à exploração formal, plástica, trabalhada pelo arquiteto nas formas curvas das varandas no início de 50. É o momento em que a curva, que antes estava presente em planta, nas marquises, passa para o corte.

A estrutura enquanto escultura está presente na arquitetura moderna brasileira através das obras de vários arquitetos, dentre eles Niemeyer, desde 1942 com a Pampulha e, Affonso E. Reidy, que podemos exemplificar com o Museu de Arte Moderna no Rio de Janeiro.

Coury no projeto Alcides Helou, atua com a leveza do gesto, como podemos observar pelo croqui. O traço livre do pilar é resultado de um gesto firme sobre o papel. Apoia a caixa elevada que é o corpo da edificação.

A forma gerada por esse gesto criador, reflete a maleabilidade e flexibilidade permitida pelo material expressivo – concreto armado.

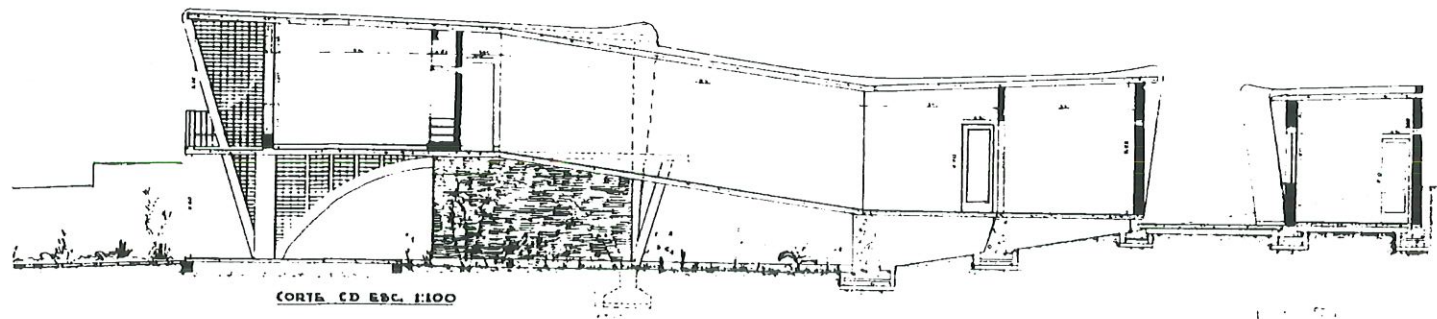
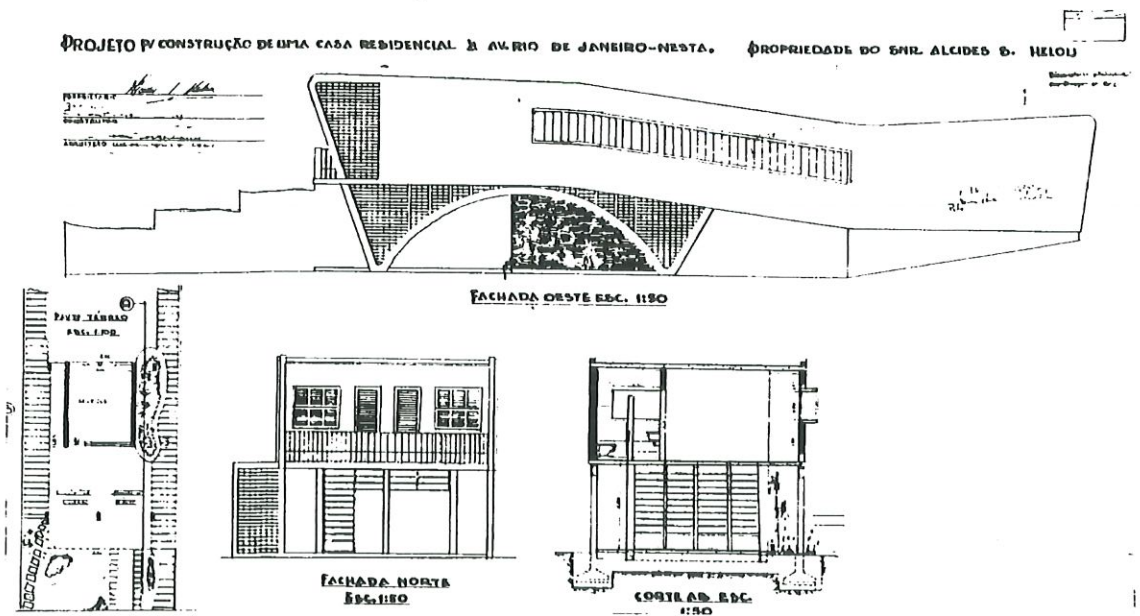


FIGURA 93 - Residência Alcides Helou - 1955 - Fachadas e Cortes



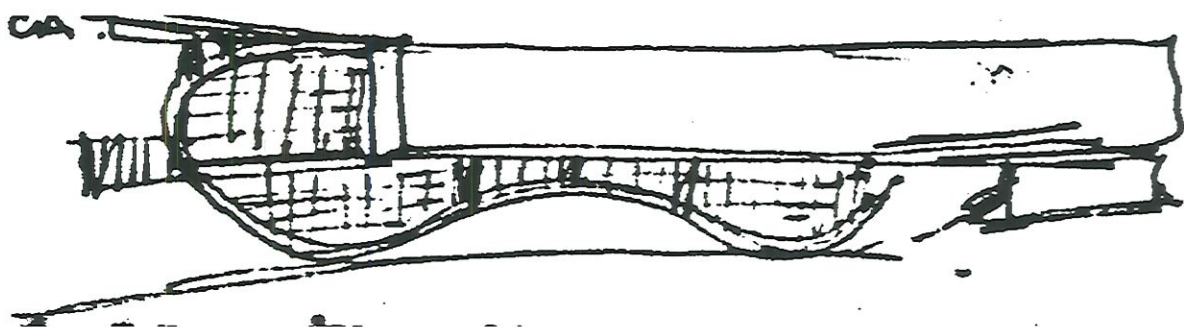


FIGURA 94 – Residência Alcides Helou – 1955 - croqui

Esse interesse pela estrutura como um elemento escultórico percebemos também nos croquis dos estudos iniciais da **residência Alexandrino Garcia** (não construída).
(FIGURA 95)

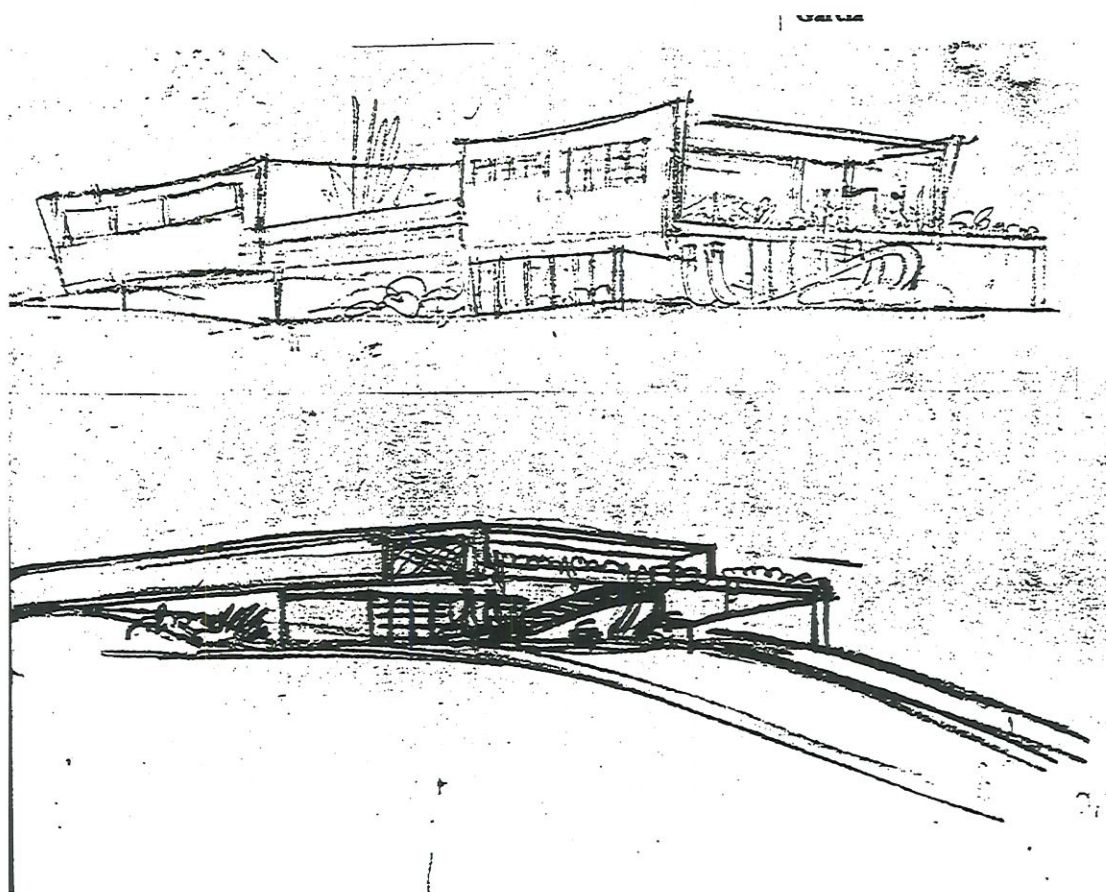


FIGURA 95 – Residência Alexandrino Garcia – Croquis – não construída

Coury ao contrário de Lúcio Costa, utiliza nas residências vários tipos de materiais de revestimento, explorando suas texturas e cores, como é o caso dos seixos rolados e pedras naturais facilmente encontradas na região. As cores presentes nesses materiais se harmonizam com as cores das pastilhas, e com os painéis em mosaico vitroso. A proposta limpa e branca, asséptica, não estava entre os princípios fundamentais para Coury, acredito inclusive que essa escolha dos materiais de revestimento dos pisos e paredes passava por uma intervenção e uma atitude frente ao cliente.

A diversidade e a variedade de materiais de acabamento que emprega, materiais tão distintos como seixos rolados, litocerâmicas, “cangicado de cascalho”, e texturas várias nas paredes são freqüente em todos os períodos, assim como a utilização dos painéis artísticos em azulejo ou em elementos vitrosos, apontando um interesse pela composição harmoniosa de cores e texturas, que perpassam toda sua produção.

Lúcio Costa nas suas residências *“adotou sistematicamente o branco para revestimento das paredes, atribuindo aos telhados e madeiramentos a função de criar os contrastes de cor”*; (...) *pareceu-lhe que o branco absoluto era uma necessidade que se impunha especificamente para o gênero tradicional das casas*⁵⁹.

Podemos perceber, uma maturidade revelada pelo equilíbrio do arquiteto, na configuração da planta funcionalista, na valorização do micro-clima proporcionado pelos jardins internos que promove a interação com a natureza, na relação da implantação da edificação no lote que integra frente - fundo, na valorização da composição volumétrica de todas as elevações e na preocupação com o uso das técnicas construtivas.

COURY com suas obras residenciais foi reconhecido como um grande arquiteto, pela população da cidade de Uberlândia, como podemos perceber através do texto que o advogado João Edson de Mello escreveu para um jornal local logo após sua morte em 1970. *“Principiou meu relacionamento com João Jorge Coury, quando sua notoriedade como arquiteto apenas despontava em Uberlândia. Estava introduzindo na cidade, sob gerais aplausos, edificações funcionais. Eram*

⁵⁹ Bruand, Yves (1981) – “Arquitetura Contemporânea no Brasil”, Ed. Perspectiva, pág. 131/132.

construções, em que a divisões se faziam de modo a estar facilitada a circulação nelas e entre elas, obter qualidade ideal de ventilação, ser evitado o incômodo da incidência direta dos raios solares, tirar-se da luz natural os efeitos convenientes, enfim dar à habitação o máximo de comodidade. E não se esquecia, num esforço de unir ao útil o agradável, de imprimir às fachadas um toque de graça, além de acrescer ajardinamento às residências, tentativa de manter o homem em contato com a natureza, como forma de alegrar a vida dos moradores de área urbana. Uberlândia encontra-se toda pontilhada de execuções de projetos seus, guardando essas linhas mestras”.

CONCLUSÃO

No seu conjunto, a obra do Coury, pioneira na introdução da arquitetura moderna em Uberlândia, revela o conhecimento do arquiteto dos conceitos do modernismo, que permitiu sua utilização na busca de uma forma de expressão pessoal, que se distingue e torna-se um parâmetro para a produção arquitetônica da cidade.

Coury ainda mesmo como estudante, obteve os conhecimentos da nova linguagem arquitetônica, atuou nos momentos de busca e de implantação de uma nova vanguarda em Belo Horizonte, na década de 30. Seus colegas de curso e de atividades paralelas, também tiveram uma produção de destaque na arquitetura de Minas. Em Uberlândia, Coury exerceu o papel de **difusor** da arquitetura moderna, para esta região.

“Exerceu a profissão com dignidade, em um mercado pouco receptivo à época (...) foi um D. Quixote do cerrado”, lembra Ivan Cupertino, amigo que trabalhou no ateliê de Coury.

A importância do arquiteto está na introdução de uma linguagem da arquitetura moderna na região e vai influenciar outros arquitetos da cidade. Preocupado com um bem estar do cliente, com as questões técnicas, estruturais e climáticas. Com a atribuição do arquiteto, que não é apenas construtor, mas atua na cidade, na relação do espaço urbano. Modifica hábitos de morar! Introduce os elementos de vanguarda nas propostas construtivas, programáticas, funcionais e urbanísticas.

O arquiteto trabalhou uma proposta de planta funcionalista, com coerência na implantação da edificação no lote. Manteve uma preocupação com as questões climáticas, criando microclimas com o recurso dos jardins internos. Conciliou o

vocabulário formal e construtivo da arquitetura moderna com a utilização de materiais da construção local.

Mas sua particularidade reside justamente em suas posturas avançadas num ambiente pouco afeito a inovações. Por todo o processo de formação e por toda sua atuação, as obras do arquiteto Coury não podem ser interpretadas como simplesmente uma transposição da linguagem moderna desvinculada da realidade local. Há uma atitude frente as condições locais. Há uma contextualização com o ambiente no qual estava atuando.

Suas **idéias** permanecem vivas junto às pessoas que o circundaram!

ANEXO A

HISTÓRICO ESCOLAR DO ARQUITETO JOÃO JORGE COURY



UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS
 ESCOLA DE ARQUITETURA
 BELO HORIZONTE

Curso Superior

CONCURSO DE HABILITAÇÃO

Ano letivo de.....

DISCIPLINAS	Notas de aprovação	Média

1.ª SÉRIE

Ano letivo de 1931 e 1932

DISCIPLINAS	Médias de aprovação	
	1.ª época	2.ª época
Reprovado em todas as matérias do 1º ano, em 1931. - - - - -		
Matemática Superior (1932)	6,0 (seis)	
Desenho Arquitetônico	6,0 (seis)	
Desenho Figurado	6,0 (seis)	
Ciências Naturais	6,0 (seis)	

2.ª SÉRIE

Ano letivo de 1933

DISCIPLINAS	Médias de aprovação	
	1.ª época	2.ª época
Elementos de Construção-Topografia	6,0 (seis)	
Perspectiva	6,0 (seis)	
Resistência dos Materiais	6,0 (seis)	
Desenho	6,0 (seis)	
Materiais de Construção	6,0 (seis)	
Arquitetura Analítica	6,0 (seis)	
Modelagem	7,0 (sete)	



UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE ARQUITETURA
BELO HORIZONTE

3.ª SÉRIE

Ano letivo de 1934

D I S C I P L I N A S	Médias de aprovação	
	1.ª época	2.ª época
Estruturas em madeira e ferro (1ª p. de Sig temas Estruturais e Detalhes de Const.)..	7,0 (sete)	
História da Arte (1ª parte)	8,0 (oito)	
Estabilidade das Construções	6,0 (seis)	
Pequenas Composições de Arquitetura	6,0 (seis)	
Arte Decorativa (1ª parte)	6,0 (seis)	

4.ª SÉRIE

Ano letivo de 1935

D I S C I P L I N A S	Médias de aprovação	
	1.ª época	2.ª época
Arte Decorativa (2ª parte)	6,0 (seis)	
História da Arte (2ª parte)	8,0 (oito)	
Composições de Arquitetura	6,0 (seis)	
Teoria e Filosofia da Arq. (1ª parte) ..	7,0 (sete)	
Estrutura em Cimento Armado (2ª p. de Sig temas e Detalhes de Construção)	7,0 (sete)	

5.ª SÉRIE

Ano letivo de 1936

	Médias de aprovação	
	1.ª época	2.ª época
Física Aplicada	6,0 (seis)	
Higiene e Saneamento	8,0 (oito)	
Grandes Composições de Arquitet. (1ª p.) .	7,0 (sete)	
Teoria e Filosofia da Arquit. (2ª parte)	7,0 (sete)	

Data da colação de grau: 14 de novembro de 1940

Data da expedição do diploma: 22 de janeiro de 1954.

Observações: Mat. no 62 ano em 1937: -Legislação-Ec. Política, 10; Prática Prof. 0 do Trabalho, 8; Urbanismo-Arq. Paisagista, 7; Grandes Comp. de Arq. (prova de g máximo), 6.- Amparado pela Lei n) 1919, de 24/7/1953, publicada no D.O. de seguinte.

Belo Horizonte

10 de

novembro

de 19 53

(Localidade)

Secretário
Secretário

Diretor
Diretor

ANEXO B

SALÃO BAR BRASIL

LISTA DOS TRABALHOS EXPOSTOS

Lista dos trabalhos expostos:

Pintura — Desenhos e caricaturas.

A. DELPINO — (não concorre do premio).

- 1 — Panorama de Marianna (oleo)
- 2 — Arco-Iris (Lagôa Santa) (pastel).
- 3 — Faiscadora (oleo).
- 4 — Marilia de Dyrceu (oleo).

GENESCO MURTA.

- 5 — Caserio de Antonio Dias (oleo).
- 6 — Igreja do Rosario e observatorio (Castello-Rio).
- 7 — Marianna (Castello-Rio).
- 8 — Marianna (Castello-Rio).
- 9 — Marianna (Castello-Rio).

RENATO LIMA.

- 10 — Igreja do morro da queimada (oleo)
- 11 — Aquarella.
- 12 — Aquarella.
- 13 — Aquarella.
- 14 — Aquarella.

DJANIRA SEIXAS COUTINHO.

- 15 — Oleo.
- 16 — Oleo.
- 17 — Oleo.

DELIO DELPINO.

- 18 — D. Cabral (retrato-oleo).
- 19 — Paysagem (oleo).
- 20 — Paysagem (oleo).

JOSE' CANTAGALLI.

- 21 — Abrigo do Bar do Ponto a noite (desenho).
- 22 — Cjabelleira (desenho).
- 23 — Cafu'a (desenho).
- 24 — Bruxa (aquarella).

ERICO DE PAULA.

- 25 — Desenho.
- 26 — " "
- 27 — " "

LUIZ ALFREDO.

- 31 — Banquete (desenho).
- 32 — Miséria (desenho).
- 33 — Mendigo (desenho).
- 34 — _____ (desenho).
- 35 — _____ (desenho).

ELZA COELHO JUNIOR.

- 32 — Caricaturas.

J. KAUKAL.

- 35 — Aquarella.
- 36 — Desenho.
- 37 — Desenho.

F. FERNANDES

- 38 — Desenho.
- 39 — Desenho.

ROSA BARILO PARADAS.

- 40 — Vaso de bronze (morajoara).
- 41 — Trapeiro (oleo).
- 42 — Amurada (oleo).

RENÊ SANTA ROSA.

- 44 — Desenho

ANTONIO ROCHA.

- 45 — Procopio Ferreira (caricatura).
- 46 — caricatura
- 47 — Caricatura.

- 48 — Caricatura.

- 49 — Desenho.

- 50 — Desenho.

- 51 — Desenho.

HERMUNDO.

- 52 — Efeito do sol (desenho).

DEL PINO JUNIOR.

- 53 — Meu Pae (estudo para um retrato a oleo).

- 54 — Dr. Luiz Penna (portrait-charge)

- 55 — Governador Benedicto Valladares (caricatura)

- 56 — Pe'u'ba (desenho).

- 57 — Mario de Andrade (caricatura).

- 58 — Dr. Octacilio Negrão (caricatura).

- 59 — Sylvia Fontes (estudo).

- 60 — May Novaes

- 61 — Auto (caricatura).

ALVARENGA

3 Caricaturas.

ESCUPTURA

JEANNE MILDE.

- 62 — Cantigo á virgem.

- 63 — Enlevo maternal.

- 64 — Castidade.

- 65 — Concentração.

- 66 — Saudade.

- 67 — Vigilante.

- 68 — Malicia.

- 69 — Delicioso Momento.

- 70 — Busto do sr. Gaston Barboson

- 71 — Embaixadores Belgas.

- 72 — Hebe.

- 73 — Bailarina.

- 74 — Mestiça.

- 75 — "Boudeuse".

- 76 — Suplica.

- 77 — Cabeça de indio.

- 78 — Suave alegria.

- 79 — Melancolia.

- 80 — Cecy.

- 81 — Maria Alvares.

- 82 — Mme. Olyntho da Fonseca.

- 83 — Rosas.

- 84 — Maria Luiza Alvares.

ARCHITECTURA

COURNY.

- 85 — Edificio para escola de musica e dansa populares.

HERMINIO.

- 86 — A casa do jornaleiro.

VIRGILIO DE CASTRO.

- 87 — Restaurant popular.

SALOME'.

- 88 — Templo.

HARDY FILHO

- 89 — Dispensario — Crêche.

REMO DE PAOLI.

- 90 — Abrigo de bondes para a praça da Lagoinha

SHAKESPEARE GOMES

- 91 — Piscina.

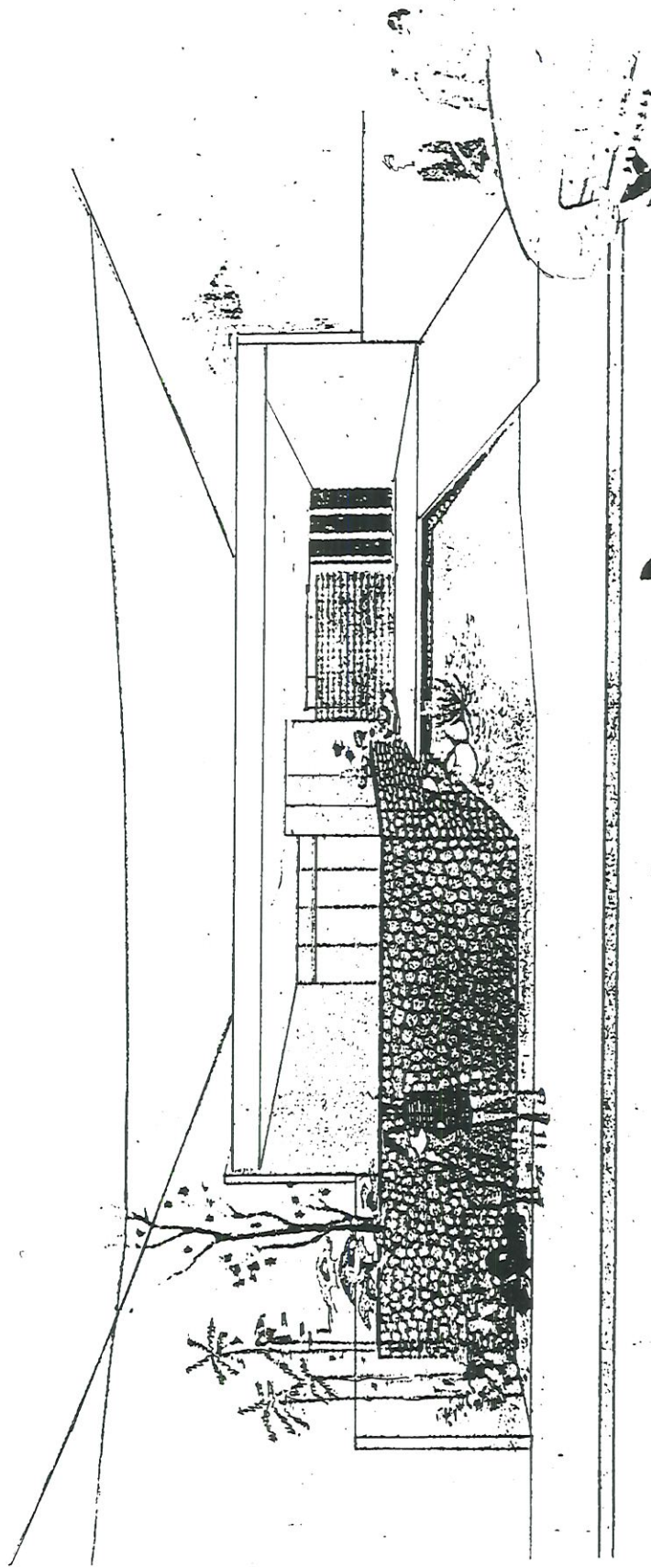
- 92 — Villa operaria.

SANTOLIA

- 93 — Aibergue nocturno.

ANEXO C

LISTAGEM DAS OBRAS DO ARQUITETO



ESTUDIO
DE ARQUITETURA
E URBANISMO
José Jorge Couri
ARQUITETO

FIGURA 96 - Residência Oranides Borges do Nascimento - Perspectiva

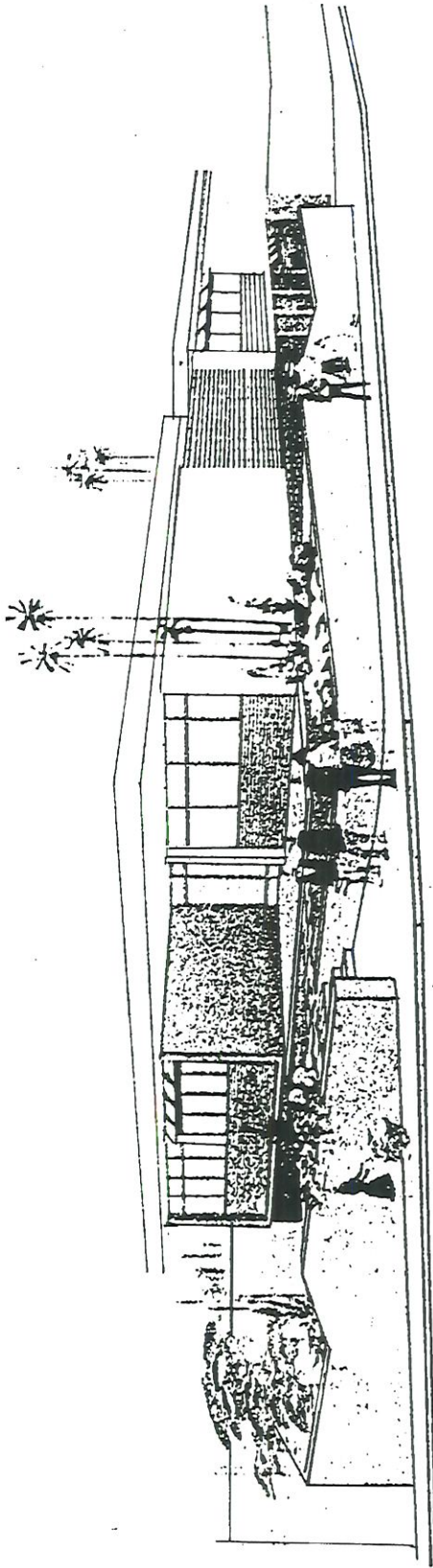


FIGURA 97 - Residência não identificada - perspectiva

RESERVA DE TERRA INDÍGENA
PARECER DO COMISSÁRIO DE TERRAS
INDÍGENAS Nº 1.000/2011
11/05/2011

Josão Jorge Courty
ARQUITETO
RUA LUIZ DE ALMEIDA, 100 - JARDIM
SANTANA - SÃO PAULO - SP

EST. 10.000/2011

Arquiteto João Jorge Coury

Listagem das Obras em Uberlândia

Apresentação

A listagem de todos os trabalhos do arquiteto João Jorge Coury, apresentada em anexo, é o resultado de um trabalho de meses de pesquisa por mim efetuada em diversos arquivos disponíveis na cidade.

Inicialmente, a pesquisa partiu de referências e informações orais sobre o Arquiteto e sua obra, uma vez que não existe mais uma documentação sistematizada, referente ao escritório do arquiteto. Num momento posterior foi feita uma relação dos arquivos, que possivelmente poderiam conter as pranchas de desenhos dos projetos, para se levantar o conjunto de sua obra. Optou-se em trabalhar no Arquivo da Secretaria de Obras da Prefeitura de Uberlândia, no arquivo particular do engenheiro Rodolfo Ochoa, sócio do arquiteto por 14 anos e nos arquivos particulares dos desenhistas que prestaram serviços no escritório do arquiteto em estudo.

O setor de Arquivo Geral da Prefeitura Municipal de Uberlândia, possui uma documentação microfilmada de “Projetos Legais”, que datam de 1943 a fins dos anos 80, com exceção dos projetos de obras públicas, ou sejam institucionais os quais são simplesmente arquivados. Depois de micro-filmados estes documentos são encaminhados ao setor de Arquivo Histórico do Município para serem guardados. No Arquivo Geral, toda a catalogação dos projetos foi feita pelo nome do proprietário, pela data em que o projeto foi aprovado pela Prefeitura e pelo endereço, mas em vários deles encontrei uma enorme dificuldade na situação dos lotes, pois os nomes das ruas haviam sido alterados, a identificação então se fez por meio de mapas do período em estudo. Ou seja o nome do arquiteto ou mesmo do projetista, não é citado na ficha, para a identificação se fez necessário então olhar todos os cartões, um a um. Nesse arquivo foram observados aproximadamente 5000 cartões janelas, abrangendo um período da década de 40 à 1970, trinta anos de estudo.

Através dessa observação nos cartões - janela, criados pelos microfilmes, foram relacionados todos os trabalhos do arquiteto João Jorge Coury. A essa relação foram acrescentadas as fichas do levantamento feito no arquivo do engenheiro Rodolfo Ochoa e nos demais arquivos particulares. A listagem a seguir é o resultado desse trabalho, que agora apresento de uma forma mais sistemática e resumida. Na primeira parte estão os projetos para a cidade de Uberlândia apresentados em ordem cronológica, destacando os projetos residenciais e as obras urbanísticas. Na segunda parte do elenco de obras estão os projetos identificados em outras localidades, apresentados também cronologicamente.

Arquiteto João Jorge Coury

Listagem das Obras em Uberlândia

1940 - 1949

Residências:

1944 - Obra: Residências geminadas - Gasparina Soares
Local: Av. João Pinheiro, Vila Operária.

1947 - Obra: Residência Angelo Cunha
Local: Rua Guarani s/n

1947 - Obra: Residência Waldemar Fonseca
Local: Rua Getúlio Vargas s/n

1949 - Reforma: Residência Ernestina Fernandes
Local: Rua Santos Dumont próximo a Av. Princesa Izabel

1949 - Obra: Residência Eduardo Felice - reforma
Local: Av. João Pinheiro com rua Olegário Maciel

1949 - Obra: Residência José Fonsêca Naves - reforma
Local: Av. João Pinheiro

1949 - Obra: Residência Roberto Margonari - reforma gabinete
Local: R. Machado de Assis (entre Afonso Pena e João Pinheiro)

1949 - Obra: Residência Sandoval Guimarães - reforma
Local: R. Bernardo Guimarães (próx. Silva Jardim)

Outros :

1945 - Obra : Reforma Consultório - Oscar Miranda
Local: Av. João Pinheiro com praça D. Pedro II

1948 - Obra: "Cassino" de Amin Zaitum
Local: Av. Vasconcelos Costa c/ engº Azelli

1945 - Obra: Parque Hospitalar Santa Casa (1945 -1948)
Local: Av. Belo Horizonte s/n

1949 - Obra: Residência José Amillard de Menezes – reforma
Local: Av. Cipriano Del Fávero

1949 - Obra: Ginásio Nicolau Feres
Local: Av. Arthur Bernardes c/ R Araguari s/n

1949 - Obra: Loja Salomão Attie
Local: Praça Rui Barbosa

1950

Residências :

1950 - Obra: Residência Alirio Pedro da Silva
Local: R. Arlindo Teixeira (próx. Av. Fernando Vilela)

1950 - Obra: Residência Aparecido Alvares
Local: R. Teixeira Santana (próx. Silva Jardim)

1950 - Obra: Residência Bonifácio Nunes Maciel
Local: R. Particular (próx. R. Duque de Caxias)

1950 - Obra: Residência Clarice Aparecida Costa Pereira
Local: R. Cel Antônio Alves Pereira

1950 - Obra: Residência Clovis César
Local: R. Particular s/n

1950 - Obra: Residência Filhos de Arnaldo Contirei
Local: Rua Vigário Dantas s/n

1950 - Obra: Residência Francisco Pelegrino
Local: R. Dr. Lacerda s/n

1950 - Obra: Residência Herminia Costa Pereira
Local: R. Arlindo Teixeira

1950 - Obra: Residência Jaime Testa
Local: R. Dr. Lacerda c/ R. Caiapós

1950 - Obra: Residência João de Souza
Local: R. Particular - Bairro Saraiva

1950 - Obra: Residência João Teixeira de Moraes
Local: R. Dr Lacerda s/n

1950 - Obra: Residência Lauro Coelho Oliveira
Local: R. Dr. Lacerda c/ R. Aimorés

1950 - Obra: Residência Mário de Oliveira Prieto
Local: R. Cel Antônio Alves Pereira

1950 - Obra: Residência Paulo Roberto de Moraes
Local: R. Caiapós s/n, Área de 46,62 m²

1950 - Obra: Residência Salvio Marques de Souza e Hélio de Souza
Local: R. XV de novembro (próx. da Av. Tocantins), Área de 143,90 m²

1950 - Obra: Residência Sebastião Carlos Andrade
Local: R. Dr. Lacerda (próx. R. Caiapós), Área de 62,50 m²

Outros :

1950 - Obra: Edifício Comercial - Abdulmassih
Local: Av. Afonso Pena c/ Praça da República

1950 - Obra: Armazém Wandeivarol Faria Marquez
Local: R. Alexandre Marquez c/ R. Alfredo Júlio

1951

Residências:

1951 - Obra: Residência Angelo Paula
Local: Av. Rio Branco n° 449, Área de 88,36 m²

1951 - Obra: Residência Antônio Gomes
Local: R. Xavantes, Área de 48 m²

1951 - Obra: Residência Antônio Luiz Carrijo
Local: Av. Afonso Pena, Área de 54 m²

1951 - Obra: Residência José Germano
Local: R. Goiatuba

1951 - Obra: Residência Carlos Alfredo Maywald
Local: R. Anchieta s/n

1951 - Obra: Residência Clélia da Costa Pereira
Local: rua R. Pereira c/ rua E. Marquez, Área de 96 m²

1951 - Obra: Residência Dimas Machado
Local: rua João Pinheiro (ainda com canteiro central)

1951 - Obra: Residência Divina Moraes de Melo
Local: rua Bueno Brandão, Área de 42 m²

1951 - Obra: Residência Domingos José Arantes
Local: rua Quintino Bocaiúva, Área de 98 m²

1951 - Obra: Residência Eugênio Pimentel Arantes
Local: rua Machado de Assis (entre João Pinheiro e Cipriano del Favero)

1951 - Obra: Residência Fernando Sarcinelli Biasi

Local: rua Tenente Virmondos s/n, Área de 114 m²

1951 - Obra: Residência Francisco Rodrigues Queiroz

Local: rua México (próx. Fernando Vilela), Área de 74,40 m²

1951 - Obra: Residência Genésio Pereira

Local: rua Machado de Assis, Área de 210 m²

1951 - Obra: Residência Geni Santana de Araujo

Local: rua Cel Antonio Alves Pereira, Área de 44,10 m²

1951 - Obra: Residência Ismael José Oliveira

Local: rua Machado de Assis entre 372 e 390, Área de 123,30 m²

1951 - Obra: Residência Ivan Fagundes

Local: rua Dr Francisco Sales

1951 - Obra: Residência João Antonio Filho - reforma

Local: av. Cipriano del Favero 1590

1951 - Obra: Residência João Borges de Resende

Local: rua Carmo Gifoni, Área de 130 m²

1951 - Obra: Residência João Edson de Melo

Local: Av. João Pinheiro c/ Olegário Maciel, Área de 385 m²

1951 - Obra: Residência José Rodrigues da Cunha

Local: Av. Cesário Alvim s/n

1951 - Obra: Residência/ Comércio - José Rosa Filho

Local: Av. Princesa Isabel (próx. da rua Santos Dumont)

1951 - Obra: Residência José Rosa de Oliveira

Local: rua Alexandre Marquez (próx. à rua Bernardo Cupertino)

1951 - Obra: Residência Lincoln de Araujo

Local: rua Machado de Assis (próx. à rua Afonso Pena)

1951 - Obra: Residência Nelson Cupertino

Local: rua XV de novembro (próx. à rua Araguaia), Área de 79,44 m²

1951 - Obra: Residência Osoris Zaiden

Local: rua Francisco Sales (próx. à rua Carmo Gifoni)

1951 - Obra: Residência Oswaldo de Oliveira

Local: av. Rio Branco c/ rua Machado de Assis

1951 - Obra: Residência Paulo Margonari
Local: Av. João Pinheiro c/ rua Tenente Virmondes

1951 - Obra: Residência Paulo Ribeiro Guimarães - reforma
Local: rua Silviano Brandão (próx. praça Rui Barbosa)

Outros :

1951 - Obra: Bar Florença Marquez - reforma comércio
Local: rua Artur Bernardes c/ Av. Bernardo Cupertino

1951 - Obra: Armazém João Antônio
Local: av. Brasil c/ rua Ituiutaba

1951 - Obra: Orfanato Lar Alfredo Júlio
Local: rua Francisco Sales c/ av. Araguaia e rua Eduardo Marquez, Área de 2.030 m²

1952

Residências:

1952 - Obra: Residência Abdalla Hanna Attux
Local: av. Cipriano del Favero

1952 - Obra: Residência Alcides Simão Helou
Local: rua Monte Castelo s/n (próx. à rua Cel Severiano e XV de Novembro

1952 - Obra: Residência Waldemar Faria
Local: Rua Francisco Sales entre rua Rodrigues da Cunha e rua Duque de Caxias.

Outros :

1952 - Obra: Hospital Honorato de Carvalho - reforma
Local: Av. João Pinheiro x R. Machado de Assis

1953

Residências :

1953 - Obra: Residência Daniel Antunes Jr.
Local: Rua Francisco Sales (entre rua Carmo Gifoni e av. Rio de Janeiro)

1953 - Obra: Residência Osvaldo Guimarães Nascimento
Local: Rua Dr. Lacerda . Está situada em uma esquina.

1954

Residências :

1954 - Obra: Residência Benedito Modesto de Sousa
Local: Rua Machado de Assis, próximo a av. João Pinheiro.

1954 - Obra: Residência Clarinda Rezende

Local: Rua Benjamin Constant

1954 - Obra: Residência Francisco de Sousa Carracedo - reforma

Local: Rua XV de Novembro 414 (Demolido)

1954 - Obra: Residência Ítalo Bernardi

Local: Rua Alexandre Marquez

1954 - Obra: Residência João Pinto de Sousa

Local: Rua Princesa Isabel, próximo a rua Silva Jardim, Área de 242 m²

1954 - Obra: Residência Sandoval Guimarães

Local: Rua Olegário Maciel

Outros :

1954 - Obra: Ruy Cotta Pacheco - Maternidade Santa Clara

Local: Av. João Pinheiro 886

1955

Residências:

1955 - Obra: Residência Alcides Simão Helou

Local: Av. Rio de Janeiro

1955 - Obra: Ildo Maximiano de Oliveira

Local: Av. Cesário Alvim

1955 - Obra: Residência Dimazem Moraes

Local: Av. Cesário Alvim, Área de 188,95 m²

1955 - Obra: Residência Ubaldo Cotta Pacheco

Local: Rua Olegário Maciel com rua Carajás.

Outros :

1955 - Obra: Policlínica Uberlândia. - Hospital Santa Catarina

Local: Av. Rio de Janeiro, próximo a rua Machado de Assis.

1956

Residências:

1956 - Obra: Residência Alfredo Fonsêca Marquez

Local: Av. João Pinheiro 646, próximo a rua Machado de Assis

1956 - Obra: Residência Júlio de Oliveira Custódio

Local: Av. Getúlio Vargas, ao lado da residência do arq. Paulo de Freitas.

1956 - Obra: Residência Júlio de Oliveira Custódio
Local: Av. Rio Branco, entre rua Duque de Caxias e rua Olegário Maciel.

1956 - Obra: Residência Nelson Cardoso
Local: Rua Cel Manoel Alves

1956 - Obra: Residência Wilson de Souza
Local: Rua Buriti Alegre, próximo a rua Benjamim Constant

Outros:

1956 - Obra: Hospital Santo Agostinho - hoje Hospital Santa Marta - reforma
Local: Av. João Pinheiro, próximo a rua Machado de Assis

1956 - Obra: Igreja Adventista
Local: Rua Quintino Bocayuva com av. Rio de Janeiro.

1956 - Obra: Loja Maçonica "Seis de Junho"
Local: Av. Afonso Pena

1957

Residências:

1957 - Obra: Residência Cora Rezende Ferreira e Ignez Rezende Ferreira
Local: Rua Santos Dumont, a 30m da av. Afonso Pena

1957 - Obra: Residência Waldemar Silva
Local: Rua Princesa Isabel

1957 - Reforma: Messias Pedreiro
Local: Av. João Pinheiro

1958

Residências:

1958 - Obra: Residência Carlos Saraiva
Local: Rua Vigário Dantas

1958 - Obra: Residência Jayme Tannus - reforma
Local: Praça da República

1958 - Obra: Residência João Batista do Nascimento
Local: Rua Duque de Caxias, próximo a Av. Rio Branco

1959

Residências:

1959 - Obra: Residência Alexandre Fornari - Demolida

Local: Av. Cesário Alvim

1959 - Obra: Residência João Naves de Ávila Filho

Local: Rua Santos Dumont entre Av. Afonso Pena e Av. João Pinheiro

1959 - Obra: Residência João Naves de Ávila

Local: Av. João Pinheiro, próximo a rua Santos Dumont

1959 - Obra: Residência Sebastião Caparelli - Nilo Rejane

Local: Av. João Pinheiro, próximo a rua Tenente Virmondés

Outros:

1959 - Obra: Adhemar Margonari - Hotel Glória

Local: Rua Santos Dumont 392. Entre Av. Afonso Pena e Av. João Pinheiro

1960

Residências:

1960 - Obra: Residência Airton Borges da Silva

Local: Av. Brasil

1960 - Obra: Residência Alfa Velasco Andrade

Local: Rua Particular

1960 - Obra: Residência Fábio Ferreira

Local: Rua José Aiube com R. Bernadino Fonseca

1960 - Obra: Residências Francisco Edson Conturse

Local: Rua Felisberto Carrijo, entre as ruas Cel Severiano e José Aiube

1960 - Obra: Residência Francisco Merola Netto - reforma

Local: Praça Raul Soares

1960 - Obra: Residência Geraldo Abrão

Local: Av. Afonso Pena a 30 m da R. Portugal

1960 - Obra: Residência Gilberto da Cunha Machado

Local: Av. Cipriano del Fávero, próximo a r. Santos Dumont.

1960 - Obra: Residência João Lopes

Local: R. Olavo Bilac a 30 m da av. Gen. Câmara

1960 - Obra: Residência José Rebelo de Albuquerque - reforma

Local: Rua XV de Novembro próximo a rua Santa Vitória

1960 - Obra: Residência Luiz Pereira Barbosa
Local: Rua Olegário Maciel a 25 m da rua John Carneiro.

1960 - Obra: Residência - Moinho Sete Irmãos
Local: Rua São Salvador com Av. Prof. José Inácio

1960 - Obra: Residência Onofre Fernandes de Oliveira
Local: Av. dos Andradas com rua Francisco Sales 105

1960 - Obra: Residência Orozimbo Arantes
Local: Rua Tobias Inácio com rua Carajás

1960 - Obra: Residência Oswaldo Guimarães Nascimento
Local: Rua Marques Póvoa, a 36 m da av. dos Andradas

1960 - Obra: Residência Salim Abib Atux - reforma
Local: Rua Tiradentes 120

1960 - Obra: Residência Silvio Moraes Lemes
Local: Rua John Carneiro com rua Duque de Caxias

1960 - Obra: Residência Tufic Mameri - reforma
Local: Praça D. Pedro II, a 30 m da av. Cipriano del Fávoro.

1960 - Obra: Residências Vania e Vanja Vilela Guimarães
Local: Rua Cruzeiro dos Peixotos

1960 - Obra: Residência Walter Serato
Local: Av. Floriano Peixoto, entre rua Barão de Camargos e Padre Anchieta.

Outros:

1960 - Obra: Centro Espírita
Local: Rua Artur Bernardes entre as ruas Araguari e Sacramento

1960 - Obra: Consultório - Poydoro de Freitas Rodrigues
Local: Praça Raul Soares

1961

Residências :

1961 - Obra: Residência Abdon Carrijo Machado
Local: Av. Afonso Pena, a 12 m da rua John Carneiro

1961 - Obra: Residência Alvenir José Bernardes - reforma
Local: Av. João Pinheiro, a 25 m da rua Machado de Assis.

1961 - Obra: Residência Arédio Fernandes - reforma

Local:

1961 - Obra: Residência Gabriel César Sodré Capistrano de Alkimin - reforma

Local: Rua Francisco Sales 50

1961 - Obra: Residência Galileu Suavindo

Local: Rua Carmo Gifoni 543

1961 - Obra: Residência Guiomar Ferreira da Silva

Local: Rua Bueno Brandão, a 19 m da rua Estrêla do Sul

1961 - Obra: Residência João Basílio Carrano - reforma

Local: Rua Olegário Maciel 1189

1961 - Obra: Residência / Comércio - João Porfirio Vieira

Local: Av. Prof. José Inácio com rua Porto Alegre

1961 - Obra: Residência / Comércio - José Guedes dos Santos

Local: Av. Floriano Peixoto com rua Itumbiara

1961 - Obra: Residência José Leandro

Local: Rua Bueno Brandão 874

1961 - Obra: Residência Lázara Pimenta Lelis

Local: Av. Araguari com rua Carneiro

1961 - Obra: Residência Onofre Batista Lima

Local: Rua Agenor Paes , Área de 50,31 m²

1961 - Obra: Residência / Comércio - Paulo Novais

Local: Av. Marciano de Ávila 677

1961 - Obra: Residência Ruy Silva

Local: Rua Eduardo Marquez 72. Entre ruas Carmo Gifoni e Vieira Gonçalves.

1961 - Obra: Residência Salvador Tanicelli

Local: Jardim Altamira, quadra 12, lote 02. (Praça Ladário Teixeira 22).

1961 - Obra: Residência Simeão Vieira de Carvalho

Local: Rua Silviano Brandão próximo a Praça Antônio Carlos

Outros :

1961 - Obra: Centro Espírita Amor à Verdade

Local: Rua Caetés, entre a rua D. Barreto e a 50 m da rua Felisberto Carrijo

1961 - Obra: Depósito Cia Mineira de Representações

Local: Av. Cesário Alvim próximo da rua Tenente Virmondes

1961 - Obra: Depósito Cimal
Local: Travessa Canapólis, a 25 m da rua Belo Horizonte

1961 - Obra: Posto de Gasolina - Domício da Costa Pereira
Local: Av. Floriano Peixoto com BR 106

1961 - Obra: Garagem - Expresso Santa Helena
Local: Av. Eng. Diniz com rua Melo Viana

1961 - Obra: Fábrica de Cortiça
Local: Av. João Pinheiro

1961 - Obra: Abrigo para velhos - L B V
Local: Rua Padre Pio entre ruas Monte Carmelo e Indianópolis

1961 - Obra: Mameri Cereais
Local: Av. Eng. Diniz próximo a av. João Pessoa

1961 - Obra: Indústria Moinho 7 Irmãos
Local: Rua José Inácio

1961 - Obra: Indústria Neon Sulsi
Local: Rua Padre Feijó 201

1961 - Obra: Oeste Tratores
Local: Av. Vasconcelos Costa

1962

Residências :

1962 - Obra: Residência Aldino Valentino
Local: Rua Rivalino Pereira

1962 - Obra: Residência Altino Marçal Vieira
Local: Rua Prof. Mario Porto, entre ruas Carajás e do Expedicionário.

1962 - Obra: Residência Álvaro Anastácio de Bastos
Local: Av. Getúlio Vargas, a 15 m da rua Machado de Assis

1962 - Obra: Residência Amélio Monteiro Marques
Local: Av. Eng. Azelli, a 40 m da av. Fernando Vilela.

1962 - Obra: Residência Anísio Hubaide
Local: Rua Olegário Maciel

1962 - Obra: Residência Antônio Albuquerque
Local: Rua Tiradentes próximo a rua Tamandaré

1962 - Obra: Residência Conceição Franco Barbosa - reforma
Local: Av. João Pinheiro 412

1962 - Obra: Residência Esmeralda de Freitas
Local: Rua XV de Novembro com rua Santa Vitória

1962 - Obra: Residência Jamil Abrão
Local: Rua Olegário Maciel, a 12 m da rua John Carneiro, Área de 64,02 m²

1962 - Obra: Residência José Jairo da Fonsêca - reforma
Local: Av. João Pinheiro entre ruas Duque de Caxias e Olegário Maciel

1962 - Obra: Residência José Pinto Amorim
Local: Rua Jataí a 40,00 m da av. Mato Grosso, Área de 41,60 m².

1962 - Obra: Residência Noel Emmitt Hutchings
Local: Rua Carajás com rua Dr. Lacerda

1962 - Obra: Residência Rita Guerra - reforma
Local: Rua Eduardo Marquez 584, próximo a Av. dos Andradas.

1962 - Obra: Residência Ruy Cotta Pacheco
Colaborador: Ivan Cupertino
Local: Av. João Pinheiro 353

1962 - Obra: Residência Silvano José de Freitas
Local: Rua XV de Novembro com rua Santa Vitória

1962 - Obra: Residência Tomas Prócopio
Local: Av. Rio de Janeiro

1962 - Obra: Residência Walter Bernardes Costa
Local: Rua Princesa Isabel 710, entre rua Silva Jardim e Av. Araguaia.

1962 - Obra: Residência / Comércio - Genério Pagotto
Local: Av. Floriano Peixoto

Outros:

1962 - Obra: Cardoso, Rodrigues - Fábrica Reimassas
Local: Rua Araxá com rua Alexandre Marquez

1962 - Obra: Clube Recreativo 3º ouro
Local: Rua Rafael Rinaldi

1962 - Obra: Comércio - Jacinto Sanches Duarte
Local: Av. Floriano Peixoto com rua Machado de Assis.

1962 - Obra: Padaria Merola, Cardoso e Cia Ltda
Local: Av. Floriano Peixoto, próximo a travessa Joviano Rodrigues

1963

Residências :

1963 - Obra: Residências Antônio Carneiro de Albuquerque
Local: Av. Araguaia e travessa Campina Verde, entre as ruas Alexandre Marquez e Bernardo Cupertino, Área de 49 m²

1963 - Obra: Residência Antonio Renzo Pintand
Local: Rua Vigário Dantas, a 20 m da rua Bernardo Guimarães

1963 - Obra: Residência Baicker Bernardino
Local: Rua Quintino Bocaiúva, a 20 m da av. Cipriano del Fávoro.

1963 - Obra: Residência Carlos Wagner B. Barbosa
Local: Av. Princesa Isabel 949, próximo a av. Araguaia.

1963 - Obra: Residência Fernandino Theodoro Reis - reforma
Local: Av. João Pinheiro 462, Área de 189,65 m²

1963 - Obra: Residência Francisco Acciardi - reforma
Local: Av. Alexandre Marquez com rua Bueno Brandão

1963 - Obra: Residência Geraldo Motta Baptista
Local: Rua Duque de Caxias 155 (entre Av. Cipriano del Fávoro e Av. João Pinheiro)

1963 - Obra: Residência Gilberto de Oliveira Marques - reforma
Local: Rua Felisberto Carrijo

1963 - Obra: Residência Jairo Oliveira - reforma
Local: Rua Quintino Bocaiúva 1049, próximo a rua Eduardo de Oliveira

1963 - Obra: Residência João Batista Lúcio
Local: Av. Araguari com rua Rafael Rinaldi

1963 - Obra: Residência João Naves - reforma
Local: Av. João Pinheiro com rua Goiás

1963 - Obra: Residência José Gomes de Godoy
Local: Rua Dr. Lacerda, entre rua padre Anchieta e a 45m da rua Barão de Camargos.

1963 - Obra: Residência Romeu Miguel
Local: Rua John Carneiro com av. Afonso Pena.

1963 - Obra: Residência Waldomiro Cartolano - reforma
Local: Rua Javari 26

1963 - Obra: Residência / Comércio - Genarino Casabona
Local: Praça Cícero Macedo com rua Barão de Camargos

Outros:

1963 - Obra: Posto / Bar / Restaurante - Cooperativa Agropecuária de Uberlândia
Local: Rua Belém com rua Marciano de Ávila

1964

Residências:

1964 - Obra: Residência Aldo Angelo Schiavinato
Local: Rua Machado de Assis, entre as ruas Eduardo de Oliveira e Johen Carneiro

1964 - Obra: Residência Alexandrino Garcia
Local: Av. Afonso Pena, entre rua Silviano Brandão e rua Barão de Camargos

1964 - Obra: Residência Amilson Tannus
Local: Rua Johen Carneiro 821

1964 - Obra: Residência Caio Mario Bittencourt - reforma
Local: Rua XV de novembro 34

1964 - Obra: Residência Diogo de Oliveira Silva
Local: Rua Quintino Bocaiúva 250

1964 - Obra: Residência Dourival Souto dos Reis
Local: Rua Monsenhor Eduardo, entre as ruas Tupaciguara e Monte Alegre

1964 - Obra: Residência Francisco Dias de Oliveira
Local: Rua Santos Dumont, a 12m da rua Portugal e entre a rua Johen Carneiro.

1964 - Obra: Residência Geraldo Maximiano dos Santos
Local: Rua Eduardo Marquez, a 16 m da rua Bueno Brandão.

1964 - Obra: Residência José Virgílio Mineiro - reforma
Local: Rua Augusto César 368, esquina com rua Carajás.

1964 - Obra: Residência Luciano Fonsêca
Local: Av. Afonso Pena esquina com rua Johen Carneiro.

1964 - Obra: Residência Nelson Cardoso Mendonça - reforma
Local: Rua Cel Manoel Alves 5

1964 - Obra: Residência Pedro Fernandes Guimarães - reforma
Local: Rua Prof. Mario Porto 443

1964 - Obra: Residência Sebastião José Magnino
Local: Rua Machado de Assis entre rua Johen Carneiro e Eduardo de Oliveira.

1964 - Obra: Residência Teodoro Martins Parreira
Local: Rua Miraporanga 753

Outros :

1964 - Obra: Casa Paroquial do Bispado de Uberlândia.
Local: Rua Tiradentes, próximo a rua Cel Manoel Alves.

1964 - Obra: Ed. Escritórios - João Kasan Tannus
Local: Av. João Pinheiro 512

1965

Residências:

1965 - Obra: Residência Carmo Domingos da Silva
Local: Rua prof. João Basílio a 30 m da rua Arlindo Teixeira

1965 - Obra: Residência Francisco Caparelli - reforma
Local: Av. João Pinheiro com rua Quintino Bocaiúva

1965 - Obra: Residência Jacy Cacy da Silva
Local: Av. Mato Grosso, entre rua Porto Alegre e rua Belém, Área de 55,40 m²

1965 - Obra: Residência Laerte Guimarães Vieira Gonçalves
Local: Rua Tiradentes, entre rua Silva Jardim e av. Paranaíba

Outros:

1965 - Obra: Castelo d'água - Reimassas
Local:

1965 - Obra: Indústria de Artefatos de Borracha
Local: Rua Maria Quitéria - Cidade Industrial

1965 - Obra: Indústria Marmoraria Goiás
Local: Rua México com rua Indianópolis

1965 - Obra: Comércio Tecidos Tita
Local: Rua Quintino Bocaiúva

1966

Residências:

1966 - Obra: Residência Funcionários Reimassas
Local: Rua Araxá entre Rua Bernardo Cupertino e à 30 m da Rua Alexandre Marquez

1966 - Obra: Residência Dalva Ribeiro de Sá
Local: Rua Porto Alegre à 30 m da Av. Floriano Peixoto.

1966 - Obra: Residência Deoclécio Fernandes
Local: Rua Pedro Crosara Cherulli esq. c/ Rua Camilo Braga

1966 - Obra: Residência Istvan Kovacs
Local: Av. Rio Branco com rua Camilo Braga

1966 - Obra: Ivan Miranda
Local: Rua Bernardino Fonsêca com Rua Vicente Guimarães

1966 - Obra: Residência João Justino Batista
Local: Rua dos Pereiras à 28m da Av. Brasil.

1966 - Obra: Residência José Zacarias Junqueira Jr.
Local: Av. Floriano Peixoto à 20,00 m da R. Duque de Caxias.

1966 - Obra: Residência José Sales de Carvalho
Local: Rua Monte Carmelo entre as ruas Rafael Rinaldi e Bueno Brandão

1966 - Obra: Residência Maria Abadia de Jesus
Local: Av. Buenos Aires com rua dos Pereiras

1966 - Obra: Residência Maria Terezinha Silva
Local: Av. Engenheiro Azelli 487

1966 - Obra: Residência Mathilde Nasser - reforma
Local: Rua Duque de Caxias 253

1966 - Obra: Residência Oscarino Machado Silveira
Local: Av. Rio de Janeiro, entre as ruas Goiás e Santos Dumont

1966 - Obra: Residência Sebastião Rodrigues
Local: Rua Vigário Dantas esquina com Rua Bernardino Fonsêca

1966 - Obra: Residência Vicente Villam Quércia
Local: Av. Cesário Alvim, próximo a Rua Guarani.

1966 - Obra: Residência Walter Carvalho - reforma
Local: Rua Vigário Dantas

1966 - Obra: Conjunto Residencial - Vila José Manso de Oliveira
Local : Av. Araguari - Bairro Rezende

1966 - Obra: Edifício Residencial Aziz Baduê
Local: Av. Afonso Pena 618 a 636

Outros :

1966 - Obra: Loja Carlos Saraiva

Local: Rua Barão de Camargos esq. com Rua General Osório.

1966 - Obra: Salão para reuniões - Teodorico Ferreira Borges

Local: Rua Engenheiro Azelli, próximo da av. Araguari.

1966 - Obra: Indústria Alumínios do Triângulo

Local: Cidade Industrial

1966 - Obra: Hotel Zardo - Elias Simão - reforma

Local: Praça Tubal Vilela 30.

1966 - Obra: Fábrica Uberlandense de Implementos Agrícolas (FUIAL) - Angelo Ceccon

Local: Rua Euclides da Cunha - Cidade Industrial.

1966 - Obra: Edifício Comercial e Residencial - Francisco Paulo dos Santos

Local: Av Afonso Pena c/ Rua Cel Antônio Alves Pereira

1966 - Obra: Hospital Santo Agostinho - hoje Hospital Santa Marta

Local: Av. João Pinheiro 557

1966 - Obra: Indústria Fibran de Papel

Local: Cidade Industrial

1966 - Obra: Indústria de Mármore

Local: Cidade Industrial de Uberlândia

1966 - Obra: Instituto João XXIII

Local: Av. São Paulo e Av. Paraná, o terreno situa-se no meio de quarteirão e estende-se de uma rua a outra. Próximo a Av. Luiz Gama.

1967**Residências:**

1967 - Obra: Residência Argemiro Evangelista Ferreira - reforma

Local: Rua Alexandre Marquez 819, próximo a rua Artur Bernardes.

1967 - Obra: Residência Benedito Castroviejo - reforma

Local: Rua Vigário Dantas 89

1967 - Obra: Residência Elizabeth Moraes Queiroz - reforma

Local: Rua Vieira Gonçalves 22, Área de 73,60 m²

1967 - Obra: Residência Inácio Gabriel Prata Neto

Local: Rua do Emissário a 36 m da R. Cesário Dias. , Área de 84 m²

1967 - Obra: Residência Ivan Miranda Vieira
Local: Rua Bernardino Fonsêca com R. Vicente Guimarães

1967 - Obra: Residência Onofre Lobato
Local: Rua Rio grande do Sul a 30m da av. Brasil.

1967 - Obra: Residência Oscar Virgilio Pereira - reforma
Local: Rua Carmo Gifoni 160

1967 - Obra: Residência Sebastião Alves Silva
Local: Rua 2 - Bairro Roosevelt, Área de 70 m²

1967 - Obra: Residência para padres - Sociedade dos padres oblatos Maria Imaculada para missões entre pobres.
Local: Av. Monsenhor Eduardo a 20 m da Rua Goiatuba

Outros:

1967 - Obra: Ed. Comercial e residencial - Geraldo Migliorini
Local: Av. Cesário Alvim, entre R. Tenente Virmondos e a 30 m da R. Quintino Bocaiúva.

1967 - Obra: Escritório Granja Rezende - reforma
Local: Rua Indianópolis a 40 m da Av. Araguaia

1967 - Obra: Clínica Simão de Carvalho Luz
Local: Av. Rio de Janeiro com rua Carmo Gifoni

1967 - Obra: Garagem Bolivar Carneiro
Local: Rua Olegário Maciel 303, entre as avenidas João Pinheiro e Afonso Pena.

1968

Residências:

1968 - Obra: Residência Dalva Ribeiro Sá
Local: Rua Porto Alegre

1968 - Obra: Residência Duarte Ulhoa Portilho
Local: Av. Afonso Pena próximo a rua Padre Anchieta. , Área de 457 m²

1968 - Obra: Residência Guiomar Caetano Silva
Local: Rua Arlindo Teixeira entre av. Belo Horizonte e av. Fernando Vilela

1968 - Obra: Residência Henrique Rodrigues Martins - reforma
Local: Rua Felisberto Carrijo, próximo a rua José Aiube, Área de 48 m²

1968 - Obra: Residência Hipólito Cesar Souza - reforma
Local: Rua Felisberto Carrijo

1968 - Obra: Centro Espírita “Amor a Caridade”.
Local: Rua Caetés entre rua Felisberto Carrijo e D. Barreto.

1969

Residências:

1969 - Obra: Residência Antônio Gonçalves Neto
Local: Rua do Cedro, bairro Jaraguá, Área de 51,42 m²

1969 - Obra: Residência Dalva Terra Coury
Local: Rua Prof. João Basílio, próximo a rua Artur Bernardes, Área de 82,50 m²

1969 - Obra: Residência Paulo Sergio Naves Lima
Local: Rua Cipriano del Fávero 603, Área de 330,50 m²

1969 - Obra: Fábrica Finotti Ind. Com.
Local: Rua Euclides da Cunha - Cidade Industrial

Obras Urbanísticas

Praças

Obra: Praça Tubal Vilela, prefeitura de Uberlândia, gestão Geraldo Motta Baptista.
Local: Centro - Uberlândia.
Ano do projeto: 1959. **Data de execução:** 1961/ 62
Colaboradores: Rodolfo Ochoa, Roberto Ochoa, Ivan Cupertino, Sebastião da Silva Almeida

Obra: Praça Nsra Aparecida, PMU gestão Geraldo Motta Baptista
Local: Bairro Operário, Uberlândia
Ano do projeto: 1960. **Data de execução :** 1961/ 62

Obra: Praça Cícero Macedo, PMU - gestão Geraldo Motta Baptista / Raul Pereira
Local: Centro, Uberlândia.
Ano do projeto: 1959 a 1963

Obra: Praça Clarimundo Carneiro, PMU - gestão Geraldo Motta Baptista / Raul Pereira
Local: Centro, Uberlândia
Ano do projeto: 1959 a 1963

Obra: Praça Rui Barbosa, PMU - gestão Geraldo Motta Baptista / Raul Pereira
Local: Centro, Uberlândia
Ano do projeto: 1959 a 1963

Obra: Praça Oswaldo Cruz, PMU - gestão Geraldo Motta Baptista / Raul Pereira
Local: Centro, Uberlândia
Ano do projeto: 1959 a 1963

Obra: Praça Dr. Duarte, PMU - gestão Geraldo Motta Baptista / Raul Pereira
Local: Centro, Uberlândia
Ano do projeto: 1959 a 1963

Obra: Praça do Líbano, PMU - gestão Geraldo Motta Baptista / Raul Pereira
Local: Bairro Martins
Ano do projeto: 1959 a 1963

Obra: Praça Cel Carneiro, PMU - gestão Geraldo Motta Baptista / Raul Pereira
Local: Centro, Uberlândia
Ano do projeto: 1959 a 1963

Obra: Praça NSra do Carmo, PMU - gestão Geraldo Motta Baptista / Raul Pereira
Local: Bairro Tabajaras, Uberlândia
Ano do projeto: 1959 a 1963

Obra: Praça Adolfo Fonseca, PMU - gestão Geraldo Motta Baptista / Raul Pereira
Local: Centro, Uberlândia
Ano do projeto: 1959 a 1963

Obra: Praça Raul Soares e Praça Henckmar Borges, PMU - gestão Renato de Freitas.
Local: Centro
Ano do projeto: 1968

Outros:

Obra: Clube Caça e Pesca Itororó
Data de ref.: Década de 60
Tipologia : Clube Campestre e loteamento

Obra: Cidade Industrial
Colaborador: Rodolfo Ochoa
Data de ref. : 1961
Tipologia: Cidade Industrial, área destinada a instalações das indústrias, parque, área residencial e comércio.

**ELENCO DE OBRAS DO ARQUITETO JOÃO JORGE COURY
EM OUTRAS LOCALIDADES**

Obra: Casa Paroquial - Padres Franciscanos
Local: Monte Alegre - MG.
Ano do projeto: não identificado

Obra: Residência Jorge Neme Saliba
Local: Goiânia - GO
Ano do projeto: não identificado

Obra: Externato
Local: Tupaciguara - MG
Ano do projeto: não identificado

Obra: Farmácia
Local: Tupaciguara - MG.
Ano do projeto: não identificado

Obra: Ginásio
Local: Rua do Contorno - Tupaciguara - MG.
Ano do projeto: não identificado

Obra: Lojas / Anice Helou Rassi
Local: S.C.L. Quadra 405, Lotes 23 e 24, Brasília - DF.
Ano do projeto: não identificado

Obra: Instituto de Cegos Brasil Central
Local: Uberaba - MG.
Data de ref. : Fins de 40, início de 50

Obra: Hospital
Local: Uberaba - MG.
Data de ref. : década de 50

Obra: Residência Antônio Inácio da Silva (Tônico Toqueiro)
Local: Goiânia - GO.
Data de ref. : Década de 50

Obra: Residência Astolfo Leão Borges
Local: Goiânia - GO
Data de ref.: Década de 50

Obra: Tupaciguara Clube / Sede social
Local: Tupaciguara - MG
Data de ref. : Década de 50

Obra: Itumbiara Tennis Clube / Clube de campo
Local: Itumbiara - GO
Ano do projeto: 1955

Obra: Hospital
Local: Araguari - MG
Ano do projeto: 1956

Obra: Lar Santa Gertrudes / Lar de meninas, alojamento
Local: Goiânia - GO.
Ano do projeto: 1956

Obra: Paranaíba Iate Clube / Clube de campo

Local: Paranaíba - MT.

Data ref. : Década 60

Obra: Lojas / Antônio Merola e Nivaldo Cardoso

Local: S. C. L. - Quadra 109 - Lotes 20 e 21 - Brasília - DF.

Ano do projeto: 1961

Obra: Lojas / Walter A. Carvalho e Josias Jacinto da Cruz

Local: S.C.L.S. - Quadra 105 - Lotes 18 e 19 - Brasília - DF.

Ano do projeto: 1961

Obra: Lojas / Anaximandro Alvarenga

Local: S.C.L. - Quadra 213 - Lotes 16 e 17 - Brasília - DF.

Ano do projeto: 1961

Obra: Loja / Tufi Narla Themer

Local: S.C.L. - Quadra 205 - Lotes 24 e 25 - Brasília - DF.

Ano do projeto: 1961

Obra: Loja / Renovadora de Pneus Ok.

Local: Setor Central - C 6 - Lote 4 - Taguatinga - DF.

Ano do projeto: 1963

Obra: Estação Rodoviária de Ituiutaba - Gestão Geraldo Franco Gouveia

Local: Ituiutaba - MG

Ano do projeto: 1965

Obra: Hospital Regional / Wagner Camargo

Local: Av. Tiradentes e Av. Leopoldo Bulhões - Anápolis - GO

Ano do projeto: 1965

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACAYABA, Marlene Milan & FICHER Sylvia. (1982) - "*Arquitetura Moderna Brasileira*". São Paulo, Projeto Editores.
- ACAYABA, Marlene Milan. (1986)-"*Residências em São Paulo 1947 -1975*". São Paulo, Projeto Editores, 452 p.
- ARGAN, Giulio Carlo. (1992) - "*Arte Moderna*". São Paulo, Companhia das Letras.
- BOESIGER, W.;GIRSBERGER, H. (1994) - "*Le Corbusier 1910-65*", Barcelona, Gustavo Gili.
- BRUAND, Yves. (1981) - "*Arquitetura Contemporânea no Brasil*". São Paulo, Editora Perspectiva.
- CASTRO, Maria Ceres Pimenta S. (1995) - "*Itinerário da Imprensa de Belo Horizonte : 1895 - 1954. Coleção Joaquim Nabuco Linhares*". Belo Horizonte. Editora UFMG.
- CENTRO DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DE ARQUITETURA, "*Lúcio Costa : Sobre Arquitetura*". Porto Alegre, 1962.
- CORONA, Eduardo & Lemos. (1989) - "*Dicionário da Arquitetura Brasileira*". São Paulo, Artshow Books.
- COSTA, Lúcio. (1995) - "*Lúcio Costa : Registro de uma vivência*". São Paulo, Empresa das Artes.
- DAHER, Luiz Carlos (1982)- "*Flávio de Carvalho - Arquitetura e Expressionismo*". Projeto Editores.
- DIAS, Fernando Correia (1984). - "*Líricos & Profetas. Tema de Vida Intelectual*". Brasília, Thesaurus Ed., 209 p.
- "DICIONÁRIO BIOGRÁFICO DE CONSTRUTORES E ARTISTAS DE BELO HORIZONTE: 1894/1940"**. Instituto Estadual do Patrimônio

- Histórico e Artístico de Minas Gerais. - Belo Horizonte : IEPHA/ MG, 1997.
- “ESCOLA DE ARQUITETURA: 1930-1970”**- (1970) - Belo Horizonte, Serviço Gráfico da Escola de Arquitetura UFMG.
- FICHER, Sylvia (1993) - **“O peso de uma herança”**, *Arquitetura e Urbanismo*, nº48, p.63, jun/jul.
- FIGUEIREDO, João Kubitschek de (1946)- **A Escola de Arquitetura e sua história**, In: *Arquitetura*, Belo Horizonte, ano 1, nº1 - set/out. pág. 20.
- GOODWIN, Philip L. (1943) - ***"Brazil Builds . Architecture old and new: 1652/1942"***. New York, M.M.A..
- JULIANO, Miguel. (1980) - ***"Sobre a Formação do Arquiteto"***. Cadernos Brasileiros de Arquitetura , nº 3 , São Paulo, Editora Projeto - 2ª Edição.
- LAURENTIZ, Lú de (1993).- ***"Olhando as Arquiteturas do Cerrado"***. in Projeto, São Paulo, maio.
- LE CORBUSIER (1973) -***"Por uma Arquitetura"***. Estudos, São Paulo, Perspectiva.
- LE CORBUSIER (1976) - ***"Os três estabelecimentos Humanos"***. Debates, São Paulo, Perspectiva.
- LE CORBUSIER (1971) - ***"Planejamento Urbano"***. Debates, São Paulo, Perspectiva.
- LE CORBUSIER - ***"Oeuvre Complète"***. 5 vs. Editions Girsberger Zurich.
- LEMOS, Celina Borges. (1988). **“Determinações do espaço urbano : a evolução econômica, urbanística e simbólica do centro de Belo Horizonte.”** Belo Horizonte, Dissertação (Mestrado) - Fafich, UFMG.
- MACHADO, Reinaldo Guedes. (1985) - **“Da arquitetura eclética às experiências modernistas”** In Projeto 81, São Paulo.
- MAGALHÃES, Beatriz de A. / ANDRADE, Rodrigo F. (1989) - ***“Belo Horizonte : um espaço para a República”***. UFMG.
- MARTINS, Carlos (1987) - ***"Arquitetura e Estado no Brasil - Elementos para uma investigação sobre a constituição do discurso Moderno no Brasil; a obra de Lucio Costa 1924/1952"***. USP, São Paulo.

- MELLO, Susy de, (1979). "Arquitetura Moderna em Minas Gerais". In: II SEMINÁRIO SOBRE A CULTURA MINEIRA (PERÍODO CONTEMPORÂNEO), Belo Horizonte, 1979. *Anais*, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1980, p.39 - 55.
- MINDLIN, Henrique E. (1956) - "*Modern Architecture in Brazil*". Rio de Janeiro/Amsterdam, Colibris Editora.
- NEUTRA, Richard. (1948) - "*Arquitetura Social - em países de clima quente*". São Paulo, Gerth Todtmann.
- NEUTRA, Richard. (1970) - "La naturaleza y la vivienda". Barcelona, Gustavo Gili.
- NIEMEYER, Oscar (1978) - "*A Forma na Arquitetura*". Avenir, Rio de Janeiro.
- PONTUAL, Roberto, (1979). "Artes Plásticas em Minas Gerais (Período Contemporâneo) - A Alma e o ânimo de Minas". In: II Seminário Sobre A Cultura Mineira (Período Contemporâneo), Belo Horizonte, 1979. *Anais*, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1980, p.109 - 121.
- RIBEIRO, Patricia & GUERRA, M. Eliza, (1993)- "*João Jorge Coury, um moderno no Triângulo*", in Projeto, São Paulo, maio.
- RODRIGUES, Jane de Fátima S. (1989)- "*Trabalho, Ordem e Progresso: uma discussão sobre a trajetória da classe trabalhadora uberlandense*". Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia/ Departamento de Estudos Sociais.
- SALGUEIRO, Heliana Angotti - (1997) - "Engenheiro Aarão Reis: o progresso como missão", Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro, p.288.
- SEGAWA, Hugo. (1988) - "Arquitetos peregrinos, nômades e migrantes." In: SEGAWA, H.(Ed.). "Arquiteturas no Brasil / Anos 80". São Paulo, Editora Projeto.
- SOARES, Beatriz Ribeiro.(1988)- "*Habitação e produção do espaço em Uberlândia*". Universidade de São Paulo / Deptº de Geografia. São Paulo,
- SOUZA, Abelardo de. (1978) - "*Arquitetura no Brasil : Depoimentos*". São Paulo, Diadorim Editora / Editora da Universidade de São Paulo.
- SOUZA, Renato César José de. (1995) - "Sylvio de Vasconcelos". in AP número 1, AP Cultural/DPI, Belo Horizonte, pág. 115.

- TEIXEIRA, Tito. (1970)- *"Bandeirantes e pioneiros do Brasil Central "*. História da Criação do Município de Uberlândia. Uberlândia Gráfica, , 2 vols.
- TELLES, Sophia S. (1989) - *"Lúcio Costa : Monumentalidade e Intimismo."* in *Novos Estudos - CEBRAP*, São Paulo, out..
- TEODORO, Marco Otávio.(1981)- *"Escola de Arquitetura: Mãe de 50 anos, pouco leite e traseiro grande"*. in *Pampulha* n° 4 , jan/fev, ano III, Rona Editora, Belo Horizonte.
- VASCONCELOS, Sylvio de. (1962) - *"Noções sobre Arquitetura"*. Belo Horizonte, Ed. Escola de Arquitetura da Universidade de Minas Gerais.
- VASCONCELOS, Sylvio de. (1979) - *"Arquitetura no Brasil - sistemas construtivos"*. Belo Horizonte, Edição da UFMG,5ª edição revista.
- VIEIRA, Lucia Gouvêa. (1984) - *"Salão de 1931 : marco da revelação da arte moderna em nível nacional"*. Rio de Janeiro, FUNARTE / Instituto Nacional de Artes Plásticas.
- VIEIRA, Ivone Luzia. (1986) - *"O modernismo em Minas : O Salão de 1936"*. Belo Horizonte, catálogo da exposição, Museu de Arte de Belo Horizonte.
- WERNECK, Humberto.(1992)- *"O desatino da rapaziada : jornalistas e escritores em Minas Gerais"*, São Paulo, Companhia das Letras.

OBRAS CONSULTADAS :

- ARTARIA, Paul. (1947)- *"Weekend and country houses"*, Zurich, Verlag für Architektur.
- ARTE EM REVISTA- Ano 2 - Número 4 - 2 @ Edição. CEAC- Centro de Estudos de Arte Contemporânea. São Paulo, 1983.
- AVILA, Affonso. - *"O Modernismo"*. São Paulo, Editora Perspectiva.
- AZEVEDO, Paulo Ormindo.(1988) - *"Crise e modernização, a arquitetura dos anos 30 em Salvador"* in: SEGAWA,H. (Ed.). "Arquiteturas no Brasil / Anos 80". São Paulo, Editora Projeto.
- BARDI, Pietro M. (1984) - *"Lembranças de Corbusier , Atenas, Itália, Brasil"*. São Paulo, Nobel.
- BANHAM, Reyner. (1979)- *"Teoria e projeto na primeira era da máquina"*. Editora Perspectiva. Coleção Debates, São Paulo.
- BENEVOLO, Leonardo. - *"História da Arquitetura Moderna"*. Editora Martins Fontes.
- BENEVOLO, Leonardo. - *"O último capítulo da Arquitetura Moderna"*. Editora Martins Fontes.
- BRAZIL, Álvaro Vital, (1986) - *"Álvaro Vital Brazil - 50 anos de Arquitetura"*. São Paulo, Nobel.
- COMAS, Carlos Eduardo Dias. (1986) - *"Ideologia modernista e ensino de projeto arquitetônico: duas proposições em conflito"*. In: COMAS, C.E.D., org. *Projeto Arquitetônico disciplina em crise, disciplina em renovação*, São Paulo, Projeto Ed.. p. 33-45.
- COMAS, C.E.D., org.(1986)- *"Projeto Arquitetônico disciplina em crise, disciplina em renovação"*, São Paulo, Projeto Ed.. p. 47-68.

- CONDE, Luiz P. & NOGUEIRA, Mauro N. & ALMADA, M. & SOUZA, Eleonora F. de. (1985/1986) - "**Proto- Modernismo em Copacabana**". in *Arquitetura Revista* - FAU/ UFRJ - Rio de Janeiro, vol. 3.
- FRAMPTON, Kenneth. (1987)- "*Historia crítica de la Arquitectura Moderna*". Barcelona, Editorial Gustavo Gilli.
- FUSCO, Renato. (1972) - "*A Idéia de Arquitetura*". São Paulo, Editora Martins Fontes.
- MARINHO, Geraldo. - "**Luiz Nunes - Vanguarda na periferia**". in *AU- Arquitetura e Urbanismo*, n° 21/ano 5, dez88/jan89, Editora Pini, São Paulo.
- MARTINS, Carlos.(1988)- "**Um pioneiro esquecido**". in *AU-Arquitetura e Urbanismo*, n°20/ ano 4 , out/nov, Editora Pini, São Paulo.
- PEVSNER, Nikolaus. - "*Origens da Arquitetura Moderna e do Design*." São Paulo, Editora Martins Fontes.
- PEVSNER, Nikolaus. (1980) - "*Os pioneiros do desenho moderno: de William Morris a Walter Gropius*." São Paulo, Editora Martins Fontes.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. (1976) - "*Quadro da Arquitetura no Brasil*". São Paulo, Editora Perspectiva. Coleção Debates.
- RIBEIRO, Marília Andrés. (1997) - "**Neovanguardas: Belo Horizonte - anos 60**", Belo Horizonte, Editora C/Arte.
- SANTOS, Paulo. (1981) - "*Quatro Séculos de Arquitetura*". Rio de Janeiro, Coleção IAB. vol. 1.
- SILVA, Geraldo Gomes da. (1988) - "**Marcos da arquitetura moderna em Pernambuco**". In: SEGAWA, H.(Ed.). *Arquiteturas no Brasil / Anos 80*". São Paulo, Editora Projeto.
- SILVA, Maria Angélica da . (1991) - "*Arquitetura Moderna - A atitude Alagoana 1950- 1964*". Maceió, Universidade Federal de Alagoas, SERGASA.
- TAFURI, Manfredo. (1979)- "*Teorias e História da Arquitectura*". Editorial Presença/ Martins Fontes.
- ZANINI, Walter. (1984) - "*História Geral da Arte no Brasil*". São Paulo, Instituto Walther Moreira Sales.

Revistas Locais:

ELITE MAGAZINE - revista magazine, Uberlândia, 1957 - 1959 , vários números.

UBERLÂNDIA ILUSTRADA - revista magazine, Uberlândia, 1940 - 1968 , vários números.

Jornais Locais:

A Tribuna (1919 - 1943)

O Estado de Goyás (1935 - 1945)

O Repórter (1935 - 1964)

O Correio de Uberlândia (1939)

O Triângulo (1956)

Artigos de Jornais

SEBASTIÃO, Walter, (1997). "Os outros bichos de Mangabeira". Estado de Minas, Belo Horizonte, 22 maio, Espetáculo, p.1.

Atividades de Pesquisa :

- Arquivos pesquisados em Uberlândia:

- Arquivo Histórico Municipal,
- Arquivo Geral da Prefeitura Municipal de Uberlândia,
- Arquivo Particular Rodolfo Ochoa,
- Biblioteca Pública Municipal - Sala Uberlândia

Arquivos Pesquisados em Belo Horizonte:

- Arquivo Secretaria Municipal de Cultura,
- Museu Abílio Barreto,
- Arquivo Público Mineiro,
- Biblioteca Central - UFMG,
- Biblioteca Setorial - Escola de Belas Artes,
- Biblioteca Escola de Arquitetura da UFMG,
- Arquivo Particular - Alberto Delphino,
- Arquivo Secretaria de Segurança de Minas Gerais

Entrevistas

- Paulo de Freitas - Arquiteto
- Miguel Juliano - Arquiteto,
- Raphael Hardy Filho - Arquiteto
- Rodolfo Ochoa - Engenheiro, sócio do escritório de J J Coury
- Irene Terra - esposa do arquiteto João Jorge Coury
- Matildes Pereira César - membro do Partido Comunista de Uberlândia
- Olívia Calábria - membro do Partido Comunista de Uberlândia
- Maria das Dores Andrade - membro do Partido Comunista de Uberlândia
- Milton Leite – arquiteto
- Braz Machado - decorador

